



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



As origens caldeanos do Judaismo

José de Campos Novaes

THE
NEW YORK PUBLIC LIBRARY

PURCHASED FROM THE

JACOB H. SCHIFF FUND



AS ORIGENS CHALDEANAS DO JUOAISMO

AS ORIGENS CHALDEANAS DO JUDAISMO

POR

JOSÉ DE CAMPOS NOVAES

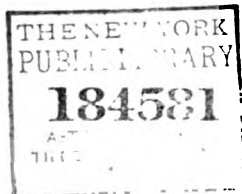


SÃO PAULO

TYPOGRAPHIA BRAZIL DE CARLOS GERKE & CIA.

80 — Rua de São Bento — 80

1899



Indice

	Pag.
Prefacio	I
Introdução	1
CAPITULO I — O Pentateuco	7
CAPITULO II — A Bibliotheca de Ninive	15
CAPITULO III — A Cosmogonia	20
§ I — A criação	20
§ II — Creação dos astros	26
§ III — A criação dos animaes	37
§ IV — O primeiro homem	42
§ V — A arvore da vida	47
CAPITULO IV — Os filhos de Adão	80
CAPITULO V — O Zodiaco	110
CAPITULO VI — Os dez Patriarchas	137
CAPITULO VII — O Aral	185
CAPITULO VIII — Ormuzd e Ahriman	205
CAPITULO IX — O Saulu-Scheol	230
CAPITULO X — Hasishatra	264
CAPITULO XI — O Monte de Nizir	312
CAPITULO XII — Bab-Ilu	362
CAPITULO XIII — A Ethnographia	372
CAPITULO XIV — O Deus Ea-Jah-veh	395
CAPITULO XV — Os Apocalypses	458
Bibliographia	497

Prefacio

I

As pessoas que conhecem a origem deste livro, devo aqui uma explicação sobre a continuação da controversia, que foi o motivo determinante deste estudo historico.

O pastor da Igreja Evangelica Snr. Rv. Alvaro dos Reis, chamou-me pelo «Diario de Campinas», para debatermos esta questão, conforme tinhamos convencionado, perante uma reunião de amigos em dias do mez de Junho de 1892, na Fazenda do Snr. Augusto Teixeira, para onde fui desafiado a ir travar com elle controversia oral sobre a Biblia, depois de ouvirmos um sermão de propaganda religiosa protestante.

O resultado do debate foi um appello do Rev. da opinião dos ouvintes para a imprensa diaria, que fui forçado moralmente a acceitar.

Convencionado o assumpto que é o deste livro,

— VIII —

porque fôra aquelle que mais tinha interessado aos ouvintes presentes; pediu-me alguns mezes de espera para estudar, e ainda mais, os titulos de algumas obras, que tinha visto pela primeira vez, nas minhas estantes de estudo; ao que accedi de bom-grado e dellas tomou notas a lapis em presença da reunião dissolvida.

Mais tarde, tendo já decorrido mais tempo do que o convencionado, escrevi-lhe, lembrando o compromisso, e pondo-me ás suas ordens para dar começo á publicação da minha serie de 10 artigos publicados nos primeiros dias de 1893.

Mas o estranho do caso foi que, depois de publicada no «Diario de Campinas», onde tenho a honra de collaborar, a minha serie de artigos comprehendendo apenas a exposição resumida equivalente sómente á «Cosmogonia» da presente monographia, e aqui reproduzida *ipsis verbis*; fiquei alguns mezes á espera que um jornalista propagandista e missionario protestante como o Rv. Alvaro dos Reis viesse refutar, no mesmo ou em outro jornal, as minhas theses summariadas na imprensa diaria.

Fui sorprendido alguns mezes depois, sabendo que estava prompta uma brochura em que o Rv. se propunha a reeditar os meus artigos commentando-os longamente, a razão de 6 paginas minhas por

50 do autor da brochura, mais ou menos, como na sua refutação sobre a autoria literaria de Moisés no Pentateuco.

A quantidade nem sempre quer dizer qualidade; mas a largueza da exposição, n'um livro, é muito diversa da de um jornal.

Por isso, protestei em publico contra essa deslocação inesperada do campo do debate; tanto mais que era um direito de propriedade literaria desrespeitada sem meu consentimento expresso e antecipado.

Não me contrariava de modo algum a ideia de ver meus artigos reeditados tres vezes successivas; nem tal nova edição importava a reproducção de algumas inexactidões, nas minhas idéas; muito pelo contrario, sustento e as reproduzo aqui, sem augmento nem diminuição.

Defendi apenas o meu direito de dar a forma definitiva, que desejava mais ampla e documentada, n'um trabalho mais longo e completo, tanto quanto o permittissem as minhas debeis forças; ao passo que o meu adversario, deslocando a fina força para o seu livro, sem meu concurso e consentimento, uma publicação destinada á imprensa diaria, fazia-o, a seu sabôr, e perdoe-me o meu illustrado adversario, com esquecimento de normas manifestas da lealdade empregada em tal assumpto, e em debates de tal natureza.

Fixado, porém, o texto, eu o sustento em toda a sua integridade, porque contem a synthese da materia quanto a Cosmogonia.

Uma vez publicada a sua refutação intitulada — *As origens Chaldeanas da Biblia*, não podia mais senão conservar na presente edição os capitulos constituidos pelos 10 artigos publicados no «Diario de Campinas», sem as ampliações e os documentos que tinha reservado expressamente para replicar ás suas denegações gratuitas, em que finge emprestar-me opiniões que elle proprio lêra nos autores citados por mim.

Logo que appareceu essa refutação, tractei de redigir as annotações que ampliam e rectificam o texto, assim definitivamente fixado.

Mas guardei-as, enquanto redigia o resto deste estudo; porquanto, se publicasse desde então, ou mesmo se incorporasse nesta obra, por meio de annotações, ou de um Appendice, prejudicaria um tractado systematico e methodico tão completo quanto me foi possivel coordenal-o, com controversias que desorientariam o leitor pela multiplicidade de livros e brochuras parciaes e incompletas, tornando obscura a replica, por não se referir, senão á parte até então publicada.

Como não convem essas obscuridades no me-

thodo a seguirmos, aqui consigno um desafio formal ao Rv. Alvaro dos Reis.

Uma vez demonstrado que o meu contendor deslocára o terreno do debate, da imprensa diaria para o livro, tornou-se pois forçoso a nós ambos continual-o neste tractado systematico. Digne-se portanto o meu illustrado adversario de proseguir na sua refutação, apenas iniciada, fazendo honra, assim, ao seu compromisso solemne de acompanhar-me até a argumentação final.

Só então tirarei da minha pasta a replica já redijida, accompanhando-o, qualquer que seja o terreno escolhido por V. Rv.^{ma}, excepto no das desconveniencias e dos doestos, onde me verei obrigado a deixal-o só.

E' o melhor modo de nos entendermos, e ao mesmo tempo de não desorientarmos os nossos leitores; e acima de tudo, de banirmos deste volume e dos que depois talvez vierem, todo e qualquer vislumbre de personalidades.

A sciencia digna não precisa desses meios indignos para triumphar.

INTRODUÇÃO

«On est toujours le fils de quelqu'un.»

MOLIÈRE.

Uma das idéas classicas dos apologistas do christianismo sustentada pelos escriptores mais eloquentes e thema sempre amplificado com a predilecção de uma verdade inconcussa — é o postulado de que o Genesis é a mais antiga das fontes historicas a qual nenhuma outra supera em exactidão.

Mas o tempo inexoravel faz justiça das opiniões melhor estabelecidas, quando não se baseam senão em inducções metaphisicas ou theologicas, e a prova está em que nada se conserva de tantas paginas escriptas com eloquencia, como quando insistem com presumçosa confiança que só o Genesis contém em toda a sua pureza a tradição authentica e sem mescla do passado mais obscuro, desse começo da humanidade cujos primordios se perdem na meia luz das lendas até a escuridão das edades geologicas.

Não, as sciencias anthropologicas e philologicas illuminadas por methodos de um rigor sempre crescente, têm com o seguro escalpelo da archeologia

oriental conseguido decifrar muitas paginas olvidadas, e acclaral-as com a mythologia comparada, cujos factos projectam novas luzes ligadas e comparadas com a precisão de analyse dos Bopps, dos Max Müller, dos Rawlinsons, dos Bunsen e dos Eberhard Schrader.

Uma phalange immensa de prescrutadores sagacissimos, ajudada por documentos desenterrados do solo, como tambem desvendados das linguas esquecidas da Asia, conseguiram espancar essas densas trevas em que se encerra o saber mysterioso dos sacerdotes do Egypto e da Assyria donde apenas a litteratura grega nos affirmava que foram estudalas Pithagoras, Platão, Thales, Licurgo e o proprio Moysés.

Uma das descobertas que mais honra farão no futuro ao seculo XIX será, sem duvida, a restituição das linguas desaparecidas da Asia antiga.

Não é mais o Genesis unicamente que nos narra os primordios da infancia da humanidade. Em parallelo ao Pentateuco, temos textos mais antigos e tão authenticos como a Biblia.

Não é mais permittido repisar esses velhos preconceitos da apologetica quando nada havia para contrabalançar a auctoridade de seus textos.

Hoje a questão deslocou-se; é forçoso recorrer a novas armas, porque as velhas estão embotadas; é necessario defender a fortaleza dentro della mesma, porque é no texto da propria Biblia que está hoje travada a controversia.

Diz François Lenormant que, apesar de confes-

sar-se catholico, não pôde submetter-se aos velhos meios de defesa como homem de sciencia que se presa de ser:

«E' necessario sobretudo para se imaginar que a existencia de tal ou qual mytho babylonico, phenicio ou iraniano corresponda a tal ou tal narração dos primeiros capitulos do Genesis, que se confirme a realidade historica deste. Pois é a idéa diametralmente inversa que um espirito destituido desses preconceitos, d'uma especie de evehmerismo que predomina ainda hoje na maior parte dos apologistas em semelhante assumpto. Não é em conclusão o que resulta da conformidade das fontes polytheistas com o Genesis que ella seja rigorosamente historica, porque só a Biblia nos offerece a verdade obscurecida em toda a parte; porém muito ao contrario, resulta do confronto que ella é puramente mythica e que o mytho Biblico não tem nem outro character nem maior auctoridade que as tradições de outros povos».(¹)

Era um sabio catholico que assim pensava.

A tendencia actual, mesmo entre os proprios reformados, é tentar accomodar-se, submettendo-se a esses resultados inevitaveis da critica.

E' forçoso, cada vez mais, mesmo no interesse da apologia, não contrariar as conclusões da moderna exegese, porque os que tentam negal-as, fiados na ignorancia resultante do silencio na educação da mocidade, preparam a decepção e a descrença dos

¹) Fr. Lenormant — *Les Origines de l'Histoire* II, 265.

espíritos confiados na inconsciencia e ignorancia cujos resultados futuros serão o abandono pelas gerações vindouras dessas crenças mal amparadas pela sciencia.

Na presente discussão eu me comprometto a dar inscripções cuneiformes parallelas que confirmem a identidade de crenças e tradições firmadas em auctoridades de competencia irrecusavel.

Ora, creio que o grande Eberhard Schrader, por exemplo, não é algum sabio allemão imaginoso, nem desleal que fabricou um manual famoso de Assyriologia comparada. passo a passo com todo o antigo testamento, resumindo uma immensa mole de *infolios* dos orientalistas que traduziram e analysaram, palavra por palavra, todas as inscripções que adiante estudaremos.

Si eu, empós delle e de outros muitos que citarei me achar em erro, estarei contente; porque, estou certo pela experiencia que tenho de auctores como o Abbade Vigouroux, Moigno e De Préssencé, crentes por officio e por convicção, que elles não têm outro processo a seguir nestas materias quando vêm documentos irrecusaveis, se não affirmar que assim é, e que concordam com a Biblia e portanto a confirmam.

Se tal conformidade não existisse, excusado seria allegar-a.

Não ha duvida que assim é; mas os livres pensadores tiram tambem outra conclusão, tão irrecusavel como essas dos orthodoxos, quando sustentão que tudo quanto concorda com a Biblia é mais velho e

impregnado, desde a primeira phrase até a ultima, de puro polytheismo semita.

Resta, portanto, aos senhores biblicos provar que o mais velho não é o que vem da Chaldéa e das tradições dos povos summirianos que primeiro occupavam as planicies do Senaar e da Mesopotamia, que os hymnos mais velhos do Veda Chaldeu não foram traduzidos em assyrio da lingua dos Summirianos e dos Accadianos, anteriores aos proprios semitas e que não é dessas fontes que tudo provêm, mas sim duma lingua derivada e posterior como o hebraico.

Ahi é que está toda a difficuldade do problema da eliminação do polytheismo primitivo, anterior a todo e qualquer monotheismo que é sempre o fructo da evolução religiosa, accessivel apenas aos espiritos superiores dos sabios sacerdotes, os primeiros philosophos ignotos do antigo oriente, e nunca o fructo de uma civilização apenas esboçada.

Si meu contendor não recusa os documentos por mim offerecidos e accomoda-os a seu geito, dou-me por bem pago; si conseguir convencel-o do facto em si, (o que espero) não terei affirmado inutilmente.

Si porém os recusa, o que não creio que faça, eu offereço-lhe o testemunho dos meus auctores a quem S. S. terá de refutar directamente.

No mais, a questão é liquida.

CAPITULO I

O PENTATEUCO

Em toda a questão de exegese, do que préviamente se deve indagar é do valor dos documentos offerecidos pelos adversarios.

Os do sr. pastor são, por certo, o Pentateuco directamente inspirado por Deus a Moysés e por elle escripto do principio ao fim.

Os nossos textos estão menos concentrados e mais fragmentados. Comtudo, sabemos quando e quaes as linguas em que foram escriptos os originaes, não nos esquecendo tambem que na propria letra da Biblia temos muitos dados que nos aproveitam.

A critica moderna, estudando as produções de qualquer litteratura, tem estabelecido methodos de classificar por indução os documentos chronologicamente, por meio da analyse comparativa dos diversos periodos da evolução linguistica, aproveitando as allusões a factos e datas diversas, além de fazer notar a propria fórmula ou escola que os poderia ter produzido.

Esses methodos foram com egual resultado applicados a todo o corpo das Escripturas, com tanta certeza e precisão como a obtida em todas as litteraturas sagradas do Oriente. N'ellas descobriram os escriptores uma obra de muitas mãos, de auctores, linguas, estylos, tradições, tendencias, mythos e factos historicos, que seriam impossiveis de ser ajuntados no Pentateuco, por exemplo, por uma unica testemunha, um unico actor e auctor a um tempo.

Não se póde dizer ao certo quando se formou a tradição que attribuiu a Moysés a paternidade da compilação do Pentateuco; mas, si aquillo que se acha na Biblia é forçosamente evidente, devemos concordar e repetir com Nehemias XIII, 1: — *«In die autem illo lectum est in volumine Moysés audiente populo.»*

A opinião de que o proprio Moysés seja auctor de tudo quanto lhe attribuem é de uma impossibilidade, material e physica, absoluta; porque ninguém poderia ser o narrador até da propria morte, como se vê pelo final do Deuteronomio (XXX, 7):

— «Era, pois, Moysés da idade de cento e vinte annos quando morreu.»

Nada mais claro tambem do que as palavras seguintes do mesmo capitulo (XXX, 10):

«E nunca mais se levantou em Israel propheta algum como Moysés a quem o Senhor conhecera cara a cara.»

Para poder affirmar isso, era necessario saber

que nunca os prophetas até Ezequiel, ao menos, ousaram encarar a Jahveh e descrevel-o.

Os maiores, como Isaias e Elias, apenas ouviam o ruido de sua presença, dando-lhe as costas atterorisados, quando apparecia.

Si isso não basta, leia-se o Genesis (XXXVI 31):

«Estes são os Reis que reuniram na terra de Edom, antes que reinasse rei algum sobre os filhos de Israel.»

Não é necessario ser um grande historiador para se deduzir promptamente, que um tal documento só podia ser escripto depois dos Juizes e no tempo dos Reis successores, quando menos, de Saul.

No prefacio do Deuteronomio (I, 1) se lê na Vulgata: — «Hæc sunt verba, quæ locutus est Moysés ad omnem Israel *trans* Jordanem insolitudinem campestris *contra* mare Rubrum.»

A palavra *trans* é traduzida por *d'aquem* em vez de *alem* Jordão; ora, esta correcção mostra claramente a posição do escriptor dentro da Judéa.

Um erro tão palmar, logo no começo de um livro, não deixou de despertar tentativas de falsificações nas traduções.

O Genesis (XII, 6) descrevendo o caminho que seguiu Abrahão desde a Mesopotamia até Sichen diz: «Ora, os Chananeos occupavam então o paiz.» Logo, não foi Moysés quem escreveu isso, porque só o seu successor Josué os expelliu do paiz, depois de ter feito exterminios proprios de canibaeas.

Deducções historicas como estas podem ser mul-

tiplicadas facilmente; mas, creio que si se tratasse da authenticidade de um tractado de Aristoteles ou de um dialogo de Platão, apesar da semelhança dos estylos e das doutrinas, não seriam necessarios maiores argumentos para serem qualificados de apocryphos.

Porém, como o proprio S. Paulo o diz (Romanos, X.) *Moysés enim scripsit...* não é, pois, licito servir-se de razões d'essa força toda humana, só boas para os gregos, mas suspeitas quando se tracta de contradizer a Biblia pela propria Biblia.

Vejamos, em todo o caso si, pelo proprio conteúdo da legislação em si, é aceitavel que Moysés seja codificador duas ou tres vezes dos mesmos assumptos e na mesma obra. ⁽¹⁾

Si um jurisconsulto, fundando-se na perda das leis romanas intermediarias, sustentasse que as Leis das Doze Taboas, apesar do estylo synthetico, laco-nico, imperativo e archaico eram contemporaneas do Digesto onde se acham citadas, qualquer latinista lhe responderia incontinenti que era impossivel que entre um e outro texto, não medeasse, pelo menos, a lingua de Cicero e de Virgilio. ⁽²⁾

Assim tambem o exegeta não pôde exitar em descriminar a idade da lei que diz no Decalogo:

Não matarás,

Não roubarás,

e a das leis casuisticas, utopistas e subtilissimas do Deuteronomio: ⁽³⁾

⁽¹⁾ E. Reuss. Histoire Sainte et La Loi; pag. 60 — La Bible III parte.

⁽²⁾ Cobb Origines Judaicae pag. 264.

⁽³⁾ Leis socialistas sobre a pobreza — Leis utopistas por impracticaveis, entre ellas o abandono da terra no 7º anno — Leis casuisticas e sub-

E' impossivel aceitar que essas fossem as leis de um povo foragido, apenas sahido da dura escravidão, sem agricultura possivel, nem rebanhos, a prova é que vivia do maná. E como sustentar o pessoal do Tabernaculo do Deserto, sem rebanhos para o sacrificio e muito menos ainda sem que o sacerdocio tivesse a organização hierarchica do templo de Jerusalem, elles que nada de semelhante tinham organizado, mesmo durante os juizes.

Essas legislações suppõem que uma tenda de beduinos é a mesma cousa que o S. Pedro de Roma.

E' curioso que uma tal compilação seja inspirada quando suppõe que Moysés ás vezes se distrahia de ouvir a Jehovah, para copiar um *Flos Sanctorum* qualquer como o *Livro dos Justos*, ou mesmo o livro posterior a Moysés, intitulado (Numeros XXI, 14) o *livro das Guerras de Jahveh*, isto é, a narração epica da invasão da terra de Canaan.

Quem cita, copia; quem copia não precisa ser inspirado pela divindade.

Compilação é o termo que resume e qualifica dignamente tudo isso chamado o — Pentateuco de Moysés.

Os materiaes d'essa compilação são, portanto, de datas diversas, mas que, pelas provas acima allegadas, os criticos deduzem que fossem colligidas antes da tomada de Samaria no anno 720, A. C., por Sargon, rei da Assyria, que transplantou barbara-

tis porque todas conhecem o rigorismo e as deducções da Thora que existe até hoje baseada no Levitico e no Deuteronomio.

mente as 9 tribus do reino do Norte, cuja capital Samaria fora sitiada por Salmanassar como se lê nos Reis (II. XVIII, 9).

Diz Sargon em seus Fastos: — (1) (II — 145, 1) «Eu sitei, e occupei a cidade de Samaria (Samarina) e reduzi ao captivo 27.280 habitantes; eu tomei-lhes 50 carros de guerra e mudei suas moradas; institui sobre elles meus logares-tenentes para governal-os e ajuntei tributos aos impostos de que tinham sido sobrecarregados pelos reis meus successores.»

Notemos de passagem que a Biblia só se refere a seu antecessor Salmanassar, e nada diz do auctor de tanta destruição e despotismo — Sargon.

O Pentateuco não é, portanto, um escripto unico: a prova está nos annaes do reino de Judá (4, Reis XX) onde se narra como foi achado o livro no templo em reconstrucção, e lido como cousa nova e desconhecida perante o povo e o rei Josias (622, A. C.) que, segundo parece, apesar de Rei, não conhecia muito bem os costumes de seus subditos e as velhas ordenações do seu reino.

O menos que se deduz dessa celebre passagem é que as leis não eram praticadas e muitas tradições estavam obliteradas, o que tornava facil profundas refórmas na legislação e no culto.

D'ahi a facilidade com que foi aceito o Deuteronomio, isto é, uma *segunda lei* ampliativa das anteriores cahidas no desuso. (2)

(1) Joachim Ménant — Annales des Rois d'Assyrie — Sarkin; pag. 181.

(2) Th. Noldek — Histoire Littéraire de l'Ancien Testament; pag. 25.

Não havia, porém, até as descobertas de Layard em Koyundjik, documentos que provassem de modo directo a hypothese de Astruc vulgarisada por Eichhorn na Allemanha, e que deduziu da leitura attenta do texto hebraico o facto da repetição das narrações cada vez que a divindade era Elohim ou Jahveh.

Descobriu Astruc dous textos aos quaes intituiu Elohista e Jehovista, que se distinguiam por tendencias e caracteres proprios, além de repisarem a narração inutilmente.⁽¹⁾

Assim devemos por exemplo comparar o Genesis I até II, 4.º que se une ao texto do 2.º documento, visto só no 4.º paragrapho do II capitulo ficar completa a obra dos sete dias.

Edouard Reuss⁽²⁾ o grande exegeta de Strassbourg divide os dous documentos da seguinte forma: Gen. II, 4 até metade, diz: «Estas são as genealogias dos céus e da terra, quando foram creados.»

Depois do dia de descanso do primeiro documento Elohista segue-se o resto do II capitulo, 4.º paragrapho, em que começa o documento Jehovista: «No dia em que Jehovah Elohim fez a terra e os céus nenhum arbusto dos campos existia antes que elles nascessem na terra; e todas as hervas do campo, antes que brotassem: porque o senhor Deus não tinha feito chover sobre a terra, nem havia ainda homem que a cultivasse:

(1) Rénan — *Histoire du Peuple de Israel* — III, pag. 205.

(2) *Encyclopedia Britannica* — Verbo — Pentateuco.

«Mas da terra sabia uma fonte que lhe regava toda a superficie.»

Notemos de passagem a curiosa physica do globo que suppõe rio sem chuva. Nos tractados de geologia⁽¹⁾ veem-se pingos de chuva impressos na areia que os rios depositam nas margens e que depois se solidificam em rochas contendo fosseis.

Passemos, porém, adiante.

Formou Deus o homem, segundo o Jehovista, do barro da terra e o collocou n'um jardim por elle plantado.

O homem foi, pois, creado primeiro que todos e não em ultimo logar como no Elohistas, antes da vegetação e antes dos animaes.

No Jehovista o homem foi creado antes da mulher, no Elohistas foram creados juntos.

Essas e outras observações deduzidas da separação dos documentos são hoje materia corrente na exegese. Mas, faltava mostrar uma terceira fonte de narração que, posta de confronto, reduzisse as duas narrações do Genesis a uma só, vinda de outra origem. E' esse o grande alcance das descobertas do Assyriologo inglez George Smith.

⁽¹⁾ Eduardo Reuss — La Bible — Genesis; Lyell — Elements de Geologie — vol. II pag. 110.

CAPITULO II

A bibliotheca de Ninive

Das descobertas assyriologicas a mais famosa e a que levantou mais as esperanças dos archeologos, foi, sem duvida, o desenterramento da Bibliotheca de ladrilhos cheios de inscrições cuneiformes do palacio de Sennachérib em Koyoundjik. Os thesouros ahi encontrados enchem de admiração os amantes das sciencias orientaes.

Uma bibliotheca completa contendo livros sobre a religião, leis, costumes, observações astronomicas, astrologia e mesmo a authentica magia tão mysteriosamente famosa em toda a antiguidade classica, grammaticas, dictionarios de linguas desaparecidas como o latim e o sanskrito, tal como a lingua accadiana dos hymnos, no estylo dos psalmos hebraicos, epopeias e annaes, tudo isto está hoje no dominio da sciencia; porém, pouco vulgarisado ainda. ⁽¹⁾

As taboas, os cylindros, os prismas e os tijolos de barro cosido de variadas formas, foram conser-

(1) Ménant — La Bibliothèque du Palais de Ninive — pag. 40.

vados, porém, em cacos, porque o pavimento superior onde estava distribuido e conservado por funcionarios cuidadosos foi derruido pelo incendio e todo embaralhado; nada menos de 40.000 fragmentos de 10.000 tijolos, equivalentes a 500 volumes 8.º dos nossos, de 500 paginas cada um, estão em grande parte esperando quem os classifique e os decifre methodicamente.

D'ahi a razão de muitas perdas e obscuridades, por vezes insunaveis nas melhores revelações sobre todos os ramos de conhecimentos d'onde originam tudo quanto pensamos e veneramos ainda hoje.

Entretanto as esperanças despertadas pela descoberta não foram vans.

George Smith, conservador e classificador desse precioso thesouro, depositado no *British Museum* de Londres, verificou que havia, ao menos, 4 exemplares de uma epopeia em 12 cantos ou taboas de 6 columnas cada uma, com 3.000 versos approximadamente, contendo, em centenas de fragmentos desconexos pacientemente ajustados e decifrados, as tradições mais authenticas da Accadia primitiva.

Essa epopeia, mais nacional e genuina que a de Milton, apezar de mutilada, contém todos os elementos da narração do Diluvio e do heróe nacional da Babylonia primitiva, Isdubar, o Nemrod do Genesis.

Além desse poema, encontra-se tambem uma narração da Creação, e muitos hymnos bilingues sobre o Eden e os primeiros homens.

Como era de esperar, o primeiro recurso em-

pregado pelos crentes da Biblia, que não queriam por um momento, sequer, suspeitar que fossem identicas as suas opiniões theologicas com a complicada e desprestigiada mythologia conservada nos fragmentos de Berozio, foi negar a prioridade e a antiguidade das novas descobertas archeologicas.

Mas, á sciencia, inflexivel desta vez, affigurou-se que não seria tão facil negar a prioridade desses documentos, como tentaram fazer para os Vedas e para o Zend-Avesta.

Novas descobertas vieram reforçar esta, da qual diz A. H. Sayce no seu prefacio ao monumento de erudição levantado por George Smith intitulado: *The Chaldean account of the Genesis*:

«Mr. Rassan, por exemplo, nos trouxe um fragmento da taboa ou canto sobre o Diluvio, que não só nos ajuda a prehencher algumas *lacunæ* do texto, mas é importante tambem por outro lado. Isso está escripto, não em assyriano, mas em babiloniano de caracteres cuneiformes e nos vem, não da Assyria, mas de outra bibliotheca.

Goncorda, porém exactamente com as partes correspondentes das edições assyrianas da historia, e fornece-nos assim uma prova da veracidade de como as cópias assyrias são tiradas dos velhos textos babilonicos.»

A fórma dos caracteres, a que se refere Sayce, é o archaico usado em Ur e Erech, isto é, nas mais antigas inscripções do primitivo imperio babilonico,

antes de conquistado pelos assyrios, anterior, portanto, a 2000 A. C.

Um sabio de valor real, sobre o qual me referirei por vezes neste trabalho, o Abbade Vigouroux, não se recusa a confessar, quando se refere ás palavras acima, de Sayce, que, comquanto não possa precisar a data do poema :

«E', diz elle ⁽¹⁾, ao menos certo que as tradições conservadas pelos scribas assyrios, são anteriores a Moysés e mesmo a Abrahão.»

Nada é mais cathgorico e concludente.

Eu resumirei os elementos da minha these baseando-me nestes restos da antiguidade semitica e nas inducções e confrontos com as Escripturas, estabelecidos por auctoridades de fama européa como Fr. Delitzch, Eberhard Schrader, Maspero, Oppert, Ménant e de outros que disponho, alguns dos quaes, como Fr. Lenormant, se dizia catholicos, apezar de dar preferencia aos mythos pagãos sobre os *mythos biblicos*, expressões estas mal soantes, porém, que não são minhas.

Estes fragmentos da sciencia babylonica vieram fornecer, como disse acima, uma prova directa de como o Genesis reproduz duas narrações de origens diversas, a Elohistas e a Jehovista.

Com effeito, o canto do poema melhor conservado é justamente o X, que narra a construcção da Arca de Hasishatra, e o Diluvio até a descida da Arca, sobre o monte de Nizir.

(1) Vigouroux — La Bible et les Découvertes Modernes — I, 182.

Não cabe aqui exposição detalhada sobre o assumpto, que exporei com mais vagar em seu devido lugar, á medida que formos estudando os documentos que passo a expor na ordem dos doze primeiros capitulos do Genesis.

CAPITULO III

A COSMOGONIA

§ I

A criação

Os documentos que vou expôr á apreciação dos meus leitores, são de tal clareza, apesar de suas fórmas litterarias, da mesma origem semita que a propria Biblia, que tornarão, por isso mesmo, mais palpavel o ar de familia dos dous textos que vamos cotejar.

A historia que, na phrase elegante de Michelet, é uma ressurreição, revive não só os heróes esquecidos, mas até nações inteiras com suas religiões, fontes authenticas das nossas, cujos vestigios apagados nos dez primeiros capitulos do Genesis resurgem, em nossos dias, com toda a seiva do polytheismo primitivo, apesar de esquecido e negado por seu filho — o Judaismo.

Leia o leitor e julgue por essas nesgas dos annaes dos semitas primitivos, se a patria de Abrahão não é, ao mesmo tempo, a de suas crenças.

Em qualquer manual de rhetorica se refere o

exemplo classico do sublime, segundo Longino: —
«Faça-se a luz!»

Sim, façamos a luz, mais uma vez sobre as trevas primitivas, e provemos que não é só no Genesis que a simplicidade e a grandeza do assumpto são a condição do sublime em todas as linguas.

Vejamos as primeiras palavras do Genesis (I, 1):

1.º «No principio creou Deus o Céu e a Terra.

2.º A terra, porém, era van e vazia: e as trevas cobriam a face do abysmo: e o espirito de Deus era levado sobre as aguas.

6.º Faça-se o firmamento no meio das aguas e separe umas aguas das outras aguas.

7.º E fez Deus o firmamento, e dividiu as aguas que estavam por baixo do firmamento, das que estavam por cima do firmamento.

8.º E chamou Deus ao firmamento Céu.

9.º E disse tambem Deus: — As aguas que estão debaixo do céu, ajuntem-se n'um mesmo lugar, e o elemento arido appareça.»

Quem deixará de admirar tanta simplicidade e tanta grandeza?!

Porém, para sermos justos reconheçamos a mesma concepção e o mesmo estylo nas palavras seguintes do começo do poema assyrio sobre a Creação:

1.º «Outr'ora o que está no alto não se chamava ainda céu.

2.º O que está em baixo na terra era sem nome.

3.º O abysmo foi sua origem.

4.º O mar, que tudo gerou, era um cháos.

5.º *As aguas foram divididas.*

6.º *Então as trevas eram profundas, um tufão movia-se sem repouso.*

7.º Outr'ora os deuses não existiam ainda.

8.º Tudo era sem nome, e destino algum tinha ainda sido fixado.

9.º E foram feitos os grandes deuses.

10.º O deus Lakmu e Lakamu estavam sós.

11.º Até que augmentaram em numero

12.º Os deuses Ansar e Kissar nasceram então...

13.º *Muitos dias e largo tempo decorreu.*

14.º O Deus Anu (o céu)...

15.º O Deus Assur... »

No reverso lê-se as seguintes indicações que certificam que são as primeiras palavras do poema:

1.º «Primeira taboa de «outr'ora» — (o começo).

2.º «Palacio de Assur-bani-pal, rei das nações, rei da Assyria», etc.

As taboas eram nomeadas pelas primeiras palavras como as bullas que se intitolam: «Unigenitus» —, por exemplo.

Não convém n'estes rapidos estudos entrar em detalhes de exegese, technicos de mais, sinão quando tractarmos de palavras essenciaes á comprehensão do assumpto, porque seriam aqui descabidos e aridos.

Eu resumo as conclusões de Eberhard Schrader (1), que nos dá a significação geral d'esta preciosa inscripção, depois de identificar a doutrina das escripturas com a cosmogonia chaldaica:

«Antes da criação do Céu e da Terra, o Creador separou o Universo n'uma parte superior, da qual se formou o Céu, e n'outra inferior d'onde proveio a Terra, e no vacuo entre ambas as regiões movia-se uma massa cahotica e fluctuante no meio da qual sem duvida effectuou-se a procreação do Cosmos existente e coordenou-se o mundo.

Faltavam, porém, ainda as condições preliminares da vida, especialmente a luz, e em consequencia d'isso os germens das plantas não tinham ainda desabrochado.

Porém, assim como o Cosmos inferior ou terrestre se manifestou no tempo, se formou tambem o Cosmos supraterrrestre no espaço e no tempo, assim tambem os deuses tiveram o seu começo depois de longos periodos, ou dias de intervallo entre essas diversas manifestações do poder creador de Mammu-Thiamath.»

O chãos primordial, o Thiamath dos Chaldeos, é a mesma expressão usada no Genesis (2 I) *Tehôn* o abysmo; tambem *Mummû* em assyrio é o mesmo *mehu mäh* hebraico equivalentes ao accadiano *Umine* d'onde derivam todas as palavras assim como a propria tradição de que agora tractamos.

A lingua accadiana era um dialecto antiquissi-

(1) E. Schrader. — Die Keilinschriften und das Alte Testament. 4.ª pag. X linha.

mo que os assyriologos convencionaram chamar sumiriana. Esta é diversa das linguas posteriores dos semitas, tanto nas formas linguisticas como na propria derivação philologica; o que indica uma outra raça e uma civilisação anterior aos proprios povos que falavam linguas da familia semitica da qual o hebreu é um dos ramos.

Portanto, quando me referir a esse povo deverá lembrar-se o leitor que tratamos de uma cammada antropologica anterior á civilisação conhecida da éra classica grego-romana, que os assyriologos descobriram por meio dos documentos bilingues, isto é escriptos em chaldaico com a traducção interlinear em accadiano.

Todas as cosmogonias presuppõem a materia pre-existente ou o mesmo chãos do qual foi formado o Cosmos, tal qual o observamos e nunca *ex nihil* como no Genesis.

O *ruâsh* ou sopro, vento ou tufão que se movia sobre as aguas póde ser notado na linha 6, da inscripção que dá o equivalente do Genesis (I, 2) «e o espirito de Deus era levado sobre as aguas».

A creação dos grandes deuses termina pela triada assyria que personifica as grandes divisões do universo segundo um fragmento do philosopho Damascius, identico a esta lista de deuses que a explica e completa. Assim: 1.º Anú ⁽¹⁾ symbolisa o Céu; 2.º Elum (o Eloim judaico) é o Bel ou Ilu assyrio, personifica a Terra, e 3.º o Deus Ea, (o Jahveh do

(1) E. Schrader — ob. cit. pag. 12, George Smith, sp. cit. pag. 61.

Genesis) symbolisa o poder creador por excellencia como vemos n'um hymno ao Creador quasi monotheista. Tal é a grandiosa concepção do seu poder. Esse Deus representa o Mar d'onde provém todos os seres, a fonte de toda a vida.

Nesse soberbo psalmo, que o leitor encontrará por extenso á pagina 45, as creações do Deus Ea se estende a todo o universo, e ahi se lê entre outras suas obras que:

«Ea é o deus da vida pura, *que estende o claro firmamento*, e deus dos bons ventos, o Senhor dos que escutão e obedecem, Creador do puro e do impuro, estabelecedor da fertilidade, que eleva até as grandesas os humildes...

Que elle coordene o percurso das estrellas dos céos, e guie como um rebanho todos os denses. *Senhor do mundo* é elle chamado por seu nome; é o senhor da especie humana tanto como o Pai Bei.»

Bastam estes fragmentos para demonstrar que a criação da luz preocupava tambem os povos antigos nas suas cosmogonias.

A luz é, portanto, inseparavel da vida, e sua condição essencial e preliminar como no Genesis: (I, 3) «Faça-se a luz. E a luz foi feita.»

A ordem das diversas creações não se acha invertida segundo a sciencia, como querem alguns commentadores. Cabe-me, porém, aqui apresentar uma prova do Abbade Vigouroux ⁽¹⁾ que, partindo

(1) Vigouroux — La Bible et les Découvertes Modernes — I, 187.

dessa mesma exactidão de ordem, ataca um outro archeologo por ter tentado demonstrar que as inscripções tinham ordem diversa da Biblia.

Ora, para nós, é justamente a exactidão das doutrinas parallelas que nós sustentamos, provando assim que a magia e a astrologia chaldaicas são a fonte genuina, donde foi tirada a criação dos astros, segundo o Elohista que escreveu o primeiro capitulo do Genesis.

§ II

Creação dos astros

A criação da luz é inseparavel da criação dos astros, a segunda criação da luz, no 4.º dia, é um enigma para os exegetas orthodoxos até hoje. A melhor das tentativas de explicação é a de Moigno que, apesar de engenhosa, não explica tudo.

Diz elle, que a luz e o calor, sendo identicos, ha calor incandescente a ponto de fundir metaes, sem que se veja nada, e que é esta a luz synonyma de calor de que trata a Biblia.

Mas isso não explica a Creação da Luz que espancou as trevas, de que falla o poema chaldeu na 6.ª linha da I taboa, onde nada disendo sobre a luz durante o combate epico de Tiamat contra Maruduk, reserva para «fazer a luz» na 5.ª taboa ou canto em que narra a coordenação das manções celestes dos deuses no céu estrellado.

Além de que, Laplace demonstrou que o pri-

meio creado no Universo não é a Terra mas o Sol, d'onde se desprenderam os diversos planetas successivamente, sendo, portanto, os primeiros formados os mais distantes, a começar pelo invisível Neptuno.

O Universo, como mostra a Spectroscopia, tem os mesmos elementos chimicos, como tem demonstrado a luz de myriades de Universos extinctos ou quasi amortecidos, assim como tambem nos apresenta, cheias de luz, as mais informes nebulosas do espaço celeste.

Si é verdade que ha luz desde que ha movimento molecular, como entender a tal luz opaca até o 4.º dia da Creação que tornou-se visivel com a apparição do Sol e da Lua escondidos até então?

E' tanto mais exquisito admittir Moigno o Universo sem luz até o 4.º dia, quanto é, de si, absurdo a vida vegetal e animal, já começada nos dias antecedentes sem o concurso da luz radiante que ajuda a chlorophylla e o sangue a circularem. Basta lêr as fontes para não aceitarmos essa escapatoria do astrónomo catholico, porque o estado actual do céu é testemunha que a luz, segundo a propria Biblia, nos mostra a formação dos astros desde este estado cahotico das nebulosas como a do Orion.

A quinta taboa do poema sobre a Creação tracta detalhadamente da criação dos astros. Ouçamol-a conforme a traducção de A. H. Sayce: ⁽¹⁾

«Anu preparou as sete manções dos
grandes deuses; elle fixou as estrellas,

⁽¹⁾ A. H. Sayce — The Hilbert Lectur's for 1887 — pag. 389.

mesmo as proprias estrellas gemeas. Para corresponder a elles; coordenou o anno, apontando os signos do Zodiaco ⁽¹⁾; para cada um dos 12 mezes elle fixou 3 estrellas, desde o dia em que entra o anno até que acaba. Elle fundou a manção do deus Sol para que elle conhecesse os seus limites, para que elle não errasse, de modo que não se enganasse e se transviasse. Elle estabeleceu as manções de Bel e Ea ao lado da sua. Elle abriu tambem as grandes portas em cada lado, reforçou os ferrolhos do lado direito e do esquerdo, e no meio estabeleceu uma escadaria. Elle illuminou o deus Lua para que pudesse aclarar á noite, e ordenou que no fim da noite fosse conhecido o dia, dizendo: — «Cada mez, sem cessar, velai no disco; no começo de cada mez accendei a noite, annunciando teus cornos que o céu pode ser conhecido. No setimo dia enchei teu disco, tu poderás certamente abrir suas estreitas contracções. Nesse tempo o Sol estará sobre o horisonte do céu emquanto te levatares.»

Ponhamos immediatamente sob as vistas do leitor as seguintes palavras do Genesis I, 14-18:

14 «Disse tambem Deus: Façam-se uns luzeiros no Firmamento do céu, que dividam o dia, e a noite, e *servam de signaes* para mostrar os tempos, os dias e os annos:

⁽¹⁾ Mizrata ymazzir — Mazzaroth de Job XXXVIII, 32.

15 Para que luzam no firmamento do céu, e alumiem a terra. E assim se fez.

16 Fez Deus pois dous grandes luzeiros, um maior, que presidisse ao dia (o Sol); outro menor que presidisse á noite (a Lua): e creou tambem as estrellas:

17 E pol-os no firmamento do céu para luzirem sobre a terra,

18 E presidirem ao dia, e á noite, e dividirem a luz das trevas.»

Na serie das 8 taboas ou cantos em que se acham distribuidas as diversas épochas da creação esta é a 5.^a que claramente se refere ao 4.^o dia do Gen. (I, 19). As posteriores estão tão mutiladas que nenhum subsidio apreciavel prestam sobre os dias intermediarios; mas esta collocação dá, pelo menos, doutrina igual a do Elohistas do I capitulo.

A astronomia chaldaica, a sciencia predilecta dos reis pastores primitivos, que civilisaram as planicies da Mesopotamia, é a origem commum de ambos estes documentos; as primeiras crenças naturalistas do polytheismo accadiano, ahi se ostentam em todo o seu esplendor. D'ahi se desprende o clarão do alvorecer das sciencias mathematicas e physicas, tal como nós esperavamos do confronto dos textos genuinos da astrologia, essa sciencia mysteriosa, que tanto prestigio conserva até em nossos dias.

A chronologia hebraica, que ainda hoje usamos, é essa mesma.

As doze constellações (linhas 1-8) ou *signaes* do zodiaco, cercado de outras duas series de constellações, se referem ás duas posições de doze estrellas,

umas ao norte e outras ao sul do zodiaco, que, segundo Diodoro de Sicilia, tomavam parte proeminente na astronomia babilonica.

O deus Nibiriu figura ahi como uma das estrellas, era a elle que competiam as decisões do Destino, é a elle que tantos se referem ainda hoje quando o fatalismo popular attribue á fatalidade as desgraças inevitaveis da sorte.

Pelos tractados de astrologia, que se tem ultimamente decifrado, se confirma que não era sómente como reguladores do tempo que se estudavam as estrellas, eram tambem ellas que decidiam, muitas vezes, da sorte das nações conjuntamente com os cometas e os eclipses que ainda hoje assim são considerados na China e nos povos menos civilizados.

Lemos num delles as seguintes palavras significativas no assumpto que tractamos, e transcriptas dos 230 livros sobre os eclipses da lua pertencentes ao grande tractado de astronomia compilada por ordem de Sargon de Acad (3800 A. C.).

«Quando a lua descrever uma secção no circulo superior de sua revolução; os deuses do céu e da terra espalharão a miseria sobre os homens e os arruinarão; então haverá eclipses, inundações, doenças e a morte; porque os 7 grandes demonios apparecerão deante da Lua.»

Os signos do zodiaco bem como todos os planetas tinham influencias maleficas ou beneficas, segundo suas posições ou estado de luz; e é por isso

que em vez de dizer o Gen. (I, 4) que servem sómente para marcar o tempo, diz também — *et sint signa, et tempora, et dies, et annus*. Portanto também serviam de *signaes* astrologicos, como diz G. Smith (1) commentando esta passagem: -- «As funcções das estrellas eram, segundo os babilonios, agir não sómente como reguladoras das estações do anno, como também eram usadas como signaes, tal qual no Genesis (I, 14).» Eram estas as opiniões correntes nessas épochas do Oriente.

Na 4.^a linha da 5.^a taboa citada se lê a divisão do anno, como ainda hoje, em 12 mezes ou signos do Zodiaco, contendo cada uma 3 estrellas que multiplicadas pelas decadas prefazem $3 \times 12 \times 10 : 360$ dias do anno chaldeu.

Por conseguinte, a significação paraphraseada por Oppert se torna intelligivel do seguinte modo: — «Anú partilhou os 12 mezes em 4 trimestres», por allusão «às 36 decadas das crises zodiacaes».

Na 8.^a linha menciona a distribuição das 3 estações, dizendo que Anú collocou a seu lado as manções dos deuses Bel e Ea; por esse motivo se attribuia o Estio a Bel; o Outomno a Anú; o Inverno a Ea. Excluia-se a Primavera, por não ser reconhecida como estação distincta pelos astrónomos babilonicos.

Anú era, portanto, o creador e o distribuidor das hostes celestes com identicas attribuições do Urano grego, do Diaus Veda, do Diaus-Pitar, o

(1) G. Smith — *The Chaldean account of the Genesis* 97.

Deus Pater dos romanos, do Theos grego, e do Deus actual. (1)

Esta pagina inestimavel, que analysamos nas suas revelações capitaes, dá-nos um lance de vista sobre a philosophia semitica, que explica as noções rudimentares da constituição do Universo, tal qual á que nos transmittiram os prophetas e especialmente Job, e cujos problemas sublimes têm por base as mesmas supposições sobre a solidez do ceu, as columnas do firmamento, os limites ou comportas que detem as invasões dos mares, etc., como se vê nos seguintes §§ Job. (XXXVIII, 4). «Onde estavas tu quando eu lançava os fundamentos da terra?

6 «Sobre que foram firmadas as suas bases? ou quem assentou a sua pedra angular?

8 Quem pôz diques ao mar para o ter encerrado?

10 Eu o encerrei em seus limites que lhe preservei, e lhe puz ferrolhos e portas.»

A terra estava suspensa, segundo os Chaldeus, no vacuo preenchido pelo mar que rodêa o Mundo, como uma especie de resto do chãos primitivo, em cujos confins se confundem no horizonte visual a luz e as trevas, tal qual como explica Job (XXVI, 10).

10 «Pôz em roda limites ás aguas, até que se acabem a luz e as trevas.

11 As columnas do ceo estremecem a seu aceno.»

Nada, porém, é mais curioso, affirmativo e ex-

(1) Max Müller — Origine et developpement de la Religion — 133.

plicoito a esse respeito do que as seguintes palavras do grande poeta hebreu (Job. XXXVII, 18):

18 «Talvez formaste tu com elle os Céos, *que são solidos como se fossem metal.*»

Não é nosso intento nestes estudos expor as doutrinas astronomicas de toda a antiguidade para provar que todos estes enigmas do poeta hebreu são actualmente do dominio adquirido pela sciencia experimental; porém, dizemos o sufficiente para se comprehender que a astronomia hebraica suppunha os mesmos postulados scientificos, que os aceitos pelos Chaldeus que os transmittiram a nós por intermedio dos alexandrinos.

Basta, portanto, consultar um tractado de Aristoteles ⁽¹⁾ para vermos longamente dissertado sobre o Céu solido e contínuo em sua substancia, com movimento diurno e rapidissimo, levando em seu gyro todos os astros eternamente fixos e incorruptiveis; além de que a esphera é finita em sua periphéria superior, e não infinita como nos revela o telescopio; tendo todo o universo a Terra immovel e fixa no centro.

Eram essas as bases do Cosmos para os antigos, que apenas encontraram alguns espiritos superiores, affirmando o contrario, mas, que não conseguiram modificar as opiniões dominantes.

Não deixaremos de concluir sem mostrar uma differença entre os dous textos que analysamos.

⁽¹⁾ Aristoteles — *Traité du Ciel*, traduit par Barthélémy Saint Hilaire. — Liv. I, cap. IX, pag. 72.

Trato da ordem em que são mencionados o sol e a lua.

Um povo de astrónomos, como os chaldeus, não poderia deixar de venerar a rainha das noites, a Lua, o deus *Sin* adorado em Ur, a patria de Abrahão; tinha ella precedencia sobre o Sol, que era adorado no Egypto sobre todas as divindades, debaixo do nome de Horus. Essa substituição proveiu talvez, do captivo do Egypto, onde Moysés foi educado e não do tempo do grande patriarcha Abrahão.

Mas, compare, em todo o caso o leitor as linhas 12 e 24 da inscripção, para verificar se ahí está mais exactamente descripta a revolução da Lua do que nas palavras seguintes do Salmo CIII, 18:

«Elle fez a Lua para marcar o tempo».

A divisão do anno era marcada pela Lua na Chaldéa, nos tempos primitivos dos reis pastores e não pelo Sol, como no Egypto.

Diz a Ecclesiaste (XLIII, 6):

«A Lua é, em todas as suas phases, o marcador dos tempos e o signal das mudanças do anno. E' ella quem dá o signal dos dias de festa. A luz que emette diminue em se consumindo.

Ella dá o nome aos mezes. Assim como diminue, ella augmenta a sua luz em se acclarando.»

Flammarion, ⁽¹⁾ explica a reforma mais rigorosa do anno solar, que segundo elle, data em Babilonia do anno 3472 A. C. O anno tem uma sobra de $\frac{1}{4}$ de dia além dos 365 que, no fim de 120

(1) Flammarion — *Histoire du Ciel*, 67.

annos, equivale a um mez, que era intercalado entre os mezes todos successivamente, prefazendo o cyclo dos doze mezes intercalados no 1440 do feriado, que recommençava novamente na mesma ordem.

Uma vez que tractamos de chronologia, tractemos tambem, para acabar com o assumpto, do 7.º dia em que Deus descansou depois de sua obra acabada (Gen. II, 3).

A sciencia demonstra que a revolução do Cosmos é infinita e que *não conhece descanso*, porque os mundos se fazem, crescem e morrem para mais tarde moverem-se indefinidamente.

Mas o que nos interessa é verificar si ha originalidade no uso da santificação do sabbado.

O numero 7 é a 4.ª parte do mez lunar aproximadamente, 7 vezes 4 igual a 28 correspondem ás 4 fazes da lua e, portanto, aos sabbados com os quaes combinavam no systema babylonico, assyrico e hebraico; esse numero é tambem sagrado e fatídico.

Felizmente, possuímos uma inscripção curiosa a esse respeito, que não deixa de ser uma das conquistas da assyriologia. ⁽¹⁾

Diz um calendario o seguinte: que confrontamos com uma lei mozaica.

«O setimo dia. Um dia de descanso de Merodach de Zapanit, é um dia santo: E' um dia aziago.	«Lembra-te de santificar o dia de sabbado. Trabalharás seis dias e farás nelles tudo que tens para
--	--

⁽¹⁾ E. Schrader — Die Keilinschriften und das Alte Testament, obra citada, pag. 89.

No sabbado: o principe de	fazer. O setimo dia, po-
multas nações não deve	rém é o dia do senhor teu
comer carne de animaes,	Deus. Não farás nesse dia
nem comidas cozidas. Não	obra alguma, nem tu, nem
deve mudar o seu ornato.	teu filho, nem tua filha,
Não deve vestir roupas	nem o teu escravo, nem
brancas. Não offerecerá	a tua escrava, nem o teu
sacrificios. Não deverá	animal, nem o peregrino
passar de carro. Não	que vive de tuas portas
deve legislar como rei.	para dentro. Porque o
Não passará revista em	Senhor fez em seis dias
suas tropas. Não deve	o céu e a terra e tudo o
applicar remedios por do-	que nelles ha, e descan-
enças em seu corpo.»	çou ao setimo dia, por
	isso o Senhor abençoou o
	dia setimo e o santificou.»

Os phariseus tambem não censuravão o Christo por curar nos Sabados?

Os judeus por accaso, são mais exigentes no seu Levitico?

Os catholicos exigem que jejuem mais e que na Semana Santa não se forme a guarda nacional em frente das egrejas?

Os protestantes bebem menos cerveja com os pés nas janellas e a Biblia na mão, como nos domingos dos Estados-Unidos?

Não creio, mas tudo isso é pagão e vem de longe.

§ III

A criação dos animaes

Nos dous paragraphos antecedentes estudamos a cosmogonia ou a criação do 1.º dia, e a dos astros equivalente ao 4.º dia do Genesis.

A criação das plantas e dos animaes está tão estragada nos restos dos 8 cantos do Poema da Creação cujos fragmentos se nos revelam tão semelhantes ás escripturas, que apenas pudemos completar as suas lacunas inexoraveis com outras fontes que a supprem em grande parte. Porém é bom que fique fóra de duvida o parallelismo reconstruido por G. Smith deduzido dos restos informes do poema, que não cabe aqui reproduzir no estado em que se acham, mas cujo quadro elle reconstroe da maneira seguinte: — «O fragmento da primeira taboa da serie da criação era uma introdução e concorda com a geração dos deuses antes que com a criação do Universo, e quando nos lembramos que a 5.ª taboa contém a Creação dada no Genesis sob o 4.º dia, emquanto que as seguintes, provavelmente a 7.ª, dá a criação dos animaes que, segundo o Genesis é do 6.º dia; devemos deduzir que os acontecimentos de cada dia seguiam a mesma ordem do Genesis.» (1)

No colophon, ou indicador de transição de uma taboa a outra que fecha a 5.ª serie, se dá como de costume, embaixó dos nossos velhos *infolios* as primeiras palavras da página seguinte, que são suffi-

(1) G. Smith — The Caldean account of the Genesis, pag. 67.

cientes para determinar o assumpto que se segue; é provavel que se tratasse dos animaes da qual faz parte o fragmento seguinte:

1 «Nesse tempo os deuses em sua assembléa crearam (os animaes).

2 Elles fizeram a contento os fortes montros... (1)

4 Os gados dos campos, as bestas dos campos e os animaes que se arrastam no chão dos campos... (fizeram surgir).

5 Elles fixaram para as creaturas vivas (habitações).

6 ...o gado dos campos e os animaes que se arrastam da cidade foram feitos...

7 (Elle fortificou) a multidão dos animaes que se arrastam no solo, tudo o que foi formado... (os reptis).

8 ...que na assembléa de minha familia...

9 ...e o deus Nin-si-ku (um dos nomes de Ea) ajuntou os dous... (talvez os generos).

10 ...á assembléa dos reptis, eu dei vida...

11 ...a semente de Lakamu eu destrui...»

Na 4.^a linha deste fragmento se reconhece o Genesis (I 24-25) — «E Deus disse: Produza a terra alma vivente segundo sua especie, gado e reptis, e bestas feras da terra segundo as suas especies: e foi assim. — 25. E fez Deus as bestas feras da terra

(1) A Serpente que falla é dessa familia.

segundo suas especies, e todo reptil da terra segundo a sua especie: e viu Deus que era bom.»

Na segunda linha faz lembrada a criação dos monstros. Esta tradição sobre os seres antidiluvianos mais conforme á geologia do que parecem as phantasticas formas que Berosio refere na sua cosmogonia conservada por Alexandre Polyhistor, é tambem descripta mais longamente na outra inscripção que diz:

9. Sete Guerreiros com corpo de
passaros do deserto.

10. «homens com faces de corvo

11. «os grandes deuses crearam,

12. «na terra os deuses crearam sua
cidade.

13. «Tiamatu (o cháos ou mar primitivo que gerou os monstros marinhos) deu-lhes a faculdade de sugar.

14. «Sua vida a Senhora dos deuses creou.

15. «No meio da terra cresceram e tornaram-se potentes;

16. «Cresceram em numero;

17. «Sete reis irmãos foram os geradores seus,

18. «seis mil era o numero de seus exercitos.»

Os sete demonios, de formas extranhas, que ahi se descreve e que eram os espiritos das trevas, paes de Satan o tentador dos prophetas, são evidentemente da mesma familia, segundo Gener ⁽¹⁾; suas

(1) Gener — La Mort e le Diable.

formas pôdem ser exemplificadas com a gravura n. 222 do inestimavel monumento dos dous archeologos francezes Pierrot e Chipiez ⁽¹⁾ cujos 5 grandes volumes, até agora publicados, só tractam do Egypto e da Asia Menor, e cujo 2.º volume completo tracta sómente da Chaldéa.

As muralhas dos palacios da Assyria estão repletas desses seres exquisitos como thema de ornamentação.

A gravura de que tracto é exactamente um «animal que suga» com face de morcego, 4 azas e pés com unhas de ave de rapina.

Se formos considerar a similhaça entre as linhas 3 e 4 com o Genesis acima citado, verificamos a similhaça até na classificação arbitraria sem progressão alguma evolutiva.

Ora, um dos elogios que estamos acostumados a ouvir, é o quasi darwinismo dos dous primeiros capitulos que estudamos: porém, isso nada tem de inspirado si compararmos com outra admiravel inscripção egypcia, cuja progressão é perfeita sahindo dos seres inferiores aos superiores, com um tal vigor de synthese que suppõe estudos previos de sciencias naturaes. Diz Maspero ⁽²⁾ que depois do deus superior Ra-Harmakis vencer os espiritos das trevas procedeu a creação.

«Elle creou o sol, a prata e o ouro.
A pedra preciosa a seu bel prazer,
Fez as pastagens para o gado, as plantas que nutrem os homens.

⁽¹⁾ Pierrot et Chipiez — *Histoire de l'Art dans l'Antiquité* — II vol. pag.496.

⁽²⁾ Maspero — *Histoire ancienne des peuples de l'Orient* — 285.

Fez vivos os peixes nos rios.
Fez passaros no céu — dando respira-
ção áquelles que estão dentro do ovo.
Elle vivifica os reptis — faz aquillo
de que vivem os passaros — os reptis e
os passaros são eguaes a seus olhos.
Fez provisões aos ratos em seus buracos
— e nutre o passaro sobre as ramagens.
Sêde bemdicto por tudo isso,
Um, unico, de multiplos braços.»

Ha ahi alguma cousa do delicioso verso de Ra-
cine.

«Il donne à chaque oiseau sa pature.»

Mas, admira que por inducção chegue a *com-
parar o passaro e o reptil* como eguaes; é admira-
vel isso comquanto só em nosso tempo se tenha
achado o *Archeopterix*, o passaro de dentes e cauda,
de vertebrae longas e empennadas.

A progressão é innegavel: — os astros, os me-
taes e mineraes, — as plantas, os peixes, os reptis,
os passaros, e os mammiferos, finalmente a criação
do homem creado de seus olhos divididos em 4 ra-
ças; tudo isso mostra que os discipulos dos sacerdo-
tes egypcios, bem podiam ter aprendido ahi essas
cousas.

Mas não vão suppôr que é só no Egypto que se
estudava a natureza.

Na bibliotheca de Ninive ⁽¹⁾ foram encontradas
listas de animaes, de plantas, de insectos, de me-
taes classificados segundo as opiniões do tempo, e que
ainda não foram sufficientemente estudadas; mas, es-

(1) Ménant — La Bibliothèque du Palais de Ninive, pag. 90.

se facto significativo é asseverado por G. Smith ⁽¹⁾ na sua inestimavel obra que tenho por vezes citado, sobre estes estudos.

Diz elle expressamente: — «A Historia natural era representada por listas bilingues de mamíferos, passaros, peixes, insectos, plantas, arvores, grammas, canniços, grãos, terras, pedras, etc. Estas listas são classificadas segundo suppostas naturezas e affinidades das varias especies, e mostra consideravel adiantamento nas sciencias experimentaes.»

Que havemos, portanto, de admirar se na Biblia encontramos tambem algumas intuições de sciencias naturaes, quando Ménant nos confirma que elles distinguiam nessas listas os mamíferos carnivoros como o leão, o cão e o lobo dos ungulados como o boi, a cabra e o carneiro, que são todos herbivoros?

O mais para notar é que ao lado do *nome vulgar* vem tambem o *nome scientifico*.

Houve algum Linneu na Chaldea.

§ IV

O primeiro homem

A creação do homem formado do barro da terra e animado pelo sopro divino injectado pelas marinas é commum com outros mythos.

Se os elementos fornecidos pelas inscripções são, por ora, incompletos, não o são os dos fragmentos

(1) G. Smith — The Chaldean account of the Genesis, pag. 29.

do historiador Berosio cujos restos inesquecíveis foram conservados nos livros de Josephus, Eusebius e outros historiadores.

Por muitos seculos passou como cousa julgada o referir-se a esse historiador, como se fosse um compilador sem auctoridade, que colligira sem criterio os annaes de sua nação, aproveitando-se da Biblia como fonte de informação que adulterava a seu talante.

Mas, se ha reivindicação de uma fama perdida com o desaparecimento do livro original e restituído á uma altura inexcedível pela archeologia oriental, é a dessas paginas preciosas pelo reflexo genuino das fontes donde dimanaram essas legendas. Hoje todos concordam em acceital-as, depois de melhor comprehendidas, como fontes de informações superiores a Herodotus cuja historia é mais um livro de viagens no Oriente onde apenas archivou os ditos dos cicerones, do que esse livro perdido cujo valor só pôde ser comparado com o Genesis ao qual excede como polytheista que nada tem que occultar.

Berosio nasceu no tempo de Alexandre o Grande (330 — 300 A. C.), era sacerdote do deus Bel em Babylonia. Compoz em 3 livros a sua *Historia Chaldeana* e a dedicou a Antiochus II Théos.

A cosmogonia especial á Babylonia, conservada por esse sacerdote, approxima-se completamente do Gen.; II, 5, 6 e 7.

— «Belos (o demiurgo Bel-Maruduk) vendo que a terra estava deserta, posto que fertil, cortou a propria cabeça, e os outros deuses tendo amassado

o sangue que corria com a terra, formaram os homens, que por isso são dotados de intelligencia e participam do pensamento divino e tambem os animaes que podem viver em contacto com o ar.»

Diz o Genesis II. 7: — «E formou Deus o homem do pó da terra e soprou em seu nariz o folego da vida e foi feito o homem alma vivente.»

Com a unica differença da encenação polytheista de um lado e monotheista do outro, os factos seguem-se na mesma ordem que na narração Jehovista do II cap. do Genesis.

1.º A terra é deserta Genes. II, 5; — 2.º Torna-se fertil Gen. II, 6; — 3.º Então o homem feito do barro recebe o sopro vital Gen. II, 7; — 4.º Os animaes são tirados da terra como o homem Gen. II, 19; — 5.º E literalmente modelados com os dedos como o oleiro faz com a argilla.

No capitulo II Jahveh desce quasi ás proporções de um Demiurgo como Prometheu, ao passo que no I Elohim é verdadeiro Creador. Mas, onde ha inferioridade manifesta é na criação do homem anterior aos animaes.

Jahveh creou o homem do § 7, II e depois de descrever o Eden crea no § 19, II os animaes, ao passo que Elohim os crea na ordem material inversa.

Do Poema da Creação, que tão bellos documentos nos forneceu para a cosmogonia, nada subsiste sobre a parte que devia tractar do 6.º dia. (1)

Porém, sabemos positivamente, pelos fragmentos

(1) O Mytho de Adapa achado em Tel-El-Amarna no Egypto falla da Arvore da vida.

de um hymno de Cutha, cidade antiquissima que o Deus que era considerado como «tendo formado *de suas mãos* a raça dos homens», como tendo formado a humanidade para ser submissa aos Deuses «era Ea o deus da intelligencia suprema, o mestre de toda a sabedoria», «o deus da vida pura, director da pureza», «*aquelle que vivifica os mortos*», «o deus misericordioso com quem existe a vida», «o homem que é sua cousa» e cujo titulo muitas vezes invocado é o de «Senhor da especie humana». A resurreição era, portanto, uma idéa semitica antiquissima que o christianismo amplificou. O nome empregado nessas orações para designar o homem é o chaldaico *admu* correspondente ao *âdam* hebraico e, portanto, o mesmo que Adão.

Esse documento precioso merece ser lido por extenso, para se vêr todas as minhas afirmações documentadas como me comprometti a fazel-o.

Hymno ao deus Ea

«O Deus da vida propicia... que se para as trevas... seus preceitos... Nunca possam elles esquecer os seus limites... O deus da vida pura, que estende o claro firmamento (como uma tenda, diz Job), o deus dos bons ventos, o Senhor dos que escutam e obedecem, Creador do puro e do impuro (os animaes de Nôe), estabelecador da fertilidade, que eleva até as grandezas os humildes. Nos lugares de difficil accesso respiramos seus bons ventos. Possa elle ordenar, glorificar e escutar seus crentes. Oh! Senhor da glo-

riosa Corôa, possam as creaturas que têm azas e pernas serem fortes. O Senhor do puro oraculo *que dá a vida aos mortos*, que garante o esquecimento aos deuses adversarios, que impõe homenagem e submissão aos deuses seus inimigos. *Elle creou a humanidade para a redempção*, o munificentissimo com quem está a vida. Possa elle estabelecer e nunca sejam olvidadas as suas palavras na boca dos *adamu* (os homens de cabeça preta de Sumir) *que suas mãos crearam*. Como Deus do puro encanto, possa elle sempre ser invocado, e diante de cuja pura aproximação seja derruida a má perturbação, aquelle por cuja magia é removido o cerco dos inimigos. Oh! Deus que conheceis os corações, que conheceis os corações dos deuses e que os commoveis afim de que não sobrevenham contra elle; elle que estabelece a assembléa dos deuses e conhece seus corações, e que submete o desobediente. *Que elle coordene o percurso das estrellas dos céos*, e guie como um rebanho todos os deuses. Assim elle exorcise o Monstro-marinho do Cháos (Tiamat); descubra os seus segredos e o destrua para sempre. Que elle eleve a humanidade até o fim dos dias, e possa elle destruir o Mal por todo o sempre. (Vede o Apocalypse de S. João e o Apocalypse Parsi adiante longamente citado). Desde os lugares em que foram creados, elle os fortificou; *Senhor do mundo é elle chamado por seu nome*; é o *Senhor da especie humana*, tanto como o Pai Bel.»

Os attributos do Demiurgo Ea amalgamaram em si os titulos de *Senhor das estrellas* proprio de Anú, assim como o de *Senhor do Mundo* que é o dominio de Ea, o *Senhor da humanidade* que é proprio de Bel.

A triade symbolica estava já bem formada nesse tempo.

O Jehovista diz (Gen. II, 21, 24) que, depois de um somno cataleptico, Jehovah tirou de uma costella a sua companheira Eva.

Porém, o Elohista (Gen. I, 27) diz ao contrario que o homem era um ser duplo e androgyno: «Macho e femea elle os creou.»

Essa tradição de um ser duplo foi conservado no Talmud, e mais de um Santo Padre a acceitou como vindo da verdadeira tradição judaica.

Ha, pois, ainda nesse ponto differença de narração entre o Elohista e o Jehovista, o que mais uma vez confirma a duplicidade de documentos fundidos no Genesis definitivo.

§ V

A arvore da vida

O drama do Paraizo foi tractado numa serie de poemas sobre o mesmo assumpto cantado por Milton; mas com a grande vantagem de serem os originaes e nacionaes do povo que os ideou, muitos mil annos antes do epico inglez, que tudo recons-

truiu, sómente baseado em meia duzia de versiculos da Biblia.

Que pena acharem-se tão deteriorados, apesar de serem encontrados em numero de 15 poemas, pelo menos, sobre as origens dos povos semitas e sumirianos e todos elles referentes aos 10 primeiros capitulos do Genesis, sobresahindo entre elles 4 exemplares de uma epopéa no thesouro inestimavel descoberto na bibliotheca ninivita; e no entanto, não seja possivel restabelecer todos os seus 3.000 versos dos 12 cantos.

Em todo o caso qual não é o prazer dos assyriologos quando decifram uma pagina como a seguinte de um antiquissimo hymno accadiano.

«Em Eridu (Ereck) cresceu um pinheiro negro, em logar puro foi formado;

«Seu fructo é de crystal brilhante voltado á face do Oceano;

«O... de Ea é sua pastagem;

«Em Eridu abundancia fecunda de sua plenitude;

«*Sua sede é o logar central do mundo,*

«Sua raiz é o leito da deusa Babi,

«O bosque santo da morada cuja sombra é espessa como a de uma floresta, ninguém jamais ahi entrou, «na morada da *grande mãe* que gerou Anú.»

O Eden com uma arvore plantada no centro da terra onde reside a grande mãe, o bosque mysterioso e velado aos mortaes é o — *Guaduniás* — que significa o «parque ou jardim do Deus Dunnyasch.»

O documento que transcrevi de data antiquissima,

mais antiga que o proprio poema que os resumiu e condensou, a maneira do Niebelungen — Nota redigida por algum poeta que colligiu as fontes esparsas do Edds da primitiva Germania, faz-nos remontar ás mais remotas tradições da Accadia, antes da conquista do paiz pelos semitas guiados pelo mythi o Bel-Nemrod.

Está ahi consignado a localisação dos primeiros occupantes do solo no baixo Euphrates na antiga Eridu, hoje abu-shabrein, na confluencia do Tigre com o Euphrates, local que outras tradições posteriores collocaram mais acima em Babylonia, cujo nome primitivo é Tir-Tir-ki, isto é — o lugar da «arvore da vida» que occupava o centro dos celebres jardins reconstruidos, em sua memoria, com tanta grandeza pelos monarchas que denominaram em afastadas eras.

Não são estes os unicos documentos que possuímos sobre o Eden Chaldeu, ha tambem muitos monumentos graphicos⁽¹⁾ representando seres allados deante uma arvore hyeratica cuja forma foi reconhecida como representando a «Aschepias acida» da qual os Arianos faziam a Soma, a bebida inebriante que tão importante papel representa nas lendas dos Vedas e do Avesta.

Mas a forma predilecta dos semitas é a da palmeira e mais propriamente da Tamara, cujo uso alimenticio tem papel preponderante entre os nomades do deserto.

(1) Pierrot e Chipiez — Histoire de l'Art dans l'Antiquité — Assyrie — pag. 64 e 222.

A palmeira encarada como arvore prophetica entre os semitas, como a arvore da sciencia do bem e do mal, gosava de papel saliente na nautica chaldeana, o carvalho dos Etruscos e dos Druidas em regiões onde a palmeira é desconhecida, tem sempre o dom de inspirar os videntes.

Na palestina encontramos 'o famoso «carvalho dos adivinhos» perto Schekem, (juizes IX, 37), a palmeira debaixo da qual Deborah prophetisava (juizes IV 5); o carvalho de Ophrah onde o anjo de Jahoch apparece a Gedeão e sob o qual levanta um altar (juizes VI, 11 e 19); o murmurio dos cimos das arvores revela a David a presença da divindade, (Samt. 23):

23 — «E David consultou o Senhor o qual disse: Não subirás; mas rodea por detraz delles, e verás a elles por defronte das amoreiras.

24 — «E ha de ser que ouvindo tu um estrondo de andadura *pelas copas das amoreiras*, então te apressarás: porque o Senhor sahiu então deante de ti, a ferir o arraial dos Philistheus.»

Vê-se por este exemplo o influxo da phylomancia, (de *phylon*, planta,) dos chaldeus cujo exemplo mais celebre é a sarça ardente em que se manifestou um dos Elohins, que traduzem por «anjo», a Moysés no monte Horeb (Exodo, III).

E' a arvore *samullu*, ou «arvore da luz» adorada no templo do deus Sin, em Babylonia que era intitulado — «O Templo da grande arvore Samul.» (1)

(1) F. Lenormant — ob. cit. vol. I, pag. 86 87.

Lenormant, que estudou profundamente a Magia oriental, diz que os hebreus orthodoxos admittiam essa forma da magia, tal qual era praticada pelos povos visinhos.

Estas afirmações do assyriologo catholico, resultado de suas pesquisas de especialista, o obrigaram a concluir que a inspiração das arvores de Jahveh era feita pelo mesmo systema da de outras divindades; causaram-lhe alguns escrúpulos que o fez dar estas significativas explicações, para desencargo de consciencia: —

-- Um confronto semelhante parecerá, talvez, temerario a algumas pessoas, que eu sentiria profundamente de escandalisar.

Mas, em meu pensamento, não implica nenhuma contestação da realidade do character milagroso do facto.»

Si isso consolar algum crente, a nós pouco importa, o que nos é essencial é a constatação do facto scientifico da identidade de inspiração prophetica entre todos os povos semitas, tal qual se pode verificar nos mais velhos livros do Antigo Testamento.

Os documentos graphicos representando a arvore da vida são numerosos, mas, entre todos, ha uma gravura extrahida de um cylindro antiquissimo, de 2500 annos talvez, publicada pela primeira vez por G. Smith e que se acha reproduzida na celebre memoria de Friedrich Delitzch⁽¹⁾ sobre o grande pro-

(1) Fr. Delitzch — *Wo lag das Paradies?* pag. 90.

blema da situação do Eden e da dispersão dos povos, onde elle estuda profundamente a ethnographia e a geographia primitivas circumscriptas pelo horizonte conhecido dos semitas.

Este grande orientalista allemão affirma que não encontra explicação alguma desse documento a não ser a representação da scena do peccado original.

Com effeito, o quadro representa a arvore da sciencia occupando o centro, della pendem dous fructos de ambos os lados, em frente de dous personagens assentados deante um do outro nos dous lados do quadro; um personagem, o homem, tem a mão direita estendida em attitude de quem vai colher um dos fructos pendentes horisontalmente por baixo dos ramos e do outro lado uma mulher, reconhecivel pela forma do penteado, tendo atraz de si a serpente de pé, como que falando em seus ouvidos.

O quadro não é nenhuma obra prima e, como era facil de prever, não faltaram discussões sobre o assumpto que não soffria a menor duvida, sinão tractasse de assumpto religioso.

Ménant,⁽¹⁾ fundando-se na falta de uma inscripção qualquer, que esclarecesse mais o assumpto do quadro, procurou dar uma nova interpretação dizendo que ahi estavam não um homem e uma mulher, mas sim — «*dous homens* assentados deante de uma arvore na attitude ordinaria da adoração, e pousados symmetricamente como se costumava en-

⁽¹⁾ Ménant — La Bibliothèque du Palais de Ninive, pag. 127.

contral-os deante de um altar, para cumprir um rito ainda não explicado da historia religiosa da Assyria ou da Chaldéa.»

Lenormant, porém, sustentou a interpretação geralmente acceita, demonstrando, por meio da comparação de outras gravuras contemporaneas, que o penteado caracteristico do personagem ao lado da serpente só era usado por mulher.

Diz este escriptor⁽¹⁾ — que reivindica para si a prioridade da interpretação por tel-a proposto antes de G. Smith: «Eu mantenho, pois, minha opinião, e todo archeologo tendo o senso pratico dos monumentos figurados — me permittirão dizer que é este um pouco meu officio — estará sobre este ponto de accordo commigo; que ha ahi positivamente um homem e uma mulhe. dos dous lados da arvore, e uma serpente ao lado da mulher.

Sendo assim, por esta unica constatação material do facto, todas as objecções de Ménant caem por si mesmas, a interpretação proposta outr'ora por mim, que G. Smith, F. Delitsch e muitos outros acceitaram, e que eu mantenho com mais firmeza que nunca, é a unica possivel, todos os traços do assumpto o impõem com evidencia.»

Basta pôr diante dos olhos do leitor a gravura, para não ser necessario tantas auctoridades, qualquer gravura sobre essa scena do Genesis teria, apenas, a differença da arte e da epocha, mas nada falta a ella por ser clara de si mesma.⁽²⁾

⁽¹⁾ Lenormant — ob. cit. II, 227.

⁽²⁾ O Snr. Alvaro Reis diz a pag. 169 de sua refutação! — Não resta

O abbade Vigoroux confessa, deante de semelhante documento, ser irresistivel deixar de ver nessa tela tosca da arte primitiva, um commentario da scena da tentação do Edem.

As tradições arianas e persas estão repletas de lendas sobre a arvore Djambu collocada sobre as fontes, que serão melhor expostas quando tractar do Eden e da dispersão dos povos.

Uma nova inscripção veio derramar muita luz sobre Adão.

§ VI

O peccado original e o mytho da serpente

Todas as vezes que, levado pela logica dos factos, vêm-se os crentes na necessidade de conceder a irrefutavel origem de algum mytho connexo com a Biblia, resolvem logo, que esse mytho nenhum mal faz á essencia da religião por secundario e doutrinario apenas, onde é permittido variar de opiniões por não ser dogmatico, e portanto essencial.

Mas que dirá o leitor si provarmos que o dogma do peccado original e da rehabilitação da humanidade pelo Messias, funda-se em toda a mythologia que rodea de milhares de modos a lenda do Eden?

duvida que a scena da gravura deve representar a tentação de nossos primeiros pais, ainda que em nenhuma parte do poema Chaldeu se encontrasse qualquer referencia desse facto.

Hoje estamos já mais adiantados quanto as inscripções — Basta estudar a inscripção de Tel-el-Am arma sobre o Mytho de Adapa, para termos uma ideia do futuro que nos aguarda a Archeologia Oriental.

Será uma illusão da sciencia? Não. O que vae ser explicado neste capitulo tomará todo o relevo palpavel e irrefutavel da assyriologia.

Si uma ou outra linha do quadro parecer extranha ao leitor, por habitos de espirito e crenças arraigadas, tenha ao menos a certeza que as eras, que pallidamente procuro reviver, estão hoje no pleno dominio da sciencia, e não venho trazer controversias, que abandono aos competentes; porém, vou traduzir paginas de poemas cuja significação ninguém ousa contestar seriamente.

A Biblia contém o mytho da Serpente tentadora tal qual o vemos na Chaldéa; porém, o proprio Satan, o inimigo da obra de Jahveh, tem uma historia de luctas que não se encontra descripta por extenso sinão em livros christãos como o Apocalypse (XII, 7—9).

7 — «E houve batalha no céu: Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhava o Dragão e os seus anjos;

8 — «Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.

9 — «E foi lançado o grande Dragão *a serpente antiga*, o Diabo e Satanaz, que engana todo o mundo, foi lançado na terra e seus anjos foram lançados com elle.»

Ahi está o combate epico longamente contado por Milton, cujo original o leitor lerá por extenso na inscripção assyria que abaixo transcreverei.

O Genesis quando narra factos de mythologia simplifica-os a ponto de esconder as escabrosidades, conseguindo quanto possivel reduzir ao monotheismo a lenda compromettedora: d'ahi a acceitação sem reluctancia de fabulas que lidas em lingua summiana tomam genuina feição polytheista.

Emquanto as inscripções orientaes não eram decifradas passaram desapercibidas; hoje que estão ao alcance dos estudiosos e daqui a pouco no pleno dominio da publicidade, virão dia a dia os livros de approximação, e então os paladares reluctarão menos e accommodar-se-hão com os novos acepipes.

Mytho de Adapa (1)

«O vento Sul soprou com força e o empurrou para baixo na casa de Sin meu Deus.

Oh Vento Sul, judiaste de mim!

Quebrar-te-hei as azas! Apenas acabara de fallar, que quebrada estava a aza do Vento!

Durante 7 dias o Vento Sul deixou de soprar sobre a superficie da terra. — Anú disse a seu mensageiro Ilabrat.

Porque motivo deixou o vento Sul de soprar durante sete dias sobre a terra?

O seu mensageiro Ilabrat respondeu-

(1) Fragmento extraído da obra Hermann Gunkel — *Schöpfung und Chaos* — traducção do Dr. Zimmern. Appendice, pagina 420.

lhe: Meu Senhor, Adapa, filho d'Ea, quebrou a aza do Vento Sul. Quando Anú ouviu estas palavras, pôz-se a gritar «Socorro» e sentou-se no seu throno..... Ea aquelle que o Céu..... fez se trazer, uma vestimenta de luto..... vestiu a..... Vaes a Anú o Rei.

Quando subires no Céu e aproximar-te do trono de Anú, acharás na porta Tanmuz e Giz-Zi-Da, os quaes considerar-te-hão.

— Porque esta apparencia, Adapa, para que andas de luto? Da nossa terra sumiram-se dois Deuses: por isso fui-me embora? Quaes são os dois Deuses que sumiram-se na terra? Tanmuz e Giz-zi-Da — Então elles considerarão e queixar-se-hão mutuamente, e dirão uma boa palavra a Anú para que este bem amigavelmente te receba. Quando aproximar-te de Anú, ser-te-ha offerecido o alimento da Morte: não o comas. Ser-te-ha offerecido a bebida da morte — não a bebas. Ser-te-ha offerecido uma vestimenta de luto! Veste-a — Oleo. ser-te-ha offerecido untai-vos com elle — O conselho que eu te dei não o desprezai, a palavra que te fallei, segura-a. E o mansageiro de Anú approximou-se d'elle dizendo: Adapa quebrou a aza do Vento Sul — Trazei-o diante de mim (disse Anú e o Céu deixou-o approximar-se e elle subiu no Céu.

Quando penetrou no Céu, Anú approximou-se e na porta se achavam Tanmuz e Gis-Si-Da que estavam guardando a porta de Anú. (como os anjos no Paraíso).

Quando avistaram Adapa, elles gritaram «Soccorro! Senhor.» — Porque esta apparencia, Adapa, e porque estaes de lucto?

Da terra sumiram-se dois deuses, por isso estou de lucto.?

Quem são esses dois deuses, que desapareceram da terra? Tanmus e Gizida — Então olharam e queixaram-se mutuamente — Quando sobre isso Adapa, se approximou de Anú, o Rei disse a elle: Oh Adapa, Porque quebraste a aza do Vento Sul? — Adapa respondeu a Anú: Meu Senhor.

Eu estava pescando para o meu Senhor, o mar estava liso — Quando sobreveiu o Vento Sul que soprou com força e me derrubou na casa do meu Senhor! Foi a colera do meu coração. — Tanmuz e Gizida, deram uma boa palavra a Anu: o seu coração choroso apazigou-se e elle accalmou-se:

Porque que Ea deixou penetrar no Céu um peccador e olhar no Interior da Terra? Porque fizeram-no grande, e emprestaram-lhe um noine?

O que podiam ainda emprestar-lhe, Alimento da Vida buscavam para elle. Elle não o comeu! Foram buscar para elle a Agua da Vida, porem elle não bebeu. Uma vestimenta provaram-lhe, e elle o vestiu. Procuraram-lhe Oleo, e elle com elle se untou.

Então Anu o considerou, e penalizado por causa delle, disse-lhe: —

Oh Adapa, porque não comeste nem bebestes? *Assim não terás a Vida Eter-*

na. Eu me recordei das palavras de Ea, o meu Senhor, ordenou-meque não comesse, nem bebesse — Eu volto para o meu paiz..... (Faltam as ultimas linhas.....)»

Não é necessario muita perspicacia para reconhecer ahi uma redacção polytheista não simplificada, mas em tudo igual a Biblica. O homem orgulhoso de conhecer o intimo da natureza commette um peccado. Anu chama-o diante do tribunal, e elle enganado por Gisida (Arvore da vida) regeita as aguas da Vida para beber as aguas da Morte.

Anú tem dó d'elle e pergunta o que o enduzion a regeitar a immortalidade — Elle responde por uma evaziva culposa. E coberto de uma veste como a do Adão voltou miseravelmente para a terra.

A epocha das *accommodações* não está longe, antes já é facto de todos os dias, e a mythologia comparada irá o seu caminho deixando sempre contentes os que crêm na Biblia; a estes não desejamos perturbar a doce inconsciencia da fé inabalavel.

Comecemos pelos *Chaldeus* a ver como narram a lucta do elemento humido personificado pelo Chaos primordial, Tiamatu, contra Bel-Maruduk.

Existem bellissimos fragmentos epicos de uma serie de 16 taboas narrando as aventuras de Maruduk em perpetua lucta com os 7 demonios, cuja interpretação naturalista, é a suppressão da Lua pelos eclipses que dizia a lenda ser o combate dos 7 espiritos das trevas contra o deus Sin (a Lua) a quem soccorria Maruduk (o Sol brilhante).

Essa legenda dos eclipses é analoga á dos chi-

nezes, que crêm que a lua está em perigo de ser devorada pelo Dragão da Noite durante o phenomeno.

Do mesmo modo os egypcios criam que Seth, ou Typhon, persegue a Lua nos eclipses.

O periodo de rotação mensal da lua é o olho de Horus (o Sol) que a faz desvanecer progressivamente, semana por semana, e, finalmente, uma vez passada a revolução lunar ella cêga novamente no decorrer de um novo cyclo.

Estas lendas sempre as mesmas suppõem um facto natural de desorganisação da natureza physica, cuja causa inexplicada attribuiam aos máus espiritos em perpetua lucta contra a obra do Ser Supremo e coordenador do universo: dahi as legendas onde se descrevem essas luctas, que mais tarde tomaram uma feição toda moral como a perpetua opposição entre o Bem e o Mal.

Num poema depositado no templo de Nergal em Cutha, lê-se o seguinte.

Historia dos Espiritos do Mal.

«Nos dias correntes (25 de Fevereiro a 3 de Março) são dias aziagos dos máus deuses. Os espiritos rebeldes que foram creados nas partes inferiores do céu trabalham em sua obra espiando com má cantadura ao pôr do sol; como um monstro que se dirige á praia.

Dentre os 7 um era um escorpião. O 2.º uma faisca electrica que ninguem ousa encarar. O 3.º um leopardo... O 4.º uma serpente... O 5.º um cão de

guarda que se enraivece contra o inimigo. O 6.º uma tempestade desencadeada que não se submete nem ao Rei dos Deuses — Anú. O 7.º era o mensageiro da tempestade obra de Anú. O 8.º era o mensageiro do Deus Anú rei delles todos. Cidades umas após outras volta elles seus pés.

O vento enraivecido está nos céos ferozmente rodeado por elles.

As nuvens tempestuosas leves como lãs, extendem no céu a escuridão das tormentas. São ellas que lançam o relampago e o trovão, é a tempestade furente que ennegrece um dia radiante.

Com má tempestade, com o zunido dos ventos elles começam: os trovões de Rimmon marchão; elles dardejam desde os fundamentos dos céus como relampagos que caminham em frente, como monstros que se dirigem á praia. No largo céu a morada de Anú (Uranos)-o Rei, com máus propositos elles ahí habitam sem rival algum.

Então Bel ouvia essas intenções e as palavras penetravam em seu coração. Com Ea o supremo conselheiro dos deuses elle os consultou, e Sin (a Lua), Samas (o Sol) e Ishtar (Venus) foram nomeados para dirigir a empreza nas partes baixas do céu. Elle os fez enfileirar com Anú, *o Senhor das Hostes celestes*.

Tres dentre elles, os deuses seus filhos, ordenoulhes com urgencia que noite e dia não se apartassem do posto indicado.

Então os 7 máus deuses, começam-

do na **parte** baixa do céu *deante da luz de Sin (a Lua) avançaram resolutos*, os deuses Samas (o Sol) e Rimmon (a Athmosphera) e os deuses guerreiros voltaram a seus quartéis.

Ichtar (Venus) com Anú (o Firmamento) escolheram um nobre throno que é glorioso no governo do céu.»

COLUMNA II

Depois de algumas palavras mutiladas descrevendo a perturbação do deus Sin que conserva-se «noite e dia eclypsado, sem assento em seus domínios», continúa a inscrição:

«Porém, os deuses malvados mensageiros de Anú rei delles, olhavam carancudos, e elles ajudavam-se uns aos outros. Combinavam algum plano sinistro os conjurados.

Do meio do céu como um vento elles se arrojavam contra a humanidade.

Bel, via no céu o eclipse do heroe Sin e disse a seu mensageiro o deus Nebo (Mercurio): Meu mensageiro, Nebo, leva minha palavra ás profundezas do abysmo: as noticias de meu filho Sin que está no céu gravemente eclypsado ao deus Ea no abysmo repete-lhe.»

Então Nebo obedeceu ás ordens de seu senhor e desceu ás profundezas onde habita Ea. Ao principio, ao supremo conselheiro, *o Senhor da humanidade*, Nebo, mensageiro de Bel, logo repetiu a nova **nessa** região.

Ea chamou seu filho o deus Maruduk, disse-lhe estas dalavras: «Vae, meu filho Maruduk! a luz do firmamento, meu filho Sin que está gravemente eclypsado, está se separando do céu por cãusa desse eclipse. Aquelles deuses malvados, *serpentes de morte*, não têm temor algum; estes sete deuses inimigos como um tufão *destroem a vida dos homens*, e descem sobre a terra como um torvelinho.

Em frente do brilhante Sin, elles vêm, o heroe Samas e o guerreiro Rimmon e voltaram a seus quartéis; Istar e Anú, o Rei, escolheram um soberbo throno glorioso no dominio dos céus.» ⁽¹⁾

Estes lindos versos, dignos da mais bella epopeia indiana, narram circunstanciadamente as peripécias de um mytho que não era desconhecido dos christãos, como o prova o Apocalypse acima citado, nem dos hebreus orthodoxos como Job.

Este grande poeta hebreu diz claramente: (Job XXVI, 13) — «Seu sopro dá ao céu serenidade: sua mão fende a serpente alongada». Noutra passagem confirma e amplexa esta referencia: — Job III, 8 — «Que ella (a noite de seu nascimento) seria maldita por aquelles que amaldiçoam o dia!

Que são entendidos na arte de invocar o Dragão! Que as estrellas de seu crepusculo fossem obscurecidas!

⁽¹⁾ O longo Poema da Creação, sendo a verdadeira fonte dos Apocalypses todos, será dado por extenso, quando estudarmos a identidade das doutrinas chaldeanas sobre a Immortalidade e a Redempção, comparadas com a *eschatologia christã* e a doutrina do Juizo Final dos parsis.

Que ella esperasse em vão a luz!

E que não mais visse as palpebras da aurora.⁽¹⁾

Nas correcções das traducções da Vulgata são emendadas na biblia ingleza as palavras de Job III, 3 — «*wo are ready to raise up their morning*» — por — «*wo are prepared to arrause Leviathan*» isto é «Que são entendidos na arte de suscitar o Dragão.»

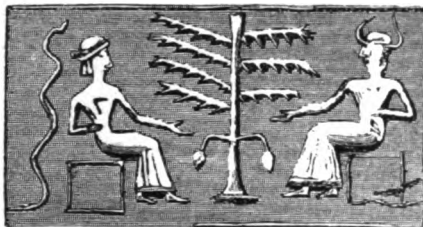
Rectificaram tambem outra passagem de Job (XXVI, 13) segundo melhor philologia — «*his hand had formed the crooked serpent*» — traduzido segundo os Setenta — a sua mão formou a serpente enroscadiça» pela restituição exacta do commentario dos Bispos inglezes: «*hath wounded the flying Dragon.*»

São restituições como esta que desvendão uma lenda acceita na Biblia que confirmam a minha these; porque para affirmal-o temos concordes sobre a lenda dos eclipses um catholico como François Lenormant, os Bispos de Inglaterra que collaboraram no novo commentario que deu em resultado uma revisão da velha traducção de 1611, e um livre pensador como o grande exegeta Edouard Reuss de Strasbourg.

A Biblia, portanto, está fazendo alguns progressos na comprehensão official e acceita dos textos.

Os demonios chaldeus eram conhecidos e cridos pelos hebreus orthodoxos, e as consequencias theo-

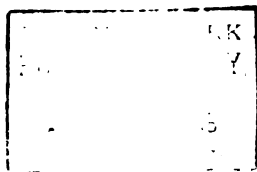
(¹) Lenormant — ob, cit. pag. 103, — I. Edouard Reuss — La Bible — Job, pag. 33. The Speakers commentaries of the Bible, sobre as passagens citadas, pags. 28 e 97 — IV, vol.



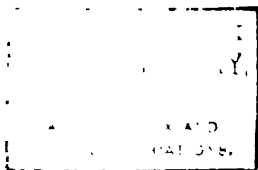
O PECCADO ORIGINAL
(pagina 52)



TAMUZ • GIZ-ZI-DA
(pagina 57)







logicas que dahi decorrem foram ampliadas mais tarde, quando os judeus transplantados para o meio de povos mazdeistas confrontaram os dogmas que se assemelhavam e que levados pela *sympathia* natural para com a nação que os libertára do jugo babilónico, mais se ligaram pela communhão de crenças que não eram incompatíveis.

A magia chaldeana e a interpretação do horoscopo dos recém-nascidos está perfeitamente descripta por Job que amaldiçoa a noite aziaga que o viu nascer para o infortunio. Ora, elle falla naquelles que são peritos na arte de invocar o dragão, o que demonstra a crença do poeta na magia do seu tempo; porque a serpente tem muita preponderancia nessas necromancias, como podemos corroborar com a cobra de Moysés.

Na verdade, esse facto é um dos restos mais manifestos de paganismo que se encontram nas Escripturas.

A vara de Moysés fazia brotar agua da rocha viva, a haste de Aarão reverdeceu no Tabernaculo, de preferencia á dos representantes de outras tribus.

Esses milagres, que lidos em outras paginas menos venerandas, não seriam acreditaveis, prestam-se na Biblia ás mais bellas e poeticas interpretações, como a vara de José, que segundo um Evangelho da Infancia, deitou flores em identico concurso.

Comtudo, o que não é honroso para Moysés é a scena de magia perante Mneptah, o Pharaó obdurado. Diz o Exodo VII 10-12:

«Tendo Moysés e Aarão entrado na presença de Pharaó, fizeram, conforme o Senhor havia ordenado: e lançou Aarão a vara deante de Pharaó e ella se converteu em cobra.

«Mandou vir, porém, Pharaó aos sabios magicos: e elles fizeram tambem outro tanto, por meio de encantamentos Egypcianos e certos segredos.

«E lançou *cada um delles* a sua vara, as quaes se converteram em dragões; mas a vara de Aarão devorou a vara delles todos.»

Não vejo a vantagem de Moysés, que nada de novo conseguiu operar perante os seus proprios professores, uma vez que cada um por seu turno fez outro tanto; apenas com a vantagem de engulil-as inteiras todas juntas, o que prova um estomago bem elastico para caber tantos dragões junctos no bucho!

Mas isto, que em qualquer outro livro provaria apenas o culto da serpente espalhada por todo o Oriente, toma outra seriedade quando se lê nos Numeros (XXI, 6—9): Fez, pois, Moysés uma *serpente de metal!* e pol-a por signal: e os que estando mordidos olhavam para ella, saravam.»

Esse talisman, conservado como era de esperar, até o 8.º seculo, no templo, como um idolo feito por aquelle que tantas leis promulgou contra as imagens, foi, mais tarde, destruida pelos puritanos e iconoclastas que a quebraram como uma velha reliquia catholica qualquer.

A prova desse facto de evolução religiosa é que nos tempos posteriores foi destruído e pulverizado por ordem de Ezequias, o rei pio e reformador do culto degenerado durante os reinados anteriores: (Reis XVIII, 4):

«Elle destruiu os Altos, esmigalhou as estatuas e deitou abaixo os bosques, e fez em pedaços a serpente de metal que Moysés tinha fabricado; porque os filhos de Israel lhe haviam queimado incenso e o chamavam Nehistan.»

Eu desejo que me neguem deante deste facto tão concludente, que não seja um caso de flagrante evolução religiosa.

Moysés estava muito atrasado para os «homens de Ezequias» e era uma velharia como o S. Genaro de Napoles, os santos oleos do S. Remi ou a Tunica de Trêves, que qualquer protestante jogaria de bom grado ás urtigas.

§ VII

O kerubin

Depois do peccado de Adão, Elohim o expulsou com sua mulher do Eden e collocou um kerubin armado de uma «espada de fogo versatil», ordenando-lhe que impedisse a volta dos homens para que não comessem da Arvore da vida e se tornassem immortaes.

Diz o Gen. III, 24: «E lançou fóra a Adão; e

póz deante do jardim de delicias um cherubim com uma espada de fogo versatil, para guardar o caminho da arvore da vida.»

Por muitos seculos não se podia fazer uma ideia precisa da forma plastica com que se devia representar esses seres sobrenaturaes tantas vezes lembrados na Biblia.

Estava reservado a Layard a gloria de revelar a nosso seculo as formas phantasticas dos anjos authenticos, menos bellos e antropomorphos que os de Raphael, porém com certeza mais sublimes e imponentes na sua rudeza hyeratica, impassivel e potente.

Quando em Mossul escavava as ruinas de Nimroud, os trabalhadores descobriram um busto magestoso. Os seus arabes vieram chamal-o em sua tenda dizendo que tinham encontrado um ser colossal que os assombrava como se fosse sobrenatural. Veio o sabio e desenterrou o primeiro desses soberbos especimens de esculptura assyria, cujos traços se combinam admiravelmente com os seres compostos de um amalgama contradictorio de formas animaes incompativeis com a nossa esthetica depurada pelos cinzeis de Phidias e Praxiteles; mas que em compensação são os originaes da visão de Ezequiel.

Essas imagens assyrias encerradas debaixo da camada de areia accumulada pelos ventos do deserto conservaram escondido um enigma secular, que os exegetas em vão tentaram decifrar lançando em suas conjecturas as mais desencontradas hypotheses; ora pediam o seu segredo aos mudos es-

phinges do Egypto, ora aos Centauros da Grecia, ora aos Simurgs da Persia e até mesmo aos deuses disformes dos pagodes budhistas.

Porém não era ahi que estava o segredo: só hoje é que podemos contemplar esses soberbos touros alados dos museus do Louvre e do *British Museum* cujo solemne aspecto dão ideia do immenso poderio desses despotas orientaes que os collocavam nas portadas dos seus palacios e de seus templos, como guardas incorruptiveis de suas pessoas divinizadas pelo absolutismo e pela veneração dos subditos e dos povos subjugados.

O aspecto das immensas escadarias ladeadas por esses colossos nol-o attestam ainda mesmo no estado actual dessas ruinas seculares.

O leitor deve calcular quanto é difficil descrever mesmo cousas de que nos fazemos ideia approximada por nós serem familiares, mas quando se tracta de gravuras onde os olhos são os unicos juizes não é facil comprehender de que se tracta; dahi a facil negação em assumpto de tanta gravidade onde tudo é novo e mesmo desconhecido de sacerdotes, que nunca ouviram fallar desses assumptos de archeologia assyria, que não se encontram em seus rançosos manuaes de theologia.

Eu ponho-me, pois, a disposição dos leitores que quizerem verificar pessoalmente os estupendos documentos gravados e os resultados da sciencia mais escrupulosa e auctorisada em que se acham estudada pelos especialistas mais notaveis da actualidade.

Eu me refiro á interpretação dos assyriologos ao capitulo I de Ezequiel:

«No dia quinto do mez veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel, filho de Buzi, *na terra dos Chaldeus*, juncto do rio Chebar e alli estive sobre elle a mão do Senhor.

4. «Então vi, e, eis que, um vento tempestuoso vinha do norte, uma grande nuvem, e um fogo revolvendo-se nella, e um resplendor do redor della; e no meio della havia uma coisa como côr de ambar, que sahia do meio do fogo.»

5. «E do meio della sahia a semelhança de quatro animaes; e esta era a sua apparencia: Tinha a semelhança d'homens.»

6. E cada um tinha 4 rostos (faces ou lados), como tambem cada um delles quatro azas.

7. «E seus pés eram pés direitos; e as plantas de seus pés como a planta do pé duma bezerra, e luziam como a côr de cobre abrazado.»

8. «E tinham mãos d'homens debaixo das azas, aos quatro lados; e todos quatro tinham seus rostos e suas azas.»

9. «Uniam-se suas azas uma a outra: não se viravam quando iam, e cada qual andava diante de seu rosto.»

10. «E a semelhança dos seus rostos era como o rosto de homens; e á mão direita todos os quatro tinham rosto de leão e á mão esquerda todos os

quatro rostos (semelhança do lado todo) de boi; e rostos d'aguia todos os quatro.»

15. «E vi os animaes; e, eis aqui, *uma roda* na terra junto aos Animaes segundo os seus quatro rostos.»

22. «E sobre as cabeças dos animaes havia uma semelhança de *firmamento*, como um aspecto de crystal, estendido por cima sobre as suas cabeças.»

23. «E debaixo do firmamento estavam suas azas, direitas uma para outra; cada um tinha duas que lhe cobriam o corpo de uma banda e cada um tinha outras duas, que os cobriam de outra banda.»

Depois de perdida a tradição das formas desse conjuncto hybrido de seres cujas combinações plasticas davam um insano trabalho de imaginação; declaram os rabinos do Talmud ainda bastante informados, que ahi havia com certeza ideias pagans e chaldeanas; chegando, segundo uma tradição, a deliberarem a suppressão desse livro do canon acceito.

Porém, em tempos posteriores a palavra «4 rostos» ou *facies* em (hebraico *panèm*, que tem a significação mais lata de apparencia, figura, forma, exterior, e mais propriamente «forma visivel»), causava embaraço em collocar na mesma cabeça 4 rostos um de leão, outro de touro, outro de aguia e outro de homem; razão pela qual perpetuou-se o enigma.

A descoberta dos touros alados com rosto humano de aspecto solemne, de olhar firme, que «não se viravam quando iam», desvendou o enigma quan-

do se lê em Ezequiel (X, 20) na segunda visão: «Estes eram os animaes que vi debaixo do Deus de Israel, juncto do rio Chebar, e conheci que eram kerubins.» Ora em Assyrio *Kerub* é touro alado e *Nirgal* o Leão alado, de modo que se deve combinar a forma dos lados pelas palavras — «a mão esquerda de todos os quatro tinham rosto de leão», eram desse lado segundo a escultura um *Nirgal*, menos o rosto que era de homem, do outro lado — a mão esquerda todos os quatro, rosto de boi»; portanto, como se vê, um *Kerub* desse lado, e o 4.º lado era occupado pelas 4 azas de Aguia que completa o conjuncto apparentemente impossivel, cuja realisação artistica o leitor que tiver visto qualquer gravura sobre assumpto assyrio terá de memoria os touros que occupam os portaes dos palacios em ruina. (1)

A visão nos paragraphos finaes seguintes, contém a descripção «da semelhança da forma da gloria de Jahveh» nas palavras seguintes:

26. «E por cima do *firmamento*, que ficava por cima de suas cabeças, havia uma semelhança de throno, como duma saphira; e sobre uma semelhança de throno uma semelhança do *parecer dum homem*, que estava por cima delles.

27. «E vi como a côr d'ambar, como o parecer de fogo pelo interior delle, desd'o *parecer de seus lombos* e dahi para cima; e desde o *parecer de*

(1) Abbé Vigouroux — La Bible et les Découvertes Modernes — IV volume, planches LXXXII et LXXXIII.

seus lombos e dahi para baixo, vi como a semelhança de fogo, e um resplendor ao redor delle.

28. «Como o *parecer do arco*, que apparece na nuvem no dia de chuvas, assim era o parecer do resplendor em roda; *este era o parecer da semelhança da gloria do senhor*: e vendo-a eu, cai sobre o meu rosto, e ouvi a voz de quem fallava.»

Basta transcrever essas lindissimas descripções, de um contemporaneo que viu os monumentos babilonicos em todo o seu esplendor, e comparal-os com as gravuras dos archeologos.

Em Pierrot e Chipiez⁽¹⁾ encontradas numerosas representações de Bel, tal qual se acha descripto.

Ahi se reconhece a immensa *roda* que se levantava no espaço muito acima do *Arco Iris* que estava em suas mãos como arma da divindade, ahi estão as azas colossaes estendidas como *firmamento*, e o *busto humano* rodeado de *fogo*; nada falta para demonstrar um emprestimo patente feito a uma religião estrangeira.

Onde está a originalidade, da Biblia quando Jahveh para se apresentar dignamente aos hebreus empresta o *apparato* de Maruduk?

Supponhamos por exemplo que d. Pedro II de passeio na Russia, tivesse esquecido de levar nas malas o celebre manto de papos de tucanos e mandasse emprestar do Czar o manto de arminho, o

(1) Pierrot et Chipiez — Histoire de l'Art dans l'Antiquité — Assyria, pag. 89.

sceptro e a corôa para se apresentar dignamente numa recepção solenne.

O menos que se diria é que d. Pedro II, sem papos de tucanos não era *original*, e muito menos nacional.

Para convencer-o aconselho quo leia o abbade Vigouroux para vêr como, uma vez confessado o facto, são inuteis os esforços sobre humanos que causam riso, para justificar e até se fôr possível nobilitar o empréstimo de Baal a Jahveh.

Nos menores accessorios é que melhor se desvenda a copia.

A espada de fogo versatil, que Oppert traduz com mais propriedade «a chamma do gladio girador», é arma de guerra dos sumirianos descripta num soberbo dithyrambo guerreiro de um poema accadiano antiquissimo.

E' um disco de cincoenta pontas com sete raios concentricos que lançava-se rolando como o impulso dado a uma funda.

O nome hebraico *lahat*, o mesmo dado no poema accadiano, é traduzido em assyrio por *lihit*; era tambem conhecido na poesia vedica com o nome de *tchakra*, arma que pela descripção se verá como era antiquissima e desusada em epochas posteriores.

CANTO DE GUERRA ACCADIANO

«Os deuses como passaros... em presença do terror immenso que derramo, igual a do deus Anú, quem levanta a cabeça? Eu sou senhor. Os mon-

tes escarpados da terra agitam com violencia seus cumes sobre seus fundamentos.

A montanha de marmore e de alabastro eu a tomo em minhas mãos. Espirito divino... como um passaro de presa que se roja sobre os passarinhos, na montanha por meu valor heroico decido a contenda.

Na minha dextra empunho o *disco de fogo*, na esquerda ponho meu disco mortifero.

O sol de cincoenta facetas, a arma ingente de minha divindade eu a empunho. O valente que derrue montanhas, seu sol que não se pode voltar, eu a aferro.

A grande arma que como a espada, devora em circulo os cadaveres dos combatentes, eu a detenho.

Aquelle que curva os montes, o peixe de sete azas, eu empunho.

A lamina flammejante das batalhas que devasta os paizes rebeldes, eu detenho.

O grande gladio que dispersa as fileiras valentes, eu detenho o gladio de minha divindade. A alegria dos heroes, a lança que faz a força das batalhas, eu empunho.

O laço que envolve os homens e o arco do raio, eu aferro.

A clava que arrasa as moradas dos paizes rebeldes e o escudo da batalha, eu detenho.

O raio da batalha, a arma de cincoenta pontas, eu empunho.

Igual á serpente de sete cabeças, igual á ser-

pente que bate as ondas do mar atacando os inimigos em face.

A devastadora no choque das batalhas, estende o poder sobre o céu e a terra, fazendo emitir seu brilho como a luz do dia, o deus ardente do Oriente, eu empunho.

O creador do céu e da terra, o deus do fogo cuja mão não tem igual, a arma que derrama o terror sobre as nações, (*na minha possante dextra*) de ouro e marmore que faz a força do deus ministro da vida em seus encantos, empunho.

A arma de cincoenta pontas que combate os paizes rebeldes, aferro.»

Esta poesia cantada por algum Tirteo accadiano resurge do antigo olvido em que jazia uma litteratura das mais antigas do Oriente em cujos archivos desenterrados e decifrados revelam dia a dia os arcanos das crenças chaldeanas. Essa mina que apenas ha 50 annos começou a ser explorada, não disse ainda a ultima palavra. Porém o que até aqui tenho exposto é bastante para provar á saciedade as origens do judaismo, cujos antepassados desconhecidos vêm reivindicar os seus direitos de auctores originaes de tantas crenças apenas conhecidas pelas paginas mirradas do Genesis.

A flora dessa poesia é bastante rica para testemunhar quanto saber e quanta imaginação exuberante existiu nessa raça semitica hoje decadente, monotheista e esteril como os desertos da Arabia e da Libia.

Não é só da Assyria que vieram os modelos dos cherubins descriptos pelo Pentateuco.

O Egypto tambem serviu de modelo a Moysés quando construiu a arca com os dous Kerubins alados, um em frente ao outro, tendo as azas estendidas para a frente como que cobrindo as taboas da lei nella encerradas.

Ora, ha uma forma de sacrario que serviu de modelo, são os navios sagrados que sulcavam o Nilo encerrando a imagem de Amon-Râ em cujo centro se vê em pé dous seres antropomorphos alados na attitude descripta no Exodo XXXVII, 7: —

7. «Fez tambem dous cherubins d'ouro batido ao martelo, os quaes poz aos dous lados do Propiciatorio.

8. «Hum cherubim na summidade dum lado, o um cherubim na summidade do outro lado: os dous cherubins nas duas summidades do propiciatorio estendendo as azas, e cobrindo o Propiciatorio, e olhando um para o outro e tambem para o Propiciatorio.»

As barcas que sulcavam o Nilo seguidas de innumeravel multidão sobre barcas ornamentadas de modo deslumbrante, seguiam processionalmente de uma a outra barranca do rio, onde eram recebidas com pompas e cerimoniaes solemnes. Wilkinson, em sua obra classica sobre os costumes egypcios, reproduz esses prestitos pictorescos e dá o *desenho de varios modelos que poderiam ter servido á arca do Moysés.* (1)

(1) Wilkinson — *Maners and costumes of the ancient egyptians* — vol. III pag. 357.

A mesa desenhada no arco triumphal de Tito é a segunda, a arca primitiva era egypcia segundo todos os auctores competentes, como Vigouroux e Lenormant.

O commentario protestante diz expressamente que a Archa antiga foi levada e destruida depois da tomada de Jérusalém pelos babylonios (Speaker's, Bible I, 305).

Tanto os anjos como os demonios tiveram uma evolução emprestada alternativamente aos povos que avassalaram os judeus; os ultimos que foram os Persas deram um desenvolvimento extraordinario á demonologia e á hierarchia dos anjos que serviu de modelo aos judeus e aos christãos dos primeiros seculos.

Eu, que não gosto de afirmar sem prova imparcial, apresento as palavras do commentario dos bispos inglezes, acima citado.

Tractando do Ashmodeus de Tobias que é manifestamente o Eros ou o Amor, é chamado *Aéshma* — *deva* no *Bundahis* traduzido na grande *collecção de livros sagrados da Azia*, editados pelo grande orientalista Max Müller,⁽¹⁾ que diz ser um dos demonios persas mais authenticos acceitos pelos judeus.

Nesse tractado de religião zoroastriana se póde ler longamente a hierarchia e as attribuições especificadas dos anjos e dos demonios.

O commentario ⁽²⁾ citado diz a esse respeito: — «*Este nome (de Asmodeu) é usualmente considerado como tendo sido pedido emprestado dos Persas que*

⁽¹⁾ Max Müller. — The sacred Books of the East — V. pag. 108.

⁽²⁾ Speaker's commentary of the Holy Bible, vol. I, 196 — Apocrypha.

tão largamente influenciaram nos ultimos tempos a Angiologia e a Demonologia dos judeus.»

Não preciso insistir sobre um assumpto que poderia ainda, se quizesse, corroborar com mais factos irrecusaveis e irrefutaveis.

Basta-me ter provado com estes documentos claros e evidentes, que cada nação que alternativamente se assenhoreavam dos hebreus se tornavam nesses peridos de ascendencia politica os modelos da noção que os captivos faziam e nos transmittiram sobre a vida dos seres sobrenaturaes e da vida suprasensivel.

Se o Kerubin do Eden é accadiano, o da Archa é Egypcio, como o de Ezechiel é Babylonico e o dos Rabinos é Persa.

Podem attenuarem quanto quizerem as consequencias doutrinarias desses factos; porém minha these fica de pé.

Houveram emprestimos numerosos ao polytheismo que estava no ambiente das intelligencias contemporaneas, cujo influxo sobre a theologia judaica ainda nos domina sem sabermos donde vieram, e que no entanto acreditamos sem suspeitar a quantidade de paganismo que mesmo hoje respeitamos.

CAPITULO IV

Os filhos de Adão

Ao redor da primeira familia humana está congregada uma serie de mythos sobre as origens da civilisação, que ainda não foram bem elucidados pelas incripções cuneiformes.

Mas em cumpensação não nos faltão elementos de origens phenicias referentes aos irmãos Kabiros, em que se tracta de explicar a origem dos primeiros inventos attribuidos a essa era anti-diluviana.

Não é o menos notavel dessas tradições o costume barbaro dos sacrificios humanos, que fazem remontar ao fratricidio de um irmão pastor, victima imbelle de um outro agricultor, pai da raça guerreira industriosa e fundadora da primeira cidade.

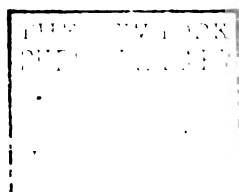
Este costume perdurou sempre entre os semitas, que nos ultimos tempos procuraram humanisar quanto possivel esse costume, oriundo directamente da antropophagia primitiva tão preconisada entre os selvagens, mesmo relativamente civilisados, como os mexicanos, onde esses horrores tomaram proporções apenas imitadas pelo Dahomey.

A evolução sociologica mostramos a cada mo-



ARCHA EGYPCIA

(pagina 77)



mento como é persistente esse atavismo que tomou formas multiplas de attenuações successivas até o periodo em que nos foram conservados pela *legislação prohibitiva* do Pentateuco, analoga na essencia e na forma, á uma celebre inscripção phenicia encontrada em Marselha, na qual lemos uma tabella de sacrificios com attenuações do sangue humano pelo de animaes.

O mesmo costume semita, apenas minorisado, recrudescia nos momentos de grande angustia popular, em que não era possivel aos sacerdotes deixarem substituir o sangue humano pelo animal.

A attenuação do sacrificio foi considerada muitas vezes como um esquecimento contra as exigencias do implacavel Moloch, e, apesar disso, os sacerdotes obtiveram na occasião do cerco de Carthago, de uma só vez, o sacrificio de tresentas creanças das familias mais illustres. Diodoro de Sicilia descreve-nos o horrendo idolo da maneira seguinte: —

«Ha entre os Carthaginezes uma estatua de bronze, representando Kronos (Saturno); esta estatua estende as mãos e os braços inclinados em declive rapido, de tal fórma que a creança collocada sobre a mão rola e cahe n'uma fornalha.» — Este costume phenicio é o mesmo de todos os semitas cujos ritos eram identicos e motivados pelos mesmos preconceitos atavicos, ainda subsistentes nessa epocha.

A substituição do filho pelo pai, facto commum na Biblia, era acompanhada pelas horrorosas palavras seguintes de um antiquissimo ritual accadiano,

pronunciadas pelo sacerdote no momento de lançar a imbellle creança no ventre do monstro abrazado, e isto em presença dos proprios paes: —

1. «O descendente que se eleva na humanidade;
2. o descendente por sua vida deu,
3. a cabeça do filho pela sua deu,
4. a fronte do descendente por sua fronte offereceu,
5. o peito do filho por seu peito offereceu.

E lança-o a rolar nos braços do idolo candente!

Parece incrível que fosse real um tal costume, mas que fazer?

Os documentos se accumulam uns empós de outros; é forçoso estudal-os.

Nas inscrições dos templos semitas, onde foram encontrados, esses documentos não offerecem duvida alguma ao historiador.

Não será então porque se lê a Biblia com os olhos da prevenção e do preconceito religioso que se nos faz impossivel encontrar ahi o que em qualquer outro livro sagrado do Oriente não repugnaria aceitar como provado?

Vejamos se é solido o baluarte. O que logo salta á vista é que as leis mosaicas contêm preceitos prohibitivos contra esses nefandos sacrificios. (Levitico XX, 1-8).

Logo, conclue o leitor crente fervoroso, está negada de ante mão toda a deducção contraria.

Vamos mais de vagar, e andemos mais um passo.

Factos complexos e obscuros, como os costumes atavicos, deixam traços inapagaveis de sua passa-

gem; e a prova está na propria lei prohibitiva que suppõe factos delictuosos, com uma intenção determinada, segundo os costumes da epocha e da nacionalidade.

Basta lembrar um exemplo brasileiro: o Codigo Criminal, reformado, incluiu a capoeiragem como crime particular digno de definição e penalidade especial.

Seria curioso ver um criminalista estrangeiro, commentando o nosso codigo, qualificar-o de lei inutil porque em seu paiz não existe especimen desses costumes de selvageria puramente nacional aqui, e sem equivalente n'outros codigos.

Pois então, andemos mais um passo, e supponhamos uma lei prohibitiva dos sacrificios humanos entre nós, cousa essa que não é impossivel visto termos nas mattas ainda muitos selvagens anthropophagos capazes de comer seus semelhantes em honra de Tupã.

Seria uma lei inutil, o que nunca se suppõe; porque a auctoridade da lei não se estende sobre elles, nem elles têm nossas opiniões.

Desde que lá chegasse a nossa lei elles cessariam de ser selvagens.

Parece esta argumentação *ex-absurdum* clara demais para quem tiver algumas noções de sociologia; mas não é sufficiente ainda para = apologistas biblicos = que não querem comprehendel-a.

Ha no livro de Josué (V, 2) um facto que costumão appresentar como concludente contra a anthropologia prehistorica. Ahi se lê: —

«Naquelle tempo disse o Senhor a Josué: Fazei um *canivete de pedra* e circumcidaí segunda vez os filhos de Israel.»

Não indagaremos se um exercito poderia se sujeitar a essa «segunda» operação, entre duas ou mais batalhas.

O que é facto, é que ahi encontrou-se uma grande quantidade dos taes «canivetes de pedra» perfeitamente semelhantes aos do periodo da pedra polida.

Mencionamos esta controversia biblica de proposito, para mostrar o systema de argumentação negativa usado pelos theologos, em semelhante assumpto tão escabroso para elles.

Já antes, eram conhecidos factos analogos de persistencia de costumes primitivos, dentre os quaes avulta o uso da pedra polida nos sacrificios humanos como material *mais puro* que o bronze e o ferro; facto esse que todos os sociologos estão accordes em considerar como uma das melhores provas em favor do espirito conservador das religiões da antiguidade classica.

Exactamente por interpretarem mal esses factos, é que perseveram na negação da sobrevivencia e do atavismo dos selvagens que legaram esses costumes.

A duração dos sacrificios humanos chegou até a implantação completa do Christianismo.

Não foram só os máos imperadores que o praticaram em larga escala, como Tiberio, Nero e o crapuloso Heliogabalo; outros mais humanos e que passaram por verdadeiros benemeritos da humanidade,

fizeram leis prohibitivas que outros ou elles proprios violaram.

Octavio sacrificou 300 prisioneiros de Pelusia aos manes do *Divus Julius*. Pompeu sacrificou a Neptuno. Havia mesmo um sacrificio annual a *Jupiter Latialis*.

Os S. S. P. P. recordão casos innumerados em todas as partes do Imperio Romano.

As proprias mulheres sacrificavam recém-nascidos nas practicas da theurgia e da necromancia oriental.

A practica, pois, desses horrores éra tão universal na antiguidade, como a escravidão dos vencidos que forneciam victimas sempre desprotegidas pelas leis, e entregues ao arbitrio dominical.

Seria uma excepção inexplicavel na historia antiga se os hebreus fossem os unicos exceptuados dessa regra geral.

As leis mosaicas depõem accordes sobre estes costumes inveterados. As prohibições não negão directamente o principio da propriedade de Jahveh sobre o sangue dos primogenitos; elle aceita e aconselha a substituição de um *carneiro* por uma creança nos mesmos termos da tabella dos preços dos sacrificios phenicios encontrados em Marseille.

Dizem trez textos exactamente a mesma cousa sobre essa doutrina. O Exodo XXXIV, 19; Os Numeros XVIII, 15 e 16; e mais expressamente ainda os Numeros III, 12 e 13: — «santifiquei todo o primogenito em Israel, desde o homem até o animal: meus serão; Eu sou o Senhor».

Qual a rasão desse direito e a sua prova? Essa

mesma passagem incumbe-se de motivar a lei e o principio.

«Porque todo o primogenito meu é: desde o dia que tenho ferido a todo o primogenito na terra do Egypto.»

Elle reserva uma tribu — a dos Levitas «em lugar de todo o primogenito que abre a madre das filhas de Israel».

Mas se esta excepção e essa consagração da tribu sacerdotal é uma attenuação para os hebreus, a mesma graduação se estende aos animaes que valem, segundo as leis acima citadas, uns menos que os outros.

Ora, queira o leitor attender para o motivo dessas leis, e verá claramente que ahi, como nas primeiras leis, acima citadas, tracta-se de uma substituição.

Se não continuo a acceitar os vossos filhos é porque recebo em meu serviço uma tribu inteira, a de Levy, que me servirá e não terá outros encargos na sociedade senão os meus, diz Jahveh a Israel.

E se duvidam que me pertencem, lembrem-se da hecatombe dos primogenitos na terra do exilio.

Concluamos pois, que se ha substituição, o motivo do sacrificio, que é o direito de Jahveh, não desapareceu, mudou de forma e mitigou os sacrificios sanguinolentos; isso prova que houve uma transição suave e, portanto, uma evolução no judaismo, analoga a da tarifa dos sacrificios ao Molock Carthaginez.

Até aqui temos interpretado as leis mosaicas, combinadas com os costumes semiticos coetaneos.

Dessa analyse deduzimos, como, em qualquer outra lei criminal historica, as ideias em que se fundava a evolução anthropologica dos sacrificios humanos, em toda a antiguidade.

Agora vejamos, pelos annaes da Judéa, se os factos, ali exarados, tem outra significação differente que a dos povos visinhos.

Em primeiro lugar o capitulo IV do Genesis contém uma questão de sacrificios, devidos a Jahveh, em que intervem dous factos característicos: um fratricidio coincidindo com a fundação de uma cidade antiquissima.

Tractamos do fratricidio de Kain, o agricultor, na pessoa de seu irmão Abel, o pastor.

Os assyriologos dão como prova da origem chaldeana desse mytho, a propria derivação dos nomes dos membros que compunham a primeira familia humana. Assim, já vimos que Adão deriva-se *Adamatu* — a terra fertil do assyrio d'onde veio o nome de *Admu* — o homem; Enosch tem a mesma significação de *homem*; como Eva derivada da palavra assyria *havah*, que quer dizer a *vida*, e por-consequente dá o nome áquella d'onde provêm os filhos, e exactamente Abel vem de *habal* ou *filho* nome muito usado como o *ben* entre os arabes para indicar a filiação. D'ahi, verificamos claramente que são os nomes ou substantivos que designam, como nomes proprios, as tres pessoas da familia natural: o pai, a mãe e o filho. ⁽¹⁾

⁽¹⁾ E. Schrader — Die Keilinschriften und das Alte Testament. — pag. 44 —

Era um facto bastante geral na antiguidade, servirem os sacrificios humanos de preliminar nas fundações de cidades, muralhas ou templos, cuja consagração fazia-se com o sangue das victimas.

Porém, o que mais especialmente, está ligado a esses sacrificios é a lenda do fratricidio, tal como a vemos na conhecidissima historia de Romulo e Remo, que não é a unica em seu genero; pois que, no Egypto, na Grecia e na Phenicia, poderíamos citar outras identicas, colligidas nos tractados de mythologia comparada.

Quanto á Chaldéa, que é o nosso ponto de vista mais immediato, sabemos pelos dados etymologicos que a familia de Adão tem muitas semelhanças com a de Lameck. Diz Sayce,⁽¹⁾ a esse respeito que: Lameck deve ser o equivalente de *Lamga*, um nome do Deus — Lua; que Adah e Zillah, as mulheres de Lameck, correspondem ao assyrio *eda* e *tsillu*, as «trevas» e a «sombra», Jabal e Jubal são meras variantes da mesma palavra assyria *Ablu*, «filho» (derivado de *abalu* «trazer para baixo») coincide com o nome de Abel de derivação mais clara ainda. *Ablu* refere-se ao «unico filho» Tammuz, que era um «pastor» como Jabal e Abel, e cujo fim prematuro foi commemorado com o instrumento musical de Jubal. Como de facto, em Chypre elle era conhecido como filho de *Kinyras*, nome que relembra o *Kinnôr*, «a harpa». Adonis — Tammuz, dizem que foi morto por *Arés* sob a forma de um javali,

(1) Sayce — Op. cit. Hilbert's Lectures for 1887 — pag. 186.

e Arés era identico com o Adar ou Uras babilonico, «o deus dos porcos», cujo nome (An-Bar) usado ideographicamente para denotar — «ferro», está em curioso parallelismo com o facto que Tubal-Caim, o filho de Lameck, era «mestre de toda a obra de cobre e ferro», Gen. IV, 22.

Muitos autores affirmão que Tubal-Caim é o duplo de Caim, e que foi elle e não seu pai Lameck que matou o «Jovem» (*yeled*), em assyrio, *ilathe*, um dos titulos de Tammuz. Adão, como pôde ser verificado (á pagina 153 da mesma obra) — cujo titulo relembra-nos Caim, era «lavrador da terra» deus das tamaras «o principal producto agricola de Babilonia».

O nome de Erech era em accadiano *Unu-Ki* «o lugar da fundação». O que faz lembrar o nome da Enochia de Caim.

Ora, nós sabemos que era nessa epocha do anno chaldeu que encontramos o terceiro mez como a estação do anno mais appropriada, no clima da Mesopotamia, para o fabrico e a dessecação dos tijollos. Era, por isso, chamado «o mez da construção dos tijollos» correlato ao «mez dos dous gemeos reaes», conservado por intermedio dos gregos, entre os signos do Zodiaco, que ainda usamos.

A opposição entre os dous gemeos está indicada pelo proprio signo que os colloca em sentido vertical inverso. A outra forma usual deste 3.º signo zodiacal é uma simples pilha de tijollos que relembra a primeira cidade, a *Henochia* de Caim.

Não ha duvida que nos falta uma *prova directa*

de uma inscrição cuneiforme tractando dessa parte da Cosmogonia.

Comtudo, conhecemos mythos que nos conduzem logicamente a concluir a sua origem chaldeana.

Sabemos pela lista dos mezes que no 3.º do anno chaldeo se celebrava o deus «Schin, filho primogenito de Bel» — o deus Lua, que segundo a inscrição referente a este mez que se lerá mais adiante, é o «mez do gemo real.»

Este deus tem um irmão de origem solar, que preside ao mez seguinte, o de *Dûx*, isto é, *Adar*. Estes dous filhos de Bel apparecem em antagonismo n'um curioso mytho conservado pelas fontes gregas, onde recebem os nomes de *Nannaros* e de *Parsondas*. *Nannaros* consegue, por astucia, apoderar-se do seu rival, e prevalecendo-se de sua força herculea, o detém até o ultimo gráo da effeminação, até a perda da virilidade.

Um dos deuses mais ferozes do pantheon semita, é esse exactamente: *Adar*, «o Sol do Sul» — quando chega ao seu apogeo de calor estival.

A identificação desse deus com o Molok da Phenicia, adorado em Sippara, sob o nome hebreu de *Adar-Melek* (Reis, XII, 31) é o equivalente exacto de *Samas* (o Sol); ou pelo menos, representa-o n'uma de suas phases. Nessa accepção, elle é o «Sol do Estio» cujos raios intensos e devoradores depauperam as searas, e que só se applaca com o sangue das victimas humanas.

O Rei David, como veremos adiante, cria nesse poderoso prestigio do sangue humano, quando *aban-*

donou os filhos de Saul para serem «enforcados» perante Jahveh.

Comquanto não sejam ainda sufficientemente completas as fontes chaldeanas, podemos apezar disso, ajudados pelos documentos phenicios, tão semiticos como os judaicos, por em perfeita evidencia a sua connexão com as indicações do documento que acabamos de apresentar.

Não é meu proposito afastar-me dos documentos chaldeus neste assumpto, apezar de rejeitar os insufficientes. Porem aqui o subsidio é tão poderoso pelo valor, que basta apresental-os para se ver logo como, com muito menos elementos, se reconstitue pela mythologia comparada, uma lenda espalhada entre todas as raças do Oriente e do Occidente. Os Phenicios, alliados aos judeus por muitos laços, não sendo o menor o facto de serem phenicios os architectos do templo de Salomão, espalharam, pelo Mediterraneo, o culto dos irmãos *Kabirim* cujos mysterios formão um dos documentos com os quaes remontam á civilisação do mythico Kadmos, o phenicio civilisador da Grécia heroica.

A profundesa philosophica desse culto, attrahiu a attenção de muitos pensadores da antiguidade, curiosos de todas as sciencias como Pythagoras, illustres pelo saber e pela eloquencia como Varão e Cicerone que se iniciaram nesses mysterios da civilisação fundados pelos irmãos Kabiros, grandes industriaes no ferro e na architectura. Nos monumentos graphicos desencavados nas ilhas do mar

Egeo, vemos a scena do assassinato do mais moço pelos mais velhos. (1)

Eram em numero de tres, como os filhos de Adão, sendo que um delles tem o nome exactamente de Adão, o que o faz irmão e não pai dos irmãos inimigos, emquanto que o Genesis diz que o 3.º filho de Adão foi dado ao primeiro homem, em substituição do seu preferido Abel.

Os Kabiros eram tambem venerados como os primeiros paes e civilisadores da humanidade, pondo-os assim em concorrência com Prometheu, a quem as raças arianas attribuiam eguaes meritos de iniciador e de perseguido por causa de seu amor para com os homens.

Ora, segundo o Genesis, IV, o filho de Kain chamava-se Enosch, isto é o *Iniciador*, e a primeira cidade symbolisa portanto a Enochia ou os primordios da vida sedentaria e civilisada, em contraposição aos virtuosos pastores que a viam de seus desertos como focos da corrupção dos costumes; ao passo que são elles, os justos da raça de Sem ou de Abel, os dominados e os perseguidos pelos possuidores das primeiras armas de bronze e ferro contra as quaes não podiam offerecer resistencia unicamente com suas flechas imbelles.

D'ahi a opposição de duas raças: a dos justos descendentes de Sem, e a dos ferozes filhos de Kaim, orgulhosos de suas armas, e de suas forças, como Lamek o pai de *Tubal* — *Kain*, isto é, de Tubal

(1) Decharme — *Mythologie de la Grèce Antique* — 253.

o ferreiro; o qual, segundo uma das etymologias explicativas, como ha outra no Pentateuco, — «era o mestre de toda a obra de cobre e ferro.»

Os predicaos dos patriarchas civilisadores antediluvianos eram tambem, segundo o historiador Phénicio Sanchoniathon, de Byblos, attribuidos aos irmãos *Kabirím*: «são elles, diz um dos seus fragmentos, que inventaram misturar a palha picada com a argilla para fabricar os tijollos, fazel-os secar ao sol e construir edificios com tectos».

Estas particularidades fazem a luz sobre os mythos que rodeam a primeira familia humana. Que poderá mais o leitor, que leu a inscripção assyria acima transcripta, exigir, como prova, para deixar de concluir connosco que a lenda é semitica e que, como tal, em nada differe dos outros elementos até aqui trazidos á sua meditação, como servindo definitivamente de commentario ao texto do IV capitulo do Genesis?

Nada. Sómênte o preconceito e os commentarios avelhantados poderão negal-o, sem fundamento nos recursos da moderna exegese.

Nas considerações que precedem, tractamos do mytho dos dous irmãos inimigos e do sacrificio devido aos deuses.

O Genesis dá a feição moral de maneira a se acreditar que essa lenda toma apenas as proporções de uma rivalidade resultante da preferencia, de Adão pelo filho mais moço, tal como nol-a apresentam as Escripturas.

Porém, quando se põe em confronto com as lendas sobre o começo da civilização verificamos que ahi se tracta da forma dos sacrificios de sangue humano, na occasião da fundação de uma cidade; merecendo preferencia a do sangue dos animaes, feitos pelos pastores, em contraposição com os barbaros costumes dos povos agricultores e industriosos, degenerados pelo orgulho da força e da organização social mais elevada do que a dos pastores nomadas, sempre victimas imbelles dos despotas organisadores de vastas metropoles, séde da corrupção aos olhos dos pios semitas do deserto.

Ora, essa evolução do sacrificio é confirmada pela lenda do sacrificio de Abraham, que, como sabemos, levou ao alto de uma montanha seu primogenito, Isaac, para sacrificar-o em obediencia ás ordens do Senhor, facto que se não consumou por ser detido o braço que já se alçava imminente sobre o còlo do filho prompto para receber o golpe.

A lenda não se esquece de acrescentar que um cordeiro foi visto muito a proposito embarçado pelos cornos nos arbustos proximos, e issò para o fim de ser offerecido em lugar do primogenito poupado pela voz, que como *um deus ex machina* de um dramalhão antigo, veio muito a proposito salvar a situação.

Ahi está claro o intuito da lenda, não supprimindo a obrigação do sacrificio paterno, porém atenuando-o pela substituição de um cordeiro.

E' o proprio espirito das leis, acima citadas, que

ahi o apresentam como modelo de abnegação quasi christã, porem cujo principio religioso funda-se antes no egoismo dos pais que não duvidavam trucidar os filhos para salvarem a propria vida em perigo, comon o caso typico da circumcisão do filho de Moisés.

Eis aqui a curiosissima passagem do Exodo IV, 24, sobre a salvação de um pai, em risco de vida, por causa de uma doença qualquer, e resgatado pelo sangue de seu filho: —

20. «Tomou Moisés sua mulher, e seus filhos, e os levou sobre um jumento e tornou-se á terra do Egypto, e Moisés tomou a vara de Deus na sua mão.

24. «E aconteceu no caminho, n'uma estalagem, que o Senhor o encontrou e o quiz matar;

25. «Então Zippora tomou uma *pedra aguda*, e circumceidou o prepucio do filho, e o lançou a seus pés e disse: Certamente que és um esposo sanguinario.

26. E desviou-se delle.

Então ella disse: Esposo sanguinario por causa da circumcisão.»

Esta passagem tem, como muitas outras analogas, dado insano trabalho para ser explicada com os recursos só da theologia medieval. Como comprehender que Moisés estava em perigo de ser morto por Deus que o tinha encontrado n'uma estalagem e o quiz matar, a elle, que vinha ao Egypto com a gloriosa missão de libertar seu povo?

Qual o motivo que o fez merecer a morte, quando

elle acabava apenas de ser investido dessa missão, pelo proprio Deus que o quer matar sem razão nenhuma apparente?

Como poderia elle ter esquecido um rito que as leis prescrevem e ao qual o proprio Abraham se submetteu, na avançada idade de 99 annos, como se lê no Genesis XVII, 23?

Está ahi um problema insolúvel, quando se esquecem que os semitas tinham um meio de salvar a vida do pai doente ou em perigo imminente de desastres na fortuna ou nas guerras de invasão do territorio da patria: era o sangue dos filhos que a todos redimia, applicando o deus nacional irritado.

No caso de Moisés está uma attenuação do sacrificio, reduzido apenas á secção d'um pequeno fragmento dispensavel do corpo, por meio do rito da circumcisão que, segundo Spenser, ⁽¹⁾ é o ultimo estadio a que se reduziu o sacrificio humano, depois de atravessar as formas barbaras que Lombroso e todos os anthropologistas ensinam, e cujo signal evidente está no proprio instrumento do sacrificio, um *silex agudo*.

Ora, todas as nações da antiguidade consideravam a pedra como uma substancia mais pura e sagrada do que os metaes, de uso mais moderno, e Wilkinson ⁽²⁾ confirma que era a pedra usada no embalsamamento das mumias e na circumcisão entre os Egypticos; o que demonstra que são ritos sanguinarios que se

⁽¹⁾ Spenser — Sociologie — Volume I — § 141 — pag. 371.

⁽²⁾ Wilkinson — Manners and costumes of the Ancients Egyptians — pag. 386 —

subsistiam em idades já historicas por outros mais humanos.

Os canivetes de pedra não são os unicos resquícios de superstições sanguinarias conservadas na Biblia, o que nos certificam dos usos do periodo fetichista, dos quaes se póde deduzir que são documentos de anthropologia prehistorica, tão authenticos como os observados entre os selvagens contemporaneos.

Se a sciencia enfeixa, entre os documentos fornecidos pelos viajantes nas regiões mais affastadas do globo, tudo quanto diz respeito ao uso das lesões sobre todo o craneo, sobre o rosto como nos negros africanos, ou sobre os beiços como osba toques dos botocudos e os desenhos variegados e duradouros da tatuagem, a indicação da identidade de origem de taes factos se estenderá até aos aneis appensos aos narizes das celestes apsaras indianas, assim como tambem (*mirabile dictu*) aos brincos das nossas elegantes.

Se assim é, porque rejeitaremos dessa cathegoria as prescripções das leis, dictas de Moisés, indicando taes costumes entre os antigos judeos como se prova com o Levitico XIX, 27:

« Por causa de um corpo morto não fareis cortaduras na vossa carne: Não fareis em vós algum escripto de picaduras (tatuagem). »

Haverá quem hoje duvide que os ritos sanguinarios, nos funeraes, eram de uso na antiguidade, como se vê na Iliada de Homero quando Achilles sacrifica prisioneiros sobre as cinsas de Patroclo, ou como os romanos aos manes de Julio Cesar?

Será também duvidoso que a tatuagem é essencialmente um resto de barbaria, indicando insensibilidade physica e moral nos criminosos por atavismo?

Uma vez que assim é, por que motivo a Biblia, ficará isenta de depôr, como testemunha do antecedente estado do homem, como puro selvagem primitivo, lenta e progressivamente civilisado?

Não serão certamente *os canivetes de pedra*, com os quaes Josué circumcidou, de uma só vez, durante a invasão, todo o exercito hebreu, que alcançarão desmentir conclusões que não espantam nem revoltam os modernos anthropologos, os quaes tantos outros factos identicos recolheram entre outras raças humanas.

Não comprehendo como esses factos numerosos de sacrificios humanos, praticados pelos chefes mais pios e venerados da antiga Judéa, como Samuel, Jephtéh e David, modelos de fidelidade a Jahveh, estejam em companhia de outros attribuidos a reis infieis como Achaz e Manassés que queimaram seus proprios filhos, nas mesmas condições do de Akab; não comprehendo, repito, como apesar das expressas disposições deuteronomicas, esses e outros reis se acham contemplados na longa lista dos barbaros que fizeram «passar pelo fogo» seres humanos.

Vejamos cada um desses factos para nos certificarmos de que os Juizes não foram censurados nos annaes antigos, ao passo que os 2 reis, acima apontados, receberam a execração biblica, por esses

mesmos actos, externados pela voz vibrante dos prophetas seus contemporaneos.

O livro dos Juizes é evidentemente mais velho do que as leis do Levitico o qual prescreve expressamente no capitulo XX, 2: — «Tambem dirás a Israel: qualquer dos estrangeiros, que peregrinam em Israel, que der um de seus filhos a Molock, certamente morrerá, o povo da terra o apedrejará com pedras.»

Porque pois, não se combinam essas disposições biblicas com os factos que transcreverei por extenso, afim de o leitor se assegurar de que nenhuma reprovação ou «apedrejamento com pedras» soffreram nem Jephteh, nem Samuel, nem o rei poeta David por terem sacrificado entes humanos, não a Molock, mas ao proprio Jahveh?

Diz o livro dos Juizes (XI, 30):

«E Jephteh votou um voto ao Senhor e disse: — Se fatalmente déres os filhos de Ammon na minha mão;

31. «Aquelle que sahindo da porta de minha casa, me sahir ao encontro voltando eu dos filhos de Ammon em paz, *isso será de Jahveh e o offerecerei em holocausto.*»

Tendo vencido, voltou á casa triumphante.

34. «Vindo Jephteh a Mispa, sua casa, eis-que a sua filha lhe sahio ao encontro com adufos e com danças: e era ella só e unica; não tinha de si filho nem filha outra alguma.»

O que se segue é muito commovente e todos

os que lerem a *Iphigenie en Tauride* de Racine, terão admirado uma tragedia identica, mas em puro estylo pagão das éras heroicas, como no trecho acima apontado.

Os commentarios da Biblia só declamam sobre a dedicação ao Deus nacional e sobre o exemplo de abnegação dado em bem da causa publica por esse juiz de Israel.

Não lembram-se, porem, de que os semitas visinhos, como o rei de Moab, fizeram outro tanto, e temos uma prova disso na celebre inscripção de Dibam, em que esse rei narra as suas victorias sobre os hebreus e os sacrificios dos prisioneiros ao Deus Camosh: «Eu ataquei a cidade (de Ataroth fundada pelo rei de Judá), e tomei-a e matei todo o povo da cidade em espectaculo a Camosh de Moab.»

Os revezes não se fizeram esperar, creando-se uma liga de trez reis: Jeoram de Israel, Josaphat de Judá e o rei de Edon os quaes foram, juntos, consultar o propheta Eliseu que lhes predisse um triumpho complito sobre Moab.

Porém não contavam com a resolução desesperada do rei Mesa que, vendo-se perdido e sitiado, queimou sobre as muralhas seu primogenito.

Os alliados abandonaram a praça aterrorisados com esse acto de effeito infallivel.

O Livro II Reis, 27, diz: «que houve grande indignação em Israel: e por isso retiraram-se delle e voltaram para sua terra.» Ahi tem o leitor um

facto que demonstra que Jehovah foi impotente diante de Camosh, o que *indignou* os Israelitas e os aliados postos em debandada.

Que os reis impios e deshumanos, esquecidos das leis e da religião do povo eleito fossem execrados pelos prophetas da idade aurea da literatura hebraica, como Isaías e Jeremias, cujas vehementes apostrophes nol-os pintam com côres indeleveis, apontando-os á maldição da historia; que esses reis, affirmo, fizessem sacrificios dos proprios filhos a deuses estrangeiros, concebe-se.

Mas, que devemos pensar da narração seguinte, onde encontramos o grande patriota, o modelo venerado a par do proprio Moisés, o sagrador dos reis, Samuel, o segundo pai do povo hebreu, vir sacrificar, conforme os ritos antigos, o rei Amalecita Agag, diante do altar de Jahveh, em Gilgal na beira do Jordão?

Diz o livro I, Samuel XV, 31: —
«Então disse Samuel, trouxe-me aqui a Agag rei dos Amalecitas; e Agag veio a elle melindrosamente e disse: *Na verdade já passou a amargura da morte.*

33. «Disse porem Samuel: Assim como a tua espada *desfilhou* as mulheres, assim ficará desfilhada a tua mãe entre as mulheres. *Então Samuel despedaçou a Agag perante Jahveh em Gilgal.*»

Essas scenas de sacrificios dos prisioneiros são absolutamente identicas á do rei de Moab na sua inscripção acima transcripta.

Ewald ⁽¹⁾ o maior hebraista deste seculo, na sua monumental *Geschichte des Volkes Israël*, obra de valor superior como saber e auctoridade que a de Renan, narrando este dialogo entre a victima e o grande sacerdote, que o vai esquartejar «perante Jahveh» como um animal qualquer, nota como de bom agoiro a resignação de «Agag, que diz, passou a amargura da morte.»

Era signal evidente de que seria uma victima propicia; tal qual se passava nas occasiões supremas das immolações humanas dos outros deuses, em que tanto aproveitava ao proprio sacrificado como ao bom effeito do acto religioso, essa resignação tão auspiciosa.

O mesmo Ewald observa que ha grande analogia entre essa passagem e a bella scena da Agamemnon de Eschylo, ⁽²⁾ onde se representa a morte da vidente Cassandra. «Eu creio, diz ella, nestas testemunhas, nessas crianças em pranto, e nessas carnes assadas comidas por um pai.»

Nas vingativas palavras de Samuel a Agag, diz elle, que vai *desfilhar* a mãe de Agag, assim como este desfilhára as mãis de outrem; d'onde se conclue que, por ser elle um rei, já tinha tambem consumado sacrificios iguaes.

De tudo isso, affirma o historiador Reuss: ⁽³⁾ se deduz a grande antiguidade desse texto, anterior ás legislações deuteronomicas que prohibiam expressa-

⁽¹⁾ Ewald — *Geschichte des Volkes Israel*, III pag. 53.

⁽²⁾ Leconte de Lisle — Eschyle — *Orestíade* — Agamemnon — pag. 180.

⁽³⁾ E. Reuss. *La Bible* — vol. I, pag. 142.

mente essas barbarias; como por ex: a lei acima citada do Levítico (XX, 2).

Na historia de Samuel não ha a minima palavra de reprovação contra o propheta sanguinario, todo o capitulo tracta das razões que o levaram a depor Saul, sendo uma dellas ter este rei poupado a Agag.

Nesses mesmos annos (tom. II, XXI), vemos o modelo dos reis pios, o heroe nacional do povo hebreu, o fundador da grandeza militar, o poeta lyrico a quem attribuem os Psalmos, entregar os filhos do seu predecessor Saul aos sacerdotes gibeonitas para os sacrificarem perante os altares, como vimos fazer o proprio Samuel:

1. «E houve em dias de David *uma fome de tres annos*, de anno em anno; e David consultou ao Senhor e disse: E' por causa de Saul e de sua casa sanguinaria, porque matou os Gibeonitas.

3. «Disse, pois, David aos Gibeonitas: Que quereis que eu vos faça? E que satisfação vos darei para que abençoeis a herança do Senhor?

4. «Então os Gibeonitas lhe disseram: Não é por prata, nem oiro, que temos questão com Saul, e com sua casa; nem tão pouco pretendemos matar pessoa alguma em Israel. E elle disse: Que é pois que quereis que vos faça?

5. «E disseram ao Rei: O homem que vos destruiu, e intentou contra vós para que fôssemos assolados, sem que pudessemos subsistir em termo algum de Israel.

6. «De seus filhos se nos dêem sete homens, *para que os enforcemos ao Senhor em Gibeá*, de Saul, o eleito do Senhor: e disse o Rei: *Eu os darei*.

9. «E entregou-os na mão dos Gibeonitas, que os enforcaram (diz Reuss crucificaram) no monte, perante Jahveh; e cabiram estes sete juntamente: *e foram mortos nos dias das segas*, nos dias primeiros, no principio da sega das cevadas.»

Não é preciso grande saber em historia para nos lembrarmos da posição em que ficam os usurpadores em frente da familia do rei deposto.

Nesses tempos não se sujeitavam a supportar um D. Carlos de Hespanha, ou um Orleans em França e outro no Brazil como espantalhos das instituições vigentes, com perigos iminentes para a nação.

Preferiam arredal-os supprimindo de vez todos os descendentes da familia deposta por simples razão de estado. Ora, se o leitor se dêr ao trabalho de abrir a Biblia, verá como foi, a pedido e não de *motu proprio*, que David *concedeu* os filhos de Saul, seus cunhados, para serem sacrificados; havendo elle, entretanto previamente consultado a Jahveh, sobre a causa de uma secca de varios annos consecutivos e cuja razão, segundo a resposta do *ephod*, era continuar a viver a raça execrada de seu antecessor.

Ora, nada mais justo do que procurar um pretexto aconselhado pelo proprio Jahveh, qual fosse a necessidade de algum sacrificio humano, feito na occasião propicia da «sega da cevada;» sacrificio

que não deixaria certamente de restabelecer a fertilidade dos campos e a regularidade das estações.

D'ahi a historia da entrega dos sete filhos do antecessor deposto, nas mãos dos seus inimigos para que os enforcassem, (crucificassem) ao Senhor, em Gibeá de Saul.

Uma vez cumprido o rito sanguinario, os effeitos beneficos não se fizeram esperar: (II Samuel XXI, 10.) «Então, Rispa, filha d'Aia, tomou um panno de cilicio, e estendeu-lhe sobre uma penha, desde o principio da sega, *até que destillou a agua sobre elles do céu:* e não deixou as aves do céu, pousar sobre elles, de dia, nem os animaes do campo, de noite.» Depois de enterrados os ossos de Saúl e de seus filhos trucidados, e só então, conclue o versiculo 14 da narração: «Deus aplacou com a terra.» Isto é, fez chover.

Era costume, entre os Konds da raça dravidiana das montanhas centraes da India, sacrificarem um casal de jovens, cujos cadaveres despedaçados eram distribuidos em migalhas entre o povo presente a essa hedionda scena de sangue, afim de enterrar-os em suas plantações com o intuito de fertilisal-as. ⁽¹⁾ Em geral, usavam dos infelizes roubados nos paizes visinhos, e só sacrificavam os proprios filhos nas grandes seccas, ou fomes muito communs na India. Os inglezes custaram a extirpar esse barbaro costume; e, quando os naturaes viram-se obrigados a abandonar esses sacrificios, foi-lhes concedido usa-

(1) Barthelemy Saint Hilaire. L'Inde Anglaise — Les Konds. Pag. 402.

rem sómente de animaes em vez de seres humanos. Diz Taylor, (1) que uma outra seita, que ha seculos não usa mais de semelhante costume, querendo explicar a razão desses usos attenuados, affirma: que se hoje usam sacrificar um boi e não um homem em honra da Deusa da Terra, é porque quando essa divindade reinava sobre a terra, eram forçados, por ella, a essa barbaridade; mas que o Deus da Luz enviou-lhes um Deus secundario que logrou vencer a Deusa sanguinaria e a enterrou sob uma montanha; e fazendo sahir d'entre os juncaes, um boi, bradou-lhes: — «Ponham o homem em liberdade e sacrifiquem o boi.»

Ora, ahí está como as lendas servem para explicar uma evolução religiosa.

O leitor, sem duvida, recorda-se do sacrificio de Isaak por seu pai Abraham, onde o caso é identico. Deus ordenou-lhe que suspendesse o sacrificio quando já alçava o gladio (Gen. XXII, 11-13): «mas o Anjo bradou-lhe: — Não estendas a mão sobre o rapaz e não lhe faças nada.»

13. «Então levantou Abraham os olhos, e olhou, e eis um carneiro de traz delle travado pelas suas pontas n'um mato; e foi Abraham e tomou o carneiro, e offereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho.»

Não vá suppôr o leitor que apresento estas duas legendas como copia uma da outra; porque não creio nem acho necessarias copias entre si tão afas-

(1) Taylor: *La civilisation primitive*. Pag. 520.

tadas, quando nem as tradições religiosas dessas raças, nem o afastamento, uma de outra, no espaço e no tempo, podem justificar um nexo historico entre os dous povos; porém, quero pôr ás claras como uma nação dada, posta em frente d'uma modificação identica de suas crenças, forja lendas que as expliquem e as consagrem. A anthropologia não dispõe de melhores methods comparativos, nem mais seguros no caso vertente; quer se trate de um semita, de um dravidiano, do um mexicano, ou de um egypcio.

Os methods usados pela sciencia historica, actualmente, dão os resultados que apresentei neste capitulo. E, se algum leitor que poucas vezes abriu a Biblia, admirar-se da exposição terrivelmente evidente, aqui espendida; lembre-se de que a sciencia historica procede, estudando cada epocha no seu conjuncto de opiniões, costumes e preconceitos.

Todas as difficuldades que se antolham a essas reconstrucções de civilisações desaparecidas, fundam-se na supposição erronea de que, ha tres ou quatro mil annos, os homens pensavam como nós.

Assim, se por acaso tomam um volume da Biblia, que apenas pesa um kilo de papel, esquecem-se que têm em mãos mais de mil annos de historia, e, ao mesmo tempo, uma selecção de toda a litteratura religiosa de um povo que atravessou epochas dilatadas; que foi, varias vezes, transplantado de umas a outras regiões, a que, finalmente, se desenvolveu ao influxo dos persas, dos egypcios e dos hellenos cujos principios sociaes e moraes não lhes são estranhos

e cujas primeiras paginas datam das tradições conservadas pelos rudes nomadas que invadiram e exterminaram os Cananneos.

Taine, quando desenha o perfil de um pensador, predispõe seu espirito de critico penetrante para pensar e sentir como o escriptor que elle tenta estudar; e todos que podem avaliar os resultados obtidos por tal concentração de abstracção, admiram-se da somma de factos minimos, em apparencia inuteis, com os quaes acha necessario crear o seu modelo, afim de melhor animar as physionomias que surgiram n'um dado *meio*.

Quanto mais não é necessario ao historiador revestir-se de imparcialidade e esquecer-se, por sua vez, dos costumes que o rodeam, para conseguir por meio de um grande esforço de imaginação, dispôr a representação subjectiva dessas epochas, de conformidade com as crenças, os preconceitos cujas fracas razões não nos apaixonão mais com as barbarias das religiões sanguinarias e mesmo com a atmospheria, para assim dizer, de uma civilização exotica e antiquissima, como aquella que aqui estudamos!

E' uma dessas reconstrucções, que agora tentamos, afim de expôr os raciocinios que motivaram esses horrores inconcebiveis, cujos restos irrecusaveis nos foram revelados pela Biblia.

Para bem comprehendermos a questão, é pois necessario ter em mente, sobre tudo, que um São Paulo não é um Samuel, que o Evangelho não é o Pentateuco.

O historiador, portanto, nunca chamará uma pagina de alguma antiga inscrição concordante no espirito e na forma com os mais velhos textos hebraicos, para vir denegal-os com outros escriptos de mil e mais annos depois, sem attender á suas incompatibilidades historicas.

Esses são os escolhos onde submergem os exegetas que allegão os Evangelhos como criterio para julgar de toda a Biblia.

CAPITULO V

O ZODIACO

Desde muito tempo os historiadores e os theologos dissertam para demonstrar, por meio das fontes da astronomia grega, que as constellações zodiacaes têm uma origem Chaldeana, e que os calculos astronomicos accumulados pelos sacerdotes babylonicos, remontavam a éras fabulosas; fontes estas longinquoas das mythologias orientaes, conhecidas desde a antiguidade classica que as attribuiu ás immigrações phenicias e troyanas.

D'ahi, esses systemas cada qual mais complicado e de facil refutação, que se succediam uns aos outros, tendentes todos a explicarem as origens mythicas das religiões da Europa e da Asia.

No fundo isso parte de uma verdade inconcussa, e de ha muito demonstrada. Vem a ser: que o culto do Sol e de «toda a milicia dos céos» abolido por Josias não impediu, o povo israelita de transmittir-nos o calendario chaldeu, em toda a sua integridade; tal qual como os protestantes de hoje que apezar de não *adorarem*

os santos, nem guardarem os dias a elles consagrados, comtudo usam do calendario catholico afim de mutuamente se entenderem, por meio de uma convenção universal dos tempos.

Ora, os povos da antiguidade conservaram, unanimes, a par do Mytho do Diluvio a lenda dos dez personagens anteriores, ora como reis, ora como deuses que precederam, a éra historica actual.

Os egypcios, os chaldeus, os judeus, os persas, os indus e os germanos assim como outros povos, só nos dão uma lista de dez deuses anteriores aos reis primitivos.

Nas raças primitivas dispersadas do centro da Asia, ha sempre uma lista de dez personagens, cujas idades occupam cyclos monstruosos de dominio, e que se substituiam uns aos outros successivamente.

Os mythologos chegaram a uma conclusão curiosa sobre esse assumpto, sustentando serem elles deuses que foram adorados, na sequencia uns dos outros, e cujo culto fôra abandonado por divindades novas que desapossavam as velhas: assim aconteceu na Grecia a Uranos, deposto do governo dos céos por Saturno, finalmente substituido por seu filho Jupiter, que por sua vez não se achava seguro do seu poder e isso devido á opposição dos Titans.

Um dos nomes da lista hebraica está claramente nesse caso: é o de Seth ou Sutekh adorado pelos Ketaou, os Hetteus da Biblia, o tambem no delta do Nylo onde o adoravam os semitas pastores que invadiram o Egypto, e dos quaes faziam parte os hebreus.

Este deus semita foi adorado pelos egypcios, no

periodo ignominioso da dominação estrangeira; sendo depois transformado em uma divindade infernal adversaria do deus Horus (o Sol), sob o nome grecoisado de Typhon, uma especie de Satan egypcio.

Maspero reconstituiu, com profunda erudição, a evolução pela qual passou esse deus estrangeiro e demonstrou que o deus dos Cananneos donde vieram os Hyksos, chamado Sutku, o deus guerreiro, o deus nacional dos invasores, foi identificado oficialmente com o deus egypcio Set. Tanis elevada a capital, erigiu-lhe templos onde o adoravam por ordem do rei Apopi, talvez o rei que recebeu em sua côrte a familia do patriarcha Jacob.

Os egypcios, mais tarde, attribuiam a essa mudança de culto a causa primaria da revolta que os fez sacudir o jugo estrangeiro; e contavam, como cousa sabida nos documentos do tempo de Ramsés, a razão porque tal acontecimento se succedera: «Eis que o rei Apopi tomou Sutku por senhor, e elle não servia mais nenhum deus que estava na Terra Sancta (do Egypto) a não ser Sutku, e elle construiu um templo de trabalho excellente e eterno, na porta de seu palacio, e elle se levantava cada dia para offerecer victimas quotidianas a Sutku e os chefes vassallos do soberano lá estavam, com guirlandas de flores, exactamente como se fazia para o templo de Phrâ-Harmakis.» ⁽¹⁾

Ora, o egyptologo identificou-o philologicamente com o patriarcha antediluviano, por ser um deus

(1) Maspero — *Histoire ancienne des Peuples de l'Orient* — pag. 168.

da Palestina, cujos restos se verificaram ser conhecidos dos escravos hebreus do Delta do Nylo.

Nessas condições pôde ser enumerado entre os dez reis mythicos do Egypto no numero VI, e posto de confronto com os do Genesis e os deuses da Chaldéa:

	Egypto	Berosio	Chaldeia⁽¹⁾	Genesis
1	Phtah	Adoros	{ Adapa e Adiuru	Adâm
2	Ra	Alaparos		Scheth
3	Su	Amilaros	Hammanu	Enôsch
4	Seb	Ammenon		Qenân
5	Hosiris	Amegalaros		Mahalalel
6	Set	Daonos		Yered
7	Hor	Evedoreschos	Ubaratutu Hasisatra	Hanôch
8	Tut	Amemphsinos		Metuschelah
9	Ma	Otiartes		Lemech
10	Har	Xisutros		Noah

As tradições sobre os patriarchas podiam, pois, ter sido adoptadas das mesmas fontes que as dos outros povos e isso tanto mais evidente se torna, quando vemos como eram aceitas pelos reis pastores que invadiram o Egypto, como de facto se dá com o nome de Set ou Soutekh adorado pelos Ketas

(¹) Encontrei na revista critica ingleza — *The Academy* — dous artigos de Robert Brown Junior de 1 e 15 de Junho de 1893. um inestimavel estudo contendo os ultimos resultados da assyriologia sobre a identificação dos nomes dos 10 Patriarchas antediluvianos com outras tantas estrellas do Zodiaco chaldeu.

e no delta do Nilo, onde residiram os escravos hebreos. (2)

Não eram, portanto, personagens desconhecidos

O quadro juncto dá as duas series de 6 estrellas diurnas e 6 nocturnas com as etymologias dos 10 nomes dados por Berosio em grego:

Signos diurnos		Estrellas	Etymologia chaldeana	
1	O cordeiro - Sol	Aries	Hamal	Aloros — Ulur — Cordeiro.
2	Sol e Lua	Gemini	Alcyone	Alap-ur — Touro da fundação.
3	O Leão - Sol	Leo	Aldebaran	Amil-ur — Homem da fundação.
4	O sol que desvanece	Ara	Pollux	Unun-an — Artifice, ou cinto do céu — Zodiaco
5	O archeiro - Sol	Sagittarius	Regulus	Amil-gal-ur — Rei da esphera celeste.
6	O Sol chuvoso	Aquarius	Spica	Kakkab-Dannu — A estrella do heroe
Signos nocturnos				
7	Lua - Touro	Taurus	Antares	Usda-an-xu — Dia, esplendor, passaro.
8	Trevas	Cancer	Algedi	Amar-sin — O boi da Lua.
9	A Lua	Virgo	Deneb	Ubara-tutu — O servo da morte.
10	Trevas	Scorpio	Delta do A-quario	Ha-sa-ad-ri-it-ti — O Reverentissimo.
11	Oceano - Sol	Capricornius	Skat	} Deluvio Universal
12	Nocturno - Sol	Piscis		
13	(Mez duplo)	(Ve - Adar)		

O decimo patriarcha — Noé tem, segundo Sayse, a etymologia seguinte :
 -- Xisuthros — Zi-Dusru — Vida do Céu.
 Delitzsch accceita esta opinião como bem fundada.

(2) Fr. Lenormant — Origines de l'Histoire, volume I, pagina 216.

dos chaldeos, todos os que tomam parte nas lendas do Gan-Eden.

O povo hebreu pretende ter sido o escolhido por Jahveh para a conservação do seu culto, e dá como prova a genealogia directa até Adão, em contraposição com a descendencia dos Kaimitas, a raça condemnada, extincta pelo deluvio. E, para tal fim, estabeleceram uma descendencia dupla de patriarchas pios e outra que dizem ser dos reprobos.

Esta dupla lista está em contradicção com todas as outras que nos conservão os outros povos que apresentam igualmente uma de 10 deuses ou reis primitivos.

Ora, o curioso do caso é que os patriarchas criminosos do Genesis (IV, 17-20) são, com pequenas diferenças, na desinencia com significação peiorativa, identicos e postos quasi que na mesma ordem parallela.

Ponhamos uma em frente a outra e verificaremos:

Kaimitas		Schetifas	
1	— Adão	1	— Adão
2	— Qaim	2	— Schet
3	— Hanock	3	— Enosch
4	— Yirad	4	— Qênâm
5	— Mehuiael	5	— Mahalalel
6	— Methuschael	6	— Yered
7	— Lemeck	7	— Hanosch
		8	— Metuschelah
		9	— Lemeck
		10	— Noé
Yabal, Yubal, Tubal Gen. Cap. IV		Shem, Ham, Japheth Gen. Cap. V.	

Nas duas listas aqui exaradas, vemos duas genealogias aparentemente diversas accomodadas de modo a patentear claramente a preferencia pelo povo eleito, á custa de etymologias forçadas, como dezenas de outras que os philologos encontram, a cada passo, nas Escripturas cujo valor etymologico os auctores do Genesis desconhecem.

Por exemplo: o Mehuiael «batido por Deus» dos Kaimitas está em opposição com o semita Mahalael «Louvor ou brilho do Senhor»; Yirad — «Fugitivo» é o equivalente de Yered — «Descida» ou «Serviço».

Noutros casos a mudança de lugar faz differir o mesmo nome no quadro da filiação; assim: — Hanoeh, quer dizer — «Iniciador» que no Jehovista IV, 24, tem como rasão etymologica o facto de haver sido «então que se começou a invocar o nome de Jahveh». Qual seria o nome anterior que esse iniciador substituiu? Era, sem duvida, uma substituição de divindade como Elohim, invocada no outro documento intitulado Elohista.

Na lista dos nomes dos dez deuses babilonicos, ha seis dentre elles aos quaes Berocio designava como epochas de novas revelações divinas que vinham confirmar e ampliar a religião preexistente.

Ahi está claramente indicado tambem Hanoeh, na genealogia elohista, como tendo «marchado com Deus, e elle não foi mais (entre os homens); porquanto Deus para si o tomou». Gen. V, 24.

Ora, um dos mais evidentes parallelos entre os patriarchas antedeluvianos e o Hasishatra, ou o Noé

babylonico, é ter sido este, um varão pio e renovador do culto; em recompensa de suas virtudes, diz o poema que largamente exporemos mais ao diante quando tratarmos do Deluvio, foi elle levado com sua mulher para morar com os deuses eternamente.

O outro Hanoeh, da descendencia de Kam, é o filho do *amaldiçoado* que deu o nome á cidade de Henochia, como sendo o iniciador das raças sedentarias industriosas, mais civilisadas e mais poderosamente-organisadas do que os Semitas do deserto.

Mas d'onde vieram estas duas listas? Não podemos dizer.

O que é evidente é que o compilador encontrou duas fontes diversas, suppondo que eram de homens, e as reproduziu em duplicata.

A identidade das duas genealogias é tanto mais evidente quando verificamos que a supposta rasão apresentada das desinencias peiorativas, acha-se invertida no nome do macrobio Methuschelah, que significa o «homem mortifero ou armado», deixando na lista dos maldictos Methuschael, isto é, «o homem de Deus»; e se attendermos mais que, para coroar a prova, conserva em ambas os nomes de Hanoeh e Lameck, o feroz canibal, então a prova será peremptoria.

Essa preferencia problematica parece aos judeus o proprio pergaminho de sua nobresa celeste. Mas os assyriologos nos demostram que tratava-se da opposição entre as raças primitivas a que denominavam summirianos em opposição aos semitas.

Ficamos á espera que alguém nos demonstre o

contrario do que Ménant nos assevera; que abaixo da camada semita, a unica conhecida da civilisação classica greco-romana, se desvendou uma civilisação accadiana, inteiramente diversa, tanto pela lingua como pela raça e pela civilisação. Resta ainda, depois dessa conquista da archeologia, a curiosidade de se saber si houve algum outro povo, ainda mais velho, ao qual todo o Oriente com seu polytheismo se filia.

Esse problema de anthropologia prehistorica é a preocupação dos assyriologos actuaes.

Se nos lembrarmos que os Brahmanes tambem pretendem ter uma origem divina, e que os Egypcios, «o rebanho de Râ» tambem não pertenciam a simples humanidade, perguntaremos: A quanto fica redusida essa crença hebraica sobre os ascendentes de Abrahão que eram para os chaldeus os *hebreus* palavra que significa em assyrio «os emigrados de alem Euphrates», posteriores de muitos mil annos á data dessas pretensões de nobresa celeste?

Nada mais restaria a provar si os preconceitos sobre a pureza de raça não subsistissem, tão fortemente conservados pela organização da instituição familiar judaica, cuja vitalidade só encontra equivalente na sua congenere Chinez, instituição que é, sabem-n'o todos, a baze effectiva e não theorica da sociedade, como na raça ariana occidental, onde não está longe de se prever a sua dissolução pelo socialismo.

(1) Ménant — La Bibliothèque du Palais de Ninive — pags. 37 e 160.

E' nessa forte base que assenta a perpetuidade desse povo, cuja existencia independente, assemelha-se á dos tziganos, por constituirem uma excepção que querem explicar como sendo o effeito da maldição prophetica do Messias desconhecido e repudiado.

Em todo o caso, assombra-nos a força de resistencia passiva desse povo atravez de tantas perseguições odiosas durante tantos seculos, e mesmo em plena Europa contemporanea.

Nesta nossa these cabe-nos a vez de demonstrar a proximidade entre as tradições sobre as origens da humanidade baseada nos restos da literatura assyrio-babylonica; para isso basta-nos enfeixar os fragmentos de inscrições por meio das quaes se conseguiu rectificar e ampliar os documentos sobre a chronologia chaldeana que nos foram transmittidos pelos gregos nos seus tractados de astronomia.

Por elles veremos como as duvidas que o sabio Letronne suscitou sobre esse problema da historia da astronomia e que encontramos exposta pelo grande cerebro encyclopedico de Alexandre Humboldt, ⁽¹⁾ foram dissipadas pelas inscrições cuneiformes hoje accumuladas pelos assyriologos, que afinal têm reforçado as provas da these hoje fóra de toda duvida: — que a banda ou zona das 12 constellações do Zodiaco é uma creação dos astrónomos chaldeus que a transmittiram aos Judeus e aos phenicios, os quaes, por sua vez, os divulgaram pelo Mediterra-

(1) A Humboldt — Cosmos, III, 132 e 602.

neo, sendo conservada, em suas linhas principaes pelos mathematicos alexandrinos.

Vejamos, para demonstrarmos esta proposição, e para maior clareza, como era dividido o anno na Chaldéa onde só se contava 360 dias, e disso temos confirmação n'uma inscripção em que se lê: — «12 mezes por anno, 6 *sosses* de seus dias o numero se menciona».

Ora um *sosse* equivale ao numero 60, que multiplicado por 6 = $360^d + 12^m = 30^d$; logo nunca haviam mezes de mais 30 dias nem de menos.

Porém, como o anno Solar tem 365 dias approximadamente, faltam 5, que multiplicados pelos dias restantes, em 6 annos fazem: — $5 \times 6 = 30$ dias. E' esse o enigmatico XIII° mez que tantas fadigas causou aos astrônomos antes das descobertas dos textos authenticos dos astrologos chaldeus, que podemos lêr expostos com a maxima clareza n'uma nota de F. Lenormant, ⁽¹⁾ tão bem analysada, em todas as suas combinações, com os movimentos dos planetas, combinações essas que estão tão fora dos nossos habitos, fundados no anno Solar em vez do Lunar, que não deixará de ser curioso para o leitor vel-os melhor explicados por um sabio tão competente:

Sabemos de modo positivo que os Chaldeus-Babylonios ajunctavam, em intervallos approximados, no fim do anno, um 13° mez de 30 dias, analogo ao

(1) F. Lenormant — Origines de l'Histoire, II, 250.

veadar dos Judeos e chamado *magru sá addari*, «incidente de addar».

Acreditou-se ao principio, que esta intercalação frequente tinha por fim corrigir as inexactidões do anno lunar e devia se referir a um cyclo octaeterico analogo ao que Cleostrato de Tenedos introduziu entre os Gregos; o que não é mais sustentavel hoje.

Pelo contrario, agora que sabemos que o anno chaldeu éra de 360 dias, constatamos que em todos os 6 annos, a intercalação do «incidente de addar» se tornava necessaria, para acerta-lo novamente com a revolução solar avaliada em 365 dias.

Como muito bem viu Mr. Sayce, nós temos aqui a chave do cyclo chaldeu de 12 annos de que nos falla Censorinus. E se tinham preferido conta-lo em 12 annos com 2 annos intercalares, em vez de 6 com um só anno, é porque lhe davam o character d'uma apocatastase celeste, pois que Censorinus, diz que, depois de seu renovamento, a constituição athmospherica, as colheitas abundantes, as fomes e as doenças voltavam na mesma ordem.

Ora, cada 12º anno tinha um character essencialmente apocatastatico, pois que não somente o anno civil ahi se acertava com o anno solar de 365, mas ainda, Jupiter terminava nelle uma das suas revoluções avaliadas em 12 annos, e Marte sua 6.ª de 2 annos desde o começo do cyclo. Mas, no fim de um certo tempo, chegou-se afinal a perceber que a

revolução do Sol devia ser contada em 365 $\frac{1}{4}$, em vez de 365 dias; que, por conseguinte, a intercalação de um novo mez de 30 dias tornava-se indispensavel no fim de 120 annos, isto é, 2 sosses, e que ao mesmo tempo, cada 120º annos era marcado por uma apocatastase ainda mais consideravel que a do 12º anno, e isto porque Saturno ali voltava ao mesmo ponto do céu apoz 4 revoluções, cada uma de 30 annos, Jupiter apoz 10 vezes 12 annos de cada revolução, e Marte apoz 66 de 2 annos.

Como vê o leitor o n.º 6 é a base de todas essas divisões do tempo, e servia como que de unidade para todos os outros periodos e cyclos, cujas curiosas combinações passamos a estudar.

A semana, como vimos atraz, na Cosmogonia descripta no capitulo I desta memoria, éra terminada pelo 7.º dia que chamaram tambem *sabatu* como o *schabath* dos Judeus, e era tambem um dia santo consagrado ao descanso para os babilonios.

N'uma das inscripções se qualifica esse dia de — «dia de repouso do coração, dia de alegria»; contava-se nos dias 7, 14, 21 e 28 do mez, restando 2 dias até o 30º que se pulavam, recomeçando-se a enumeral-os do 1.º ao 7.º dia do mez seguinte.

O numero 7 era sagrado por ser o dos 5 planetas visiveis, mais o Sol e a Lua, o que faz remontar o seu uso, como numero fatidico, á mais alta antiguidade.

O dia dividia-se em 12 horas seguindo a ordem

das 12 constellações do zodiaco e não em 24 horas, como hoje usamos.

Temos a prova formal disso n'uma outra inscrição que diz:

«O dia e a noite são iguaes, 6 horas de dia e 6 horas de noite».

Os minutos, portanto, equivaliam a 2 dos nossos; pois que a hora, por sua vez, era dividida em 60 minutos e o minuto em 60 segundos.

Se o anno e suas divisões baseavam-se na numeração sexagesimal, tambem os periodos de annos contavam-se pelo *sosse* ou 60 annos, que servia de unidade para medir os cyclos de duração colossal procedendo pela progressão de 1, 60, 600 e 3.600.

As tres ordens de unidades superiores chamavam *sosse* 60, *nére* 600 e *sare* 3.600 annos; os dous ultimos desses nomes são, seguramente, accadianos, o *neir* ou *ner* e o *sar*; resta saber se *sussu* é de origem semita e se em accadiano pronunciava-se 60 *sus* ou *us*.

O historiador Josephus ⁽¹⁾ conhecia o «grande anno» de 600 revoluções solares, cuja descoberta elle attribuia aos patriarchas, porque para descobri-la não bastaria a pequena chronologia do tempo dos alexandrinos, que tudo mediam pela pequena Grecia.

Diz elle, na sua *Historia das Antiquidades Judaicas*: — «Deus prolongára a vida dos patriarchas

(1) Josephus — Histoire des Antiquités Judaïques — L. I, C. III. pag. 21, § 15.

que precederam o Deluvio, tanto por causa de suas virtudes como para dar-lhes o meio de aperfeiçoarem as sciencias da geometria e da astronomia, o que não teriam podido fazer se não tivessem vivido pelo menos 600 annos, porque não é senão depois da revolução de 6 seculos que se completa o «grande anno».

Desta explicação de rabino não se deduz a idade inverosimil de cada patriarcha, mas a forçada antiguidade dos annaes da astronomia chaldeana, cujas observações verificadas pela experiencia directa durante eras tão dilatadas, tornaram possivel sommar os dados accumulados por tantos seculos, para synthetisa-los n'uma chronologia tão artificial como esta que estudamos, contando a sua adopção desde os mais remotos tempos, e cujos annaes de 5.000 annos A. C. testemunham evidentemente, cada vez mais, a antiguidade destas observações. Isto tanto mais nos assombra quando nos certificamos que o cyclo de 600 annos está verificado, com exactidão mathematica pelos astrónomos modernos.

Diz sobre este assumpto Flamarion, na sua *Historia da Astronomia*: (1)

«Suppondo o mez lunar de 29 dias, 12 horas, 44 minutos e 3 segundos, achamos que 219,146 $\frac{1}{2}$ dias fazem 7.421 mezes lunares, esse mesmo numero de dias dá 600 annos solares de 365 dias, 5 horas, 51 minutos e 36 segundos».

(1) Flammarion — *Histoire du Ciel*, p. 73.

Este cyclo obtido pelos chaldeus é de uma precisão tal, que o mez lunar coincide com o anno solar, com a unica differença approximadamente de 1 segundo do obtido pelos astrónomos modernos!

O historiador judeu do I.º seculo dá esta unica base de estudos sobre este problema de astronomia antiga, que tanto fez meditar os velhos astrónomos da Renascença desde Tico Brahe até Casini que os verificou. Hoje, que possuímos os mananciaes genuinos e abundantissimos das inscripções cuneiformes, tentaremos aqui expôr ao leitor attencioso os resultados ultimamente obtidos, áfim de que nos possa acompanhar neste estudo sobre as origens mysticas do Zodiaco chaldeu, como fonte connexa com a fabulosa chronologia dos patriarchas do Genesis.

O historiador Diodoro de Sicilia nos descreve o zodiaco chaldaico, em perfeita concordancia com os documentos cuneiformes.

Diz elle que a zona central do hemispherio celeste era dividida em 12 signos ou secções consecutivas, contendo 36 astros, que elles chamavam «deuses conselheiros»: estes estavam sob a supremacia de «12 deuses superiores» que presidiam aos signos dos quaes metade se encarregava de observar o que se passava no hemispherio inferior e a outra metade era observada no céu superior da esphera celeste, cujos signos se occultavam sucessivamente embaixo da Terra.

Estas 36 estrellas presidiam ás 3 decadas de cada mez, formando uma especie de semana astro-

nomica, dividindo exactamente os 360 dias do anno chaldeu.

As observações transmittidas pelo historiador grego acima citado, servem de commentario ás linhas 1—4 do documento transcripto no capitulo I deste estudo, onde o leitor terá a complacencia de relêr as seguintes linhas que só agora poderá comprehender em todo o seu alcance:

1. «Elle dividio as suas mansões (as mazzaroth dos judeos) 12 em numero, para os grandes deuses,

2. «e designou as estrellas que seriam as moradas dos 7 *lumasi*, (talvez a constellação da Grande Ursa onde contamos 7 estrellas de 2.^a grandeza que gyram ao redor do Polo Norte),

3. «creou a revolução do anno e o dividio em *decadas*;

4. «e para cada um dos doze mezes fixou 3 estrellas».

A divisão assim estabelecida funda-se na facil observação astronomica de que, cada 10 dias, a esphera celeste desloca-se approximadamente $\frac{10}{360}$ parte de sua orbita; e, para cada uma dessas deslocções, correspondia, umas apoz outras, na mesma posição, uma das 3 «estrellas conselheiras», pre-fazendo n'um anno a formula seguinte: 360 dias $\times$ 12 mezes = 30 dias do mez $\div$ por 3 «conelheiras» = 10 dias para cada uma que se occultava no horizonte.

A divisão do Zodiaco em 12 partes, contendo 30 dias cada uma é a mesma das linhas meridianas que cortam o Equador em 360 grãos.

Outra divisão mais minuciosa, chamada *systema chaldeu*, descripta e adoptada por Ptolomeu, subdividia cada secção em 10 secções, para cada signo, o que prefaz uma divisão do circulo zodiacal em 120 partes. Porém, como cada secção se subdivide em: $60 \times 60 = 3.600$ partes para cada uma, com um resultado total de 120×3.600 , temos um resultado de 432,000 partes para a totalidade do circulo. Ora, é exactamente este o numero total dos *sares*. distribuidos por Berosio aos 10 patriarchas que regeram a Mesopotamia antes do deluvio; porquanto, a decima parte deste total é 43,200 ou 12 sares, que constituíam para elles, uma completa revolução celeste e, por assim dizer, um dia cosmogonico.

Como vimos, um dia dividia-se em 12 horas, em vez de 24 como hoje; d'onde se deduz que, durante um dia, se prefazia o circulo inteiro dos 12 signos zodiacaes, passando um em cada hora.

A origem desses signos data da mais longinqua antiguidade, na epoca em que os pastores da Mesopotamia, contemplando a rotação perpetua do firmamento, desenhavam com as estrellas, seres phantasticos, que a zoolatria e o anthropomorphismo, que povoavam as imaginações, transportavam para essas moradas das regiões superiores, inacessiveis, incorruptiveis e eternas; donde, sem duvida, dirigiam a humanidade que se renovava sobre a Terra, onde tudo é transitorio.

Dahi, a lhes parecer que os viam distinctamente no céo, como que confabulando directamente com

elles, era apenas um passo a dar. E esta crença, uma vez acceita, passou a ser systematicamente co-ordenada pela experiencia secular.

O primeiro grande phenomeno observado foi a volta da Lua 12 vezes, emquanto que o Sol deslocava-se uma unica vez e voltava a seu ponto de partida, determinando ao mesmo tempo as variações das estações.

Então notaram que as estrellas fixas podiam ser divididas em 12 grupos que attribuiram aos 12 deuses superiores e a elles ligaram as narrações mythicas sobre suas aventuras e sobre o culto a elles dedicados.

Eram essas as mansões, as *maxaroth*, de que nos falla a Biblia e cujas imagens, de origem accadiana, não foram fixadas de um só jacto, como é evidente pela sua origem; resultando d'ahi certa incongruencia nas explicações de suas significações, porque a ellas se ligam camadas sobrepostas de mythos, cujos annaes já em grande parte sabemos ao certo: não é todavia de estranhar que uma certa obscuridade paira ainda sobre alguns pontos da abobada celeste, por serem ainda incompletas e fragmentadas as taboas do monumento capital nesta questão: *O poema das aventuras do Hercules chat-deu, o Deus solar Maruduck, sob o nome de Ixdu-bar*, ⁽¹⁾ lida nas inscrições, e cuja identificação com o Nemrod da Biblia é de toda a evidencia, como veremos no capitulo seguinte.

(1) Maspero chama-o «Gilgamès».

As constellações que todos nós conhecemos, pela esphera descripta por Hipparcho, no seu catalogo de estrellas conservado no *Almagesta*, são as 12 do verso seguinte do poeta Ausonio:

«Sunt Aries, Taurus, Gemini, Cancer, Leo, Virgo, Libraque, Scorpius, Arcitenens, Caper, Amphora, Pisces».

Estas constellações conservadas até hoje, não differem, em nada de essencial, d'aquellas que usavam os astrologos chaldeus.

Com effeito, segundo os textos escriptos dos documentos astrologicos, e conforme os monumentos graphicos, particularmente sobre cylindros, podemos restabelecer do modo seguinte a serie dos signos tal como a admittiam os chaldeus:

- 1.º
- 2.º O Touro; algumas vezes é representado alado, ou com face humana (Kerub).
- 3.º Os Gemeos, expressos por duas pequenas figuras viris sobrepostas.
- 4.º O Caranguejo ou o camarão.
- 5.º O Leão, ás vezes substituido pelo grupo do Leão devorando o Touro.
- 6.º A Archeira, mencionada nos textos, mas da qual nada foi ainda encontrado nos monumentos figurados.
- 7.º As pinças do escorpião.
- 8.º O Escorpião.
- 9.º A Flexa, outras vezes o Sagitario completo, puxando o arco.
10. A Cabra, cujo corpo termina em cauda de peixe.

11. O Aquario, representado pelo deus Rimmon com uma tiara derramando agua; outras vezes, por um vaso pendido e transbordando.

12. Os 2 peixes do deus Ea ou um sómente.

O Escorpião causou grande embaraço aos astromomos modernos, que dispunham, apenas ha trinta annos, das fontes gregas; pois não sabiam qual a collocação do signo equivalente ao actual da Balança, que faltava manifestamente na lista chaldeana, o que tornava duvidoso que, só com 11 signos designaes entre si, pudessem dar as posições do Sol nos 12 mezes do anno, visto ser manifesto que os 30 grãos de cada signo não coincidem mathematicamente com a extensão das figuras que desenhavam os alexandrinos nos astrolabios, descriptos na Almagesta de Ptolomeu. ⁽¹⁾

Esta duvida, que então era real, foi sanada, uma vez encontrada uma taboa de barro contendo observações sobre os movimentos do planeta Venus; taboa essa que reunia este signo com o das Pinças do Escorpião sob o nome commum do Escorpião, que era então contado como um signo de extensão dupla dos outros.

O actual signo da Balança foi creação posterior dos gregos, que a substituíram no lugar das longas Pinças do arachnideo.

Que foram motivos mythologicos, os que determinaram esses nomes da serie dos signos zodiacaes, é cousa fóra de duvida, porque os nomes a elles da-

(1) Arago. — *Astronomie Populaire*. I. 135.

dos pelos judeos que os levaram comsigo de Babilonia, são os mesmos que estes semitas adoptaram quando, ha mais de 2.000 annos A. C., os receberam dos sumirianos cōquistados, e com os quaes fundiram, n'um só todo systematico, os deuses das duas raças, desde os tempos de Sorgon de Ackad, o Luiz XIV da Chaldéa.

Deste rei se conta uma lenda tão parecida com a de Moisés que eu a transcrevo para amenisar este capitulo de cifras tão complicadas.

Pois, leitor, este rei famoso é um dos taes grandes homens sahidos do nada e elevados por si mesmos como Julio Cesar ou Napoleão, dos quaes appareceram genealogias reaes remontando não sei a quem, cousa que não pegou por ser Napoleão de nossos tempos; porem, que para Julio Cesar, não era ninguem menos que a Deusa Venus mãe de Enéas.

Conta-se de Romulo, chefe de bandidos, que um pastor o encontrára amamentado por unia loba; de Cyro, que fora engeitado pelos pais que temiam um futuro a elle prophetisado; e de Moisés que foi salvo das aguas pela filha de um Faraó qualquer. Porém, Moisés está na Biblia, e revelado no Exodo que é uma autobiographia, portanto é historicamente exacto; ao passo que Sorgon que falla tambem de si proprio, é uma legenda ou um conto da carochinha.

Há apenas uma differença a seu favor; é ser mais velho, 2.400 annos e ter sido encontrado n'uma biographia em que elle falla de si nestes termos:

1. «Sorgon, o poderoso, o Rei de Accad, sou eu.

2. *Minha mãe ficou peijada sem conhecer meu pai.* (Não é este o unico caso, o leitor conhece outros).

O irmão de meu pai opprimia o paiz.

3. Na cidade de Azupirami, que está situada sobre o Euphrates, ella me concebeu.

4. Minha mãe peijada me poz no mundo em lugar escondido.

5. Ella depoz-me *n'uma cesta de juncos*, cuja coberta foi embutida com asphalto.

6. Ella me confiou ao rio, cuja agua não podia vir sobre mim.

7. O rio me recebeu e me levou em direcção á Akki, o irrigador.

8. Akki em sua bondade acolheu-me.

9. Akki criou-me como se fora seu proprio filho.

10. Akki ensinou-me a trabalhar como jardineiro.

11. A deusa Ischtar fez-me prosperar em minha profissão de jardineiro.

12. No fim de 5 annos, eu me apoderei do poder real.

13. Governei os homens de face escura (os accadianos)...»

Segue-se a enumeração de suas conquistas.

Quando se allega que Moisés devia ser conhecido perfeitamente porque em seu tempo sabia-se escrever, tornando se portanto, facil conservar fielmente a sua memoria; eu concordo que com mais

razão deve ser certo esta historieta. Porque foi em seu reinado que Accad tornou-se o centro litterario por excellencia, a éra das grandes compilações de tractados astrologicos dos quaes possuímos muitas paginas redigidas em lingua samiriana ou accadiana e donde nos proveio a certeza da origem mythica do zodiaco pela traducção interlinear desses tractados mandados reproduzir em assyrio por Assurbanipal, em cuja bibliotheca foram encontrados os nomes completos e primitivos attribuidos aos diversos mezes do anno.

São elles os seguintes pela ordem philologica de derivação:

	Accadiano	Assyrio	Hebreu
1	Bara siggar.	Nisannu.	Nisan.
2	Gud sisi.	Airu.	Jyar.
3	Murga.	Sivanu.	Sivan.
4	Su kulga.	Dúzu.	Tammuz.
5	Dhe Dhegar.	Abu.	Ab.
6	Kin suku.	Ululu.	Elul.
7	Dul ku.	Tasritu.	Tisri.
8	Apin gaba.	Arakh-samma.	Mar'hesvan.
9	Ganganna.	Kisilivu.	Kislev.
10	Abba uddu.	Tabitu.	Tebeth.
11	As A. An (sur)	Sabatu.	Sebat.
12	Se kin-tar.	Addaru.	Adar.

Estas trez linguas, postas em confronto, paten-

team ao leitor o quanto se assemelham as duas ultimas linguas semiticas, o assyrio e o hebraico.

Quanto á accadiana, não seria conhecida se não fosse descoberta uma preciosa taboleta do Museu Britanico contendo uma segunda nomenclatura symbolica e religiosa, inteiramente distincta, que nos revelou como a designação de cada mez, por um ideogramma simples, não é senão a abreviação d'uma antiga nomenclatura accadiana, onde as appellações dos mezes mais desenvolvidos, se referiam todos, a alguns mythos.

Ora, é sufficiente lançar um olhar sobre a velha nomenclatura mythica dos Accadianos, para nos convencermos do parentesco entre a fabula a que fazem allusão diversos desses nomes e a appellação do signo, correspondente ao mesmo mez no zodiaco.

Basta pôr, debaixo de cada um dos nomes accadianos acima enumerados, as traducções completas que vos apresento no quadro seguinte:

Mezes	Signos	Nomes completos accadianos	Deuses
1 Março	Aries	O Altar do Demiurgo	Anu e Bel
2 Abril	Taurus	O Touro propicio	Ea
3 Maio	Geminis	A fabricação dos tijollos	Schin
4 Junho	Cancer	O beneficio da semente	Sandam
5 Julho	Leo	O fogo fazendo fogo	Allat
6 Agosto	Virgo	A mensagen de Ishtar	Ishtar
7 S. ^{bro}	Libra	O Tumulus puro	Schamach
8 O. ^{bro}	Scorpio	A abertura dos alicerces	Maruduk
9 N. ^{bro}	Sagittarius	As nuvens espessas	Nergal
10 D. ^{bro}	Caper	A caverna do levantar do Sol	Papsukal
11 Janei. ^o	Aquarium	A maldição da chuva	Rimmon
12 Feve. ^o	Pisces	A collocação da semente	Os 7 deuses

Como vemos, nada mais claro e completo é possível se desejar.

Este quadro que vos apresento é o transumpto de innumeradas excavações archeologicas e philologicas. accumuladas pelos cerebros mais potentes da Inglaterra e da Allemanha contemporaneas, e, cujos resultados mais claros e accessiveis tentarei expôr no capitulo seguinte onde ha plethora de documentos. Temos, sobretudo, nada menos que todo o poema epico de que já temos nos servido varias vezes até aqui, cujos 12 cantos estão dispostos na ordem do Zodiaco.

Ahi verá o leitor como o Deluvio de Xisuthrus-Hasishatra-Noé corresponde ao mez XII «o da maldicção da chuva», narrado pelo proprio patriarcha, de inteira conformidade com o que diz o Genesis nos seus dous textos amalgamados.

Desse traço de união innegavel entre a Biblia e a Mythologia chaldeana, facil será tirar outras illacções, tão solidas como essa, afim de desvendarmos um dos enigmas da exegese hebraica, que mais trabalho tem causado aos pensadores e aos theologos.

Ahi veremos como, mais uma vez Salomão tinha razão de sobra quando disia:

«Nihil sub soli novum».

Sim! o Kalendario de Augusto Comte é uma copia, como copia fôra tambem o Kalendario Juliano, cujo modelo ahi vedes.

Nada ha completamente novo debaixo do Sol, mesmo a propria Biblia.

CAPITULO VI

Os dez Patriarchas

Todos os que lêem constantemente a Biblia lembram-se immediatamente desse heróe enigmatico que personifica a guerra e a destruição, desse «caçador famoso perante Elohim», da raça de Kush, apenas indicado de passagem como o conquistador das planicies da Assyria.

As Escripturas são parcas de desenvolvimento, sempre que se vêm forçadas a mencionar factos e pessoas intimamente conexas com algum mytho semitico.

A simplificação da narração neste caso, é tão manifesta, como quando tracta da descripção dos astros, onde até torna-se obscura por incompleta, porque seria forçada a mencional-as como morada dos deuses supremos.

Assim tambem não amplia a historia das contendas entre os filhos de Noé, para não comprometter-se com as lendas sobre o antagonismo dos descendentes dos tres filhos de Noé -- Xisuthrus dos quaes outros povos conservaram-nos tantas tradições.

O mesmo acontece ao Hercules Accadiano, mencionado claramente, porem muito de passagem, o que impede o Genesis de se emaranhar em detalhes forçados de um politheismo compromettedor; pela obvia razão de que o compilador dos dous textos Elohistas e Jehovistas não podiam deixar de passar suas façanhas famosas em todo Oriente, se fossem mais minuciosas as referencias sobre os mythos dessa vasta epopeia.

Os criticos são concordes em descrever esse processo como o modo que insensivelmente simplificou e humanisou os semi-deuses e os heroes primitivos como Nemrod, do qual apenas sabemos pelo Genesis (X, 8) o seguinte:

8. «E Cus (Kusch) gerou Nemrod. Este começou a ser poderoso na terra;
9. «Este foi um famoso caçador diante da face do Senhor; pelo que se diz: «Como Nemrod famoso caçador diante do Senhor»;
10. «E foi o principio de seu reino Babel, Erech, Accad e Calné, na terra de Sennaar;
11. «Desta mesma terra sahio Assur, edificou Niniveh, Rehaboth, Ir e Calah;
12. «E Resen, entre Niniveh e Calah: Esta é a grande cidade.»

Não é agora meu intento explanar aqui questão de ethnographia, ainda bastante controvertida, suggerida pelo texto citado.

O problema da dispersão dos povos que aqui vemos descripta, tem como todo o resto do X capi-

tulo do Genesis, uma feição vaga de tradições quasi apagadas, redigidas por um auctor, sem duvida antigo, que deveria ter vivido, mais ou menos pelo decimo seculo A. C.; porque as cidades ahi lembradas são indubitavelmente antiquissimas não remontando, porem, como faz suppor o redactor desse documento, a idade immediatamente posterior ao Deluvio.

O termo de pai ou de antepassado fundador de cada nacionalidade foi tomado a serio por todos os commentadores, que ainda hoje, apenas concedem o intervallo de algumas gerações entre essas personificações mythicas de cada nacionalidade.

Nunca um auctor semita deixa de amontoar genealogias fabulosas sobre seus antepassados que antigamente, como veremos, tanto pela Biblia como por outros velhos livros e poemas orientaes, eram os prefacios forçados de todos os seus annaes.

O curioso do caso é vermos qualquer commentador da Biblia, mesmo dos mais modernos e autorisados como o *Speaker's Commentary of the Holy Bible*, ⁽¹⁾ que mostra-se tão a par do que escrevem os exegetas allemães de todos os matizes, dizer, não sei por qual preconceito theologico, que quando o Genesis affirma: — «Cus gerou Nemrod» — quer dizer apenas que é um seu descendente directo e não forçosamente o seu proprio filho.»

Essa restricção não consegue encobrir que tracta-se ahi de povos e não de homens cuja descendencia

(1) The Holy Bible — Genesis — pag. 88, nota 8.

podia ser verificada. Um povo descende de outro, como o enxame de abelhas que se desprendem d'uma colmeia; porem incognito e quasi desaperebido do resto dos habitantes que espellem os mais novos sob a direcção de alguns chefes desconhecidos, tornando-se mais tarde novas nações e impondo-se como taes.

D'ahi, vem o facto de o povo, que habitava uma certa região, ser tomado como *filho* de um só patriarcha do mesmo nome.

Hoje está muito sabido que o tal Assur, pai dos Assyrios, segundo o Vulgata (X, 11): — «*De terra illa egressus est Assur.*» — «Da mesma terra sahio Assur,» — que esse personagem é o proprio Deus nacional dos ferozes conquistadores de Ninive e da mais antiga capital do paiz, que chamava-se exactamente Assur. Uma vez reconhecido essa rectificação, facil foi a revisão da velha tradição catholica, que adoptão todos que estão ao facto dessa filiação, pouco crível, do Grande Deus Assur descendente de Noé por intermedio de Kus irmão de Mizraim e de Canaan.

A versão conforme a tradição é esta segundo a Biblia anglicana, onde diz que o velho texto traduziu assim: — «*From this land went on into Assyria.*» Quem? Nemrod e não Assur. O texto acceito é emendado pelo commentador que diz: — «*Out of that land went forth Assur and built Niniveh.*» Logo: é um filho da região Mesopotamica differente de Nemrod.

Ora, então quem é esse Assur que é um dos

filhos de Sem no versiculo (X, 22), senão um patriarcha como os outros: — «Os filhos de Sem eram Elam e *Assur*, Arphaschad, Lud e Amram.»

Digam-nos agora se ahi não está a prova de que, uma vez sabido que Assur era um Deus ou uma Cidade, supprimiram-o do texto onde elle está claramente humanisado, para collocar em seu lugar a Kushita Nemrod, como pai de um povo essencialmente semita.

No inestimavel livro de Ménant, sobre as inscrições dos reis da Assyria lemos, a cada passo, phrases como esta: «Bel-kat-ir-assur, que foi a origem da realesa, e a quem o Deus Assur chamou ao imperio desde uma epocha remota.»

Todos os reis assyrios se referem com estrema reverencia a esse Deus supremo da nação, Assur, que submete todos os deuses visinhos cujas estatuas são transportadas para os seus templos, do mesmo modo que foram levados em opprobrio ao Deus de Israel os thesouros do Templo de Salomão.

Das inscrições se deduz que a capital mais antiga da monarchia assyria era effectivamente a cidade de Assur, que pouco a pouco foi sendo substituida por Ninive e Calach, a Calneh da Biblia.

Esses factos são hoje correntes na sciencia, e ainda mais claro se torna esse absurdo, quanto á filiação do Heroe chaldeu Izdubar, que se gabava de descender directamente desde Noé atravez de muitas gerações de Reis.

O proprio poema de Izdubar nos diz claramente no Canto IX, columna III: — «Elle, Hasishatra,

(Noé) *meu pai*, que foi collocado na assembléa dos Deuses.»

O Chus de que falla a Biblia como sendo seu pai e filho de Noé é uma das divindades accadianas, e, *exactamente* como elle, uma divindade solar da raça *pre-semitica* dos Accadianos e Sumirianos chamada Chusu, Cusi, ou Cus — «O Deus do Sol poente ou da Noite.»

Do mesmo modo, Nemrod descende de Chus, e por elle, de Noé com o character de «caçador famoso», *aventureiro* e conquistador.

Como o Hercules chaldeu, elle conquistou e dominou toda a região das planicies do Senaar, onde ainda em seu tempo, subsistiam as tres cidades antediluvianas da Babilonia: A accadiana Din-tir; a Larancha de Berosio denominada Shuripack nas inscripções, a patria de Noé e onde elle construiu a famosa Archa; e sobre tudo, «a doce Erech» a cidade de Warka dos tempos posteriores, o berço da monarchia Medianita de Berosio, durante o 3.º milenio A. C., *emfim*, o theatro de seus grandes triumphos.

No poema, lemos o nome de ao menos 19 cidades datando de mais de 2.500 annos A. C. Por ellas, verificamos a antiguidade do estado geographico dessa região do baixo Euphrates e do Tigre que, nessa epocha, corriam distantes um de outro, indo ambos, por apartadas embocaduras desaguar no golpho Persico e a quarenta milhas aquem da actual posição do mar.

Alem das cidades acima nomeadas, foram en-

contrados novamente os restos da Warka ou Uruck, a antiga Erech — «a cidade» ou capital por excellencia; e as de Babilonia dividida em duas partes: *Ca-dimira* «a Grade de Deus», e *Din-Tir* «o assento da Arvore da Vida», na parte opposta do Euphrates, sendo ambas, depois da conquista semita, unidas em uma unica cidade conhecida como *Bab-Illu*, ou *Bab-El* «a porta de El», a traducção semita do accadiano *Co-dimira* «a porta do grande Deus El.» Nos suburbios estava situada a torre de Borsippa, famosa pela legenda biblica de confusão das linguas.

Mais ao Norte admirava-se a cidade de Accad, situada como Babilonia, nas duas margens do Euphrates. Foi ahi que, pelo anno 3.800 A. C., floreceu Sargon de Accad, o rei literato a quem devemos os mais preciosos documentos das celebres traducções bilingues, mandadas editar e traduzir pelos reis Assyrios. A parte mais povoada dessa metropole chamava-se Sippara «a cidade do Sol» e a menor, do outro lado, Agadé ou Accad que, mais tarde intitulou-se «Sippara do Deus-Lua», d'onde se deduzio o nome de *Sepharvaim* «as duas Sippara».

A' Leste de Sepharvaim, estava situada a Cuthah.

A parte norte de Accad é, frequentes vezes, chamada tambem Kar-Dunias ou Gan-Duni, o *Eden* da Biblia, que, como é sabido, deslocava-se para diversos pontos do Euphrates.

Ha, porem, uma cidade que, acima de todas, está intimamente ligada com o proprio nome do heroe, é a de Amarda ou Marad.

Os orientalistas, ⁽¹⁾ partindo dessa palavra accadiana, induzem do modo seguinte: — O nome de Marad é a transformação semítica dessa palavra que significa «Rebelde» derivado do accadiano *an Amarda* «o Deus de Amarda» que era «o Deus Amar-utuk» — «A rotação do Sol», — transplantado para o assyrio sob a denominação do grande Deus Solar Maruduk.

Esse deus, patrono de Babilonia, considerado como um grande «caçador», estava sempre acompanhado de quatro cães temíveis: Icsuda, «o despojador» — Acculu, «o devorador» — Icsudo, «o capturador» — e Iltebu, «o corredor».

Maruduk está sempre representado como um guerreiro armado de lança.

A mythologia phenicia denominava-o Melkart, o Hercules phenicio, cujas empresas famosas são-nos muito conhecidas pelas narrativas dos poetas gregos.

O heroe do poema. Izdubar, é evidentemente o mesmo personagem, como em breve demonstraremos mais detalhadamente, quando neste capitulo tivermos de analisar detidamente os seus 12 trabalhos correspondentes aos 12 signos zodiacaes.

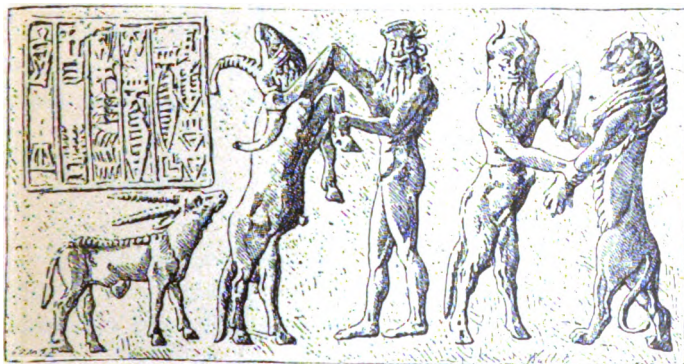
E' de esperar que os novos mananciaes, ha pouco postos a descoberto, venham esclarecer estes obscuros problemas de philologia semitica já tão bem cercada de muitos dados solidos pelo lado historico. Eu creio n'isso tanto mais quanto acabo de lêr na

⁽¹⁾ Schrader — Op. cit. pag. 93 — Sayce The Chaldean account of Genesis — na pagina 190.



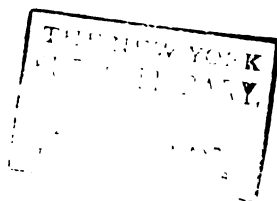
EABANI e IZDUBAR

luctando contra o Touro e o Leão



Feras das florestas de KUMBABA

(pagina 146)



Revue Archiologique ⁽¹⁾ que o incansavel orientalista Mr. Sayce declarou recentemente ter decifrado, n'uma inscripção de Kojundjik, uma menção da fundação do reino da Assyria por Nemrod, confirmando desse modo a tradicção conservada no Genesis, segundo a interpretação d'aquelles que corrigem nesse ponto a velha traducção da vulgata catholica.

Por esses novos dados veremos, mais tarde, quem tem razão: se a Biblia que faz do Deus Assur um patriarcha, pai dos Assyrios, ou se os monumentos que falam apenas de alguma expedição do semi-deus Nemrod-Izdubar, em direcção ao paiz de Assur.

Não é duvidoso que nos restos da bibliotheca de Ninive, depositada no *British Museum*, sejam encontrados novos fragmentos de tijollos que possam ser collocados no lugar preciso, onde ainda se encontram tantas lacunas que deturpão os restos informes da maior parte dos 12 cantos do poema de Izdubar, cuja distribuição exacta está resumida schematicamente no seguinte quadro que synthetisa em si todo o poema, segundo a distribuição dos materiaes proposta por F. Lenormant: ⁽²⁾

TABOA I

Falta toda ella.

TABOA II

O começo está destruido. No que se segue a esta lacuna, Izdubar vê em sonho as estrellas cahirem do céu. Envia alguém a procura do vidente

⁽¹⁾ *Revue Archéologique* — Janeiro 1893, pag. 103.

⁽²⁾ F. Lenormant. — *Les Origines de l'Histoire*, I, 330.

Ea-bani, meio homem e meio touro, para que viesse interpretar seu sonho.

TABOA III

Ea-bani, seduzido por Scham'hat e Harimat, (a graça e a persuasão personificadas), delibéra dirigir-se para Ereck, na corte de Izdubar. Preparam festas para recebê-lo. Amizade que liga d'ahi em diante os dous heroes.

TABOA IV

Izdubar, por conselho de Ea-bani, põe-se a caminho para atacar o tyranno Kumbaba, o Gerion de Hercules, na floresta dos cedros. Façanhas dos dous heroes durante a viagem.

TABOA V

Desbarato e morte de Kumbaba.

TABOA VI

Ichtar offerece-se como esposa a Isdubar: elle a repelle, lançando-lhe em rosto sua má reputação.

Venus-Ichtar, irritada, obtem de seu pai, Anu, a creação de um touro terrivel, que vá fazer depredações em Ereck.

Izdubar mata o monstro com a ajuda de seu amigo Ea-bani.

TABOA VII

Ea-bani (o Chiron, centauro grego) consulta as arvores, (a philomancia dos *anavins* judeus) para pedir-lhes um oraculo. Izdubar cabe doente e vê sonhos melonhos. Pede explicações a seu compa-

nheiro Ea-bani, cujo poder de advinho se enfraquece de mais a mais e não se sente mais com capacidade para interpretal-os. Morre Ea-bani.

TABOA VIII

O Hercules -- Izdubar lamenta a morte de seu bom amigo e inseparavel companheiro de luctas.

Doente e atemorizado por suas visões, decide-se a ir pedir a cura e o segredo da sua immortalidade a seu antepassado Noé-Hasishatra.

Durante sua longa peregrinação, atravez de desertos e florestas invias, encontra os dous Homens-Escorpiões que contemplam o levantar e o pôr do sol. Visita os jardins que os gregos collocavam nas Hesperides e que os assyriologos identificam, pela sua maravilhosa descripção, com o Eden, cujos fructos brilhantes e saborosos são guardados por duas nymphas: Sidari e Schabit.

TABOA IX

Izdubar, depois de ter admirado esse jardim de delicias, pôde ás duas nymphas que lhe concedam sahir, carregando alguns fructos.

Izdubar encontra o bateleiro Ur-hancha ou Ur-Bel, o Charonte chaldeu.

Continúa sua viagem por agua, conduzido por esse bateleiro, e acaba por navegar nas «Aguas da Morte», isto é, no Acheronte semita.

TABOA X

Izdubar attinge o paiz da embocadura dos rios, além das «Aguas da Morte», onde habita Hasisha-

tra Noé, tornado immortal por especial concessão dos deuses. O heroe indaga como foi que elle tornou-se immortal.

TABOA XI

Hasishatra narra-lhe a sua preservação do Deluvio, exactamente como no Genesis, e por felicidade, é essa incontestavelmente a parte melhor conservada do poema. Esse documento será, mais adiante, estudado por extenso, como de facto, merece um documento que está acima de tudo quanto de mais estupendo me tem sido possível expor até aqui.

Depois dessa narração, o venerando e immortal ancião purifica e cura Izdubar.

Este volta para Ereck restabelecido.

TABOA XII

O heroe vai piedosamente lamentar sobre o tumulto de seu inolvidavel amigo *Ea-bani*. Maruduk por ordem de Ea concede ao bom satyro «a creatura de Ea», a sahida do «Paiz d'onde ninguem volta», desse Sheol semita, bastante parecido com a Hadés grego, afim de morar em companhia dos Deuses Superiores, nesse Céu do Aralu, onde residem alguns privilegiados e pios heróes.

Acaba-se o poema do grande épico chaldeu *Sin-lici-unnini* o XII canto com uma esplendida apothéose final, concluindo dignamente essa obra prima, com chave de ouro.

Deste summario, podemos partir com a analyse particularisada sobre cada signo e mostrar como ha parallelismo entre o poema, o zodiaco e o mytho de Hercules, que é o mesmo Maruduck, levado pelos phenicios ás plagas longinhas do Mediterraneo, sob o nome de Melkart de Tyro.

Não ha duvida que ahi se acham sobrepostos elementos de varias camadas mythicas, sem que por vezes estejamos com todos os dados sobre o plano do poema, completamente esclarecidos.

Esses pontos obscuros são tanto mais insanaveis, quando é certo que nos achamos a braços com um texto, cuja restituição não póde ser completa por causa do estado deploravel de mutilação dos ladrilhos ou grandes taboas de barro, cujos pedaços, pacientemente collados uns aos outros, em numero de centenas de fragmentos, depara-se-nos na obra de Smith, uns mais outros menos estragados.

Dentre os que melhor se conservaram estão as taboas II, III, VII, VIII, IX e XII, que, só pela ordem zodiacal em que estão dispostas, puderam ser restituídas na sua ordem natural.

Em compensação, e por uma felicidade inaudita, estão salvos exactamente os dous cantos do poema que mais nos interessam.

A Legenda Ichtar, ou Venus e Adonis, e a narração completa do Deluvio de Hasishatra, que estudaremos detidamente nos trez capitulos seguintes.

Os dous capitulos antecedentes são apenas os preliminares destas confrontações, que só neste ponto e depois de bem comprehendidos, servirão de bases

seguras para as deducções da mythologia comparada, cujos resultados a exegese biblica consigna hoje correntemente, como fructo innegavel da importantissima controversia suscitada por Dupuis e Volney.

Estas inducções da mythologia comparada estão agora fortemente corroboradas pelos assyriologos, que quasi nem se lembram de medir a distancia, que vai entre as fontes gregas e hebraicas de Berosio, Phylon, Josephus, Eusebius e Polyhistor, com os recursos das novas descobertas, que fizeram entrar definitivamente a questão no dominio da Exegese Biblica.

Sigamos pois o nosso estudo na ordem de cada mez chaldeu.

I — Nizan

O primeiro mez começava em Março e chamava-se Sivan tanto em assyrio como em hebreu. E' a traducção abreviada do antigo nome accadiano *Bara xiggar* que se traduz pelo «Mez do altar do Demiurgo», era presidido pelos deuses Anu (Uranos ou Céu estrellado), e Bel, (Zeus ou Jupiter ariano).

Commemorava a creação dos astros e a organização do Universo; porquanto, como vimos na cosmogonia, o universo estava dividido em tres regiões, competindo o Céu a Anú, a Terra a Bel (Baal El, Eeohim) e o Mar a Ea, o deus creador e civilisador da humanidade e que tirára o homem do barro da terra, como Javeh ou Jehovah.

O signo que representa esse mez é o *Aries*, o cordeiro, a victima por excellencia, a mais digna do altar do Demiurgo creador.

Nada mais nos resta do poema de Izdubar, no primeiro canto, que ajude a nos esclarecer sobre este primeiro mez que precedia, conjunctamente com o seguinte, á enumeração dos patriarchas; primeiro mez que era occupado pela commemoração dos deuses creadores ou Demiurgos e aos quaes consagravam o periodo da semana cosmogonica e do *Shabath* divino, em que descansaram das fadigas da construção ingente do Universo.

Devemos contar antes desse VII dia os seis cyclos ou epochas divinas de 43,200 annos, o que coincide com os dados conservados no Talmud, que commemora o facto de ter começado a Creação no equinoxio de Março a Abril.

A precessão dos equinoxios é um facto astronomico bem estabelecido nos annaes da China, onde sobre este assumpto, os documentos são clarissimos e conhecidos, desde o seculo passado, pelos estudos do sabio Jesuita missionario Padre Goubil.

O Snr. James Legee ⁽¹⁾ publicou uma memoria sobre o assumpto na grande collecção de textos religiosos do Oriente, editados por Max Müller onde se póde estudar um mappa schematico, indicando as posições differenciaes de 4.000 annos atraz segundo o Schu-King de Confucio.

As tradições orientaes sobre este assumpto, não

(1) Max Müller — The Sacred books of the East — vol. III., pag. 27.

são menos verosímeis do que quando lemos o verso de Virgílio:

«Candidus auratis apperit cum cornibus duum
Taurus

Os arabes transmittiram, por intermedio dos astrologos medievaes, a tradição babilonica sobre o facto de haver começado a Creação quando o signo de *Aries*, que precede a *Taurus*, marcava o equinoxio de Outomno.

Os bellos versos da *Divina Commedia* de Dante, abaixo apresentados, são testemunha evidente dessa crença oriunda da mais alta antiguidade:

«Tempo era dal principio del matino;
E il Sol montava in su con quelle stelle
Ch'eran con lui; quando l'amor divino
Mosse da prima quelle cose belle.»

Foi pela hora da madrugada, quando o Sol surgia juncto do *Aries*, que se realisava a primeira posição em que se achava o astro diurno, na epocha em que Deus creára o Universo.

Quando hoje vemos surgirem do esquecimento monumentos e inscrições archaicas como as descobertas por Mr. Sarzec em Tello, nas margens do baixo Euphrates, ás quaes attribue-se uma antiguidade de mais de 70 seculos, isto é, 5.000 annos A. C., e conjunctamente com esses outros monumentos de um archaismo tal que desafiam a antiguidade de Menés do Egypto, e dos quaes diz Salomon Reinach, ⁽¹⁾ o conhecido philologo: — «sont

⁽¹⁾ Revue Archéologique — Janvier 1893 — pag. 102.

d'une antiquité véritablement effrayante» — ao ponto de parecerem dar a primasia á Chaldeia sobre o Egypto, nesse concurso de antiguidades, entre as duas mais velhas nações do mundo; quando sabemos hoje tudo isso perguntamos: qual seria a posição do Céu estrellado nessas epochas, senão a de *Aries*, ou pelo menos, a da estrella *Aldebaran* do *Taurus*, de primeira grandeza, que marcava, sem concurrentes de igual brilho, o equinoxio, nessas erás remotas?

Podemos concluir com segurança e estribados na opinião valiosa de vários astrónomos, que em epocha anterior ao 2.º milenio da Era Christã, nenhuma estrella superior em intensidade illuminativa, capaz por isso mesmo de fascinar a imaginação robusta dos astrologos chaldeus, poderia leval-os, forçadamente, a modificar a velha posição da *Aldebaran*, no caminho percorrido pela precessão dos equinoxios.

II — Aír

O segundo mez é chamado Aír nas linguas semíticas e corresponde ao nosso mez de Abril. Era consagrado ao Deus Ea «O Senhor do genero humano», como vimos na criação do homem *Adam*.

As narrativas do segundo canto do poema, tratam das relações de amizade existentes entre o Hercules Izdubar e o seu auxiliar, o bom e sabio Eabani, isto é, «Ea creou-me», representado na fôrma

de um touro, porém, de rosto humano, forma análoga a do Centauro Chiron, que nas lendas gregas, foi mestre e companheiro de Hercules.

E' por isso que o nome accadiano deste mez chamou-se *Gud-sidi*, que se traduz pela frase «Mez do touro propicio». Este mez é consagrado portanto, ás obras do Deus Ea, o creador dos monstros e do primeiro homem, como está hoje perfeitamente verificado pelos documentos astrologicos.

III — Sivan

O terceiro mez é o de Maio, chamado em hebraico e em assyrio *Sivanu*. Era o mez consagrado ao irmão mais velho de Bel, o Deus Sin, (correspondente na lista a Sheth).

Set, ou Sutekh, conhecido como o grande Deus dos Khetas ou Hetheus do Norte da Syria, adorado pelos pastores que invadiram o Egypto e o impuzeram aos conquistados com o seu culto.

Como Deus Syrio, está assimilado de modo formal com Ba-al, deus que depois de expulsos os invasores, foi tomado como um grande adversario de Osiris. ⁽¹⁾

O patriarcha hebreu Seth é exactamente um personagem ao redor do qual se formaram muitas lendas judaicas directamente filiadas ao mytho dos

(1) H. Brugsch - Religion und Mythologie der alten Aegypter, pag. 716.

dous irmãos Kabyros levado pelos phenicios para Somotracia, ilha do mar Egeu, onde logrou immenso prestigio, mesmo ao tempo dos romanos.

Este assumpto que estudamos atraz está perfeitamente ligado com o dos filhos de Adão, adorados neste mez, como sabem os assyriologos que sobre esta questão dispõem d'uma grande copia de dados authenticos, bastando-nos aqui citar o seguinte que é claro e peremptorio:

«No mez do primeiro estio, *o mez do gêmeo real*, do deus grande cervo (sobrenome commum a Schin e a Ea), do deus que exerce a dominação sobre o céu, que envolve com sua protecção o meu flanco, do deus illuminador do Céu e da Terra, do heróe entre os deuses, Schin, mez que pelos decretos de Anu, Bel e Ea, o deus de olhos claros, por nelle se modelarem os tijollos afim de fazer a cidade ou casa; chamou-se «o mez do tijollo»; no dia da invocação do Senhor da vasta intelligencia, Maruduk (Jupiter), á Nabu (Mercurio) escriba do Universo, motôr de todas as cousas dos deuses (os dias da invocação de Nabu são em 4, 8 e 17 deste mez), fiz modelar o tijollo (da cidade ou casa que o rei construia); á Laban, senhor das fundações em tijollos, e á Nergal, (Marte) filho de Bel, immolei cordeiros como victimas, fiz tocar as flautas e levantei minhas mãos invocando-os. No mez de Ab. (Julho), *o mez da descida do fogo dissipando as nuvens humidas*, fixando a pedra angular da cidade ou casa, eu firmei os alicerces, e colloquei os tijollos.»

Por este documento verificámos que o mez da fundação das cidades, como a *Henochia* de Caim, era o «dos gemeos reaes», ou «dos tijollos».

Não precisamos mais insistir sobre este assumpto, já bastante elucidado n'um capitulo anterior sobre os sacrificios humanos, afim de podermos chegar á confirmação do plano mythico do cyclo zodiacal, coincidindo tão intimamente com o do Genesis, que, até agóra, nada mais temos feito do que segui-lo *pari passu*, na mesma ordem rigorosa.

Os astrologos conhecem até hoje esse terceiro signo zodiacal e o representam da mesma forma, por dous jovens, ao lado um de outro, em attitude verticalmente inversa, ou então por uma simples pilha de tijollos.

IV -- Duz

O mez de Junho chama-se Duz nas linguas semíticas: E' a tradução mais abreviada do accadiano *Lu Kulga*, que significa: «mez do beneficio da semente».

Era representado pelo carangueijo, ou *Cancer*, para lembrar o movimento de retrocesso do sol, da sua excursão mais longinqua ao polo Norte.

E' por isso que esse curioso crustaceo assumio esse lugar no zodiaco, correspondendo ao solsticio de Estio.

Nas legendas chaldeanas, o poema muito fragmentado descreve-nos a grande empresa dos dous amigos Ea-bani e Izdubar em busca do tyranno Kum-

baba que moravam, como o Gerion grego, em uma espessa floresta de pinheiraes onde, a cada passo, encontravam monstros para trucidar.

Entre outras legendas referentes a este mez apontão a do monstro chamado Bul que assolava essas regiões.

Ora, é exactamente este o mez do monstro «roubador da semente», que mais tarde foi transformado n'esse horripilante crustaceo cujo movimento de retrocesso ainda o torna mais extraordinario e curioso.

O Deus que presidia a este mez era Sandan, o destruidor de monstros por excellencia.

Na série dos patriarchas, os documentos revelavam até agora pelo menos quatro nomes; que dão o equivalente de outros citados por Berósio, entre os quaes o *Ammemon* dos compiladores que é o mesmo Hammanu dos monumentos cuneiformes astrológicos, coincidindo com o Qenan biblico, que está em 4.º lugar, de pleno accordo portanto, com os apontados por Berósio.

V — Ab

O mez de Julho, intitulado *Ab* no hebraico, é também a traducção simplificada do accadiano *De-dhegar*, ou o «mez do fogo ardente».

E' este o mez que vimos tão bem descripto na inscripção do 3.º mez atraz citado, que o define —

«o mez de Ab ó o mez da descida do fogo, espalhando as nuvens humidas».

A facil interpretação de um mytho solar, ahí transparece abertamente.

São personificações das forças e dos aspectos da natureza assumindo fórma de seres intelligentes e de divindades de quem directamente depende a humanidade primitiva, que supplica-lhes, e teme-os como aos deuses antropomorphos, em que se transformam nas mythologias polytheistas dos povos mais adiantados. Chegados a esse ponto de evolução caminham finalmente para uma simplificação pelo monotheismo, como o conseguiram só os Judeus em massa, e diversos outros nucleos sacerdotaes esparsos em toda a antiguidade oriental, os quaes, porem, não poderam como os prophetas de Isráel estender tão elevados dogmas para o uso de grandes imperios.

A interpretação naturalista dos mythos, hoje vulgar na philologia comparada, não abrange só os arianos, a propria Assyria passava, como quasi esteril em lendas e pouco polytheista, ao ponto de se forjarem systemas sobre o monotheismo innato dos povos semitas. As descobertas, porém, de 30 annos a esta parte, revelaram a existencia de um panthéon tão rico e complicado na velha Accad, precedido de um quasi fetichismo tão rudimentar, que o Deus Unico do Pai Adão é um enigma para quem fôr excavar as fontes fetichistas e naturalistas das mais antiquadas cammasdas semiticas.

O monotheismo innato desse povo, é, pois, um

absurdo a menos que se deixe de sustentar com **Max Müller** e **Le Page Renouf** ⁽¹⁾ que o **monotheismo** é uma intuição natural da intelligencia dos **espiritos** mais adiantados das civilisações mais **evoluídas** da antiguidade, nas ultimas phases de sua **evolução** polytheista antes de Christo; o que implica, **segundo** estes dois sabios orientalistas, a **desnecessidade** da pretendida revelação primitiva dos **theologos**.

Encerremos, porém, este parenthesis sobre doutrina geral e voltemos ao nosso assumpto. Mostremos como entre a narração accadiana do poema de **Izdubar** e o signo de Julho, em nosso calendario, ha perfeita correspondencia.

O assumpto que, na epopeia de **Izdubar**, serve de **thema** a este mez é e devia ser, um combate na **sombria floresta** de pinheiros em que se achava escondido o tyranno **Kumbaba**, que tantas analogias apresenta com o **Gerion** dos gregos, vencido por **Hercules**.

O heróe grego executou na sua victoriosa peregrinação, doze grandes trabalhos, dos quaes não foi o **menos** importante a morte do **Leão de Neméa**, acontecimento que é precisamente um dos assumptos predilectos dos baixos relevos assyrios, n'um dos quaes se vê **Izdubar** com suas attitudes athleticas, apertar contra o peito um leão, pequeno como um gato, em proporção com sua estatura portentosa.

Depois desses grandes feitos, volta a **Ereck** tri-

⁽¹⁾ **Le Page Renouf** — The Hilbert lectures for 1879 — Ancient Egypt, pag. 100.

umphante como o sol que acaba de dissipar as densas nuvens do mez de Ab.

Ora, o signo deste mez é, como se sabe, o *Leo* dos nossos calendarios.

VI — Ulul

O sexto mez é o de Agosto, e é denominado Ulul em hebraico, traduzido como os outros nomes dos mezes do accadiano, e que veio, como até aqui nós temos verificado, dar a chave mythica, assim como a lista completa dos deuses que presidem a essas doze partes do zodiaco.

O nome deste interessante mez é, na lingua dos sumirianos e dos accadianos, *Kin sukus*, que significa: «O mez da mensagem da Deusa Ichtar».

O poema, perfeitamente conservado nesse canto, tracta exactamente da mensagem da Deusa Ichtar ao heróe Izdubar para que a acceitasse por esposa.

Não convém aqui desenvolver este estudo, mais digno de um capitulo particular, por contêr este episodio do poema uma descripção do *Scheol* chaldeu, cuja traducção na biblia dos setenta é sempre *Hades* em grego.

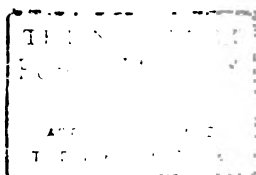
A noção da vida futura era, tanto para os gregos como para os semitas, muito semelhante á do *Scheol* judaico como nesse estudo particular ficará provado cabalmente.

Basta lembrar aqui, para resumo do assumpto



IZDUBAR DERRIBANDO O LEÃO

(pagina 159)



que tractamos, que o signo dessa Virgem, muito pouco virgem, representa Ichtar, ou Venus Astar-théa, que é a mesma deusa Aschthoreth dos Livros Sagrados do Antigo Testamento.

VII — Tachrit

Este mez é o nosso Setembro cujo nome semítico é Tachrit, traducção assyria abreviada do nome accadiano Dul-Ku.

Traduz-se pelas palavras: «O mez de Tumulus puro». Os tumulus sobre os quaes se edificavam as torres do typo da de Babel eram, em geral, uma accumulção de terra, sustentada lateralmente, por uma serie de muralhas de cinco andares sobrepostos; tudo isso em fórmula de polyedros rectangulares ou quadrangulares, de area sempre menor da base para o vertice, sendo entretanto essa forma menos aguda do que a usada no Egypto. E' uma forma architectural que vemos conservada no Mexico pelos Aztekes e outras raças mais ou menos civilisadas da America: forma essa de alicerces que parece remontar á immensa antiguidade, segundo as opiniões de todos os anthropologistas da actualidade.

A forma dos templos primitivos tem uma evolução artistica sempre ascendente e progressiva que se póde seguir desde o monticulo de Bet-El, passando pelas grandes pyramides egypcias, seguindo pelas torres prismaticas de Babel até o templo meio

egypcio, meio chaldeu, dos obreiros phenicios de Salomão.

O signo chaldeu deste mez é o proprio signo immenso do Escorpião cujas pinças estão postas no lugar do signo grego da Balança, em seguida ao da Virgem, valendo por dous dos outros, como vimos no capitulo antecedente.

O poema tracta neste conto da morte de Ea-Bani.

Este sabio, filho do deus Ea, tendo já as faculdades enfraquecidas ao ponto de não poder mais interpretar os phenomenos suggestivos das arvores propheticas tantas vezes consultadas pela phylomania chaldaica, deperece e morre, longamente lamentado por seu amigo Izdubar cujas empresas tanto auxiliára:

O deus invocado neste VII mez era Schamach o guerreiro do Universo.

VIII — Ara'h-Schamna

Este nome do oitavo mez assyrio era a traducção do nosso mez de Outubro, que na primitiva lingua dos accadianos, intitulava-se *Apin gaba*, isto é, «Mez da abertura dos alicerces».

O setimo patriarcha Hanoah, «O Iniciador», aquelle que corresponde a 6.^a e ultima revelação divina, nos annaes dos patriarchas antedeluvianos de Berosio, e na serie de deuses patronos reconstruido e

restituido em sua integridade, era o deus solar Maruduck.

Este deus era o grande revelador da sciencia e dos oraculos divinos e por excellencia o «Arauto dos deuses», o «iniciador» das cerimoniaes do culto, e o promulgador de todas as leis divinas e humanas.

O titulo, que mais o ennobrece perante os trez deuses superiores e o colloca em perfeita identidade com Hanoeh, isto é, com aquelle que, como Hasi-shatra-Noé, foi arrebatado ao cêo para morar com os deuses; é o de «haver marchado diante de Elohim»; porquanto de Maruduk tambem diz um hymno em seu louvor: — «Eu sou aquelle *que marcha diante de Ea*, sou o filho mais velho de Ea, e sou tambem seu mensageiro».

Marchar diante do Senhor quer dizer, andar segundo os dictames divinos.

Isto basta para completar o retracto do personagem mythico e corroborar o plano da epopeia de Izdubar, acclarando quanto possivel, a identidade desse mysterioso personagem humanisado artificialmente pelo *compilador* do Genesis.

O episodio do poema epico chaldeu é o mesmo em todas as suas phases que o dos amores de Hercules e Djanyra, da qual dizem os poetas gregos que, levada por um ciume inexoravel, banhara sua tunica no sangue venenoso do centauro Nessus.

O mesmo acontece a Izdubar pela vingança da deusa Ichtar, a quem desdenhara não acceitando a sua «mensagem amorosa», facto esse que motivou

a doença a elle inflingida pelo deus Anú a pedido de Venus-Ichtar.

O semi-deus teve então sonhos e visões horrendas que o impressionaram profundamente.

Vendo deperecerem suas forças, como um sol proximo ao occaso, decide-se a ir em busca do immortal Hasishatra, o Noé biblico, atravez das regiões as mais inacessiveis aos passos humanos, para muito além dos mares e dos desertos mysteriosos que cercaram o homem primitivo, nas longinquas paragens povoadas de monstros, como o Touro e o Leão que matára em suas excursões, conforme vemos pelos monumentos assyrios que minuciosamente o pinta e esculpe nas muralhas dos templos e dos palacios reaes. Diz o poema:

1. Izdubar sobre Ea-bani seu amigo;
2. Amargamente chora, e atravessa o deserto;
3. Não tenho nenhum sabio como Ea-bani ao pé de mim;
4. A doença entrou em meu estomago;
5. Temi a doença e atravessei o deserto;
6. *Em procura de Hasishatra (Noé) filho de Ubara-tutu (o Obartés de Berrosio, e o 9.º dos patriarchas chaldeus);*
7. Estou percorrendo o caminho, e quieto vou;
8. Para as planicies abaixo das montanhas tomando meu caminho durante a noite.

Esta viagem á procura da pedra philosophal e

do elixir de longa vida, da qual era depositario o Noé-Hasishatra, fornece-nos a occasião de nos aproveitarmos, de passagem, do precioso verso 6.º:

«Em direcção á magestade de Hasishatra-Xisuthrus-Noé filho de Ubara-tutu, — Obartes-Lameck».

Estas facéis identificações põem a salvo de qualquer tentativa de negação a identificação entre os patriarchas biblicos e estes nomes, revelados pelos monumentos epigraphicos aqui expostos e analysados tão claramente, quanto o permitem o estado mutilado da epopeia do Hercules-Izdubar.

Si houver alguma modificação nos resultados até aqui obtidos, estes nomes permanecerão, em todo tempo, como um facto mathematicamente firmado pela philologia semitica.

Vimos anteriormente que o primeiro homem, Adão, era o Adoros de Berosio, equivalente ao Adiuro dos monumentos. Outro segundo nome, o de Ammemon, o 4.º patriarcha de Berosio é o Qenan, e em Assyrio o Ammanu das inscripções astrologicas. Agora temos nos seus devidos lugares o nono e o decimo dos patriarchas cantados no poema que nos descreve o immortal Hasishatra, o nosso Noé do Deluvio Universal.

E' tão perfeita a identidade, tudo segue tão systematicamente pela ordem Zodiacal, que lemos no poema, até mesmo um dos mais bellos trechos: o encontro de Izdubar com o Homem-Escorpião esse colosso tão grandioso como o Adamastor do nosso Camões, servindo tambem de guarda ás regiões ignotas antes nunca perlustradas.

A segunda columna mostra Izdubar n'uma região fabulosa onde depara com dous prodigiosos e monstruosos colossos cujos pés assentavam-se nas profundezas do Hadés e a cabeça attingia aos céos.

E' o par monstruoso o Homem e a Mulher-Escorpião a quem resolutamente dirigiu a palavra como Vasco da Gama ao Adamastor:

1. Das montanhas ouvindo-o tantas vezes...

2. Em direcção ao monte Masu em sua carreira...

3. o qual durante o dia contempla o sol nascente.

4. Sua corôa era a grade do céu,

5. Em baixo o Hadés era seu pedestal.

6. O Homem-Escorpião guarda seus portaes gradeados,

7. Ardendo terrivelmente, e sua apparencia era o da morte,

8. A grandesa de seu vulto sobrepujava as florestas.

9. Desde a alvorada até o poente contemplam o Sol, e

10. Izdubar vendo-os perturbou sua face transido de terror.

11. Reflectio, porem, e aproximou-se delles.

12. O Escorpião perguntou á sua femea:

13. «Quem se chega a nós com o corpo e a carne dos deuses?»

14. A femea-escorpião respondeu-lhe:

15. «O seu andar é o de um deus, mas seu fraco gesto é proprio de um homem.»

Ao ler-mos esta observação final acode-nos á memoria o verso da Eneida de Virgilio:

«Incessu patuit Dea!...

«Pelo andar reconheceu a deusa».

Tão bella é a scena, que os grandes epicos se encontram até nos mais inspirados dos seus versos, como esses cheio de magestade e de grandeza epica.

IX — Kisiliv

Este mez semitico é o nosso Novembro derivado da traducção assyria do accadiano *Ganganna* ou «O mez das nuvens espessas».

E' o começo do inverno nas regiões do hemispherio Norte e do consequente enfraquecimento progressivo da luz e do calor solar.

Esse phenomeno astronomico que rége a vida de todos os seres animados da Terra, foi tomado pela imagem da degenerescencia moral da humanidade. O progressivo dominio do principio do Mal parecia ser a consequencia natural da evolução da humanidade primitiva que ia se pervertendo, á medida que se affastava do dominio das divindades protectoras da innocencia das primitivas eras.

Essa evolução peiorativa é evidente, tanto nos nomes dos patriarchas hebreus como na preponderancia e dominação dos deuses violentos e inimigos da humanidade, como esse oitavo patriarcha Methuschelah, que significa em hebraico «O homem do

dardo» coincidindo com o Sagitario que é a forma zodiacal do deus Nergal, o Arés grego e o Marte dos romanos, o deus emfim, da guerra e do exterminio conhecido em todas as mythologias.

Se não ha duvida sobre a identidade da lista de Berosio e do Genesis, a coincidência desse nome do patriarcha com os caracteres do deus Nergal assyrio é mais um élo adquirido por intermedio da mythologia comparada dos semitas, consolidando assim cada vez mais, as inducções da assyriologia baseada nos monumentos authenticos das inscrições.

Neste nono canto da epopeia, temos um episodio precioso entre todos, que relembra-nos um dos pontos capitaes de nossa these.

E' o Paraíso terreal ou o jardim de delicias onde estava plantada a Arvore da Vida.

Na peregrinação de Izdubar para além dos desertos, devia, segundo as indicações do Escorpião, estar essa terra da promessa antediluviana, tão embelesada pela exuberante imaginação oriental.

Descreve o poema esse Edem depois de ter elle attingido «no lado Norte» uma região, onde as trevas eram constantes por não chegarem até lá os raios solares. Esse paiz está collocado no fim da planicie onde não existe a luz; onde lhe éra impossivel divisar cousa alguma ao redor de si.»

Afinal, percebeu, por entre as trevas, uma vaga luz que lhe permittiu avistar «a floresta das arvores cuja apparencia era igual a do jardim dos Deuses».

«Ahi os fructos das arvores oram de esmeralda,

sob cujo peso vergavam os ramos que recusavam-se a supportal-os. Os rebentos tão cristalinos que deslumbavam a vista.»

Esse Eden era guardado como o jardim das Hesperidas por duas nymphas — «Siduri e Sabitu que moram nas praias do mar.»

Izdubar conseguiu entrar nesse lugar feerico, obtendo das graciosas deusas fructas da arvore da vida, pedindo-lhes então permissão para levar algumas, o que lhe foi por ellas concedido de bom grado.

Não ha duvida que temos diante de nós a famosa excursão de Heraclós ao monte Atlas, d'onde este gigante indicou-lhe a morada das nymphas Hesperides no oceano occidental, nessa maravilhosa Atlantida, onde o Sol no seu occaso, vai banhar-se nas ondas do mar para renascer rejuvenescido no Oriente.

E' esse pôr do sol o leito em que diziam as fabulas gregas que Hercules se deitava todas as tardes sobre o immenso e rubro incendio do horisonte occidental.

Descharme ⁽¹⁾ na sua excellente *Mythologia*, nos apresenta uma dessas inestimaveis reproduções de pinturas de vasos antigos em que se vê desenhada uma das nymphas, colhendo um fructo da arvore paradisiaca sobre cujo tronco está enroscada a immensa serpente ao lado do heroe, que aperta entre as mãos um dos fructos na attitude de comel-o.

Não precisamos de muita penetração para des-

(1) Descharme — *Mythologie de la Grèce Antique* — 498.

cobrirnos ahí uma das muitas variantes da scena do *peccado original*, sobre o qual os Sanctos Padres do IV.º seculo tanto dissertaram, quanto ao problema das origens do mal moral e da culpabilidade da humanidade, mesmo depois de remida por Christo.

Pela narração summaria que acabámos de expôr, verificamos as origens do mytho de Hercules grego transplantado para outras paisagens, não menos poeticas que as da risonha Grecia, onde sob diversas formas foi localisada a lenda de Izdubar, depois de transformado no deus Melkart dos phenicios que a popularisaram em todos os mares cortados pelos seus navios, indo até mesmo ás ilhas Afortunadas, as formosas Hesperidas descobertas em pleno Atlantico muito fóra, além do Estreito de Gibraltar, as Columnas de Hercules da antiguidade, que na sua famosa expedição as transpoz, sendo considerado o primeiro navegante que chegára a realizar uma tal empreza. Certamente o delicioso clima das Canarias era conhecido desde a mais alta antiguidade.

O facto é que nellas collocára Platão esse rico continente submerso em que morava o poderoso povo dos Atlantidas, do qual um sacerdote egypcio narrou a Solon uma ousada expedição maritima, levada a effeito em todo o Mediterraneo 8.000 annos A. C.

Esse continente foi submergido por um formidavel cataclisma. Delle apenas restão as ilhas occupadas actualmente pelos filhos da peninsula Iberica.

Dessas regiões ignotas, os phenicios davam ape-

nas vagas noticias, guardando os seus thesouros ciosamente nos celeiros de Sidon e de Carthago.

E' esse o Eden dos gregos transportado para uma região toda ideal, bem longe do semitico Gan-Eden e do accadiano Tin-tir-ki.

X — Têbit

E' o actual Dezembro, derivado do nome accadiano *Abba Uddu*, que como outros nomes accadianos, davam completamente a significação descriptiva e originaria do mytho nelle commemorado.

A traducção desses nomes era, antes de reconstituido o kalendario sumiriano primitivo, um dos problemas mais interessantes da philologia semitica, hoje bastante claro, como este que significa: — «O mez da caverna do raiar do sol.»

O signo zodiacal deste mez é a cabra (Capricornio) que, conforme todos os mythos orientaes, é o animal que amamentou o deus Solar recém-nascido.

Hesiodo, ⁽¹⁾ na *Theogonia*, conta-nos como Saturno devorava os filhos para illudir um oraculo que predisséra dever elle possuir um filho que o destituiria do poder supremo.

Mas, Gaia e Uranos se apiedaram de Rhéa que lhes rogava que escondessem seu filho Zeus (Jupiter), diz o poeta: «E elles o enviaram para Lyktos

(1) Hesiodo — Obras — trad. de Leconte de Lisle — pag. 18.

rica cidade de Creta, no momento em que ia dar á luz o seu ultimo filho, o Grande Zeus. E a Grande Gaia o recebeu na vasta Creta, afim de nutrir e criar-o.

E antes de tudo, ella o levou por entre a escura noite para Lyktos: depois tomando-o nos braços o escondeu em um antro elevado, *nos flancos da terra divina*, sobre o monte Argaios coberto de espessas florestas.»

Géa é a Terra de cujo seio vasto nasce o sol, que se escondera á tarde no Oceano occidental.

Nesse escondrijo, longe de sua mãe Rhéa, foi elle amamentado pela cabra Amalthea.

A estas lendas faz claramente referencia o nome accadiano sobre o renascimento da força radiante e do calôr do astro que, de novo, vai rejuvenescer a natureza inteira e triumphar, mais uma vez, das nuvens espessas que se desencadearam no XI mez em catadupas diluvias, para no mez final renovar as plantações e fazer germinarem e pullularem todas as myriadas de seres animados.

Os ritos do «*Natalis solis invicti*» eram comemorados no dia 25 de Dezembro, segundo as formas symbolicas, descriptas por S. Estevam, o grande Doutor da Igreja Syriaca do IV.º seculo.

Diz este S. P. que os sacerdotes pagãos entravam n'um subterraneo d'onde sahiam immediatamente entoando o cantico: — «*A virgem* já deu a Luz ao novo Sol, e a Luz vai de novo recrescer.»

E' neste mesmo dia que se celebrava na Phenicia o «accordar de Melkart».

Tambem nesse dia, os magos da Bactriana celebravam a infancia de Mythra.

Não soffre, já ha muito tempo duvida alguma de que a Igreja Catholica adoptou esse dia como sendo o do nascimento de Christo com o intuito de substituir por um «*Sol Navam*» na phrase dos SS, PP., os velhos e inolvidaveis costumes pagãos.

Essa explicação não impêde-nos de lembrar a immensa influencia dos apocryphos Evangelhos da Infancia, repletos de lendas que imitão, de perto, essas crenças e a celebre visita dos Magos, á procura da *Estrella* nova que havia assomado no céu da Judéa.

Neste decimo canto do poema, as nymphas são consultadas pelo peregrino, sobre a possibilidade de atravessar o mar tenebroso, onde nenhum ser humano ousára até então aventurar-se. A nympa Sabitu aconselha-o a procurar o piloto da Arca de Noé-Hasishatra, afim de prestar-lhe o serviço do Charonte grego, embarcando-o sobre «as aguas da morte» para leval-o á habitação do patriarcha immortal que móra nesses Campos Elyseos junto aos deuses que o levaram para além da região tenebrosa donde, segundo o poema, o bom Ea-bani não conseguiu transpôr o Scheol.

A differença das duas moradas está perfeitamente estabelecida, quando lemos no canto XII: — II.

18. «A destruição da terra se apoderou de ti.

19. *Ninazu*, a mãe das trevas, das trevas, das trevas,

20. cobria-o com o manto de seu vulto venerando.

21. Seus pés, como uma profunda cova, (o Scheol judaico) obscureceu-se sobre elle».

Quer dizer o texto que, o Scheol encerrou-o em profundas trevas como as do seio materno que o gerara, onde um torpor inconsciente o envolvia como no Scheol onde tudo é immovel e insensivel, onde como diz o rei Ezechias, não se louva a Deus, onde tudo é trevas e insensibilidade.

Estes documentos tão numerosos nas inscripções são o transumpto da concepção semitica do Scheol judaico, como o provaremos mais cabalmente no capitulo seguinte.

XI — Schebat

E' o mez de Janeiro, traducção assyria do accadiano: *As-a-an-sur*, que significa: — «O mez da maldição da chuva». Era consagrado ao deus Rimmon, o desencadeador das cataractas celestes representadas no Zodiaco, despejando, no signo do Aquario, de uma kratéra, ou vaso, um rio lacteo e sinuoso de estrellas.

Este canto XI fornece-nos o mais extenso documento sobre o Genesis.

Nada menos de quatro capitulos inteiros da Bi-

blia podem ser postos de confronto com as 6 columnas desse canto do poema.

Por esse cotejo se evidencia que os capitulos VI, VII, VIII, e IX do Genesis contêm dous textos amalgamados, como já tinha dito Astruc.

Este precioso documento discutido e acceito indistinctamente por todos os que tem estudado o assumpto como sendo anterior ao Genesis de não sei quantos mil annos de traducção, e cuja redacção foi realisada, com um affastamento de muitas centenas de annos uma da outra, será objecto de um detido estudo que é o ponto capital deste trabalho.

XII — Adar

E' o ultimo mez do anno Chaldeu que se estendia até alguns dias do mez de Março e por todo o mez de Fevereiro.

O nome primitivo com uma fórma designativa do assumpto mythico lembrado nesse signo dos — «Peixes de Ea», era representado por *Se-tim-tar*, que significa «O mez da collocação da semente».

E' a epocha do anno em que a vegetação recommença, depois das chuvas torrenciacs do clima da baixa Mesopotamia, onde por sua vez o Euphrates é tão susceptivel de inundações como o Nilo, onde a unica ideia suggerida por esse phenomeno hydrographico, fazia surgir no espirito das populações ribeirenhas a necessidade d'um reconhecimento aos deuses do Egypto, mas de modo algum o terror pelo

cataclysmo do Euphrates como nos vemos nas tradições semíticas.

D'ahi a idéa da renovação da humanidade, castigada e anniquilada na Chaldéa, e tambem por outro lado, a falta de mytho, entre os egypcios sobre a lenda do Diluvio: porque para elles as inundações eram «um presente do Nilo» na phrase de Herodoto.

Na terra dos pharaós, as inundações desse grande curso d'agua, cujo regimen hydrographico foi por muito tempo um enigma que só as explorações dos ultimos annos lograram descobrir pelo reconhecimento dos grandes lagos da Africa interior, cujos transbordamentos excessivos do seu volume aquoso, encontravam no rio um escoadouro natural; no Egypto, dizemos, o rio era uma fonte de vida e de prosperidade.

A universalidade do Diluvio, tantas vezes allegada pelos theologos, vai de encontro ás inscrições, quando reflectimos no contacto das duas concepções religiosas sobre a renovação da natureza pelas chuvas da Chaldéa o pelas cheias mysteriosas e periodicas do Nilo Inferior, onde habitavam os velhos egypcios.

Ha muito tempo já, os philologos classistas conheciam a significação desses peixes do signo que segue o Aquario.

Pelos fragmentos de Berosio sabemos que eram monstros que sahiam dos mares do Golfo Persico e que vinham renovar as revelações divinas e ensinar a civilisação aos homens.

Estes seres são muitas vezes figurados nos mo-

numentos com a frente de homem até os pés, tendo na outra metade do corpo, a forma de um grande peixe.

Sobre elle temos um fragmento que o dá como mestre da agricultura e das artes que ornem e amenisam a vida humana:

«Ao principio, em Babylonia, havia uma multidão de homens de diversas nações, que tinham colonisado a Chaldéa, e elles viviam sem regras, á maneira dos animaes. Mas no primeiro anno do mundo appareceu, sahindo do mar Erythreu, na parte onde elle toça a Babylonia (o golfo Persico), um animal dotado de razão, que se chama Oannés. Este monstro tinha todo o corpo de um peixe, mas acima de sua cabeça de peixe estava collocada uma segunda cabeça humana, os pés humanos sahiam tambem de sua cauda, e fallava como os homens; sua imagem se conserva até hoje.

O animal em questão passava o dia no meio dos homens, sem tomar alimento algum, ensinando-lhes as letras, as sciencias e os principios de todas as artes, as regras de fundação das cidades, da construcção dos templos, a medição e delimitação das terras, *as sementes e as colheitas*, enfim o conjuncto dos costumes que constituem a civilisação, de tal modo que até hoje ninguem inventou cousa alguma.

Depois, ao pôr do sol, este monstruoso Oannés reentrava no mar e passava a

noite no meio da immensidade das ondas, porque era amphibio.

Pelo decorrer dos tempos, appareceram ainda outros animaes semelhantes, dos quaes o autor (Berosio) annuncia que tractará na historia dos reis.»

São estes ultimos «os peixes do deus Ea», o Prometheu chaldeu, que symbolisava nas cosmogonias, o elemento humido d'onde provêm todos os seres organisados sobre a terra, segundo a doutrina dos velhos philosophos gregos.

Toca-nos aqui a vez de tratármos do renascimento e da cura do deus solar Izdubar a quem é concedido cicatrizar as feridas nas aguas lustraes e purificadoras do «Rio das aguas da morte».

Hasishatra depois de contar-lhe a historia de sua preservação concede-lhe seu piloto Ur-Ea ou Nis-Ea, isto é, o «Cão de Ea» afim de o ir purificar, para depois de rejuvenescido nessas aguas poder voltar á sua «doce Erech» e afinal transpôr as grades da morada «d'onde ninguem volta»:

18. «Hasishatra (Xisutrus-Noé) disse a Nis-Ea seu piloto:

19. Nis-Ea, possas tu cumprir o que vou ordenar.

20. Aquelle que... sobre a costa do mar onde moram os deuses...

21. o homem que trouxeste diante de mim

22. tem os membros cobertos de chagas e sua doença assenhoreou-se da força de seus membros.

23. Toma-o Nis-Ea, e leva-o para limpá-lo.

24. Possa elle purificar-se de sua doença nas aguas da pureza,

25. possa elle tirar de si o seu mal, e possa o mar levar fóra isso, possa a saude recobrir sua pelle.

26. Possam os cabellos recrescer,

27. que a pelle cubra-lhe as costas.

28. Que elle possa voltar á sua terra, que elle volte seu caminho,

29. que nunca se embranqueçam seus cabellos e que seja unico e sem rival.»

Estes votos são descriptos como realizados até a volta triumphal do grande heróe Solar, radiante por ter dissipado as densas nuvens do mez de Kissiliu e de Schebath donde emerge, como o heróe das aguas purificadoras do oceano, renovando a fertilidade dos campos e das selvas que tinham crestado as folhas durante a sua ausencia.

E' o novo Sol que desponta rejuvenescido.

* * *

Nos tres capitulos ultimos e nos dous seguintes estão systematicamente expostos os resultados da exegese biblica, sobre os dados da mythologia chaldeana, fornecidos pelas inscrições descobertas e traduzidas por George Smith, o discipulo do mestre dos mestres da assyriologia, Sir Henry Rawlinson, que, primeiro, expoz os resultados das esca-

vações de seu companheiro do *British Museum* em 1871.

O Livro de G. Smith foi logo traduzido e commentado na Allemanha por T. Delitzch e reeditado com os ultimos resultados da sciencia em 1880 pelo brilhante e talentoso philologo Rev. A. H. Sayce em cujo trabalho refundio o texto do seu antecessor.

Não necessito dizer que os especialistas, da autoridade de Oppert e Menant, me serviram a cada passo para confrontar o systema exposto por Lenormant em varias memorias por elle publicadas nas revistas, e condensadas na sua obra capital sobre estas questões.

Hoje não estão mais em duvida as *conclusões* seguintes, que só são repellidas pelos manuaes destinados aos seminaristas como o *Manuel Biblique* do Padre Vigouroux ⁽¹⁾ que, em outra obra, passa sobre o assumpto, na sua apologia biblica, como gato por brazas; fazendo suppôr aos leitores catholicos que nada se adiantou sobre esses dez primeiros capitulos do Genesis no tocante á patente connexão com o polytheismo chaldeu.

«Glissez mortel n'appuyez pas.»

1.º Os Accadianos e os Babylonios tinham sobre os doze mezes do anno mythos, pertencentes pela maior parte, á serie das tradições anteriores á separação das grandes raças da humanidade descendidas do Pamir, porque as legendas semiticas tem nas

(1) Vigouroux e Bacuez — *Manuel Biblique* — Vol. I.

raças arianas outras analogas. Esses mythos foram localizados por elles nas differentes epochas do anno, quando habitavam já as planicies do Tigre e do Euphrates, não no ponto de vista das occupações agricolas segundo os velhos systemas, mas em relação com os grandes phenomenos periodicos da athmosphéra e com as doze phases da marcha annual do sol, tal qual se manifestam elles no clima da Mesopotamia.

2.º Segundo os calculos mais recentes, os reis ante-diluvianos de Berosio eram deuses, sobre os quaes se fundaram legendas astrologicas, que collocaram nas 12 grandes divisões do Zodiaco sob nomes que são obscuros ainda, mas sobre os quaes a philologia vai aclarando com uma luz inteiramente nova e nunca d'antes cogitada pelos apologistas.

Por mais que se queira humanisal-os nunca poderão mais separal-os desse ponto de vista todo chaldeu.

Sem mesmo podermos saber ao certo todas as ethymologias propostas, como as de Robert Brown Junior ⁽¹⁾ que afirma que as distancias da ecliptica coincidiam com as estrellas — Hamal, Alcyone, Aldebaran, Pollux, Regulus, Spica, Antares, Algedi, Deneb Algedi e Skat, correspondentes aos patriarchas de Berosio conhecidos desde o historiador do primeiro seculo Josephus e acceitos pelo S. P. Eusebio como identicos aos do Genesis, estão todavia já reconhecidos pelos philologos semitistas ao menos 4

(1) Academy — July. 15 — 1893 — N.º 1106.

dentre elles — Adiuru, Hammanu, Ubaratutu e Hasishatra correspondentes a Adão, Quenan, Lemech e Noé, distribuidos segundo a nomenclatura symbolica accadiana que nos deu a chave dos mythos dos mezes hebraicos.

Segue-se forçosamente disto que o Genesis quando nos dá a evolução peiorativa da humanidade como o mytho dos irmãos inimigos fundadores da primeira cidade, o dos *giborim* ou gigantes descendentes hybridos dos ultimos patriarchas contemporaneos do selvagem Lamech coincidindo com os deuses ferozes como o Nergal, o deus da guerra e do exterminio e o diluvio final ligados á denominação hebraica dos máos patriarchas: — somos forçados a concluir que essas tradições assyrias são as mesmas conservadas pelos hebreus, como o demonstraram cabalmente todas as auctoridades competentes.

De duas uma: ou nossas conclusões são firmes e inabalaveis e nesse caso a Biblia contém effectivamente, nas suas primeiras paginas, um transumpto dos mythos do paiz de Urkasdim d'onde partio Abraham, ou então, os personagens nella mencionados são homens que viveram mais que permite a longevidade humana actualmente, segundo a physiologia moderna, e nesse caso os acontecimentos que se prendiam a elles estão fóra da verificação das sciencias antropologicas.

Se assim é devemos concordar com o absurdo dicto por alguns apologistas e repetido por Vigouroux: ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Vigouroux — Manuel Biblique — I, 496.

«A questão da possibilidade d'uma vida de 500, 600 ou 900 annos nos primitivos tempos não é da competencia da physiologia moderna. O physiologista que falla de impossibilidade sobre esse ponto sai da reserva que lhe ordena a sciencia.»

A questão não é tanto para nós dessa possibilidade «d'uma vida dez vezes mais alongada do que a nossa», como affirmam os apologistas refutadores ainda mais gratuitos; porque tracta-se mais ainda do que dessa possibilidade hypothetica, que os theologos deveriam nos provar com rasões mais experimentaes do que as actuaes vidas de 120 a 150 annos; mas sim da origem desses mesmos cyclos na sua construcção systematica.

Ora é ahí nesse terreno que elles nada nos trazem de firme e inabalavel; pela pura razão que tal certeza nunca houve na Biblia toda onde hoje todos são concordes em pedir o auxilio da chronologia assyria e egypcia para aferirem não só os annaes fabulosos como aquelles de que tratamos, como tambem dos tempos mais recentes onde a certeza é hoje completa.

A chronologia biblica não existe, diz o P. Le Hir, o mestre de Renan, e com elles todos os que estão bem informados do assumpto.

Se assim é, porque negar que as longevidades contradictorias dos textos mossoretico, samaritano e dos setenta cujas contradicções dão largueza aos calculos, pela rasão obvia que não ha base segura?

Da comparação, porem, dessas contradicções uma cousa está de uma vez assente, disse Ewald: — é

que os cyclos de Berósio de sares de 60 annos formão a base essencial dessas epochas prediluvianas.

Diz esse grande historiador: ⁽¹⁾

«Eu estabeleço em breves palavras minha opinião definitiva: eu considero que os primeiros fundadores destas chronologias procederam mui systematicamente, tomando para a duração de cada geração nas 4 successivas idades do mundo, 30, 60, 120, 240 annos respectivamente, o que dará para os dous primeiros $240 \times 10 = 2400$ e $120 \times 10 = 1200$ annos, abraçando junctos todo o periodo desde Adão ao Deluvio e dahi a entrada de Abraham em Canaã.»

Esse resultado geral faz-nos voltar no Genesis (VI. 3), aos *sosses* de 60 annos, dos quaes dous prefazem a vida ideal de 120 annos; o que nos restitue ao elemento chronologico primordial de toda a astrologia chaldeana.

Assim, mais uma vez, voltamos ás fontes chaldeanas d'onde partimos.

⁽¹⁾ Ewald — Geschichte des Volkes Israels — I vol. pag. 370.

VII

O Aral

Quem não conhece a deusa Venus nascida das ondas do mar?

Quantos saberão ao certo só pelos poetas gregos e romanos e pelos velhos seiscentistas donde proveio esta divindade encantadora a quem obedece toda a natureza animada?

A julgar pela extensão da sua influencia no Pantheon grego, dir-se-hia, pela predilecção em adoral-a, ser de origem puramente ariana como a veneranda Géa, a Mãe dos Grandes Deuses.

Puro engano.

E' uma deusa estrangeira adorada nas ilhas de Paphos e Cnido onde os semitas de raça phenicia a levaram, mar em fóra, para suas estações navaes de longo curso situadas nos ridentes archipelagos dos mares Egeo e Jonico. ⁽¹⁾

Porém, a verdadeira patria até ha pouco ignota

(1) Movers — Die Phönizier — I, 22.

dessa divindade, era no interior das terras da Asia, entre os deuses accadianos dessa religião sumiriana desaparecida da historia e absorvida pelos conquistadores semitas, que a transmittiram aos Helenos, por intermedio desses navegantes de Tyro e de Sidon d'onde proveio a civilisação da Grecia heroica, e cujos restos acabam de ser encontrados em Troya, Tyrintho e Miscenas pelo infatigavel archeologo *Schliemann* que os attribuiu a Agamemnon; mas que uma sciencia mais rigorosa verificou serem, em parte, devidos ao commercio phenicio.

Nas lendas semiticas de Adonis, ou Adonai, um dos epithetos de Jahveh, cuja significação é «O Senhor», é ella muitas vezes referida pelos velhos livros hebreus.

Os prophetas mais antigos, como Esaias e Jeremias, contemporaneos dos ultimos reis de Judá, verberam em seus manifestos politicos, escriptos em estylo retumbante, as festas e as lamentações plangentes das filhas de Jerusalem pela morte de Tamuz, seguida das orgias do renascimento do Deus.

Ahi é que se encontram as provas da teima inveterada dos descendentes de David em adorarem a deusa phenicia Aschthoreth, nome claramente derivado da Ichtar babilonica, donde proveio a Venus Asthartéa.

Não direi, como muitos exegetas, que a razão da reincidencia no polytheismo, dos Israelitas antes do captiveiro babilonico, seja o resultado da effectiva commixtão entre o Jahveismo mosaico com as religiões das nações visinhas.

Não, nesse periodo da evolução religiosa, os homens superiores eram já monotheistas; porém o atavismo religioso das massas populares, em contacto permanente com os povos da mesma raça, fazia-lhes reincidir nas crenças dos antepassados de Abraham cuja memoria não tinha sido sufficientemente apagada dos instinctos polytheistas dos hebreus.

A prova está nas proprias leis prohibitivas sobre os bosques sagrados dos prostibulos dos Quadeschim, nas hetairas consagradas ao templo, desde os tempos de Salomão, cujo templo de Venus — Ichtar só foi derribado 400 annos mais tarde por Josias.

Basta esse facto da longa duração d'um culto que se acha prohibido pelo Deuteronomio (XXIII, 18), nos termos seguintes, para vermos até que ponto o Javehismo tinha se obliterado nas crenças dos reis de Judá:

«Não trarás salario da romeira a casa do Senhor, *por qualquer voto.*»

Não preciso lembrar ao leitor a usada contestação desses factos, quando respondem que uma prohibição do codigo criminal não faz prova de costume.

Eu respondo com os modernos anthropologistas que aquillo que hoje é prohibido por lei, nem sempre era antes vedado pelos costumes, principalmente quando o seu uso remoto não soffre duvida entre povos da mesma raça e nacionalidade.

Basta lembrar para exemplo a escravidão, que tanto repugna a um europeu, o que para nós é um facto tão recente, a que o povo se habituára por tal

forma, que apenas agora vai sendo comprehendido pela nação, em que consistia a sua immensa iniquidade.

Haverá alguém que não conheça o carcere privado? Não é esse um dos aspectos mais odiosos do captiveiro, de ha pouco.

Se levarmos a indagação até o selvagem não ficará patente que o roubo dos selvagens equivale ás conquistas dos grandes generaes antigos e modernos e que, por mais que se disserte sobre ellas, sempre haverá factos identicos nas conquistas das nações européas em regiões da Africa e da Asia actuaes?

Nunca será um obstaculo a apreciação de uma epocha por ser longinqua, como a da redacção dó Deuteronomio pelos homens de Esechias que consignaram essas e outras practicas usuaes da nacionalidade hebraica.

Pelo contrario, devemos affirmar com segurança que se tal facto está consignado n'um codigo como passivel de pena, é porque ha quem o pratique com uma certa e determinada intenção, como diz o proprio texto da lei «por qualquer voto».

O Abbade Vigouroux, tractando dessa e de outras questões. utiliza-se d'uma memoria escripta sobre a vida futura entre os hebreus por M. J. Halevy, e diz que elle affirma categoricamente que os judeus criam na immortalidade da alma, cousa que não contesto; porem restringe o elogio dizendo: «M. J. Halevy se engana tambem nos representando os escriptores sagrados como homens que *combateram essas crenças.*»

Pois bem, é exactamente esse illustre hebraista que affirma esta minha opinião porque diz elle, citado por George Perrot (1):

«Com effeito, as crenças verdadeiramente nacionaes de Israel, não são as que os prophetas expõem e sustentão, mas as que elles combatem. Quanto mais uma concepção é duramente reprovada pelos prophetas e pelos legisladores biblicos, tanto mais nós temos o direito de affirmar que ella havia lançado raizes profundas na imaginação e nos habitos da raça judaica.»

Estes auctores não são os unicos a sustentarem, com grande auctoridade, esta opinião, que mais de uma vez tenho encontrado no correr dos meus estudos, para comprovar, em occasiões diversas, que as indicações dos jahveistas do VIII seculo A. C. não tinham um dominio tão exclusivo sobre as massas populares, como nol-o representa a Biblia, no estado em que hoje a possuímos.

O culto exclusivo da religião severa do deus unico, Jahveh, foi sempre uma luta contra as crenças polytheistas que o rodeavam e tentavam perpetuar a imaginação do povo israelita, durante os reis que succederam a David.

As mulheres, que hoje acham um derivativo feminino no culto catholico que cada dia se estende de modo absorvente, não encontravam nada que lhes tocasse de perto, nesse culto masculino e severo do cioso Deus de Moisés.

(1) George Perrot e Chipiez — Phenicie — pag. 143.

D'ahi o pendor irreprimivel das mulheres pelo culto de Baaltis ou Ishtar, essa deusa dupla, da qual affirma uma inscripção, que a identifica com a estrella Venus observavel, durante parte do anno, pelo amanhecer e durante outro periodo de sua revolução á tarde, nas primeiras horas do crepusculo:

«A estrella Venus ao raiar da aurora é Ishtar entre os deuses;

A estrella Venus ao por do sol é Baaltis entre os deuses.»

Os deuses pagãos, em geral, se desdobravam em duas personalidades, a masculina e a feminina, outras vezes em duas divindades semelhantes como estas. (1)

O culto da «Rainha dos Céos» foi levado até mesmo á terra do exilio, pelas mulheres emigradas com a colonia que se dirigiu ao Egypto, em companhia de Jeremias.

Este vidente exprobrando-lhes o culto dessa deusa como um grande motivo das desgraças presentes, em reunião publica responderam-lhe ellas com um argumento que tinha todo o valor aos olhos do povo e que o propheta repete (LXIV, 8-12) buscando retrucar-lhes com suas visões.

Diziam ellas, legitimando o seu procedimento até nos dias de provações:

15 «Então responderam a Jeremias todos os homens que sabiam que suas mulheres queimavam perfumes aos deu-

(1) Spencer — Sociologie — I, 600.

ses alheios, e todas as mulheres, que estavam em pó em grande multidão, como também o povo todo que habitava na terra do Egypto, em Parthos, dizendo: — 16 «Quanto a palavra que fallaste a nós no nome do Senhor, não te obedeceremos a ti; — 17 «antes certamente faremos toda a palavra, que sahio da nossa bocca, queimando perfumes á Rainha dos Céos, e offerecendo-lhe libações *como nós e nossos paes, nossos reis e nossos principes*, o temos feito nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalem; e tivemos então fatura de pão, e andavamos alegres, e não vimos mal algum. — 18 «Mas desde que cessamos de queimar perfumes á Rainha dos Céos, e offerecer-lhe libações, tivemos a falta de tudo, e fomos consumidas pela espada e pela fome. — 19 «E quando nós queimavamos perfumes á Rainha dos Céos, lhe offereciamos bolos lavrados, á sua imagem, para assim a retratar, lhe offereciamos libações sem nossos maridos?»

E' curioso vermos que ahi está claramente consignada a objecção pratica á theoria da fidelidade, como meio certo de alcançar a paz social em Israel; theoria desmentida pelos factos recentes e pela morte em batalha do proprio pio rei Esechias, sendo notorias as desgraças presentes, apezar do arrependimento aconselhado por elle.

Que durante o dominio de muitos reis foi admittido no templo e ahi installado o culto solar de Tammuz, são testemunhas numerosos textos, bastan-

do-nos lembrar a visita de Ezequiel, (VIII, 14-16) guiado pela visão, dentro das paredes cheias de relevos e pinturas de animaes symbolicos e de idolos, das diversas religiões estabelecidas no templo: — 10. «E entrei, e olhei, e eis aqui toda a forma de reptis, e bestas abominaveis, e de todos os idolos da casa de Israel, estavam pintados na parede em toda a roda.»

Devia ser um templo de forma egypcia, datando das relações de Salomão com a sua esposa egypcia e com a civilisação dos phenicios que o construíram com as modificações proprias do culto de Jahveh.

Esta é, ao menos, a opinião do archeologo Chipiez (1) na sua recente restituição do plano do velho Templo, pois que, quanto ao templo da segunda reconstrução, obedeceu elle, em sua forma architectural, a um monotheismo mais severo e exclusivo.

Entre as «abominações» encontrou elle o culto de Tammuz: — 14. «E levou-me á entrada da porta da casa do Senhor, que está da banda do Norte; e eis aqui as mulheres assentadas, que estavam chorando a Tammuz.»

As festas da religião solar de Tammuz supõem uma cerimonia complicada e dramatica, em que a morte do deus coincide com a espera do novo dia do anno; e é por isso que logo no outro lado do Templo nos descreve elle os sacerdotes do «Novo Sol» a orarem, á espera do raiar do dia, para sau-

(1) Perrot e Chipiez — La Judée — Le Temple, em numerosas gravuras da Histoire de l'Art.

darem o astro renascido: — 16. «E levou-me para o pateo interior da casa do Senhor, e, eis que estavam á entrada do Templo do Senhor, entre o portico e o altar, quasi vinte e cinco homens, voltadas as costas para o Templo, e virados os rostos para o Oriente; e elles se prostravam para o oriente do Sol.»

Outro detalhe interessante dessa festa tão querida das mulheres, é a imprecação de Jeremias (XXII, 18) contra o rei Joaquim.

Prophetisa elle que, na morte do rei Joaquim filho do pio Josias, não serão ouvidos os lamentos das mulheres como no culto predilecto de suas concubinas e suas irmans: — 18 «Porquanto assim diz o Senhor acerca de Joaquim filho de Josias rei de Judá: — Não lamentarão por elle dizendo: Ai meu irmão! ou, Ai minha irmã! nem lamentarão por elle cantando:

«Hoi Adon! Hoi hodo!»

«Ai de mim Adonis! Ai sua amante!»

Estas lamurias prolongavam-se até a madrugada, em que n'um momento dado, os sacerdotes que espreitavam o raiar da Aurora, prorompiam em gritos festivos pela resurreição da Luz do astro rejuvenecido.

A lenda accadiana que ahi se representava, foi encontrada no precioso episodio do VI canto do poema de Izdubar, cuja interpretação e traducção não ousou resumir, adoptando antes a de Ménant ⁽¹⁾

(1) Ménant — La Bibliothèque du Palais de Ninive — pag. 140.

que aqui apresento á admiração do leitor intelligente, capaz de prezar devidamente o estilo das melhores paginas da poesia hebraica, e que terá a occasião de verificar quanto era rica essa epopeia dos semitas da Mesopotamia:

«Ischtar, a Grande-Deusa da guerra, a filha do Deus Sin, tinha um filho que uma morte prematura precipitára no Aral: (a morada dos mortos). A Grande-Deusa, com a dôr na alma, resolveu a ir, ella mesma, procurar esse filho adorado nos infernos e restituil-o á vida. Com esse intuito Ischtar a filha de Sin, dirige-se á mansão da eternidade, á obscura morada onde se entra, mas d'onde se não volta mais. Segue por esse caminho de que se não pode mais voltar, e chega á porta da fatal morada. «Guardião, diz ella, abre tua porta para que eu entre, porque se não entrar, quebrarei os ferrolhos, demolirei os portaes, atravessarei as portas e deixarei escapar os mortos.» O guardião, depois de ter saudado a Grande-Deusa Ischtar, respondeu-lhe que ia levar as espressões de seu desejo á Grande-Deusa Allat, a Rainha dos Grandes-Deuses. Esta ordenou-lhe que deixasse entrar a deusa Ischtar, cumprindo os ritos do costume.

A sombria morada era fechada por sete portas; e para apresentar-se diante de Allat, era necessario desnudar-se; por isso o guardião, á medida que lhe abre cada porta, a despe de um de seus ves-

tidos, até que ella se ache nua diante da Deusa infernal.

Ao apresentar-se assim, Allat a mo-teja, não porque estivesse núa, como o entendeu M. Oppert, mas, segundo nós, porque tendo ella transposto a porta da morada donde não mais se volta, ella se achava em seu poder, como prisioneira; Ishtar quiz revoltar-se, mas Allat lhe fallou assim, invocando o deus dos Destinos: «Vai, diz ella, Deus que fixa os destinos, levai-a; acabrunhe-a com sessenta doenças: sobre os olhos, sobre as costas, nos pés, no coração, na cabeça; derramai o torpôr sobre seus membros.» Apoz estas palavras, a deusa Ishtar ficou encerrada no sanctuario eterno.

Entretanto a ausencia da deusa Ishtar fez-se sentir sobre a terra por medonhas calamidades. O 'deus Furda, o servidor dos Grandes Deuses, arranhou o rosto de desespero perante o deus Samas; os Deuses ajuntaram-se em conselho, e o deus das Ondas, Ea, creou um deus novo, Uddusnamir, para envial-o ás portas do Aral juncto a deusa Aleat, e notificar-lhe a vontade dos deuses que reclamavam a volta de Ishtar.

Quando Allat recebeu essas ordens imperiosas, humilhou-se diante de Uddusnamir contra o qual entretanto esgotou sua colera impotente; depois, ordenou ao deus dos destinos que penetrasse no Aral, e fizesse Ishtar beber a agua da vida, fazendo-a sahir immediatamente, da morada onde nunca devia ter penetrado.

O Deus executou as ordens de Allat; e, logo que Ischtar bebeu as aguas da vida, fel-a transpôr as sete portas que se tinham encerrado sobre si, restituindo-lhe em cada porta os ornatos de que a deusa se despojára. E assim foi restituída á vida celeste.

Quanto ao Deus, seu descendente, seu filho, «o pequeno divino», que ella ahl viéra buscar, sua sorte é bastante obscura devido á mutilação da inscripção em sua parte final.

E', todavia, certo que elle não se poudo libertar da mansão do Aral.» ⁽¹⁾

Eis o texto desse episodio de Tammuz perfeitamente conservado e narrado no VI.º canto do poema epico chaldeu:

A Legenda de Ischtar ⁽²⁾

«Que para o Paiz immutavel, o paiz de meu exilio, Ischtar, a filha de Sin, dirija sua attenção.»

E Ischtar, a filha de Sin, dirigia sua attenção para a mansão eterna; a morada do deus Irkalla;

Para a morada onde se entra, mas donde não se sahe mais;

Para o caminho que se percorre, mas por onde nunca mais se regressa;

⁽¹⁾ Esta opinião de Ménant na phrase final é erronea, visto a lacuna estar integralisada e constar exactamente della a salvação do Filho que lá fora buscar para restituir a vida nova a todos os seres sobre a terra.

⁽²⁾ Confirma as traducções de Ménant: — *Babylone et la Chaldée* — et *Bibliothèque de Ninive* — G. Smith — *The Caldean account of the Genesis* — Lenormant — *Les Premières civilisations* — Vigouroux — *La Bible* — P. Haupt — *Nemrodepos*.

Para a morada onde aquelle que entra acha as trevas em vez da luz;

O lugar onde se mórde o pó, onde se come a lama;

D'onde não se vê o dia, onde as trevas moram;

As sombras, como os passaros, são revestidas de pennas:

Acima dos batentes e das soleiras das portas a terra se accumula.

Ischtar approximou-se da porta do paiz immutavel;

E ella assim exprimio sua vontade ao guardião da porta:

— «Guardião destes lugares, abre tua porta!

Abre-a para que entre Eu!

Se não abres a porta, e eu não entrar, eu a arrombarei, quebrar-lhe-hei os ferrolhos;

Eu demolierei o recinto e escalarei o muro;

Farei sahir os mortos como lobos famintos;

Augmentarei os vivos com o numero dos mortos resuscitados.»

O Guardião abriu a bocca, fallou e disse á Grande-Deusa Ischtar:

— «Sêde bemvinda, Deusa, não faças isso; vou já levar esta noticia á Rainha dos Deuses.»

O Guardião entrou e disse a Allat a Grande Deusa da Terra:

— «Soberana destes lugares, tua irmã, Ischtar, quer aqui entrar.

Ella despreza a prohibição das grandes leis desta morada.

Allat a Deusa da Terra, abrio a bocca:

— «Nós somos como a herva cortada, elles como o bronze;

Somos como a planta fanada, elles como as arvores floridas;

Ella traz-me a raiva no coração, e o rancor no peito.»

— «Soberana destes lugares, eu não devo contestar-vos;

Eu me comeria como se fosse pão, eu beberia... como a agua dos regatos;

Deixa-me chorar sobre os herões dos quaes entreguei as esposas;

Deixa-me chorar sobre as escravas abandonadas;

Deixa-me chorar tambem sobre a creança recém-nascida roubada antes do tempo.» ⁽¹⁾

— «Vai, Guarda, abre-lhe a porta.

Despe-a de suas véstes, *segundo o antigo uso.*»

O Guarda foi-se e abrio-lhe a porta.

— «Entraí, Deusa, e que tua vontade se cumpra.

O palacio do paiz immutavel vai abrir-se diante de ti.»

Atravessou a primeira porta, ella a tocou e arrebatou-lhe a grande corôa que lhe ornava a cabeça.

— «Porque, Guarda, m'arrebatas a grande corôa que me orna a cabeça?»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Atravessou a segunda porta, elle a tocou e arrebatou-lhe os brincos.

⁽¹⁾ Isto prova que no Aral não havia tambem como no Scheol distribuição de justiça aos infelizes.

— «Porque, Guardião, me arrebatas os brincos.»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Ella atravessou a terceira porta, elle tocou-a e arrebatou-lhe as perolas do collar de seu pescoço.

— «Porque, Guardião, me arrebatas as perolas do collar de meu pescoço.»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Ella atravessou a quarta porta, e elle arrebatou-lhe a tunica que lhe cobria o corpo.

— «Porque, Guardião, me arrebatas a tunica que me cobre o corpo?»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Atravessou ella a quinta porta, elle tocou-a e arrebatou-lhe a cinta de pedras preciosas que lhe ornava a cintura.

— «Porque, Guardião, me levas o meu cinto de pedras preciosas que me orna o talhe?»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Atravessou a sexta porta, elle tocou-a e tirou-lhe os aneis que ornavam suas mãos e seus pés.

— «Porque, Guardião, me levas os braceletes que me ornão os pés e as mãos?»

— «Entra, Deusa, assim o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

Ao atravessar a setima porta, elle tocou-a e arrebatou-lhe o véo que cobria o seu pudor.

— «Porque, Guardião, me tiraste o véo que cobre o meu pudor?»

— «Entra, Deusa, é assim que o exigem as leis da Grande Deusa da Terra.»

E então Ishtar entrou na morada do Paiz Immutavel, (do Paiz d'onde não se volta mais).

A Grande Deusa da Terra olhou-a e riu-se della.

Ishtar não se conteve e atirou-se sobre ella.

A Grande Deusa da Terra abriu a bocca e falou.

Ao Deus que fixa os Destinos (o deus Namtar) e fel-o conhecer sua vontade por esta forma:

— «Vai Namtar...

Leva-a e sobrecarrega de sessenta doenças a Ishtar.

A doença dos olhos;

A doença dos lados;

A doença dos pés;

A doença do coração;

A doença da cabeça;

Sobre todo o seu corpo derrama a doença.»

Apoz isto, a Deusa Ishtar foi encerrada na Mansão Eterna.

Então o touro não quiz mais approximar-se da vacca;

O asno não quiz mais a jumenta;

A esposa não quiz mais o esposo;

O Guerreiro resistio ás ordens do superior;

A esposa resistia nos braços do esposo;

O Deus Turda, o servidor dos Gran-

des Deuses arranhou o rosto em presença do deus Samas.

«Teme, disse elle, o cumprimento do Destino.»

O deus Samas foi ter com o deus Sin, seu pai, que enviou ao deus Ea um mensageiro de desgraça:

— «Ishtar desceu para a terra e não tornou a subir.

Desde que Ishtar desceu a Mansão do Paiz Immutavel,

O touro não procura mais a vacca nem o jumento a jumenta;

A esposa não quer mais o esposo;

O guerreiro resiste ás ordens do chefe;

E a esposa resiste nos braços do esposo.»

O deus das Ondas no fundo de seu coração concebeu um projecto.

Creou o deus Uddusnamir o mensageiro das mulheres.

— «Vai, Uddusnamir, dirige teu passo para a porta do Paiz Immutavel;

E as sete portas do Paiz Immutavel se abrirão diante de ti;

Que a Grande Deusa da Terra te veja e que ella se mostre a tua face;

A calma reentrará em seu coração e sua raiva se aplacará.

Faz-lhe conhecer a vontade dos Grandes Deuses,

Executa estes projectos, dirige teu espirito para a fonte da resurreição,

Acorda a Deusa, para que abra a fonte da resurreição e que beba suas aguas.»

Quando a Grande Deusa da Terra
soube taes cousas.

Ella bateu a fronte e mordeu o pol-
legar enfurecida.

Ella respondeu humilhada diante d'a-
quelle que não se humilha:

— «Vai, Uddusnamir eis a peniten-
cia que eu te imponho:

Tu comerás a lama dos muros da
cidade;

Beberás as aguas turvas dos regatos
da cidade;

Serás sepultado sob o muro;

Morarás nas cornijas;

A prisão e o castigo apagarão a alegria.»

A Grande Deusa da Terra abriu a
bocca e disse

Ao Deus dos Destinos, Namtar, seu
conselheiro, assim esprimio sua vontade:

— «Vai Namtar, vai para a Morada
Eterna;

Esconde as taboas do conhecimento
do futuro;

Faz sahir o Deus Announnaki, o deus
dos Espiritos da Terra, assenta-o sobre
o throno de ouro;

Faz beber a Ishtar as aguas da vida,
e retira-a de minha presença.»

O Deus dos Destinos, Namtar, partio
e penetrou na Morada Eterna;

Cobriu com um véo as taboas do
conhecimento do futuro;

Fez sahir o deus Announnaki e o col-
locou sobre o throno de ouro;

Deu a beber a Ishtar as aguas da
vida e a levou;

Fel-a sahir pela primeira porta e restituiu-lhe o véo que cobria o seu pudôr;

Fel-a transpôr a segunda porta e restituiu-lhe os anéis que enfeitavam seus pés e suas mãos;

Conduzio-a á terceira porta e entregou-lhe o cinto de pedras preciosas que ornava o seu talhe esbelto;

Fel-a transpôr a quarta porta e restituiu-lhe a tunica que revestia seu corpo;

Levou-a até á quinta porta e restituiu-lhe o collar de perolas preciosas que lhe ornava o collo.

Fel-a sahir pela setima porta e lhe collocou a grande thiara que ornava sua cabeça;

Depois ella sorveu a bebida e voltou para a terra.

Se ella não restituir-te aquillo que pagas em resgate voltaí a elle novamente:

Lavai-o nas agoas puras, untai-o com oleo santo;

Cobre-o com um veste de purpura, deixai-o por um anel de turqueza,

Que a deusa do prazer Samkhat faça repousar seu coração.

A deusa Tilili tomou suas joias,

A pedra de onix que não se quebram.

A deusa Tilili ouviu os gemidos de seu irmão; e ella quebrou suas joias, mesmo as proprias pedras de onix que estão cheias de luz,

Gritando: «Oh! meu irmão, meu unico, não me abandones!»

No dia em que Tammuz me ligou com um anel de cristal e uma pulseira de turquezas.

Que as mulheres e os homens que
cercam a pira funeraria cheirem o olor
e seu doce sabor.»

O propheta descreven exactamente assim as carpideiras do templo velando o Adonis afeminado das mulheres de Jerusalem.

Esse documento permite vasto commentario que procurarei summariar nos trez capitulos seguintes, sobre as doutrinas eschatologicas dos semitas e dos persas, que evoluirão largamente até o Apocalipse.

VIII

Ormuzd e Ahriman

Para a perfeita comprehensão da doutrina dos cyclos desde a Creação até o Juizo Final, é necessaria uma exposição, ainda que synthetica, da forma parallela da religião de Zoroastro.

A' nós, neste estudo, serve-nos acima de tudo, como solido fundamento das nossas asserções, quando affirmamos a proposição — que o mundo superior dos anjos e o mundo inferior dos demonios, o *Scheol* ⁽¹⁾ hebreu é identico ao *Saulu* dos chaldeus, baseamo-nos em que a doutrina quasi apagada e dubiamente exposta no velho Testamento, tomou um formidavel incremento em contacto com os Persas do Susa, que libertaram os hebreus do captivo opprobriosissimo de Babylonia.

A eschatologia mazdeista, que encheu de seres antropomorphos as imaginações dos christãos dos primeiros seculos até o paroxismo do milenarismo

(1) Boscawen — op. cit.

medieval, são copias mal disfarçadas das velhas creações poeticas dos povos contemporaneos dos exilados de Babylonia.

O estado das almas no Amenti egypcio, o céu apocalypticos dos Persas, e o Aral chaldeu, esse equivalente exacto do Scheol hebreu, pertence ao mesmo grupo que o Hadés grego, apenas diferenciados como variedades da mesma especie, adaptados a outros climas do que os em que brotaram essas visões phantasticas germinadas em regiões e climas diferentes.

Para melhor expormos esta these é necessario partirmos do conhecido para o desconhecido, e o conhecido para nós são as crenças contemporaneas por intermedio das quaes remontaremos gradativamente ao genuino Scheol semitico, essa especie de Aral chaldeu onde desceu a deusa Ishtar.

E' essa a razão porque este bello poema motiva esta parte do nosso estudo.

A questão da vida futura entre os hebreus, passou por uma immensa evolução durante o captivo Babylónico, porque esse contacto forçado com outras nações inimigas no VI.º seculo A. C., como é bem facil de se comprehender, divide os documentos do Velho Testamento.

Tomando como criterio de estudo esta divisão natural, percebe-se desde logo a evolução por que passaram as crenças judaicas de uma e outra epocha.

A velha justiça divina semitica, que tudo promettia de bem ou de mal, afim de ser cumprida na vida presente tornou-se de um modo claro como

que insufficiente para consolo dos patriotas que esperavam não só a regeneração moral e civil do povo escolhido, como também a hegemonia religiosa sobre o resto do Universo, pelo poder supremo do Messias tão anciosamente esperado durante os dias angustiosos do captiverio.

Mas essa esperança de poderio terrestre, pareceu desde logo a alguns espiritos superiores, uma utopia: d'ahi a progressão lenta das aspirações de dominio politico Universal, até as mysticas visões d'uma renovação final da humanidade.

Não é meu intuito aqui, e nem o caberia em meu plano, reproduzir todas as cambiantes dessa progressão cujos documentos numerosissimos passaram pelo cadinho da critica e pela alchimia subtilissima dos commentadôres de todos os matizes. Basta-me lembrar as origens dessa literatura apocalypica desde Daniel atravez do Livro Apocrypho de Enoch, até á mais magistral de todas essas amplificações rhetoricas, o Apocalypse de São João.

Não creia o leitor que ahi tem um modelo sem antecedentes na literatura religiosa do Oriente. Posso apresentar, entre innumeradas paginas dos livros do Avesta, um capitulo do Bundehesh ⁽¹⁾ que resume de modo claro as velhas prophecias de Zarathuschtra, tal como se lêem n'esse tractado sobre a Creação, o Céu, a Terra, os Anjos, os demonios e finalmente a Resurreição final, descripta com todas as circum-

⁽¹⁾ Max Müller — Sacred Books of the East — Bundehesh, capitulo XXX, volume V, pag. 120, Pahlavi Textes, I.

stancias que rodearão os seres humanos, depois de resurgidos em carne e ossos :

O Bundelesh

1. «Sobre a natureza da resurreição e da existencia futura está dicto na revelação, que, emquanto Mashya e Mashyoi, que primeiro cresceram sobre a terra, ao começo nutriam-se de agua, depois de plantas, em seguida de leite; desde então quando o tempo da morte chegou para os homens, tambem a carne tornou-se seu alimento, desde então elles desistiram de comer a carne, depois o leite, depois o pão, até quando elles deverão perecer elles se alimentarão sempre de agua.

2. Assim, por exemplo, no millenio de Hushedarmah, a força do appetite diminuirá, quando os homens ficarem trez dias e trez noites na superabundancia de paladar pelo manjar consagrado.

3. Então elles desistirão de comer carne, vegetaes e leite; depois elles se absterão de alimentos lacteos e se absterão de alimentos vegetaes e se alimentarão de agua; e durante dez annos antes de Soshiyans vir elles permanecerão sem alimento e não morrerão.

4. Depois da vinda de Soshiyans elles prepararão para a resurreição dos mortos, como está escripto, quando Zarathuschtra perguntou assim a Auharmazd: — Donde o corpo que fora levado pelo vento e transportado pela agua será formado? e como ocorrerá a resurreição?

5. Auharmazd respondeu assim: —
«Quando sobre mim a atmosphera surgiu da substancia do rubim, sem columnas, sobre a base espirital da vastidão da luz; quando sobre mim elevou-se a terra que gerou a vida material e não ha outro mantenedor da criação senão isso; quando por mim o sol, a lua e as estrelas foram conduzidas ao firmamento dos corpos luminosos; quando por mim a semente foi creada de forma que, espalhada sobre a terra, ella cresceu novamente e voltou com augmento; quando por mim foram creadas as variegadas plantas; quando por mim foi creado o fogo nas plantas e em outros sêres sem combustão; quando por mim foi formado um filho no seio materno e que a variada estructura da pelle, das unhas, do sangue, dos pés, dos olhos, dos ouvidos e outros membros foram produzidos; quando por mim as pernas se adaptaram á natação de modo a moverem-se deprêssa e que as nuvens formaram-se para levarem a agua do mundo e choverem onde era necessario; quando por mim o ar foi creado, é levado n'um instante pela força do vento, para cima ou para baixo segundo sua vontade, e que não podemos apanhar com as palmas das mãos; cada um delles, quando foram creados por mim, eram então mais difficeis do que causar-lhes a resurreição, porque isso é para mim um ajutorio na resurreição, pois que elles existem, ao passo que quando foram formados elles não estavam *se formando* no futuro, fóra do passado.

6. Observai, que, quando aquillo que ainda não existia foi então creado, porque é impossivel fazer de novo aquillo que já existiu? Porquanto nesse tempo cada um pedirá o esqueleto ao espirito da terra, o sangue á agua, o cabello ás plantas, e a vida ao fogo, até que lhes sejam restituídos no original da creação.

7. Primeiro, resurgirá o esqueleto de Gayomard, depois os de Mashya e Mashyôî, em seguida os do resto da humanidade; no quinquagesimo setimo anno do propheta Sioschyans (o Mesias), elles prepararão todos os mortos, e todos os homens ficarão de pé, quer sejam justos, quer culpados; cada creatura humana surgirá da mancha donde suas vidas provieram.

8. Apoz, quando todas as materias vivas assumirem, outra vez, ás suas formas corporaes, então elles assignar-lhes-hão os seus lugares em classes diversas.

9. Da luz que acompanha o Sol, a metade será para Gayomard, e outra parte resplenderá para o resto da humanidade, de maneira tal que a alma e o corpo (unidos) reconhecerá, cada um, que este é meu pai, esta minha mãe e aquella minha mulher, estes outros alguns de meus mais proximos parentes.

10. Nesse momento estará a assembleia de Sadvastaran, (o campo de Josaphat zend.), onde estará presente toda a humanidade nessa occasião; nessa reunião, cada qual verá suas boas e más acções; então um malvado, será tão cons-

picuo como uma candida ovelha entre muitas outras muito negras.

11. Nessa assemblea, qualquer justo que tiver sido no mundo amigo d'um reprobado, este se lamentará delle, assim: — «Porque não fez-me elle conhecer, quando estavamos no mundo, as boas acções que praticava?» — Se aquelle que é virtuoso não o aconselhou, então é justo que soffra vergonha nessa assemblea.

12. Apoz isso, elles porão o justo apartado do peccador, e os justos irão para o céo e os peccadores para o inferno.

13. Durante trez dias e trez noites lhes inflingirão *castigos corporaes no inferno*, e então contemplarão corporalmente nesses trez dias as delicias celestes.

14. Como está escripto, no dia em que o justo fôr apartado do peccador, as lagrimas de todos correrão em abundancia sobre suas faces.

15. Quando elles (os juizes) tiverem apartado o esposo de sua consorte, o irmão do irmão, o amigo do amigo, cada um soffrerá por seus peccados, o bom pelo máo, e o máo sobre si mesmo; porque, poderá um pai ser virtuoso e o filho perverso, um irmão justo e outro condemnado.

16. Aquelles que, por peccados particulares, forem apontados taes como Dahak e Frasiayao de Túr, ou outros desta classe, como aquelles que merecendo a morte soffrem um castigo que nenhum

outro homem está sujeito, elles chamão isto — «o castigo das trez noites». ⁽¹⁾

17. Entre estes productores da renovação do Universo, *aquelles justos dos quaes está escripto que estão vivos*, (como Hasishatra e Enoch) cincoenta mulheres e cincoenta homens, devem vir ajudar ao Messias (Sioschyans).

18. Assim como Gokihar cabe da esphera celeste por um raio de luar sobre a terra, assim tambem a desgraça do mundo será como a de um carneiro sobre o qual roja-se inopinadamente um lobo faminto. ⁽²⁾

19. Apoz isso, o fogo e a Aureola derreterão o metal de Schatraíro nas collinas e nas montanhas, o qual permanecerá sobre a terra como um rio caudaloso.

20. Então os homens passarão por dentro desse metal e ficarão puros. ⁽³⁾ Quando um delles fôr justo então parecer-lhe-ha que passeia continuamente n'um leite calido; se porém fôr culpado, então a este parecerá que caminha no mundo sobre metal derretido.

21. Então, os homens se ajuntarão com grande affecto, o pai, o filho, o irmão e o amigo perguntarão uns aos outros: — «Onde estivestes durante tantos

(1) Este castigo temporario assemelha-se á prova do fogo do Apocalypse, que os catholicos transformaram no Purgatorio.

(2) Esta imagem assemelha-se a dos Evangelhos, que diz tambem que o Juizo Final virá como um ladrão que assalta a casa quando o dono achasse dormindo, seguro e descuidado; assim será igual o seu sobresalto no grande dia.

(3) No Apocalypse, vemos tambem o seguinte: — *Dies enim declarabit, quoniam in igne revelabitur, et uniuscuiusque opus quale sit, ignis probabit.* — S. Agostinho — *De Civitate Dei* XXI, n 26. Onde discute sobre o Purgatorio.

annos? Qual foi o julgamento sobre a tua alma? Fostes innocente ou culpado?

22. Desde que a alma vê o cõrpo ella indaga do facto, e pronuncia estas palavras:

23. «Toda a humanidade com voz unisona proclama altos louvôres a Auharmazd e aos archanjos.»

24. Auharmazd, durante esse tempo, completa sua obra e as creaturas tornam-se taes que nenhum exforço mais é preciso fazer sobre elles; e entre aquelles pelos quaes os mortos são preparados, nenhum exforço é mais necessario.

25. *Sioschians* (o propheta Iraniano dos ultimos tempos) com seus assistentes executarão uma cerimonia *Yazisn* emquanto irão preparando os mortos, e matarão o boi *Hadhayos* neste *Yazisn*; da gordura deste boi e da branca Hômi (a Soma ariana, a bebida dos deuses immortaes, preparada com a planta *Asclepias acida* da India) elles prepararão o Hûsh, e darão disso a todos os homens e toda a humanidade se tornará immortal *per omnia secula seculorum*.

26. Tambem, diz elle, acontecerá a toda pessoa que tenha chegado á estatura de homem, será restaurado com a idade de quarenta annos, aquelle que fôsse jovem quando falleceu terá a idade de quinze annos; e lhes restituirão a cada um sua mulher e lhes apresentarão a seus filhos com sua esposa; assim elles viverão

como agora no mundo, porém não haverá mais procreação de filhos. ⁽¹⁾

27. Depois, Sioschians e seus ajudantes, por ordem do creador Auharmazd, darão a cada um a recompensa proporcionada aos meritos de suas obras, essa é mesmo a bemaventurança que está escripto que passarão a gozar no Paraíso, e no Céu de Auharmazd elevando seus corpos como fôr preciso; com essa ajuda elle continuamente se adiantará para sempre e eternamente.

28. Está bem dicto que aquelle que não practicou nenhum dos Yast (formulas de orações do Avesta), e não encomendou nenhum Geti-Korid, (isto é, que «não comprou o céu no mundo, e o proprio lugar que lhe é destinado no céu») e não mereceu nenhuma veste como bôa recompensa. ficará nú ahi; e aquelle que reza a *Yast* de Auharmazd, os anjos lhe providenciarão o uso de sua candida tunica no céu. ⁽²⁾

29. Depois, Auharmazd se atirárá sobre o Espirito do Mal (Satan), Vohuman (Archanjo como Miguel) sobre Akoman (Archidemonio), Ashavahist sobre Andar, Shatvairo sobre Savar, Spendar-mad sobre Taromat que é Naüinghas, Harvadam e Ameradam sobre Tâirêv e Zâirik, o que fala a verdade sobre o que fala mentira, Srosh sobre Aeshm (o Asmodeu de Tobias).

⁽¹⁾ Christo disse que no fim dos tempos hão de viver os homens como os anjos «e não serão dados a casamento», como aqui também se diz.

⁽²⁾ O Apocalypse fala também na tunica dos justos, symbolo da pureza das almas dos celeitos.

30. Então dous formidaveis inimigos ficarão ao largo, Aharman e Az; Auharmazd virá sobre o mundo e em pessoa a Zôta e Srosh a Râspi e agarrará a Kusti em suas mãos; desbaratado pela *formula Kuti* o recurso do Espirito do Mal, Az se mostrará impotente perante esse poderoso exorcismo e pela passagem pela qual elle será lançado no espaço, elle irá voar embaixo nas trevas do abysmo!

31. Gokihar queimará a Serpente ⁽¹⁾ no metal derretido, e o mau cheiro e a macula que se impregnará no Inferno será consumido por esse metal e o purificará.

32. Auharmazd assentará a cupola dentro da qual o Espirito do Mal nadará nesse metal; elle tirará para o lado a terra do inferno para alargar o mundo; a renovação surgirá no Universo por sua vontade e o mundo será immortal para todo o sempre.

33. Como é notorio, esta terra ficará sem gelos, as planicies sem pantanos, as proprias montanhas cujo cume é o sustentaculo da ponte do Kinvar, serão abaixados, e não mais existirão.»

Haverá alguém que, estando familiarisado com a literatura apocalyptica do Velho e Novo Testamento, não reconheça ao lêr este apocalypse parsi, as ideias mais relacionadas ao assumpto?

⁽¹⁾ E' a «Serpente Antiga» de que nos fala a legenda chaldeana e o Apocalypse.

Não está ahí, nessa synthese do Avesta a «renovação de todas as cousas» de Isaias, a condenação dos reprobos á «eterna vergonha» de Daniel; a «visão dos ossos aridos» de Ezechiel; a quêda dos reprobos no inferno e os castigos corporaes do Livro de Enoch, a prova pelo fogo das almas peccadoras, a grande batalha no Céu entre «Miguel e seus anjos» contra as hostes de Satan, e até mesmo a propria «Serpente Antiga» do Apocalypse e a beatificação final?

Não, hoje não se disputa mais para saber si tantas ideias christans, corollarios logicos da doutrina da espera do Messias (Sioschians) eram conhecidas dos iranianos desde muito antes do estabelecimento do christianismo. As coincidencias entre essas doutrinas estão hoje tão no dominio das ideias mais acceitas que, mesmo nos apologistas se lê ⁽¹⁾:

«O systema religioso dos persas reconhecia um deus supremo, invisivel, incomprehensivel, sem começo nem fim; de uma triada que rége o mundo, e que é composto desse deus Auharmazd e de outros visiveis que fazem: um o officio de Mediador (Mithra) e outro de Salvador (Sioschians). Esta religião ensinava desde a mais alta antiguidade a immortalidade da alma, a quêda do primeiro homem Gayomard, e a felicidade dos primeiros homens até Yima, o Noé em quem vemos reunidos varios predicaos dos dous pais da humanidade primitiva; a quêda

⁽¹⁾ Döllinger — Paganisme et Judaisme — II, 184.

do homem, a promessa da vida futura e a resurreição final.»

Estas e outras doutrinas faziam a surpresa dos primeiros christãos que não podiam attribuir tantas coincidencias accumuladas senão á obra do diabo.

Tertuliano, que viveu no segundo seculo e portanto estava ao par do desenvolvimento dos mysterios mithraistas, ficava escandalizado de encontrar o baptismo e a eucharistia, descriptos no Avesta e no Yast de Mithra: (1)

«Que elles lavem o seu corpo tres dias e tres noites; que elles supportem trinta pancadas como sacrificio de humilde supplica a Mithra, o senhor das largas pastagens. Que elles lavem seus corpos dous dias e duas noutes; e que elles supportem vinte pancadas como humilde sacrificio e supplica a Mithra, o senhor dos vastos campos. Que ninguem beba dessas libações, que não saiba rezar o ultimo capitulo do Yast, e as primeiras palavras do Visperad.»

O soffrimento do castigo tem a mesma intenção symbolica do tapinha da confirmação, seu intuito é purgar os peccados e fazer um sacrificio expiatorio a Mithra.

Estas cerimoniaes deram origem ás penas do processo pelo qual passavam os adeptos dos mysterios Mithriacos, antes de serem admittidos á iniciação.

Por isso o bom do S. P. Tertuliano (2) se escan-

(1) The Sacred Books of The East. — Traducção de Darmesteter — XXIII, 151.

(2) Tertulianus — Opera — De Prescriptionibus — LV.

dalisava de tanta cousa que se encontrava de comum com as ceremonias christans do seu tempo, e attribue essa imitação á obra infernal do Demonio.

Diz elle:

«Se me perguntarem quem inspira os heresiarchas, responderei que é o diabo, cujo officio é roubar aos homens a verdade, e que toma por obrigação imitar nos mysterios dos falsos deuses, as honestas ceremonias da religião christã. Elle mergulha tambem na agua seus adoradores, e lhes faz crêr que acharão nesse banho a expiação de seus crimes. Marca na fronte os soldados de Mithra quando os inicia, celebra a oblação do pão, offerece-lhes uma imagem da resurreição, appresenta ao mesmo tempo o gladio e a corôa, prohibe ao soberano pontifice as segundas nupcias, tem mesmo suas virgens.»

E por ahi vai o S. Padre confessando como o diabo copiou por intermedio de Numa:

«As funcções dos padres, os ornamentos, os privilegios, as ceremonias, os vasos, e geralmente tudo o que é necessario aos sacrificios, o que se refere ás expiações dos votos:» -- chega a affirmar: «não poderemos duvidar que o diabo não tenha querido copiar os ritos da lei mozaica.»

Não mais nos admiramos hoje, dessas enigmaticas coincidencias, quando dispomos dos documentos contemporaneos, como esse ahi exarado, e quando

encontramos um sabio do valor de Spiegel ⁽¹⁾ para commental-os e historial-os comparativamente com o que se lê nos livros da Avesta, do Rig e das inscripções das velhas linguas semiticas resurgidas do esquecimento.

Esse grande orientalista em quem Max Müller «reconhece um verdadeiro poço de sciencia» (*sic*), explica as conformidades das doutrinas persas com as judaicas, pela comparação com as fontes Babylo-nicas, donde ambos decorrem, evoluindo parallela-mente e communicando-se historicamente no tempo dos grandes reis libertadores Achmenidas.

Remontemos, pois, com um tal guia no passado e vejamos até que ponto o Sheol semitico parece-se com o Iraniano.

Os dous principios contrarios do mazdeismo, o Bem e o Mal, que preenchem o Universo, estão se-parados por um espaço intermedio que serve de campo á perpetua batalha entre os dous formida-veis adversarios. Esse espaço comprehende em si o mundo corporal, collocado entre o mundo supe-rior dos espiritos e o inferior do inferno. Esta re-gião chama-se o *Hameçtegân*.

E' ahi que morão os homens e as almas, que pairão no ambiente do espaço intermedio, onde mais ardente é a lucta entre os dous immensos e terri-veis inimigos: Ahura-Mazda e Angro-mainyus (Ormuzd e Ahriman).

E' ahi que se desenrollam os acontecimentos dos

(1) Fr. Spiegel — *Eranische Alterthumskunde* — II, 160-167.

mundos visível e invisível. Ha grande differença entre elles e a sua finalidade.

O bom lado do mundo espiritual é o mais antigo, pois que existio desde a Eternidade e não terá fim. O máo lado do mundo espiritual tambem não teve começo, porém ha de ter um fim no futuro. O mundo corporal teve um começo e terá um fim encerrado no curto periodo de 12.000 annos.

Ahura-Mazda creou um mundo corporal, como meio certo de alcançar a Justiça, esse alvo a que tendem todas as cousas creadas, mundo esse em que se opera o combate entre os bons e os máos que afinal serão superados e vencidos conjunctamente com a «Serpente Antiga».

A batalha entre os dous principios tinha começado desde muito antes, e durava já 3.000 annos desde a Creação até o momento em que Angromaynius divisou nas profundezas do espaço a Luz recentemente creada pelo seu adversario omnipotente, Ahura-Mazda, atirando-se sobre ella afim de aniquilal-a.

Porém, Ahura-Mazda propoz a seu adversario um armisticio, durante o qual elle se tornaria inhabil a destruir a obra por elle encetada.

Cedo arrependeu-se da concessão desse armisticio, porque reconheceu o valor dos novos meios de combate de que se acercara o seu adversario. Este intervallo é utilizado por Ahura-Mazda para organizar a Creação a começar pelo Céu, depois a Agua, em seguida a Terra, as plantas, a carne, e finalmente o Homem.

Note-se a identidade de progressão com o Genesis: o Céu ou a parte superior e as Aguas no começo, e só depois, a terra firme, consecutivamente na mesma progressão, as tres grandes divisões das plantas, dos animaes e, enfim, o homem que completa a serie das creações animadas.

Toda esta obra foi distribuida em seis epochas dentro de um anno de 365 dias dos quaes o Céu levou 45, a Agua 60, a Terra 75, as plantas 30, a Carne 80, e o homem os 75 dias restantes.

Durante os primeiros 3.000 annos desde a Creação, o Céu viveu feliz e sem as pragas e as desordens espalhadas pelo adversario.

As creações de Angro-mainyus começaram muito mais tarde do que as de Ahura-Mazda. Já se haviam decorrido 3.000 annos quando Angro-mainyus principiou a agir, por seu lado, já se haviam decorrido 6.000 annos depois do armisticio, faltando-lhe somente 3.000 annos que é a epocha actual; portanto já muito tarde, porque a regeneração do Mundo, encetada pelos tres grandes prophetas, já se achava começada e desde então é inevitavel o triumpho do Salvador, Sioschians, que se suscitará no fim dos seculos, quando o combate final contar com o concurso dos eleitos da regeneração final.

Estas doutrinas são evidentemente de origem semitica porque das suas indagações se evidenciam que: *Was aus Aegypten stammt, ist aber wohl über Babylon nach Erân gekommen.* — Isto é: «Aquillo que se deriva (as doutrinas de que fala o auctor)

do Egypto passou ao Eram por intermedio de Babylonia.»

Esta opinião apresentada, ha uns trinta annos pelo orientalista Dr. Ferdinando Justi ⁽¹⁾ acha-se hoje ainda mais reforçada na monographia publicada recentemente por esse especialista na sua *Historia da Persia Antiga*, editada na collecção Onken onde dissertando sobre a questão diz:

«A doutrina de Zoroastro se diffundio e ficou plenamente reconhecida primeiro no Iran Oriental, e foi mesclada com elementos estrangeiros nos paizes occidentaes.

O verdadeiro elemento iraniano teve sempre, como séde, a parte oriental do planalto.

O occidente era exposto ás influencias da Babylonia e da Siria.»

Note-se que, para aquem desses trinta annos em que Spiegel escreveu seu livro, temos feito um passo agigantado sobre a questão dessas origens.

Nesse tempo o Egypto estava melhor estudado do que Babylonia, e cada dia se evidencia mais, que as doutrinas sobre a regeneração final da humanidade, são peculiares á raça semitica donde se desprendeu Mizraim, ou os Egypcios, segundo o proprio Genesis.

Já em 1873, Chabbas, estudando as primeiras phases de civilização Egypcia dizia:

(1) Dr. Justi — *Storia della Persia Antica* — Vol. IV — pag. 98.

«Como nós não descobrimos os vestígios duma infancia sobre a terra do Egypto, é de presumir que a raça egypcia fez sua aprendizagem n'outras paragens, que não as margens actuaes do Nylo.»

As descobertas recentes, que indicam, do quarto para o quinto milenio (A. C.), um estado de civilisação em nada inferior ao Egypto; tendo ao mesmo tempo, traços de semelhança revelados pelas excavações de Tello, no baixo Euphrates; tendem a dar a primazia nesse duello de antiguidade, na phrase de Maspero, ás margens do Tigre e ás planicies alagadiças da Mesopotamia.

Como quer que seja, a doutrina persa que continuamos a expôr é irmão gêmea dos apocalypses judaicos.

Os três milénios são periodos occupados por trez grandes prophetas reveladôres das leis de Ahura-Mazda.

O primeiro é Gayomard. Durante elle a humanidade é feliz e pura como no Eden: O pai Adão e sua companheira o foram, até a queda no peccado. Durante essas edades remotas, os demonios permaneceram inactivos e inoffensivos.

Essa idade aurea foi encerrada pelo apparecimento do Moisés persa, esse quasi mythico Zarathushta, em cujo milenio floresce a religião do Mazda.

Esse milenio, está escripto, é o actual, e nelle ha ainda um limite demarcado á malefica influencia do mau principio; isso em razão dos que conser-

vam a fé na lei do grande legislador a quem veneram todos os verdadeiros crentes do Irân.

Sobrevirá, porém, em breve, o terceiro milenio onde a incredulidade, a malvadez e a impiedade porão em risco a preservação dos sãos principios. Surgirão, presagios da approximação das Ultimas Cousas, até que finalmente apparecerá o Salvador Sioschians, esse Messias esperado anciosamente, como o era pelos milenaristas medievaes o sôar das trombetas do Juizo Final.

Será então o combate final contra a «Serpente Antiga» que ha de ser vencida, como no Apocalypse e no epico combate de Maruduck contra Tiamat.

A malvadez e a incredulidade, chegadas nesse momento ao seu auge de intensidade, ameaçará a obra de Ahura-Mazda. Esse momento, porém, angustioso para os crentes, será rapido em comparação com a eternidade do triumpho descripto no longo documento que acima exarei por extenso, nesse resumo systematico do Bundeshesh. Ha, porém, um intervallo entre esse ajuste de contas final e a vida dos homens sobre a terra.

O mundo dos espiritos está dividido em dous bandos, mais numerosos que os homens. São as creaturas dos dous grandes inimigos, que se acercam do homem durante esta vida, para se combaterem e delle se apoderarem, um como o anjo da guarda, e o outro seu concorrente — o demonio tentador.

Os persas têm uma cathegoria de espiritos bons que elles chamam *Fravaschis*.

Protegem os fieis perseguidos pela multidão invisível dos *daevas*, que os combatem até a morte, afim de se apoderarem de suas almas.

No intervallo que se segue até o Juizo Final não deixa o peccador de receber o castigo ou a recompensa pelos seus actos sobre a terra.

Os mortos apparecem perante o tribunal, onde as suas boas e más acções são pesadas n'uma balança como no Amenti egypcio, e onde as duas conchas decidem do valor dos seus actos.

Desse confronto depende a sua salvação ou a sua condemnação.

Se fôr condemnado, o Daeva Vizescho arrebatá-o-ha ás profundezas do Inferno, onde será acabrunhado pela vergonha e pelo remorso, sendo forçado a servir-se de manjares abominaveis.

Ao passo que si for salvo, será conduzido por uma bella dama que lhe servirá de guia ao Paraizo, como guiado foi o Dante pela divina Beatriz.

Excepto a côr local parsi dessas doutrinas, não ha differença de maior monta entre ellas e aquillo que lêmos na literatura apocalyptica dos judeos do 5.º seculo A. C. em diante.

Spiegel, estudando as fontes donde procedem essas doutrinas, conclue que são ainda mais filhas do antigo semitismo (*altsemitischer*) do que do arianismo. Diz elle:

«Das Leben der Seelen in Scheol nach altsemitischer Ansicht scheint ein gleichmässiges, mehr gleichgültiges als unglückliches gewesen zu sein, dasselbe bietet we-

nig Anlass zur Vergleichung mit der éránischen Ansicht, um so näher liegt die Vermuthung, dass diese sich aus der arischen entwickelt haben.»

«A vida das almas no Sheal parece tanto mais semelhante ao velho ponto de vista semítico, do que infelizmente devia sel-o, porquanto essa mesma doutrina permite pouca apparencia de comparação com a iraniana, e de tão proximo se acerca da verdade esta conjectura quanto ella devia ter-se desenvolvida da ariana.»

Esta conclusão do illustre iranista é evidente por si mesma.

Se essa opinião exige mais alguns elementos de comparação do que as puras e exclusivas doutrinas arianas, é porque entre estas doutrinas e a iraniana, encontramos o facto historico da conquista de Babilonia por Cyro, donde provêm a subsequente adopção de muitos symbolos e divindades do pantheon chaldeu ⁽¹⁾ que a archeologia moderna tem cada dia mais verificado, nos monumentos desenterrados por Dieulafoy ⁽²⁾ nas planicies da Susiana situada na região inferior do Euphrates onde se estabeleceram os descendentes do conquistador, e onde erigiram os palacios sumptuosos de architectura mesclada de estylo meio persa e meio babilonico, o que nos torna

⁽¹⁾ Justi — op. citada — pag. 132.

⁽²⁾ Dieulafoy — La Susiane — Tour du Monde.

bem facil verificar até que ponto as duas civilizações se penetraram mutuamente.

Quando, ao mesmo tempo, nos lembramos da cohabitação dos servos hebreus nessas regiões e a benemerencia dos Achmenidas pela repatriação e reabilitação da mocidade judaica e lemos no Livro III, II, 1-3 do pseudo Esdras:

«Regente Cyro, Rege Persarum, in consumatione verbi Domini in ore Jeremiae, suscitavit Dominus spiritum Cyri, regis Persarum, et prædicavit in toto regno suo simul per scripturam dicens: Hoc dicit Cyrus, rex Persarum: Me constituit regem orbi terrarum Dominus Israel, Dominus excelsus, et significavit mihi ædificare domum sibi in Jerusalem, quæ est in Judea.»

Quando nos lembramos de tudo isto, repito: é impossivel desconhecer nesse facto de um rei pagão proclamando uma ordem do Deus de Israel, um acontecimento senão possivel historicamente, ao menos indicador do respeito que as crenças elevadas dos persas mereceram do povo oprimido, que reconhecia nos seus libertadores, quando não a semelhança de crenças, em todo o caso, as affinidades entre muitos pontos que as sympathias dos oprimidos só podiam attribuir ás revelações de Jehovah.

Ainda mais; o argumento ganha tanto mais força em nosso espirito, quando vemos Esther (Ishtar) sentar-se no throno de um dos descendentes de Cyro.

E não fossem as atrocidades attribuidas ao vin-

gador dos hebreus, inspirados certamente pelo odio nacional que tudo perverte e exagera, e não se soffreria a minima duvida de que, nessa epoca, os dous povos oriundos de raças tão diversas, estiveram em contacto tão intimo que se podem apanhar em flagrante os mutuos emprestimos que o Avesta colloca, em muitos pontos, sob as vistas penetrantes, agudissimas de sabios da força de Spiegel, Windischman, Justi e Darmstetter que nol-os apontam com o vigor severissimo duma critica segura de si mesma.

Mas esse commercio de ideias tem um factor historico commum que os liga a ambos, debaixo do mesmo ensinamento religioso: — é a propria doutrina bebida na veneranda sciencia da velha Babilonia.

Se essas doutrinas têm um antecedente, é forçoso admittir que os elementos a ellas essenciaes, sejam documentados, de modo a tornar patente que as ideias primitivas do povo hebreu antes do VI.º seculo A. C. são postos em confronto com as inscripções, que até agora nos tem sido revelados pelos assyriologos que concordão em vêr, nas paginas do Velho Testamento escriptas antes do captiverio babilonico, um commentario das poucas e obscuras referencias sobre o estado da alma depois da morte.

Desse confronto se deduz, não que a immortalidade da alma fôsse desconhecida na Judéa primitiva, o que me faz o effeito de um mal entendido da parte dos que defendem a Biblia desta asserção; mas da inferioridade manifesta dessas noções em comparação com as doutrinas do Evangelho e em

relação com os cyclos evolutivos do zoroastrismo, tal como nol-os apresentam os documentos expostos acima, e o estado de *atraxo*, se assim o quizerem entender, da noção sobre a immortalidade da alma, corrente entre todos os semitas, quer fossem Chaldeus, Phenicios, Hetheus ou Hebreus.

IX

O Saulu-Scheol

A controversia suscitada em França, entre J. Halévy, ⁽¹⁾ Darembourg e Renan, pôz em evidencia ao menos uma cousa: que a questão de se saber se os hebreus criam na sobre-vivencia da alma, não differia das opiniões correntes entre outros povos da mesma epocha.

Aquelles que defendem a immortalidade da alma, segundo *a parte mais velha* da Biblia, fazem um esforço inutil como dizem os francezes *parcequ'ils enfoncent une porte ouverte*; mas as opiniões do proprio judeo Mr. Joseph Halévy, são que, quanto as leis mosaicas e os prophetas se esforçassem por apagar as ideias correntes entre o povo de Israel, não o conseguiram fazer senão lentamente, e isso mesmo quanto aquellas crenças que a evolução religiosa foi, de pouco em pouco, depurando

⁽¹⁾ J. Halévy — La croyence à l'immortalité de l'ame chez les peuples Sémitiques — Mélanges de Créuque et d'Histoire — pag. 365.

e elevando até o gráo já adiantado em que a encontramos nos Evangelhos.

Qual a razão desse contrasenso entre tantos escriptores que tratam dessa questão? E' que não fazem abstracção desse modo anti-historico, se me permitem a expressão, de encarar o problema da evolução d'umas tantas ideias, querendo á força remontar ás fontes, sem préviamente esquecerem as opiniões, que só muitos seculos depois puderam ser patrimonio commum das massas populares do tempo. Se os proprios theologos explicam a *obscuridade* dos primeiros textos biblicos pela razão de que só a Bôa Nova conseguiu esclarecer e rectificar as velhas doutrinas mosaicas, porque não remontão com liberdade de espirito os livres pensadores a essas epochas, para melhor comprehender o problema, pela comparação do texto biblico com os documentôs fornecidos pela epigraphia contemporanea das primeiras tentativas dos videntes de Israel?

Vejamos, pois, por esse methodo o que nos fornecem as inscripções chaldaicas e depois vejamos o que diz a Biblia.

Da attenta leitura do canto VI.º do poema traduzido antes deste capitulo, vêmos que se descreve o Aral, isto é o Saulu accadiano, como uma região d'onde não se volta mais, lugar de escuridade e densas trevas, onde não ha outro alimento a não ser o pó e onde as almas voão como passaros. Para ahi entrar, é necessario se despir de todo. A deusa que ahi reina como soberana, é

inexoravel, mesmo para com os outros deuses e, em particular, para Ischtar, a deusa da vida.

Entre os castigos, vêmos inflingido ao criminoso, a pena de ser enterrado debaixo da terra, d'onde só se volta ao estado normal acordando de um sono lethargico para *beber da agua da resurreição*, ideia, que formava parte integrante da doutrina pela qual os moradores do Aral assyrio podiam voltar novamente á integralidade de suas faculdades, como que no goso perfeito duma nova vida.

O deus Ea, o creador do homem, tinha esse poder extraordinario de «resurgir os mortos», o que indica com precisão, o origem chaldeana da «restituição final de todas as cousas», como o vemos em todas as outras religiões do antigo Oriente.

Ha uma expressão muito repetida no Genesis, e na qual se diz: que os patriarchas e os justos de Israel «iam se reunir a seu povo»; querendo por tal forma sustentar que, na outra vida, os mortos tinham uma morada commum.

Esta expressão era usada ao pé da letra, entre os povos da Mesopotamia que tinham em Ur-Kasdim, a patria d'onde sabio Therah pai de Abraham, uma immensa necropole de varias leguas quadradas para onde eram transportados, rio abaixo, em prestitos funebres, todos os habitantes da Mesopotamia em condições de fazel-o. A tal ponto era secular esse uso, que causa pasmo aos excavadores não encontrarem tumulos de importancia ao redor das outras velhas cidades.

Isso indica um facto capital na historia hebraica:

E' que a cidade d'onde partiu Abraham éra uma cidade sancta, uma Meka, ou mesmo uma Jerusaleem, para onde convergiam todos os crentes, quando nada, em peregrinação para ir «merar junctamente com seus antepassados» ao redor d'algum sanctuario, conservado pelas mais venerandas crenças.

Quando vemos a gruta onde a tradição diz terem sido reunidos os ossos dos Abrahmanidas todos, quem deixará de reconhecer ahi um uso, trazido de Ur-Kasdin, a Warka dos tempos posteriores?

Certamente que quem tomar a Biblia, em blóco e consideral-a como uma obra divina, citando como uma e a mesma cousa, um documento antigo e de mais idade do que o VI.º seculo A. C. afim de consideral-o como uma refutação das passagens que vou citar em abono do que affirmo, pratica cousa commum a todos os que lêem a Biblia como si ella fosse escripta em um unico dia, debaixo do influxo da éra greco-romana em que se elaborou o Evangelho.

Nada poderão, portanto, comprehender do que eu vou apresentar ao leitor cuja cultura historica estiver acima dessa theologia de vista curta, que se preoccupa com simples confrontos disconnexos datando de epochas affastadas, umas das outras, de mil e mais annos, como se a evolução religiosa fosse cousa que nunca houvesse existido; a esses não me incommoda que não queiram comprehender os textos formaes que ponho em confronto com as inscrições semiticas, uma vez que vou esteial-os nos grandes mestres da historia oriental gravada nos monumentos.

A doutrina que se depreheende dessas inscripções é a mesma das palavras do rei Ezechias reproduzida por Esaías (XXXVIII, 9.) nos termos seguintes:

9. «Escriptura de Ezechias, Rei de Judá quando adoeceu, e saron de sua enfermidade:

10. «Eu disse na cortadura de meus dias: — Ir-me-hei ás portas do Scheol; já estou privado do resto dos meus annos.

11. «Disse tambem; já não verei mais o Senhor na terra dos viventes; já não verei mais os homens entre os habitantes da morada silenciosa.»

Mais adiante elle reforça a ideia que no Scheol não se conhece a vida com seus pezares e prazeres, não se vê ahi mais a Deus, e suas obras, o morno silencio do repouso impassivel se apodera dessa existencia que quasi não merece mais esse nome. Não são mais que sombras inanes e vacuas como as concebiam os outros povos, talvez em gráo ainda mais inferior que o dos gregos da éra classica; porque ao menos conheciam a possibilidade de movimento nas regiões infernaes, como vemos pelo seguimento desse texto aqui citado:

18. «Porque não te louvará o Scheol, não é a morte que te glorificará: *nem tão pouco esperam mais em tua fidelidade os que descem ao Scheol.*

19. «O vivente é que te ha de louvar, como hoje o faço e onde os paes aos filhos farão notoria a tua fidelidade.»

Daqui se deduz que os mortos sejam elles justos, patriarchas ou reprobos, não se occupam mais com a Divindade de Jahveh; não se estende até elles a sua munificencia, não mais o adoram porque não mais o vêm; pelo contrario, só os vivos podem occupar-se dignamente de seus louvôres.

De taes concepções desoladôras para um fiel servo de Jahveh, nada faz suppôr a immortalidade dos recompensados, nem que ao menos além tumulto sofram ou gozem de qualquer modo como fazem vagamente suppôr os documentos posteriores.

Que o estado de lethargia, ou um estado de somno profundo, era o estado dos mortos, se verifica pelas palavras de Samuel (XXIII, 15) quando evocado por uma necromante por ordem do rei Saul, sem duvida uma d'aquellas que sabiam a arte de «evocar o Dragão e consultavam os mortos a respeito dos vivos».

Surgio da terra um phantasma envolvido em um lençol, e disse: — «Porque me desinquietastes fazendo surgir sobre a terra?» Esta scena de magia, digna dos nossos Cagliostros e Hermanns, é prova evidente da especie de vida pouco divertida que, segundo os velhos hebreus, os esperava nesse famoso «seio de Abraham», para onde deveria ir todo o povo indistinctamente, sem que, ao menos, se discriminasse — o merito do emerito, — como o provam as palavras seguintes de Job (III, 13) lamentando ter nascido para o infortunio:

13. «Porque já agora jazera e repousára; *dormiria*, e então haveria repouso para mim,

14. «com os Reis e Conselheiros da terra, que se edificavam casas nos logares assolados,

15. «ou com os Príncipes, que tinham ouro; que enchiam suas casas de prata.

16. «Ou com o abôrto occulto, não existiria: como as crianças que não viram a luz.

17. «Alli os máos cessam de perturbar: e alli repousam os cansados de forças:

18. «Alli os presos junctamente repousam: e não ouvem a voz do executor:

19. «Alli está o pequeno e o grande em repouso: e o servo livre do seu senhor.»

Onde está ahi a distincção entre o justo e o injusto, pois que não ha pena nem recompensa nesse lugar em que todos dormem na mais completa impassibilidade.

Onde as promessas da outra vida melhor que console o opprimido, se todos vão se amontoar, um ao lado d'outro, na mais indistincta promiscuidade?

Quem negará de bôa fé contra a opinião de homens competentes como George Perrot ⁽¹⁾ o quanto esses traços relembram as analogias sob as quaes se apresenta o Aral assyrio, tal como o descreve o poema da descida de Ishtar?

As mesmas analogias nos chocarão em varias

(1) Pierrot et Chipiez — Phénicie — 142.

outras expressões dos livros hebraicos a proposito do Scheol.

Elles o pintam como um lugar onde se tem «o leito nas trevas», o caminho que a elle leva, é um «caminho sem volta» (Job XVII, 13). Como a negra morada onde Ishtar foi encarcerada, o Scheol tem suas portas, (Job. XVI, 22). Quando um grande conquistador as fêre, os manes (*refaim*) dos reis se levantam de seus leitos, para reconhecerem bem se é mesmo aquelle que fez tremer o mundo, e uma vez elle reconhecido, dão-se ao prazer de o debicar.

No Ecclesiaste (IX, 10) vemos confirmado que no Scheol não ha movimento, nem trabalho, nem mesmo pensamentos; e portanto os velhos livros judeos são concordes em negar que a justiça divina se estenda á outra vida sob qualquer face que se a considere.

Diz esse philosopho judéo:

10. «Tudo quanto te vier á mão para o fazer, faze-o conforme tuas forças; porque já no Scheol para onde tu vais, não ha obra, nem industria, *nem sciencia*, nem sabedoria alguma.»

Por conseguinte se não ha lá merito nem demerito, a justiça de Jahveh não se estende até as profundezas do Scheol situado, segundo Amos, nas profundezas da Terra.

Este propheta é um dos mais antigos d'entre aquelles cujos escriptos nos foram conservados no Canon do Velho Testamento.

Diz elle, referindo-se á posição relativa das duas regiões espirituaes: ⁽¹⁾ — «Ainda que corram até o Scheol, a minha mão os tirará dalli; e se subirem ao Céu dalli os farei descer.»

A posição attribuida ás duas regiões espirituaes e que a astronomia veio deslocar com a translação da Terra, era incontestada em todas as religiões da Antiguidade, que nunca sequer suspeitaram da possibilidade de collocar-os em outra parte, como fazem os theologos do nosso tempo, que, de tanto quere-rem determinar com precisão, não sabem mais onde pôl-os: se além das estrellas cujo espaço desvendado pelo telescopio confunde a imaginação, ou se acompanhando o centro da Terra em seu giro ao redor do Sol.

Eu bem sei que sendo cousa fóra do alcance dos sentidos, resolveram accomodar-se collocando-o em qualquer parte do espaço, mesmo sobre a orbita da terra.

Julgamos, porém, que a questão não seria tão simples historicamente em outros tempos em que a imaginação do Dante fazia a viagem subterranea e celeste da sua *Divina Comedia*.

Estas preocupações da methaphysica moderna não eram cogitadas nesses tempos de Amos e da bella placa de metal assyria publicada por Clermont Ganneau e que achamos reproduzida e descripta na obra encycpedica da arte antiga dos sábios orien-

⁽¹⁾ Amos — IX, 2.

talistas Pierrot e Chipiez; (1) obra em que se representam as quatro regiões em que se divide o Universo.

Esse precioso baixo relêvo, representa em um quadrângulo rectângulo, alongado, quatro scenas sobrepostas divididas em quatro zonas, separadas por quatro traços horisontaes, na ordem seguinte, de cima para baixo: 1.º O Céu estrellado; 2.º A Athmosphera; 3.º A Terra; 4.º O Aral, abaixo do solo, tendo como base as aguas d'um rio.

Nesse curiosissimo quadro, se accumulam symbolos e personagens mythologicos cuja decifração não está ainda completa, tal é a riqueza de detalhes, mas que não escapa totalmente, visto a clareza do assumpto, que mostra deverem ser as regiões para onde a alma de um fallecido vai depois de espirado o ultimo alento vital.

1.º No tope do quadro vêmos numa lista relativamente mais estreita que as outras, o Céu estrellado, a morada dos grandes deuses, contendo symbolos de diversas divindades separados da 2.ª zona por uma linha horisontal.

2.º Essa região immediatamente inferior, occupa a parte média da athmosphéra onde se agitam os sete demonios descriptos no poema sobre o combate de Maruduck contra a Serpente. São sete figuras de rostos bestiaes, conformes ás denominações do poema por mim citado quando tractei dos demonios da tempestade, companheiros do Dragão.

(1) Pierrot et Chipiez — Assyria — 364.

3.º O quadro central passa-se sobre a terra. Representa um morto estendido sobre um leito envolvido n'um sudario; ao lado direito, vê-se um grande candelabro. Ao pé e na cabeceira, estão dous homens-peixe, que representam as famosas aparições do Deus Ea ou Oannés, e que surgiam do golpho Persico para virem civilisar os homens. Estão elles de mãos estendidas sobre o morto como um sacerdote a espargir agua benta n'um Requiem: pois que se vê, pelo gesto de benção desses deuses, que elles cumprem algum rito funebre, rito em razão do qual tomão sob sua protecção o morto, com o fim de guial-o na perigosa viagem que vai encetar no Aral, inteiramente povoado de demonios como os trez que se acham á esquerda do quadro alçando punhaes, certamente com a intenção de se apoderarem do morto.

4.º Na parte inferior do solo, separado por um traço horisontal, temos o *Aral* assyrio, occupando um terço de todo o quadro, na parte mais baixa; representa ella o trecho mais horrendo de toda a scena; nella vêmos um conjuncto de figuras, dentre as quaes sobresaê a da Grande Deusa da Terra de que nos fala o poema. E' de proporções colossaes, essa Proserpina assyria, em comparação com as outras; tem formas femininas e rosto de Leôa, e segura pela garganta, duas serpentes, apertadas entre as mãos. A seus pés, está um cavallo em disparada. Apoz um novo traço que indica a barranca de um rio, em que se vêem nadar, da esquerda para a direita, cinco peixes; nota-se uma barca, um tanto



O PORTEIRO DO ARAL

(pagina 239)



- I **ARAL**
- II Os Ventos demonios da Athmospha.
- III O Deus Ea consagrando um morto — **SAULU**.
- IV A deusa **ALLAT** (Proserpina) do Scheol —.
- V O barca das "**AGUAS DA MORTE**" (pagina 239).

arcada, de estylo egypcio. E' nessa barca que Izdubar atravessou o «Rio das aguas da Morte» esse equivalente do Styx grego e do Amenti, ou Nylo Infernal dos Egypcios. Outra figura de demonio com corpo de felino, pés de ave de rapina munidos de fortes garras, cabeça chata bestial, de simio, com larga bocca aberta como que num rugido, é talvez o fiel cerbero Atsu-sunamir, o guardião que introduzio Ischtar com o ceremonial das sete portas do Aral.

O quadro dá-nos, pois, em seu conjuncto, noções mais completas ainda do que nol-o permitem as inscripções; porque são insufficientes ainda para esclarecêr e commentar todos os symbolos enigmaticos desse quadro de forma extranha que acabo de descrever summariamente, afim de mostrar o conjuncto das ideias chaldeanas sobre o mundo dos espiritos, conjuncto que se prende ás ideias generalisadas entre todos os povos semitas, inclusive os hebreus.

Os proprios gregos não possuiam outros meios para representar o rio Acheronte sulcado pela barca de Charonte, atarefado sempre em conduzir as almas dos fallecidos, para além das «aguas da morte».

Eram essas aguas que se collocavam nos fundamentos da terra, segundo uma inscripção que diz: «Lá foram consolidados os fundamentos da terra, para lá confluem as aguas potentes».

Ahi temos, pois, os mesmos elementos sobre a concepção da vida futura, elementos esses que não differem sensivelmente nem mesmo dos que conhe-

ceмос pelas inscrições egypcias e que, como sabemos tanto fazem identificar o Aral assyrio com o Hadés grego. Agora reconhecemos quanto este mesmo conjuncto de doutrinas serve de commentario ás mais velhas idéas que a respeito do Scheol, encerram os textos biblicos, que não sendo differentes sobre o Aral, tambem o não são com relação ao Céu onde foi morar com os deuses o Noé-Hasishatra.

Dizendo isto, não sou mais ousado que um simples abbade como o muito othodoxo Padre Vigouroux que sobre este ponto, reforça as minhas asserções com as seguintes palavras :

«Tudo nos leva a crer que o ramo chaldeu, transportado em Palestina, honrava os despojos mortaes de seus defuntos com *ritos e cultos quasi semelhantes* áquelles que se lhes rendiam na mãe patria, e ligavam a essas cerimoniaes a mesma significação elevada, no tocante á vida permanente da alma depois da morte.»

Se isto não é mais que o resultado dos documentos diante dos quaes não recuou um sacerdote catholico «atrazado e romanista supersticioso», segundo a phrase usual e despreziva dos missionarios da Egreja Evangelica entre nós, qual será o commentador protestante que não terá de corar denegando valor a documentos inconcussos?

Si assim for, honra a esses sacerdotes catholicos que não recuam das difficuldades e que as encaram de frente sem denegações inuteis, porque são bas-

tante conhecedores dos elementos da questão debatida para acceitarem essas opiniões sobre a origem da eschatologia primitiva d'um povo como o hebreu, filho da raça semitica e cujos ritos e cultos tinham a mesma significação. Vejamos tambem se o Céu assyrio accollhia aos eleitos dos deuses, para viverem em sua companhia apartados da multidão que enchia o Scheol.

Esses que, por excepção iam ás paragens onde moravam os deuses, eram apenas os semideuses, os heróes ou os grandes homens, e nunca recebiam esse privilegio, senão a titulo de benemerencia especial.

Mas esses mesmos, nem lá chegaram sem um lento aperfeiçoamento das crenças primitivas.

Desde os selvagens mais primitivos, encontramos a crença da sobrevivencia do ser duplo que forma o ser humano nesta vida; mas dependia isso da concepção da natureza da alma e de suas necessidades physicas e moraes que deviam constituir o modo de vida mais ou menos semelhante ao actual.

D'ahi vem os costumes diversos de rodearem o morto com os objectos que lhe eram caros e indispensaveis nesta vida.

Suppunham que suas armas e os seus alimentos eram indispensaveis como a todo o ser vivente.

Por isso, sabemos que para os tumulos de todas as raças conhecidas da antiguidade, não se esqueciam os parentes do morto de levar, ao menos, esses dous objectos.

Nos tumulos da Mugheir actual, onde se achava

a velha necropole de Ur-Kasdim, vê-se que levam uma curta espada nas mãos. Esse mesmo facto é lembrado por Ezechiel (XXXII, 27) onde se encontra a espada atravessada por baixo de cada cadaver como convem aos valentes: «os quaes desceram ao inferno com suas armas de guerra, e puzeram as suas espadas debaixo das suas cabeças». Por isso vemos tumulos com a disposição descripta, tendo as espadas como travesseiro. Tambem a alimentação era usada como indispensavel na outra vida e a esse respeito temos textos formaes sobre a persistencia desse costume que remonta ás edades mais primitivas, pois que lemos a seguinte prohibição no Deuteronomio ⁽¹⁾ que ordena que se pronuncie uma confissão cuja formula contem estas palavras que devem ser pronunciadas pelo judeu perante o altar de Jahveh no momento de offerecer-lhe diversos sacrificios:

14. «Della não comi na minha tristeza, nem della tirei nada para a imundicie, *nem della dei para o morto.*»

Era pois um *costume*, pois que a lei tinha intenção de desarraigar esse velho uso semitico, sobre o qual possuímos uma inscripção, datando do anno passado, descoberta que encontrei na *Revue Archéologique* ⁽²⁾ do mez de Abril de 1894, e na qual Mr. J. Halévy veio, perante a *Académie des Inscriptions* de Paris, reforçar as suas opiniões sobre os costumes dos semitas da Syria do IX.º seculo offere-

⁽¹⁾ Deuteronomio - XXVI, 14.

⁽²⁾ *Revue Archéologique* — Abril 1894 — pag. 239.

cerem alimentos aos mortos. Diz elle que d'entre as descobertas recentes de inscripções do «Comité Oriental Allemão em Zindjirli», ha uma passagem que offerece um grande interesse, porque ella fornece uma prova formal da crença na immortalidade da alma entre os semitas da Syria do Seculo IX.º antes da nossa éra. O Rei Panammu I, exorta cada um de seus successores futuros a que fação, no momento de sua coroação, libações particulares em sua intenção, que deverão ser accrescidas aos sacrificios usuaes ao deus Hadad:

«Quando se tiver, diz elle, pronunciado meu nome e recitado a formula:
A alma de Panammu beberá contigo,
então a alma de Panammu beberá contigo. Mas aquelle que negligenciar esta cerimonia funebre verá seu sacrificio regeitado por Hadad; a alma de Panammú beberá com Hadad só.»

A persistencia dessas tradições é uma das muitas provas de atavismo religioso dos israelitas que só muito lentamente elevaram-se a concepções mais espiritualistas, pois que eram obrigados pelo sacerdote a fazer uma verdadeira *confissão publica* que os envergonhariam no Templo, se não fosse uma confissão sincera e patente a todas as pessoas que o cercavam.

Uma lei dessa natureza é daquellas cuja prohibição, diz o citado hebraista, prova exactamente que o costume era difficil de ser extirpado pelo facto de remontar á mais veneranda antiguidade.

Não é somente a sobrevivencia da alma que preocupou os antigos, também criam na necessidade de preservar o corpo, que ainda conservava um grão de sensibilidade da qual não podiam crêr que o cadaver ficasse privado de todo.

Todos que leram a historia de José no Egypto, narrada pelo Genesis sabem que, seu pai o patriarcha Jacob e elle proprio, foram enterrados no *Scheol* de Abraham, nessa caverna dos patriarchas, sobre a qual ainda os arabes conservam uma tradição de veneração tão grande que só poucos christãos, entre elles o Principe de Galles, conseguiram licença de lá descerem afim de poderem vêr os tumulos onde suppõem estarem as *mumias* vindas do Egypto e das quaes diz o Genesis: (L, 2).

2. «E José ordenou aos seus servos, os medicos, que embalsamassem a seu pae; e os medicos embalsamaram a Israel.

3. E compriram-se-lhe quarenta dias; *porque assim se cumprem os dias d'aquelles que se embalsamam*; e os Egypcios o choraram setenta dias.»

José obteve do Pharaó que lhe fosse concedido ausentar-se, para levar seu pai em grande pompa ao *Scheol* de Abraham, na cova do «Campo de Makpelah».

A caravana em que José levou o Corpo embalsamado do velho Jacob, foi acompanhada de grande séquito, segundo o rito dos anciãos egypcios; porquanto lêmos explicitamente — que os moradores do lugar, os Cananeos, vendo o luto na planicie do

espinhal disseram: — «E' esse o grande pranto dos Egypticos».

Portanto nada faltou para completar as cerimoniaes dos grandes da corte de Pharaó.

O grande egyptologo George Ebers diz, que a descripção é tão completa que indica com precisão os 40 dias em que o cadaver é entregue aos embalsamadores, passados os quaes ha um pranto de 70 dias, o que concorda com o celebre livro das mumias intitulado «Ritual Funerario» ou o «Livro dos Mortos», onde se prescrevem os ritos do embalsamamento das mumias, que ficam entregues durante os quarenta dias, segundo Chabas, exclusivamente á guarda do sacerdotes embalsamadores, cumprindo-se então, á risca, todas as formulas e cerimoniaes funebres, longe das vistas da familia e no interior dos templos. Depois do que, o entregam prompto, ás mãos da desolada familia para pranteal-o á vontade.

Vigouroux, levado por um desses escrúpulos que detêm um bom catholico diante de um facto tão compromettedor, como esse de cercarem de cerimoniaes pagans o proprio pai da raça hebraica, recúa, dizendo sem base alguma nos textos, que: — «tudo o que a religião egyptica encerrava de *supersticioso* foi cuidadosamente omittido no embalsamamento de Jacob».

Quando? Como? Em que se funda uma tal affirmacão quando é certo que, com o fito manifesto de apologia, os proprios orthodoxos vêm, com Ebers, Chabas, Wilkinson e outros de igual competencia, afirmar que essa pagina do Genesis, indica

especial conhecimento dos ritos, descriptos no «Ritual Funerario», ritos esses que se encontram em todas as mumias que trazem sempre consigo, pelo menos os fragmentos das orações que devem recitar perante o Juiz do Amenti; e isso para avivar-lhes a memoria no momento solemne em que se devem dirigir ao Tribunal, confessando as suas culpas afim de que sejam pesadas na balança fatal? Se a mumia de Jacob fôr algum dia desenterrada da famosa caverna em que dizem repousar, seria curioso encontrar tambem esse livro famoso cujas prescripções foram cumpridas em sua honra, como tambem em homenagem a José que para lá foi levado pelos hebreus no tempo de Moisés.

Como duvidar disso, quando lemos as seguintes palavras de Ebers ⁽¹⁾ no seu celebre livro sobre o Egypto do tempo de Moisés:

«Wir glauben mit Rosen, dass aus der biblischen Nachricht sicher so viel hervorgeht, dass das Andenken an die Grabeshöhle, das Familiengut der Patriarchen, den Nachkommen im Lande Gosen lebendig blieb, und dass diese Höhle unter den übrigen Leichenresten *eine von Ägypten hinübergesendete Mumie barg.*»

Sim! Ahi deve d'estar depositada uma mumia semelhante á dos grandes do Egypto e não outra cousa; se a tradição não falha e, por um infeliz acaso, ella não foi violada durante um longo decorrer de seculos.

⁽¹⁾ G. Ebers — *Egypten und die Bücher Moyses* — pag. 288.

Mas se assim fôr não deixa de ser curioso sabermos *as taes razões supersticiosas* pelas quaes os egypcios embalsamaram seus mortos.

Sem duvida que, depois do exemplo de taes antecedentes, os protegidos dos Reis pastores não podiam deixar de serem como elles, embalsamados durante tão longa permanencia no exilio; e, portanto, conniventes com as *superstições* egypcias. E, nesse caso, os reis semitas, intrusos como os hebreus, não deixariam de elaborar algumas das ideias religiosas, entre outras a resurreição final, que era como que o proprio fundo e o motivo essencial da necessidade de conservar em bom estado os corpos que aguardão até o fim dos seculos a sentença final, nos esconderijos onde os vão hoje buscar os archeologos da actualidade.

Sobre a necessidade da preservação dos corpos em sua perfeita integridade, diz Chabas ⁽¹⁾ que a crença na persistencia da *sensibilidade corporal*, mesmo depois da morte, expunha os encarregados da preparação da mumia á execração publica, como se elles fossem verdadeiros carrascos:

«Esta repugnancia, diz este celebre egyptologo, se comprehende facilmente. Com effeito, a doutrina sagrada ensinava que os corpos postos no tumulo, segundo os ritos, rehavião immediatamente a vida e o uso de seus orgãos.

Certos textos enumeram esses usos, e não recuam mesmo diante das mais

⁽¹⁾ Chabas — Études sur l'Antiquité Historique d'après les sources Egyptiennes — pag. 331.

vulgares exigencias da natureza humana; os hymnos e as orações funebres não falam na morte, mas somente na segunda vida. Além da porta do tumulo, que recebe a mumia, *elles mostram sobre tudo o Sahu resuscitado alçando-se luminoso, fóra do poço do hypogeo como o Sol ao elevar-se diariamente no horisonte Oriental.*

Apezar da insensibilidade do morto, não se devia mutilar o cadaver cuja bôa conservação era considerada como presa ás condições de sua vida futura. E' por esse motivo que os mumificadores esvasiavam o cerebro pelas narinas, sem feril-as.

Para as visceras intestinaes, era absolutamente necessaria uma incisão, mas a abertura era circumscripta com cuidado pelo sacerdote, e o paraschisto não devia passar a dimensão determinada. Esta operação era, no emtanto, conduzida com mysterio, *os parentes nunca assistiam a ella*; tambem, quando se lhes restituia o morto rodeado de fitas, coberto de uma mascara e fechado n'um cofre bem ornado, elles convencionavam suppôr que ignoravam o tratamento anatomico de que tinha elle sido objecto. Nada lhes lembrava da cerimonia dos funeraes, emquanto os sacerdotes cantavam, a saciedade, hymnos relatando a purificação do defunto, a divinisação de cada um de seus membros, *sua passagem á vida eterna*, a liberdade de seus movimentos, etc. etc.»

Imaginem os leitores qual seria o ensino que ahi receberam os descendentes de Israel, sobre a vida futura e o uso que mais tarde fizeram delle, quando se acharam outra vez restituídos á região de puro semitismo que os rodeou, apoz a volta do captiveiro. E' essa nova phase que vamos rapidamente estudar para sabermos por que evolução nos chegou o ensino eschatologico da Biblia

Eu não nego, pois, que os chaldeus primitivos tenham acreditado, como tantos selvagens de todas as raças, no *eu* que durante o sonho parece viver d'uma vida apartada do corpo.

Qualquer, porém, que tenham sido as suas ideias sobre o mundo dos espiritos, ellas eram vagas, e não continham divisão alguma, determinada pelo merito ou demerito dos homens nesta vida; e isso porque todos iam ser depositados na mesma região subterranea sem distincção de especie alguma.

A doutrina mais antiga sobre a collocação dessa morada embaixo da terra, era a chamada de Nipur, cidade onde se achava o throno de ouro dos Anúmas, os espiritos da terra que guardavam as «aguas da vida» para que não pudessem os mortos resuscitar como Ishtar, e o heróe Izdubar, que conseguiram beber dellas e voltar novamente á mocidade. ⁽¹⁾

(1) A legenda de Adapa nos trouxe uma descripção da entrada no céu de Anú, com todas as cerimoniaes da recepção e offerta das «Aguas da Vida» recusada em troco das «Aguas da Morte».

A immortalidade no Céu era uma concessão especial dos Deuses. Mathews 22, falla do revestimento das «Vestes de esplendor» que é acompanhado «do habito da graça» (Ps. 45, 7) na mesma legenda.

O professor A. Sayce faz a comparação de Jachin e Boaz nas portadas do Templo (I Reis 7, 21) com os dous deuses Tamuz e Gizida (o deus da

Sobre essa «agua da vida» o biographo dos philosophos gregos nos conservou uma tradicção que diz que estas aguas seriam franqueadas, *no fim dos tempos*, a todos os moradores do Aral, os quaes haveriam de tornar novamente a seus corpos, n'uma Resurreicção final.

Mas, essa doutrina deve ser de elaboração posterior ás opiniões primitivas que encontramos nos documentos até hoje conhecidos.

Quando, mais tarde, o culto de Nipur e o culto de Eridu foram reunidos em um só, o sub-solo foi identificado com o grande Rio-Oceano que cerca a Terra.

Segundo a geographia primitiva, o Golfo Persico foi tambem identificado como Euphrates para approximar o Hadés do Rio Datillo, o Stige chaldeu.

Foi para ahi que o Xisuthrus de Berosio, ou Hasishatra do Poema, identico ao Noé biblico, foi levado afim de transpô-lo indo morar com os Deuses alem das boccas do Euphrates.

O navio que transporta os mortos é segundo uma inscripção: — «O Navio do Rio Datillo é o navio da Senhora da Vida e da Morte».

O grande e venerando Hasishatra foi levado em vida com sua mulher e o Piloto da Arca para morar com os deuses, tal qual o Patriarcha Enosch de

Arvore da Vida) com os dous anjos das portas do Paraíso d'onde foi expulso Adão peccador, do mesmo modo que Adapa foi reenviado para sua Terra.

Assim o Genesis 3, 22, tem ja elementos para interpretar segundo as inscripções o valor mythico da frase onde diz: — Deixai Adão por a mão e tirar tambem fructos da Arvore da Vida, e comer, para que viva eternamente.»

quem diz a Biblia (1): — 24 «E andou Henoch com Deus; e não estava mais; porquanto Deus para si o tomou.»

Outro personagem que foi levado em identicas circumstancias acima das nuvens em plena vida, foi o propheta Elias arrebatado ao Céu em um carro de fogo.

Como se vê, eram casos excepcionaes, porque o proprio Abraham foi apenas ao Sheol para lá esperar os seus descendentes.

Quando algumas vezes vemos grandes monarchas em tempos posteriores, tidos em vida como semi-deuses, é certo tambem que elles aspiravam a esse privilegio e diziam em seu coração:

«Eu quero subir ao Céu. Eu quero exaltar meu throno acima das estrellas de *El*; (o Elohim do Genesis). Quero tambem subir sobre a montanha da assembléia dos deuses, nas extremidades do Norte. Subirei acima das altas nuvens; e serei como o Altissimo.»

Esta inscripção indica mais uma deslocação do Aral, que do baixo Euphrates foi levado «á montanha do Mundo», «a montanha de Nizir» o famoso Ararat ou o Rozwandiz da Armenia onde collocaram «a montanha de Arallu» d'onde vem o ouro, o que faz lembrar as palavras de Job: (XXXVII, 22).

(1) Genesis — V, 24.

21. «E agora não se póde olhar para o Sol; quando resplandece nos céos; passando e purificando o vento,
22. quando o ouro vem do Norte.»

E' ahí que se acha o Olympo babylonico onde se reune «a assembléia dos Deuses».

Por essa modificação do mundo dos espiritos, vêmos que a introduccção de um Olympo na mythologia Babylonica, sobrepôz as duas moradas, sendo os deuses que antes moravam além do Rio Oceano, arrebatados para a região além das nuvens n'uma alta montanha; ao passo que a morada dos mortos foi collocada embaixo, como vemos nas outras mythologias.

Porém, estas crenças primitivas onde o valôr moral das acções não é tomado em conta, foram se depurando em Babylonia, e, já nos ultimos tempos dessa civilisação, uma doutrina mais espirituallista fez transplantar a morada dos deuses da «montanha do Mundo» para cima da athmosphera até o «Céo invisivel de Anú»; e, em consequencia disto, a condicção futura da humanidade tornou-se tambem puramente espiritual.

A doutrina da immortalidade da alma consciante, tambem impoz-se aos espiritos mais esclarecidos de Babylonia.

O corollario forçado dessas doutrinas tinha que ser indubitavelmente a recompensa e o castigo das boas e más acções, commettidas durante a vida terrestre.

Diz a esse respeito um dos mais brilhantes ta-

lentos dentre os orientalistas inglezes da actualidade, tractando da mythologia chaldeana em relação com as crenças de Israel — o Sr. Sayce: ⁽¹⁾

«Os Babylonios estavam já familiarizados com a ideia do sacrificio pelos peccados e com sacrificios espiatorios; só o que faltava era alargar o horisonte de sua fé, e estender a crença na recompensa divina pela piedade e pelo peccado, para a vida de além tumulo.»

Desta verdade, dão testemunho uma grande serie de «Psalms penitenciaes» tão solemnes no arrependimento como sublimes pela emoção religiosa que delles se desprende.

Sirva de exemplo o seguinte que pode ir de par com os de David tão admirados até hoje, quer pelo grandioso da concepção, como pela emoção profunda de arrependimento que os dictou:

O Penitente

1. «Aceitae a prostração da face d'uma creatura viva.
2. Eu, teu servo peço-vos descanso.
3. Ao coração d'aquelle que peccou enviai palavras de benção.
4. Tu olhas o homem, e o homem vive.
5. Oh potestade do mundo, Senhora da humanidade!

⁽¹⁾ Sayce — The Hilbert Lectures for 1887. — Lectures on the Religion of Ancient Assyria and Babylonia — pag. 365.

6. Apiedai-vos e aceitai suas supplicas, vós cuja longanimidade está sempre prompta ao perdão.

O Sacerdote

7. Oh Deus e Deusa mãe que estaes resentidos d'elle, chama-o a ti!

8. Volta tua face para elle e tomalhe a mão.»

N'outro psalmo lêmos a confissão e o arrependimento do peccado em iguaes termos:

2. «Muitas são as minhas transgressões, meu peito está cheio de angustias.

3. Oh minha Senhora, faz-me conhecer o que fiz, estabelecei para mim o lugar do descanso!

4. Absolvei os meus peccados, levantai o meu semblante abatido.»

Attentando para estas profundas e sentidas palavras de arrependimento, dignas da poesia hebraica no que ella tem de mais elevado, poderemos nós nos admirar de que os judeus, tambem por seu lado, tivessem uma evolução semelhante da noção da reabilitação do homem decahido da graça divina, pelo peccado?

Tomemos o poema de Job onde está largamente discutido o problema da vida futura, e veremos como ao seu espirito appareceu clara a discordancia entre a velha e a nova opinião, uma das quaes sustentava que a recompensa das boas obras resume-

se no goso das vantagens terrenas do bem estar material durante a peregrinação na vida; sustentando a outra pelo contrario, que essa recompensa será concedida n'um outro mundo que não o em que vivemos, mas na propria presença de Deus que reparará, pelo julgamento, as injustiças da vida terreste, onde os impios triumpham e os justos parecem esquecidos e abandonados da justiça divina.

Essa antinomia da velha theoria hebraica entre a dureza dos factos e a illusoria justiça feita sobre a terra, foi dramatisada no poema mais sublime da Biblia.

Deus consente que Satanaz (Job, I, 10-12) vá tentar, pela desgraça na pessoa de Job e de seus filhos e de seus bens, a constancia do patriarcha Idumeu.

Uma vez accumulados todos os desastres moraes e materiaes sobre esse justo, vêm visital-o Elyphaz e outros amigos, que em vez de consolal-o o accusão de algum peccado occulto que fez attrahir sobre si a ira divina.

D'ahi: o debate entre sua consciencia pura e a injustiça humana, segundo a opinião publica do seu tempo, que não podia admittir a innocencia de Job diante d'um castigo tão evidente.

O autor do poema partilha a opinião de seu tempo sobre a vida impassivel do Scheol, onde não ha merito nem demerito; e é por isso mesmo que sua razão se revolta até a desesperança e o desalento mais completo como se vê no capitulo XIV do poema.

Está claro ahi que a vida futura não aproveitará de forma alguma ao justo, porque, ao passo que a arvore derrocada póde renascer de seus renovos e: «para a arvore póde haver esperança», para o homem porém não ha renovação da seiva vital que se assemelhe, nem de longe, a uma resurreição.

19. «Porque, diz elle, morrendo o homem, está abatido e dando o homem o espirito, então onde está?

Mais adiante.

14. Morrendo o homem, porventura tornará a viver?»

To be or not to be, that is the question...

A opinião corrente, elle o assevera, é a seguinte em resposta a essas interrogações:

12. «Assim o homem se deita e não se levanta: até que não haja mais céos, não se accordarão, nem se erguerão de seu somno.

13. Oxalá me escondesses no *Scheol*, e me occultasses até que tua ira se desviasse: e me puzesses um limite, e te lembrasses de mim!»

Eis ahi uma aspiração clara pela resurreição, doutrina repellida como pagã pelo deismo esclusivista dos prophetas, que não podiam acceitar uma doutrina que a imaginação popular rodeava com o mythico apparatus do Amenti e do Scheol.

A vida impassivel de Abraham e de seus filhos

só admittia a excepção de Hanoch e de Elias, arrebatados ao céu em vida, como Hasishatra-Noé do poema do Diluvio.

Essas excepções porém, não constituíam doutrina geral, como o pretenderam fazer acreditar os modernos exegetas catholicos, buscando vêr n'um embrião de doutrina, n'uma mera noção, que vagamente apenas, se começava a esboçar; a doutrina mesma, tal como a encontramos formulada hoje, depois de realisada a sua elaboração final.

Ezequias, como Judeo também, não encontrou na velha doutrina da recompensa immediata na terra, um principio razoavel de justiça, tanto mais quanto as miserias terrenas eram a negação formal dessa doutrina.

As delicadezas do monotheismo intransigente dos prophetas, representantes genuinos do espirito conservador hebreu, no que elle tinha de mais irreconciliavel com o polytheismo, revoltavam-se contra esta innovação duma recompensa futura. Tal como Job o deixa vagamente entrevêr em diversos instantes de sua grande amargura.

Mas si os prophetas, como representantes da velha doutrina, fugiam a toda e qualquer reforma no tocante ao assumpto, os factos quotidianos eram tão evidentes que se impunham ao espirito de homens como o patriarcha Idumeo, ao ponto de lançar em seu espirito sementes de duvida, que haviam de germinar para o futuro.

D'ahi esse appello vehementissimo de Job em busca de uma outra solução mais radical do pro-

blema, solução que só poderia ser dada pela existência duma recompensa futura, unica que poderia preencher a lacuna da doutrina mosaica.

Em vão a sua razão se estorcia sem que pudesse comprehender como era possível que a justiça de Jahveh, poupasse o impio e o scelerado, perseguindo-o a elle, o justo que se via mesmo forçado a se defender dos ataques dos seus velhos amigos de tempos mais felizes, firmes em o accusarem de merecer, por motivos a elles desconhecidos mas que deveriam certamente existir, todos os padecimentos que o sobrecarregavam.

A justiça terrena era-lhe indifferente, mesmo recahindo sobre sua posteridade: — (Job XIV).

Eis o texto:

«Se Deus me acabrunha de desgraças,
diz o patriarcha Idumeo, que me importa
que Elle cubra meus descendentes de
benefícios, se a minha carne não sentirá
mais?»

Essa solução desesperadora não podia servir-lhe de justificativa aos olhos de seus amigos que defendiam a doutrina contemporanea.

O seu desespero, porém, augmenta e elle novamente invoca Deus para que lhe servisse de *Advogado* perante seus accusadores. As palavras por elle então pronunciadas, obscuras no fundo e na forma, tornam-se como veremos, o ponto mais controvertido do poema.

A traducção corrente na biblia protestante sup-

põe nada menos que uma phraseologia christã. Ao lê-la vemos a opinião assente sobre o prophetismo interpretado pela Vulgata segundo S. Jeronymo que leu no hebraico nada menos que as palavras seguintes: — (Job XIX, 25 e 26).

«Scio enim quod *Redemptor* meus
vivit, et in novissimo die de terra sur-
recturus sum; et rursum circumdabor pelle
mea, et in carne mea videbo Deum meum.»

Mas o certo é que as traducções por demais transparentes sobre Christo, não se encontram senão mais tarde, desde Daniel até o Apocalypse de Henoch modelo do Messianismo christão.

No velho poema ha o embate das novas ideias, ha uma aspiração vehemente, mas vaga, e não aguçada ainda pelas desgraças nacionaes do exilio.

A phrase é das mais obscuras do poema e exactamente esse ponto é o capital, pelo alcance dogmatico que delle resumbra.

O que é evidente desde logo, é que a palavra hebraica *Goët*, traduzida com uma precisão demasiadamente intencional pela de *Redemptor*, significa em geral, segundo o *Speakers Bible* (Job, pag. 76) *ransoner* e *deliverer*, e mais precisamente *advocate* ou defensor que *testemunhard* de sua innocencia. Isso nos leva bem longe do Messias propriamente dito.

Ha de haver um meio termo entre essa traducção orthodoxa e outra diametralmente opposta fornecida, segundo o exegeta de Strasbourg, E.

Reuss, ⁽¹⁾ que nos leva ao outro extremo da eschola; denega completamente toda e qualquer allusão á vida futura e traduz assim no original francez:

Mais je sais que mon défenseur vit,
Et qu'à la fin il se levera sur ma
poussière;
Depouillé de ma peau qui tombe en
lambeaux,
Privé de ma chair — je vois Dieu,
Oui, je le vois, prenant mon parti,
Mes yeux le voient, ceux d'un autre,
Mon cœur se consume de désir dans
mon sein.

«O *Goët* que traduzem nem mais nem menos pelo *Redemptor*, não era entre os hebreus, diz Reuss, o redemptor dos Evangelhos, e Job que pretende ser innocente, não tem necessidade dum redemptor neste sentido. *Goët* é o personagem que defende os direitos de outrem, reivindicando (é esse o sentido exacto da palavra), ou fazendo valêr o que lhe pertence, ou o que lhe é injustamente recusado.»

Eis ahi precisamente o sentido de *advogado*, que o commentario anglicano tambem diz ser o sentido proprio dessa palavra, o que não os impede de repetir no texto biblico a traducção orthodoxa incriminada.

Questão de habito talvez, entre theologos, essa

⁽¹⁾ E. Reuss, Job XIX, 25. — La Bible.

phrase consagrada pela mole dos commentarios tradicionais.

Quanto a nós, pouco adianta que o messianismo começasse a se desenhar nitidamente desde então, ou, o que é mais que provavel, que essa aspiração da justiça de além tumulo, fosse a base e a razão de ser do poema cujo autor devia conhecer a mythologia eschathologica dos povos visinhos, e pedisse sua adopção, ainda que relegado nos ultimos tempos, como o provam as theorias que prepararam o alvorecer do christianismo pelo Messianismo terreste do Judaismo da éra Alexandrina.

Do exposto devemos concluir com o archeologo francez George Pierrot, (1) que: — «tem havido má comprehensão da parte d'aquelles que não vêm no Scheol senão uma allusão á sepultura: o que é necessario ali procurarmos, é. cremos-nós, a ideia da vida posthuma, tal qual a levam os mortos n'uma morada subterranea, *semelhante a aquella que os gregos chamavam o Hadés.*»

Não ha duvida, Job conhecia essa vida, sob um aspecto mais monotono e ainda menos aparatoso, e pouco digna da justiça divina que, nessa região do somno eterno, parecia deixar os *refaím* completamente esquecidos da Divinidade.

Nesta concepção do Scheol, todavia, já se desenhava uma aspiração mais elevada: — é esse o esboço d'onde sahio o Céu Christão.

(1) George Pierrot — Op. cit — Phenicia — pag. 142.

X

Hasishatra

D'entre todas as tradições da humanidade, datando dos tempos mais remotos, nenhuma é tão universal como a do cataclysma que devastou a Asia nos tempos primitivos, quando a raça branca encetava os primeiros passos seguros na senda da civilização.

Qual foi a importancia dessas torrentes devastadoras para além do horisonte da Asia Menor, não nos é dado conjecturar; seguramente, porém, foi immensa para os povos que conservaram a sua memoria como um grande castigo celeste.

No ponto de vista em que nos collocamos nestes estudos, nada de mais bello, pela riqueza dos documentos postos á nossa disposição pela assyriologia, nem mais concludente quanto aos meios de confronto com o texto duplo *compilado* pelo auctor do Genesis em 4 capitulos inteiros parallelos ao canto XI.º do Milton chaldeu, cujo nome foi salvo do olvido pelas descobertas da archeologia e da philologia.

Chamava-se *Sin-lici-unmimi*, que se traduz por: — «Oh Deus Sin ouve o meus lamentos!» nome estranho que será desde nosso seculo em diante repetido a par dos Valmiki da India e dos Firduzi da Persia.

Se considerarmos que se tracta não de uma simples e longinqua coincidência de lendas que se ligão apenas pela identidade geral e vaga das linhas principaes do quadro; mas que não se apegam ao proprio texto e o acompanham, paragrapho por paragrapho, tão intimamente como se fossem uma *quasi traducção*; então o leitor sentirá todo o alcance desse parallelismo de 3 textos, o Jehovista, o Elo-hista *compilados* e fundidos ambos em um só no Genesis, prolongando-se desde os Capitulos VI, VII, VIII, e a primeira metade do IX; collocados todos a par da narração unica do poema.

Antes da descoberta dessa epopeia inestimavel, tinhamos sobre o assumpto, apenas os fragmentos do historiador Berosio do III seculo A. C.; fragmentos esses que Josephus e Eusebio citavam com fim apologetico, por intermedio dos compiladores e polygraphos gregos que os resumiam, como Abydenes e Alexandre Polyhistor.

Os theologos quando se referiam a esses fragmentos do historiador chaldeu do tempo de Alexandre o Grande, apenas os acceitavam com um desdem digno da superioridade em que julgam terem as fontes biblicas sobre elles.

Acceitavam todas essas concordancias apenas como elementos preciosos para aclarar o texto do

Genesis, quanto á fonte semitica da tradição em geral, mas não que as considerassem de facto, mais do que uma simples e apagada reminiscencia pagã da pura, e genuina tradição conservada no Velho Testamento.

Para tal sustentar firmavam-se em que, antes do mais, que os documentos utilizados pelo historiador Chaldeu, eram de epoca muito posterior ao Genesis; em seguida, que podiam perfeitamente ter soffrido o influxo da tradição hebraica onde a semelhança era mais pronunciada por isso que os hebreus foram captivos por esse paiz 300 annos antes de Berosio, e em seu tempo ainda por lá viviam numerosas colonias judaicas. O confronto, porém, com as fontes das inscripções cuneiformes, veio pôr em relêvo o seu valor genuinamente chaldeu e polytheista puro.

Subsistem varios fragmentos resumidos do original de Berosio; o seguinte que é o mais completo foi extrahido por Cornelius Alexandre, dito o Polyhistor:

«Otiaztes tendo fallecido, seu filho Xisuthrus reinou dezoito sares (64,800 annos). Foi no seu reinado que aconteceu o grande Diluvio, cuja historia é assim narrada nos *documentos sagrados*: Kronos appareceu-lhe em sonho e annunciou-lhe que no dia 15 do mez de *Daesius* (no solsticio do Estio) todos os homens pereceriam por um Diluvio. Ordenou-lhe, pois, que tomasse o começo, o meio e o fim de tudo o que estava

consignado por escripto e que o enter-rasse na cidade do Sol em Sippara, depois de construir um navio e que nelle entrasse com sua familia e seus amigos mais caros; ordenou-lhe que depositasse no navio provisões para nutrição e bebida, e que fizesse entrar nelle os animaes volateis e quadrupedes; emfim que tudo preparasse para a navegação.

E quando Xisuthrus perguntou de que lado deveria voltar a marcha de seu navio, lhe responderam — «para os Deuses» — (isto é em direcção ao Arallu ou Ararat onde situavam o Olympo Chaldeu), e que rogassem para que acontecesse bem aos homens.

Xisuthrus obedeceu e construiu um navio comprido de cinco estadios e largo de dous; reunio tudo o que lhe tinha sido prescripto e embarcou sua mulher, seus filhos e seus amigos intimos.

O Diluvio sobreveio e logo que decresceu, Xisuthrus largou alguns passaros. Estes não tendo encontrado nem nutrição nem lugar para pousar, voltaram ao navio.

Alguns dias depois, Xisuthrus, deu-lhes novamente liberdade; mas voltaram ainda ao navio com os pés sujos de lama.

Emfim, enviados pela terceira vez, os passaros não voltaram mais. Então Xisuthrus comprehendeu que a terra estava descoberta. Desceu com sua mulher, sua filha e seu piloto, adorou a Terra, levantou um altar e ahi sacrificou aos deuses; nesse momento elle desapareceu com aquelles que o acompanhavam.

Entretanto os que tinham ficado no navio, não vendo voltar Xisuthrus, desceram á terra por sua vez e se puzeram a procural-o chamando-o por seu nome.

Não tornaram mais a ver Xisuthrus, mas uma voz Celeste fez-se ouvir, prescrevendo-lhes que fossem pios para com os deuses; porque com effeito elle recebera a recompensa de sua piedade sendo elevado aos céos, para d'ora em diante, viver no meio dos deuses, e que sua mulher, seu filho e piloto do navio partilharam de tal honra. A Voz disse mais aos que ficavam que voltassem á Babilonia, e, de conformidade com os decretos do destino, desenterrassem os escriptos escondidos em Sippara para transmittil-os aos homens.

A voz celeste disse mais: *que o paiz onde se achavam era a Armenia.*

Estes, logo que ouviram a voz sacrificaram aos Deuses e voltaram para Babilonia.

Do navio de Xisuthrus, que afinal parára na Armenia, uma parte subsiste ainda nos montes Gordianos, na Armenia, e os peregrinos trazem delle o asphalto que raspam de seus restos; servem delles para affastar as influencias maleficas. Quando os companheiros de Xisuthrus voltaram á Babilonia, desenterraram os escriptos depositados em Sippara, fundaram numerosas cidades, edificaram templos e reedificaram Babilonia.»

Esta narração, resumida do original de Berosio, relata uma das muitas versões ou variantes do mytho do Diluvio.

Nos documentos subsistentes das religiões antigas sempre se encontram trez ou mais versões da mesma lenda, distantes chronologicamente uma das outras, na mesma religião.

E' por ellas que os exegetas reconstituem uma fórmula que remonte ao passado, contendo a narrativa archaica mais correcta.

Esse processo consiste em eliminar os ornatos que ao texto primitivo foram accrescentados em differentes epocas, posteriores a em que foi escripto esse texto.

Para a narração do Diluvio, temos 4 textos differentes que podemos entre si confrontar.

Temos primeiramente os dous textos do Genesis, fundidos nos capitulos VI, VII, VIII e IX, denominados usualmente: 1.º O Ehohista; 2.º O Jehovahista, copiados simultaneamente, uma passagem ao lado de outra. Vem depois o que nos é fornecido pelo canto XI do poema de Izdubar; e, finalmente o do historiador Berosio acima transcripto.

Eu affirmei, na Cosmogonia, que a descoberta de Astruc obteve uma contra-prova no terreno da assyriologia com a narrativa da epopeia assyria que nos dá uma longa descripção do cataclysmo, equivalente, ponto por ponto, aos dous documentos *unificados* no Genesis. Pois bem, vou transcrever por extenso os dous textos biblicos, separados um do outro, para que o leitor possa assim melhor veri-

ficar, paragrapho por paragrapho, e de Biblia na mão, se essa duplicata *desdobrada* em dous textos separados, não repetem, a unica e mais concatenada do poema.

I — Documento Jehovista

Genesis — VI, VII e VIII

VI — 5. «E Jahveh vio que a maldade do homem era sobre a terra, e que a direcção dos pensamentos do seu coração tendiam constantemente para o mal;

6. e Jahveh se *arrependeu* de ter feito o homem sobre a terra, e ficou afflicto em seu coração.

7. E Jahveh disse: — Destruirei o homem que tenho creado, de sobre a face da terra, desde o homem até o animal, até o reptil, e até as aves dos céos: *porque arrependo-me de os ter feito*.

8. Porem Noé achou graça nos olhos de Jahveh.

VII — 1. Depois disse Jahveh a Noé: — Entra tu e toda a tua casa na Arca; porque te hei visto justo diante de minha face nesta geração.

2. De todo o animal limpo tomarás para ti *sete casaes*, o macho e a femea: mas dos animaes que não são limpos, *dois*, macho e femea.

3. Tambem das aves dos céos, *de sete em sete*, macho e femea, para conservar em vida a semente sobre a face de toda a terra.

4. Porque passados ainda sete dias, farei chover sobre a terra quarenta dias e quarenta noutes; *e desfarei toda a substancia que fix sobre a face da terra.* ⁽¹⁾

5. E fez Noé conforme tudo o que o Senhor lhe ordenára.

6. Era Noé de 600 annos, quando o Diluvio das aguas veio sobre a terra.

7. E entrou Noé, sua mulher e seus filhos, e as mulheres de seus filhos com elle na Arca, por causa do diluvio das aguas.

8. Dos animaes limpos, e dos que não eram limpos, e das aves, e de tudo o que se move sobre o solo,

9. entraram de dois em dois a Noé na Archa, macho e femea como o Senhor tinha ordenado a Noé.

16. E Jahvèh feixou sobre elle (frazê transposta).

10. E aconteceu que passados sete dias vieram os do deluvio sobre a Terra,

12. e houve chuva sobre a Terra quarenta dias e quarenta noites.

17. E o diluvio foi quarenta dias sobre a Terra; e as aguas cresceram-se ás aguas, e levantaram a Arca de maneira que se levantou sobre a Terra.

23. Assim foi desfeita toda a subs-

⁽¹⁾ Moigno — Les Esplendeurs de la Foi — vol. IV. — Estuda com seriedade a collocação de cada animal juntamente com os alimentos, tão variados como os necessarios para cada especie de insecto que vivem de todos os alimentos conhecidos, e fóra do seu ambiente natural.

Esqueceu-se porém de nos dizer quem foi o infeliz e incançavel encarregado de buscar as aves da Australia e da America, sendo que, além do mais, o texto no logar citado péde uma accumulacão inutil de sete especies de animaes qualificados de limpos. Esqueceu-se tambem de nos afirmar qual a area da Arca necessaria para conter toda a creacão. Procurar verossimilhança em tal narraçao é querer ser hippocrita ou tólo rematado.

tancia, que havia sobre a face da terra, desde o homem até o animal, até o reptil, e até as aves dos céos; e foram desfeitos da terra; e ficou somente Noé e aquelles que com elle na Arca estavam.

VIII — 2. E a chuva do Céu deteve-se,

3. e tornaram-se as aguas de sobre a terra, e indo e afastando-se.

6. E aconteceu que, ao fim de quarenta dias, abriu Noé a janella da Arca que tinha feito,

7. e soltou o corvo, o qual sahio, sahindo e tornando, até que as aguas seccaram de sobre a terra.

8. E Noé esperou sete dias, e soltou então a pomba, para vêr se as aguas se tinham aliviado de sobre a face da terra,

9. e a pomba não achou repouso para a planta de seu pé, e se tornou a elle para a Arca; porquanto as aguas ainda estavam sobre a face da terra; e estendeu a sua mão e tornou a mettela comsigo na Arca.

10. E Noé esperou ainda sete outros dias, enviou fóra a pomba e tornou a enviar a pomba fóra da arca;

11. E a pomba tornou a elle á hora da tarde, e eis uma folha de oliveira arrancada no seu bico; e entendeu Noé, que as aguas se haviam aliviado de sobre a terra.

12. Então esperou ainda outros sete dias; e enviou fóra a pomba; porém não tornou mais a elle.

13. E Noé levantou então a coberta

da Arca e olhou, e eis que a face da terra estava enxuta.

20. E Noé construiu um altar a Jahveh e tomou de todo o animal limpo e de toda a ave limpa, e offereceu holocausto sobre o altar,

21. *e Jahveh sentio um suave cheiro* ⁽¹⁾ — e Jahveh disse em seu coração — Não tornarei mais a amaldiçoar a terra por causa dos homens, porquanto a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice; e não tornarei mais a ferir todo o vivente como tenho feito.

22. Enquanto a terra durar, sementeira e sega, frio e estio, e verão e inverno, e dia e noite não cessarão.»

Ahi está o transumpto do menor dos dous documentos do Genesis.

O outro que é o Elohista apartado do contexto do Jehovista fundidos n'uma unica narrativa, em que os mesmos incidentes repetem-se machinalmente; inicia logo alguns versiculos, depois do começo do capitulo VI com as palavras caracteristicas com que o Elohista costuma começar as suas ge-

(1) Lemos tambem' na passagem parallela do poema — «Os deuses sentiram o cheiro, os deuses sentiram que o cheiro era bom; os deuses como moscas se ajunctaram por cima do mestre do sacrificio.» — Quando os exegetas dizem que para o Jehovista Deus tinha a forma humana, não podemos deixar de concluir depois desta prova que ao menos se os taes deuses tinham narinas, Jahveh devia tambem «ter cousa analogia».

«Digão os sabios da escriptura
Que segredos são estes da natura!

Como cautamente ponderava o velho Camões.

neologias. (VI, 9) — «Estas são as gerações de Noé» etc.

O Elohistas occupa a parte restante dos mesmos capitulos VI, VII, VIII, d'onde extrahimos o Jehovista e mais 17 versiculos do IX.

Obterá o leitor a divisão do texto tomando a Biblia na mão e lendo uma das narrações aqui transcriptas pulando as palavras eliminadas em cada um dos dous documentos; sendo o seguinte o Elohistas:

II — Documento Elohistas⁽¹⁾

Genesis — VI, VII, VIII e IX

9. «*Estas são as gerações de Noé:*

Noé era varão justo e recto em suas gerações; Noé andava com Deus,

10. E gerou Noé trez filhos, a Sem, Cham e Japhet.

11. Porém a terra estava corrompida diante da face de Deus: e encheu-se a terra de violencia.

12. E viu Elohim a terra, e eis que estava corrompida; porque toda a carne havia corrompido o seu caminho sobre a terra.

13. Então disse Elohim a Noé: — O fim de toda a carne é vindo diante de minha face, porque a terra está toda cheia de violencias por elles: e eis que os desfarei com a terra.

⁽¹⁾ F. Lenormant — *La Génèse* — p. 302.

Esta obra dá a traducção franceza do Elohistas e do Jehovista em textos separados e completos.

14. Faze para ti uma Arca de madeira de Gopher (cypreste); apartamentos farás na arca, e a betumarás por dentro e por fóra com betume.

15. E desta maneira a farás: de trezentos covados o comprimento da arca, e de cincoenta covados a sua largura, e de trinta covados a sua altura.

16. Uma janella farás na arca, e d'um covado da banda de cima a acabarás, e a porta da arca porás á sua ilharga; e far-lhe-has sobrados baixos, segundos e terceiros.

17. Porque eu, eis que trago um diluvio d'aguas sobre a terra, para desfazer toda a carne, em que ha espirito de vida debaixo dos Céos; tudo o que ha na terra expirará.

18. Porém, contigo estabecerei o meu concerto: e entrarás na arca, tu e teus filhos, e tua mulher, e as mulheres de teus filhos contigo.

19. E de tudo o que vive, de toda a carne, *dois de cada um* ⁽¹⁾, metterás na arca, para conserval-os em vida contigo; macho e femea serão.

20. Das aves, segundo a sua especie, e as bestas segundo a sua especie, de todo o reptil da terra segundo a sua especie; dois de cada um *virão a ti*, para conserval-os em vida.

(1) O leitor verificará facilmente a contradicção entre o numero do Jehovista que exige 7 casas dos puros e um dos impuros: ao passo que aqui no Elohistas falla-se somente n'um casal.

Estas contradicções escapão a quem lê todo o capitulo d'uma só feita, enquanto que, quando os lemos divididos, as contradicções e as tendencias se pronunciam com toda a clareza e precisão.

21. E tu toma para ti de toda a comida que se come, e a ti a ajunta, para que seja por mantimento para ti e para elles.

22. E fez Noé assim; conforme a tudo o que Elohim lhe ordenou, assim o fez.

VII. 11. No anno de seiscentos da vida de Noé, no mez segundo, no dezesete dia do mez, naquella mesmo dia se romperam todas as fontes do grande abysmo, e as janellas dos céos se abriram;

13. e naquella dia mesmo entrou Noé, e Sem, e Cam, e Japhet, os filhos de Noé, como tambem as mulheres de Noé e as trez mulheres de seus filhos com elles, na arca,

14. elles, e todo o animal segundo a sua especie, e toda a besta segundo sua especie, e todo o reptil segundo sua especie, e toda a ave segundo sua especie, todo o passaro de toda a sorte de azas;

15. e de toda a carne, em que havia espirito de vida *entraram de dois em dois* a Noé na arca;

16. e os que entraram, macho e fema de toda a carne entraram, como Elohim lhe tinha ordenado.

18. E prevaleceram as aguas, e multiplicaram-se grandemente sobre a terra; e andava a Arca sobre as aguas.

19. E as aguas prevaleceram grandemente sobre a terra: *de maneira que foram cobertas todas as mais altas montanhas que havia debaixo de todo o céo.* ⁽¹⁾

(1) Apezar de tão formaes palavras ha quem salve a verosimilhança sustentando um Deluvio parcial.

20. Quinze covados acima prevaleceram as aguas; e os montes foram cobertos.

21. E expirou toda a carne que se movia sobre a terra, de aves, de rezes, e de bestas feras, e de todo o reptil que andava de rastos sobre a terra, e todo o homem,

22. tudo o que tinha follego de espirito da vida em seus narizes, tudo o que havia no secco, morreu.

24. E as aguas engrossaram sobre a terra durante *cento e cincoenta dias*. ⁽¹⁾

VIII. 1. E lemôrrou-se Elohim de Noé e de toda a besta, e de todo o animal, e de toda a rez que com elle estava na Arca: e fez Elohim passar um vento sobre a terra, e aquietaram-se as aguas.

2. Cerraram-se as fontes do abysmo, e fecharam-se as janellas dos Céos,

3. e mingoaram as aguas ao fim de *cento e cincoenta dias*.

4. E a arca repousou no setimo mez, a dezesete dias do mez, sobre os montes de Ararat.

5. E foram as aguas mingoando até o mez decimo: no decimo mez, no primeiro dia do mez, appareceram os cumes dos montes.

13. E aconteceu, no anno de seiscentos e um, no mez primeiro, no primeiro dia do mez, se seccaram as aguas de sobre a terra.

14. E no mez segundo, no vinte e setimo dia do mez, se seccou a terra.

⁽¹⁾ No Jehovista (VIII, 6) lemos que as aguas se retiraram no fim de 40 dias e não de 150. Eis ahí mais uma discordancia.

15. Então Elohim fallou a Noé, dizendo:

16. — Sai da arca, tu e tua mulher, e teus filhos, e as mulheres de teus filhos contigo.

17. Todo o animal que contigo está, de toda a carne, de ave, e de rez, e de todo o reptil que anda a rastos sobre a terra, traz fóra contigo, e provêm abundantemente a terra, e fructifiquem e multipliquem-se sobre a terra.

18. Então Noé e seus filhos, e sua mulher, e as mulheres de seus filhos com elle.

19. Todo o animal, todo o reptil, e toda a ave, tudo o que se move sobre a terra, segundo seus generos, saíram da arca.

IX. 1. E abençoou Elohim a Noé e a seus filhos, e disse-lhes: -- Fructificai e multiplicai-vos, e enchei a terra;

2. E seja o temor de vós e o pavôr de vós sobre todo o animal da terra, e sobre toda a ave dos céos. Tudo o que se móve sobre a terra, e todos os peixes do mar, em vossas mãos são-vos entregues.

3. Tudo quanto se móve, que é vivente, vos seja para mantimento: tudo vos tenho dado como herva verde.

4. Porém a carne com a sua vida, isto é, com o seu sangue, não comereis.

5. E certamente requererei a vosso sangue, o sangue da vossa vida; da mão de todo o animal o requererei, como tambem da mão do homem; da mão do irmão de cada um requererei a vida do homem.

6. Quem derramar o sangue do homem, pelo homem o seu sangue será derramado; porque Deus fez o homem conforme a sua imagem.

7. Mas vós, fructificai e multiplicai-vos: povoai abundantemente a terra, e multiplicai-vos nella.

8. Fallou mais Elohim a Noé, e a seus filhos com elle, dizendo:

9. — Porém eu, eis que estabeleço o meu concerto comvosco, e com vossa semente depois de vós,

10. E com toda a alma vivente, que comvosco está, de aves, de rezes, e de todo o animal da terra comvosco; desde todos que sahiram da arca, até todo o animal da terra.

11. E eu estabeleço o meu concerto comvosco, que não será destruido mais toda a carne pelas aguas do Deluvio: e que não haverá mais deluvio, para destruir a terra.

12. E Elohim disse; — Este é o signal do concerto que eu ponho entre mim e vós, e toda a alma vivente, que está comvosco, por eternas gerações:

13. *Meu arco tenho posto nas nuvens* ⁽¹⁾: este será por signal do concerto entre mim e a terra.

⁽¹⁾ Na visão de Ezechiél (1, 28) diz elle: — Como o parecer do Arco que apparece nas nuvens no dia da chuva, assim era o parecer do resplendor em roda; este era o parecer da semelhança da Gloria do Senhor. — Esse famoso «Arco iris» tão conhecido dos orientalistas, como fazendo parte da encenação do Deus superior Bel-Marduk, adoptado pelos persas e espalhado em seus quadros representando Ormuz — é o mesmo symbolo descripto e aceito pelos prophetas que o consideravam, como ahi se diz, como uma representação visivel da gloria de Jahveh.

Hoje todos sabem que não é mais do que as gotas d'agua das nuvens reflectindo a luz solar como myriadas de prismas distribuindo no horizonte as sete cores que compõem a luz do sol.

14. E acontecerá, que quando eu trazer nuvens sobre a terra, apparecerá este arco nas nuvens,

15. então me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e vós e toda a obra vivente e toda a carne: e não serão mais as aguas um deluvio, para destruir toda a carne.

16. E quando estiver este arco nas nuvens, eu o verei, para me lembrar do concerto eterno entre Elohim e toda a alma vivente de toda a carne, que está sobre a terra.

17. E disse Elohim a Noé: — Este é o signal do concerto, que tenho estabelecido entre mim, e entre toda a carne que está sobre a terra.»

Em tractando do Deluvio como ahi se acha narrado, não podemos deixar de tocar nas impossibilidades physicas de conservar-se Noé e os seus conjunctamente fechados na Arca durante 5 longos mezes segundo o Elohista ou mesmo 40 dias segundo o Jehovista.

Se attendermos para as opiniões de alguns theologos com tendencias diversas e cotejarmos suas asserções, a impressão de uma tal leitura é que a medida da credulidade de alguns desses autores é elastica de mais, n'outros a duvida transparece n'uma timidez manifesta em concluir qualquer cousa; e n'outros porém a presumpção vai encapotada n'um despreso soberbo da *razão humana*, emquanto se

apoderam de seu equivalente mais modesto que denominão — o *sensu commun*.

Se tomarmos um destes ultimos corajosos defensores do absurdo *quand même* — Moigno (1), por exemplo, com a segurança que o caracteriza nos assumptos mais inexplicaveis como este que agora tractamos; veremos com qual firmeza diz:

«Não é o numero excessivo de generos e especies que se deve invocar para affirmar a impossibilidade da Arca e do Deluvio.

E', ao contrario, ás dimensões collosaes da Arca que devemos pedir o segredo da multidão de generos e especies que anima e povôa o Globo.»

Portanto, segundo Moigno, os animaes vieram effectivamente da America e da Oceania offerecerem-se a Noé para introduzil-os na Arca, cousa essa que elle não diz, mas que é forçoso aceitar uma vez que elle inunda todo o Globo *com aguas que a terra não contém*, como elle mesmo assevera, ajuntando aguas que a physica do Globo e a meteorologia do nosso seculo desconhecem.

Dá elle entre outras provas, proprias de um Caolino, que o Muzeo de Pariz contem *quasi todos* os animaes da Terra e que no emtanto não é maior do que a Arca.

Ora, basta lembrarmo-nos que mumias de animaes empalhados não movem, não se alimentão, não respirão em suas pequenas gavetas e vidraças.

(1) Moigno — Les Esplendeurs de la Foi — pag. 1142 — III.

A natureza deveria suspender todas as leis de adaptação e tranformar os animaes carnivoros e os parasitas de todas as cathogorias em animaes domesticos e herbivoros. Não menos inexplicavel é a rapida methamorphose dos insectos e a monstruosa perfilhação em poucos dias; e se mais baixo chegarmos até entre os desconhecidos animalculos que vivem e reproduzem-se em minimos espaços de dias, de horas e até de minutos; então é escusado pensar em tal especie de museu de vivos.

Mas essa cathegoria de apologistas não se embaraça por tão pouco; embrenha-se ousadamente por uma serie de algarismos, que multiplica, somma, divide e conclue que ha espaço para todos os seres viverem, nutrirem-se e até moverem-se.

«Nós chegamos assim, diz elle, a concluir que 16,137 especies de animaes, mamiferos, passaros e reptis e 16.000 (só?) especies de insectos poderiam viver com 383.510 hectolitros de mantimentos.»

Pobres dos naturalistas ignorantes que affirmão que as especies descriptas até hoje aproximou-se de 1:000.000 de formas perfeitamente determinaveis, quando na Arca só lhes permittiram sobreviver no numero de 32.000 apenas!...

Dicto isto, vejamos aquelles que reduzem o Deluvio a uma inundação.

Desta cathegoria é o commentador do Genesis da igreja anglicana que simplifica tudo dizendo: (1)

(1) Speaker's — Commentaries on the Holy Bible -- Genesis, pag. 76.

As proprias palavras do Genesis são: — «Todas as altas montanhas debaixo de todo o céu foram cobertas.»

O paiz podia ser montanhoso, e assim, afim de esconder todas as collinas da vista, podiam as aguas serem bastante profundas; ora bem podia ser um paiz plano, como muitos que suppõem se trata dos arredores de Babylonia, com poucas collinas á vista, e essas não são de muita altura; em cujo caso bastaria uma *profundidade moderada* de agua que seria sufficiente para cobrir «todas as mais altas montanhas debaixo de todo o céu».

Não é em vão que Tartufe dizia:

«*Il y a avec le ciel bien des accommodements.*»

«Ha com o céu muitas accommodações.»

E' pena para essa doutrina que o Ararat tenha seus 10.000 pés inglezes de altura, e que o Caucaso não esteja muito distante da Armenia, o que põe o Arca bem longe das planicies da baixa Mesopotamia onde se achava a antiga Bab-ilu.

Passemos agora á terceira cathegoria: a daquelles que se declaram impotentes perante as difficuldades do problema.

Esses podem tomar como modelo o abbade Vigoroux no seu *Manuel Biblique* ⁽¹⁾ tão usado nos seminarios de França, em que resume as cogitações do celebre Padre Panciani, redactor da *Civiltà Cattolica*.

Depois de dar as razões pelas quaes elle préfere

(1) Vigouroux e Bachuez — *Manuel Biblique*, I — *Le Deluge*.

o Deluvio parcial e mitigado, extendendo-se até onde se tinham espalhado até então os filhos de Adão que viviam na Asia Menor e regiões circumvisinhas, dispensando portanto o resto do Globo; vem elle dar as razões scientificas da não possibilidade do Deluvio Universal:

1.º Porque as aguas existentes sobre a Terra, tanto nos mares como no ar, não são sufficientes para inundar toda a esphera terrestre de uma só vez; porque é forçoso que emquanto ellas submergiam o Ararat e os montes visinhos, do outro lado dos antipodas desse hemispherio estaria *enxuta* a face da terra.

2.º O calôr necessario para desprender dos mares e sustentar nas nuvens uma tal quantidade de agua *distillada* suppõe a suffocação de todos os entes vivos debaixo de uma pressão barometrica de 500 ou mais athmospheras, o que muda absolutamente as condições da vida para todos os sobreviventes da Arca.

3.º Se as aguas deluvianas se misturassem com as do mar, os peixes de agua doce, que não foram levados para a Arca se extinguiriam todos, porque só haveriam d'ahi em diante os de agua salgada.

Depois destas e de outras difficuldades physicas chega elle a esta conclusão modesta e cautelosa:

«E' impossivel dizer hoje por quaes meios Deus produziu o Deluvio, pois que elle não nol-os revelou claramente.»

Antes dizer claramente — não sei, — do que

alardear a fofa presumpção de tudo explicar *scientificamente*.

Se passarmos agora á propria Arca, verificaremos que tinha a forma de um longo parallepipedo de 300 covados de longo, 50 de largo e 30 de alto.

Era pouco menor que o colossal *steamer Great Eastern*.

O texto diz que esse monstro tinha uma só porta lateral e mais uma janella no alto e que «Jahveh feixou a Arca por fóra».

Logo, não havia dentro nem ar nem luz. Dahi: as explicações dos commentadores, que procuravam entender como éra introduzido a luz e renovado o ar; uns diziam que havia claraboias com vidros transparentes ou cousa semelhante, outros que havia muitas janellas e não uma só. O que sei pelo texto, é que foram fechadas para não deixarem entrar as aguas deluvianas.

Quanto ao resto do problema, abandono ás sublimes cogitações dos credulos... quero dizer, dos crentes.

Deixemos estas questões de verosimilhança quando se tracta de um mytho, e vejamos os motivos que nos determinaram a dividir a narração em 2 textos.

Quando atraz tractamos do Pentateuco muito summariamente, por não ser a parte principal da nossa these, promettemos dar uma prova *material* e palpavel da divisão dos fragmento, á vista da dupla narração contida no Genesis que acima citamos, em dous textos, concordes em substancia porém diffe-

rentes pelas tendencias que os dous autores que os redigiram nos revelam, o que foi demonstrado pela attenciosa analyse que tantos sabios accumularam sobre esse difficil problema.

Desde o começo da descoberta de Astruc até á rigorosa applicação de suas inducções, suscitou-se uma colossal *litteratura* sobre o assumpto em que, como sempre acontece, as variedades de opiniões com o intuito de determinar o numero de fragmentos e a parte da phrase ou palavra onde acaba um autor e começa o outro, tomaram as proporções collossaes duma Torre de Babel, com summo gaudio dos defensores da Biblia, que contribuíram na medida do possivel para desnortear os bons autores allemães que mutuamente se destruíam.

Conhecemos de perto a historia dessas controversias expostas quer pelo Padre Vigouroux que reproduz habilmente todas as variações de opinião suscitadas durante um seculo, que tanto tem sido o lapso de tempo em que tem durado a controversia, assim como tambem pelos resultados reaes que tem alcançado o problema, resultados brilhantemente historiadados pelo grande Edouard Reuss de Strasbourg.

Este grande hebraista cujo saber e auctoridade são de notoriedade universal, nos põe *pari passu* com os progressos devidos a uma serie de espiritos agudissimos que afinal chegaram a se entender. Quem estuda estas questões tem a convicção de que as phases por que passaram a doutrina fragmentarista estão prestes a findar, porque diz E. Reuss:

«Hoje em dia, a grande maioria dos criticos está de accordo, senão sobre a antiguidade relativa dessas composições, ao menos, o que nos é aqui cousa essencial, sobre a distribuição a fazer, dos textos historicos; e a divergencia das opiniões não subsistiu quasi senão sobre alguns versículos isolados, ou sobre alguns pequenos pericopios que não offerecem base para julgamento.

O campo a percorrer, em vista da presente questão, está pois bem roteado a estas horas, e não nos expõe mais a enganos compromettedores.»

Si apontamos esse facto, que tem sido o thema favorito dos apologistas um tanto distrahidos, que não percebem que ainda uma vez podemos repetir com Galileu — *E pur si muove*.

Fingem elles pensar que a questão não faz caminho, sem se lembrarem de que essa mesma variedade de opiniões se funda na mole immensa de documentos que podemos destacar, com mão firme e segura, do meio desse accumulo de textos de epochas tão diversas, onde, portanto, se podem encontrar pontos obscuros, é certo, como as emendas dum artista habil, que óra esconde as junturas da obra, ora as patentea alegremente ás vistas dos observadores menos peritos.

São desta ultima especie os textos que vamos caracterisar com toda a segurança.

A 1.^a narração pertence ao Jehovista. E' composta de addições ao 2.^o texto mais completo do

Elohista, addições devidas ao redactor de quem o 3.º compilador extrahi a maior parte dos capitulos II—IV.

O 2.º é da penna que escreveu o I capitulo e as genealogias do V, que só invoca o nome de Elohim.

Este narrador está conservado por inteiro, comprehendendo os elementos seguintes: cap. VI, 9-22; VII, 6-9, 11, 13, 16, 18-21, 24; VIII, 1-5, 13-19; IX, 1-17, salvo algumas interpolações nos capitulos VII, 8, 16; e VIII, 2, 3, 4, 13.

A narração começa no cap. VI, 9, por uma inscrição, como o autor elohista tem por costume collocar no começo de seus capitulos: — *Esta é a Historia das gerações de Noé* — Por esta inscrição a historia de Noé se liga directamente ao fim da genealogia dos patriarchas antediluvianos (cap. V, 32) do mesmo modo que este se ligára por uma inscrição analoga (V, 1) á historia da criação (II, 3) onde começa a narração da mesma criação pelo Jehovista.

Segundo este escriptor, Noé era um homem justo, enquanto que reinava por toda a parte a corrupção sem temor de Elohim. Elle não faz mais do que repetir uma crença geral em todas as tradições da antiguidade, sem fazer uma narração particular sobre os homens desse tempo.

Distingue-se ainda mais pela ideia de um *pacto* entre Elohim e Noé (IX, 9), pela enumeração sempre completa de todos os membros da familia na mesmíssima ordem (VI, 18; VII, 7, 13; VIII, 15);

pela expressão *toda a carne*, no sentido de *toda a especie*, (VI, 19; VII, 15, 16); pela asserção que os homens não começaram a comer carne senão apoz o Deluvio (IX, 3); de maneira que os animaes foram introduzidos na Arca em numero de 1 casal por especie, e não de 7 casaes puros como o Jehovista que os levou para comel-os na Arca, e sacrificál-os no altar depois de baixadas as aguas, o que não foi cogitado pelo Elohista (VI, 19; VII, 9, 15); alem disso, ahí se falla na imagem de Jahveh segundo concepções posteriores ao jahvehista que quasi o faz antropomorpho; e repete quasi nos mesmos termos, o *crescite et multiplicamini* do 1.º capitulo.

Uma outra differença inexplicavel n'um só texto é a discordancia monstruosa de chronologia entre o systema chaldeo atraz estudado e este documento que faz começar o Diluvio no 17.º dia do segundo mez, chamado Aír, no 600º anno de Noé (VII, 11). Apoz 150 dias as aguas attingem á sua maior altura (VIII, 3) principiando de então em diante a decrescer, durante 6 mezes, de 30 dias cada um, visto que marca o 17.º dia do mez chaldeu de Taschrit. No dia 1.º do 10.º mez conhecido em assyrio pelo nome de Tebit (cap. VIII, 5), *apparecem os cumes dos montes*, sem que entretanto se falle das aves como no Jehovista.

No primeiro mez de Nizan do 601º anno da vida de Noé, as aguas se exgotão e no 27.º dia do 2.º mez do anno seguinte, isto é, mais dez dias do que o em que começára o cataclysmo, no anno anterior, a terra achou-se completamente secca.

Ora, um anno solar de 365 dias é exactamente o equivalente de um anno lunar e mais 10 dias.

Ha ahi, portanto, um *systema* diverso do documento mais antigo, e que é a prova mais evidente possivel do archaismo genuino do *systema* Jehovista, que, como vimos no nosso estudo sobre os Patriarchas, basea-se directamente na tradição chaldeana.

Depois do diluvio, ha uma nova benção como no cap. I, 28.

Afinal tudo vem a se acabar por um *novo pacto* cujo signal é o Arco Iris, que *elle crea* expressamente para esse fim, nessa occasião.

A narração do Elohista está pois completa, nada deixando a desejar quanto á sua sequencia logica.

O 2.^o documento que transcrevemos em primeiro lugar, caracteriza-se pela invocação de Jahveh: são fragmentos interpolados, a que, depois de juntos, como fizemos, ficou faltando o começo e o fim; apesar de começarem assim incompletos pelos versiculos VI, 1-8, antes do Elohista.

Entre os dous, ha varias differenças capitaeß, das quaes releva notar a que se refere a denominação dos animaes *limpos* em 7 casaes.

Ora, todos nós sabemos pelo Levitico que os animaes puros são aquelles que a lei permite que se coma.

Se assim é, quando lêmos que, segundo o Elohista, só começaram a comer a carne por uma licença especial depois do deluvio, não resta a mi-

nima duvida de que ahi temos uma contradicção patente.

Outra differença capital é a chronologia do Jehovahista que diz (VII, 1) que d'ahi a *sete* dias faria chover durante 40 dias e 40 noites (VII, 12); que, tendo cessado de chover depois desses 40 dias, e não dos 150 do Elohista, começou a enviar, pela janella, para explorar o horisonte, um corvo e uma pomba, de 7 em 7 dias.

Quando vemos uma tal contradicção que, mais ainda, se agrava com a ordem em que foi posta esta exploração de corvos e pombos correio, que vêm immediatamente depois do versiculo VIII, 5, onde acabamos de lêr que os tópes das montanhas reapareceram no horisonte tornando inutil o envio dos passaros; então é que exigimos d'aquelles que negam as interpolações que nos expliquem como é que a pomba não conseguiu pôr o pé em terra por não encontral-a como se diz nos versiculos VIII, 6 e 9; quando é certo que, no versiculo immediatamente anterior, elle acaba de dizer que as montanhas tinham reaparecido no horisonte?

Pois os pombos correios que caminham centenas de leguas não viram essas montanhas?

Tudo se torna claro quando se faz a divisão de versiculos e se excluem as interpolações do Jehovahista.

Outro ponto differente consiste em que, ao passo que o Jehovahista fala prosaicamente em *chuvas* VII, 4, o Elohista que é o auctor do I capitulo do Genesis repête que as aguas inferiores e as cataractas do

céo se abrirem para inundar a Terra (VIII, 2). Isto é prova de que ahi tracta-se das aguas superiores e das do oceano que está no sub-solo, servindo segundo a physica chaldeana, de base para sustentar a terra no espaço.

A geologia de nosso seculo não *verificou* ainda se ha essa agua, das regiões infernaes, que tem dado da dita pela barba de muitos defensores da sciencia biblica.

Nós vemos, por estas contradicções, se são razoaveis os hebraistas quando affirmão que existem interpolações no texto.

Uma prova definitiva nos veio dar o poema de Izdubar.

Todos os que estudam o Direito Romano sabem como o historiador Niehbur descobriu em Verona o texto authentico das Institutas de Gaius, que serviu de base a Triboniano para compôr as Institutas de Justiniano correctas e interpoladas com outros textos de juriconsultos antigos.

Ora nas proprias leis justinianeas estão historiadadas circumstanciadamente como se fez essa *compilação*, e por ellas sabemos que além das modificações do texto antiquado de Gaius havia emprestimos das Institutas de Florentinus e de outros juriconsultos da era classica dos Antoninos.

Uma vez surgido do olvido o original de Gaius, facil tornou-se isolar o que lhe pertencia, de toda sorte de interpolações e accrescimos.

Pois bem, a assyriologia não nos veio natural-

mente restituir nem o Elohistas nem o Jêhovista; mas o que é a mesma cousa, deu-nos uma narração *única* como qualquer dessas duas fontes hebraicas, com uma equivalencia tal, que permite-nos fazer aquillo que os juriconsultos fazem com Gaius e Justinianus — pôr-lhes os textos em paralelo diante um do outro *como se fossem copias mutuas*.

O Poema de Izdubar

CANTO XI

O Diluvio Chaldeo

Columna I

8. «Hasishatra ⁽¹⁾ falou ao proprio Izdubar:

9. — Eu quero revelar-te, Oh Izdubar, a historia de minha preservação,

10. e te dizer o Oraculo dos Deuses.

11. A cidade de Schurippak, que, como tu sabes, está situada ás margens Euphrates;

12. essa cidade era já antiga, quando os deuses resolveram em seus corações castigal-a com um Diluvio;

(1) Eberhard Schrader — “Die Keilinschriften und das Alte Testament.” — Esta parte da obra consiste n’um trabalho completo de traducção e do respectivo commentario philologico sobre o texto assyrio, pelo seu collaborador Paul Haupt, um dos mais illustres orientalistas da actualidade (pag. 55).

Este autor chama “Hasishatra” — “Samas - napistim” — que significa — “A luz solar da vida” — “Sonne des Lebens” — Essa etymologia confirma que o Noé-Hasishatra era um deus solar como os outros patriarchas cujos nomes foram restituídos e identificados por diversos philologos hebraistas.

13. os grandes deuses que
14. ahi estavam eram: o Pai Anú,
15. o Conselheiro, o bellicoso Bel,
16. o sustentaculo do throno Adar,
17. e o principe Ennugi.
18. O senhor do inescrutavel saber,
Ea, annunciou suas decisões ao Adorador:
Adorador! Adorador! Veneravel! Vene-
ravel! Adorador, ouvi:
19. Veneravel, esteja attento:
20. Homem de Schurippack, filho de
Ubaratutu, (o Obartés de Berosio, — o
Lameck biblico).
21. faz um navio e acaba-o logo.
22. Eu destruirei toda a semente da
vida por um diluvio.
23. Fazei pois subir no navio a se-
mente de tudo o que tem vida.
24. O navio que tu construirás,
25. 25.600 braças serão a medida do
seu comprimento,
26. e 60 braças será a extensão da
sua largueza e de sua altura. ⁽¹⁾
27. Lança-o sobre o Oceano e cobre-o
com um tecto.
28. Compreendi e disse a Ea meu
Senhor:
29. — O navio que tu me ordenastes
construir assim,
30. quando eu o fizesse
31. jovens e velhos motejariam de
mim.
32. Quando disse isto, Ea abriu sua
bocca e disse a mim seu servo:

(1) Esta proporção de 1:6 é a mesma do Elohista.

33. — Quando elles rirem-se de ti,
tu lhes responderás:

34. — Será punido aquelle que me
injurio,

35. porque a protecção dos deuses
está sobre mim...

36. ...na verdade eu...

37. ...a larga abobada celeste...

38. ...julgarei tanto o que está em
cima como o que está em baixo.

39. — Tu, porem, não fecharás a tua
porta,

40. enquanto não chegar o momento
em que te mandarei avisar.

41. Então fazei entrar dentro pela
porta do navio

42. o teu gado, tuas riquezas,

43. teus servos, machos e femeas,
creanças e parentes.

44. As bestas dos campos, as fêras
dos campos, de todo o animal vivente,

45. eu enviarei a ti para guardal-os
dentro de tua porta.

46. Hasishatra abriu sua boca e disse,

47. falando a Ea seu Senhor:

48. — Oh meu Senhor, nunca alguém
construiu um navio dessa maneira...

49. ...sobre a terra...

50. ...possa eu ver e o navio...

51. ...sobre as terras...

52. ...como tu me prescrevestes...

.

(Lacuna de alguns versos)

Columna II

1. ...Forte...
2. No quinto dia os dous lados do navio foram levantados,
3. na coberta quatorze ao todo eram suas fechaduras,
4. quatorze ao todo elle contara por baixo.
5. Colloquei seu tecto e o cobri.
6. Naveguei no sexto dia, dividi seus andares no setimo;
7. dividi os compartimentos no oitavo;
8. Tapei as fendas por onde entravam dentro as aguas;
9. visitei as rachas e ajunctei o que faltava;
10. derramei trez vezes 3.600 medidas de bitume no exterior;
11. e trez vezes 3.600 medidas de bitume no interior;
12. trez vezes 3.600 carregadores trouxeram sobre suas cabeças as caixas de provisões;
13. Guardei 3.600 caixas para alimento de minha familia.
14. e os marinheiros partilharam entre si duas vezes 3.600 caixas.
15. Para o fornecimento fiz abater rezes;
16. institui distribuições para cada dia.
17. Prevenindo as necessidades de bebida, *toneis e vinho* ⁽¹⁾

(1) O uso do vinho no tempo do Diluvio, em que esse rio de bebidas para uso de Noé não foi esquecido nesta narração.

Talvez que disso proviesse algum elemento á celebre lenda da bebedeira do venerando patriarcha.

18. ajuntei em quantidade como aguas de um rio e

19. provisões iguaes ao pó da terra;

20. para arranjar-as em caixas eu puz a mão...

21. ...do sol... o navio estava acabado.

22. ...forte, e

23. fiz carregar para o alto e para baixo osapparelhos do navio.

24. Esse carregamento encheu dous terços do navio.

25. Tudo quanto possuia, ajunctei para trazer. Tudo quanto possuia em prata trouxe eu juncto;

26. Tudo quanto possuia em ouro;

27. tudo quanto possuia em semente de vida, de toda a natureza, eu reuni;

28. todos fiz subir ao navio, todos os meus servos, machos e femeas;

29. Os animaes dos campos, as feras dos campos, assim como os meus parentes deixei entrar.

30. Quando o Sol (o deus Shamash) chegou ao tempo propicio,

31. então uma voz celeste chamou:

— A' tarde farei chover do céu em abundancia;

32. entrai em teu navio e techai a porta sobre ti.

33. O momento fixado tinha chegado,

34. como annunciára a voz celeste:

— A' tarde choverá em abundancia do céu.

35. Quando o Sol ia sumir-se no horizonte o terror se apoderou de mim nesse dia

36. em que devia entrar no navio.
37. Entrei e serrei a porta sobre mim,
38. e cerrei o navio. *A Bururkugal*,
o piloto,
39. confiei o edificio com toda a sua
carga.
40. Mur-sheri-ina-namari ("A agua
do crepusculo do alvorecer do dia" —
O orvalho, uma das personificações da
chuva),
41. elevou-se dos fundamentos do céu
n'uma nuvem negra.
42. Ramman trovejava dentro dessa
nuvem,
43. Nabu e Sharru marchavam adiante
44. devastando por montes e valles,
45. O Tufão foi desencadeado pelo
deus da Peste, Dibarra;
46. Adar abria as comportas dos ca-
naes das torrentes superiores;
47. Os Archanjos do Abysmo (Anu-
naki) trouxeram a innundação,
48. a Terra tremeu pelo seu impeto,
Ramman o inundador subio ao mais alto
dos céos, e a luz desapareceu do hori-
sonte.

Columna III

1. ...Elles devastaram a Terra como...
2. ...montanhas...
3. ...seguiram por toda parte a dar
batalha contra a humanidade.
4. O irmão não reconhecia mais o
irmão, os homens não se reconheciam
mais uns aos outros. No céu,
5. os deuses atemorizados diante do
cataclysmo diluviano

6. foram azilar-se, subindo até o céu do deus Anú.

7. Como cães que se rojam timidamente ao chão, os deuses se agachavam juntos das Grades dos Céos.

8. A grande Deusa Ishtar (Vesper) balbuciou como uma criança:

10. — *Eis a humanidade voltada de novo ao barro da Terra*, (d'onde Adam fôra tirado);

11. é essa a desgraça que eu propheetisára na presença dos deuses.

12. Assim o annunciei diante dos deuses o cataclysmo

13. do aniquilamento dos meus homens.

14. Eu não gerei os homens para assim

15. encherem os mares como peixes brutos.»

16. Assim choravam os deuses com ella por causa dos Anunaki,

17. assentados juntos, desolados e

18. soluçando com os labios cerrados...

19. Durante seis dias e sete noites

20. o Tufão, a Tromba e o Diluvio das aguas conservaram-se sobre a terra.

21. Ao approximar-se o 7.º dia, porém, a chuva diluviana se enfraqueceu, a Tromba terrível

22. que a assaltara como um tremôr de terra

23. acalmou-se. O mar tendeu a dessecar, e a Ventania e a Tromba tiveram um fim.

24. Olhei attentamente o mar penalizado.

25. *E' a humanidade tinha de novo voltado ao barro da terra;* ⁽¹⁾

26. os cadáveres fluctuavam como algas.

27. Abri a janella e a luz veio bater á minha face.

28. Fiquei abalado de profunda dôr, assentei-me e chorei;

29. e minhas lagrimas corriam sobre minha face.

30. Observei as regiões circumvisinhas que eram ainda um oceano insondavel.

31. Ahi surgiu um pedaço de terra da altura de 12 medidas.

32. Para a terra de Nizir dirigi o navio.

33. *A montanha de Nizir deteve o navio e não permittio-lhe passar por cima.*

34. Um dia e mais um segundo dia, a montanha de Nizir parou o navio e não deixou-o passar por cima.

35. No terceiro e no quarto dia, a montanha de Nizir deteve o navio não deixando-o passar por cima.

36. No quinto e no sexto dia a montanha de Nizir deteve o navio e não permittiu-lhe passar por cima.

37. Ao approximar-se o setimo dia

38. fiz sahir e soltei uma pomba. A pomba foi-se, deu voltas e,

39. não encontrando logar onde pousar, voltou.

40. Fiz sahir e soltei uma andorinha. A andorinha voou, deu voltas no espaço,

⁽¹⁾ Esta phrase é a mesma da condemnação á morte de Adão por Jahveh — “Donec reverteris in terram de qua sumptus est”. (Gen. III, 19).

41. mas, não achando lugar onde pou-sar-se, voltou.

42. Fiz sahir e soltei um corvo.

43. O corvo vio carniça sobre as aguas,

44. comeu, descançou e não voltou mais.

45. Fiz então sahir o que estava no navio para os quatro ventos, e offereci um sacrificio.

46. Levantei a fogueira do holocausto sobre a cume da montanha;

47. de sete em sete dispuz as vossas medidas,

48. por baixo espalhei caniços, pau de cedro e folhagens.

49. *Os deuses sentiram um cheiro, os deuses aspiraram esse perfume* (1)

50. e os deuses se ajuntaram como moscas por cima do mestre do sacrificio.

51. De longe, ao approximar-se a Deusa Ishtar

52. elevaram-se as grandes zonas (o Arco Iris!) que Anú fez semelhante á gloria dos deuses...

53. esses deuses. Essa aureola nunca mais eu a perderei.

Columna IV

1. nesse dia roguei para que para todo o sempre nunca mais me apartasse delles:

(1) O Genesis VIII, 21, na passagem paralela a esta diz tambem nos mesmos termos — "Jahveh sentio o cheiro agradável". — Será possível que a natureza de Jahveh seja differente da dos deuses quando a tradição commum dá-lhes tambem "narinas para cheirar"?

Repito:

"Digam os sábios da escriptura
Que segredos são esses de natura"

como ponderava cautamente o velho Camões.

2. Que os deuses venham ao meu altar de holocausto;

3. mas que Bel não se approxime delle,

4. porque não se conteve e desencadeou o Diluvio

5. e contou meus homens para a perdição.

6. De longe, ao aproximar-se, Bel

7. avistou o navio e parou; encolerisando-se contra os Deuses e os Archanjós:

8. — Que almas são estas que escaparam? Ninguém deve sahir vivo! Nenhum homem será preservado do abysmo!

9. Adar abriu sua bocca e respondeu ao guerreiro Bel:

10. — Qual outro senão Ea poderia formar semelhante resolução?

11. Porque Ea possui a sciencia e tudo prevê

12. Ea falou respondendo ao guerreiro Bel:

13. — Oh tu, arauto dos deuses,

14. guerreiro; porque não te contivestes e fizestes a tromba do Deluvio?

15. *Deixai o peccador carregar o peso do seu peccado, e o blasphemador o peso da sua blasphemia.* ⁽¹⁾

(1) A identidade de motivos que determinaram o cataclysmo é a mesma do Genesis VIII, 21, porque a humanidade é de natureza innata peccaminosa:

“Eu não amaldiçoarei mais a terra por causa do homem, porque o pensamento do coração humano é máu desde a juventude.”

Ahi está a doutrina protestante sobre a predestinação tão claramente motivada, como na theologia de S. Paulo.

16. Sêde complacente e misericordioso, para que a promessa do perdão nunca seja violada;

17. em vez de fazeres um novo diluvio, que os leões sobrevenham e reduzam o numero dos homens;

18. em vez de um novo diluvio, que as hienas venham e diminuam o numero dos homens;

19. em vez de um novo diluvio, que haja fome e que a terra seja devastada;

20. em vez de renovares o Diluvio, que o deus da Peste, Dibarra, extermine a humanidade. (1)

21. Não revelei a decisão dos deuses;

22. foi o proprio Hasishatra que interpretou um sonho e comprehendeu a decisão dos deuses.

23. Então, tendo firmado a sua resolução, Bel entrou no navio;

24. tomou-me pela mão e fez-me levantar,

25. levantou tambem minha mulher e collocou sua mão na minha,

26. Voltou-se para nós e parou, e aproximando-se do nosso grupo, disse:

27. — Até aqui Hasishatra era apenas um homem,

(1) O livro II de Samuel IV, 13-16 lembra uma doutrina identica em que a peste, a fome e a guerra são offerecidas a David para remir os seus peccados pessoases por meio do exterminio dos seus subditos:

“Veio Gad a David e fel-o saber: — Queres que sete annos de fome te venha a tua terra; ou que por trez vezes fujas de teus inimigos e elles te persigam; ou que haja peste sobre a terra?”

Veio o Anjo da peste, uma especie de Dibarra, para reparar as faltas do rei.

Essa doutrina assyria é uma das condições do “novo pacto” com o segundo pai da humanidade.

28. daqui em diante, porém, Hasi-shatra e sua mulher serão levados para viver como os deuses,

29. e Hasishatra morará ao longe na embocadura dos Rios.

30. Elles me levaram para longe comigo e estabeleceram-me na embocadura dos Rios (no golfo Persicó).»

Abi temos diante de nós os trez documentos semitas mais antigos, para os cotejarmos como o fazem os jurisconsultos com as Institutas de Justiniano comparadas com o texto de Gaius, encontrado por Niebuhr em Verona.

Não ha neste caso de que tratamos propriamente um texto primitivo no qual houvessem sido enxertados outros paralelos e eliminadas as passagens de direito antiquado, como se, por exemplo, se tratasse duma phrase polytheista do tempo do paganismo romano, eliminada na lei do christão Justiniano.

Ha, entretanto, uma imagem do caso de que tratamos, cujo texto em vez de escripto era oral, e mais antigo na sua forma polytheista, que o dos Therahitas transportado da Mesopotamia e conservado n'um dialecto chaldaico, informe, a principio, como as linguas *romances* da Edade Media, filhas da latina que são as linguas literarias em que fallamos e escrevemos hoje, do mesmo modo que só mais tarde na epocha dos reis foram fixadas pela



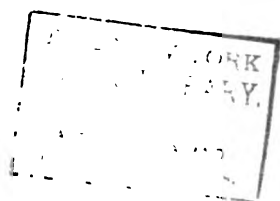
IZDUBAR passando o Rio das "Águas da Morte"

(pagina 178)



NOÉ-HASISHATRA dentro da ARCHA

(pagina 293)



escripta em duas tradições contendo variantes tão importantes como a redacção do Jehovista e outra posterior menos anecdótica do Elohista.

Quanto tempo levariam os escribas para fundirem esses dous textos, igualmente sagrados, nessa *compilação* informe do Genesis?

E' um problema de exegése que pouco nos importa precisar, pois que o facto uma vez estabelecido serve de ponto de partida para esse problema.

O que resulta claramente dos documentos, é que essa tradição vinda dos poemas populares primitivos da lingua chaldaica, passou ao Genesis transformada pelo prophetismo hebreu do tempo dos Reis, em duas narrações monotheistas distinctas tão fieis, apesar das distancias, da transformação da propria lingua e das crenças, que não sabemos de que mais nos devemos admirar: se da quasi *paraphrase* dos dous textos hebraicos postos em confronto com o poema chaldeu, ou si da fidelidade da memoria dos hebreus que a transportaram, atravez dos desertos do Haram, desde a Palestina dos Patriarchas, desde a emigração do Egypto, até a epocha em que o *compilador* do Genesis, qualquer que elle fosse, a fixou definitivamente na forma em que a lemos.

Para fazermos sobresahir completamente o parallelismo das trez fontes capitaes acima transcriptas, basta alinhar os paragraphos, uns diante dos outros.

Ordem da narrativa tradicional		Elohista	Jehovista	O poema de Izdubar
1	Annunciação do Delúvio	VI. 11-13	VI. 5-8	I. 12-23
2	Ordem de construir a Arca	VI. 14-16		I. 20-27
3	O que devia entrar na Arca	VI. 19-21	VII. 2-3	I. 41-43
4	Tamanho da Arca	VI. 15-16		I. 25-26
5	Discurso de Noé — Xisuthrus-Hasishatra			I. 45-52
6	Construção da Arca	VI. 22	VII. 5	II. 2-24
7	Calafetação dentro e fóra com bitume	VI. 14		II. 10-11
8	Alimentos postos na Arca	VI. 21		II. 12-20
9	A vinda do Delúvio	VII. 10-12	VII. 10	II. 14-23
10	Destruição dos homens	VII. 21-22	VII. 23	III. 2-15
11	Duração do Delúvio	VII. 12-24	VII. 17	III. 19-21
12	Esvaziamento das aguas	VIII. 1	VIII. 2	III. 21-23

13	Abertura da janella		VIII. 6	III. 27
14	A Arca pára sobre uma montanha	VIII. 4		III. 33-36
15	Envia os passaros		VIII. 6-12	III. 38-44
16	Ordem de abandonar a Arca	VIII. 15-17		
17	Deixam a Arca	VIII. 18-19		III. 45
18	Erecção do altar do sacrificio		VIII. 20	III. 46-48
19	O cheiro do sacrificio		VIII. 21	III. 49
20	Nunca mais virá outro Deluvio	IX. 11	VIII. 21-22	IV. 15-20
21	O facto com a nova humanidade	IX. 9-11		IV. 20
22	O Arco-iris como signal do pacto	IX. 13-17		III. 51-52
23	O Deluvio causado pelos peccados dos homens	VI. 11-13	VI. 5-7	IV. 14-75
24	Noé-Hasishatra salvo pela sua piedade	VI. 8	VII. 1	IV. 16
25	A trasladação do patriarcha (Enosch)	V. 24		IV. 28-30

Pouparei ao leitor a exposição minuciosa de todos esses paragraphos postos em confronto, pois que basta a leitura attenta de cada uma das cifras, com os textos a que ellas se referem, para fazer pasmar ao mais rigorista dos apologistas do *texto unico* do Genesis, diante d'um facto tão palpavel como essa reconstrucção synthetica da genuina narrativa tradicional dos semitas navegantes do baixo Euphrates.

Nenhuma dellas diz tudo, o que já por si é um signal evidente de que ha tendencias e variantes que as caracterisam de um modo particular.

Mas a nenhuma destas trez fontes, falta aquella semelhança capital, cujo valor incontestavel servio sempre como meio de exclusão de todas as outras tradições analogas encontradas nos livros das religiões dos outros povos orientaes — á licção moral que ressumbra do castigo inflingido pelo cataclysmo que aniquillou a humanidade antedeluviana esquecida da divindade, e orgulhosa de sua força brutal e sanguinaria.

Effectivamente, nenhuma outra tradição tinha conservado essa particularidade que a pudesse pôr a par da lição eminentemente moral e religiosa; mas uma vez achada mais essa fonte semitica, igual no valor e no ensinamento, cahio por terra esse ultimo reducto de superioridade allegado em favor da Biblia.

Está claro que ha tambem differenças de detalhes no poema confrontado com o Genesis; mas onde já alguém imaginou uma *copia literal* entre religiões tão distanciadas como as que estamos es-

tudando, entre povos cujas afinidades ethnicas mal começam a ser divulgadas entre os proprios sabios; cuja educação greco-romana imbuiram de preconceitos christãos as opiniões avelhantadas da nossa educação classista?

Que nos importa que o Genesis tenha sido redigido n'um paiz longe do mar, onde não ha navios, nem pilotos, onde não se conhecia a forma mais apropriada de apparelhar um *cofre* das proporções do Great-Eastern, esse colosso que só os progressos das industrias mechanicas, -em nossa éra, poderiam tornar possiveis?

Tudo isso é de pouca monta comparado com as duas differentes durações do Deluvio para o qual o Jehovahista dá apenas 40 dias ao passo que o Elo-hista conta exactamente um anno solar de 365 dias!

Abandonamos ao criterio do leitor o julgamento dessas discordancias absurdas e palpavelmente grosseiras, uma vez supposto que isso sahisse da penna de um e mesmo narrador, que existem entre textos citados na linha 11 da tabella, constante dos paragraphos por nós confrontados.

Por conseguinte tinhamos razão quando no nosso capitulo sobre o Pentateuco affirmámos a these de Astruc; hoje muito modificada na forma, porém sempre exacta na essencia de suas conclusões, these que foi reforçada por uma *prova directa* irrecusavel como o testemunho de um texto contemporaneo segundo o synchronismo da evolução religiosa, porém muitissimo superior, por isso que, sendo anterior é mais genuina por ser emanada da metropole dos

velhos Therahitas de Ur Kasdin, a cidade santa por excellencia da Chaldéa, essa Jerusalém, essa Meka onde se encontra talvez o maior cemiterio do universo, por ser ahi, nessa terra sagrada que se sepultavam os mortos de quasi toda a Mesopotamia primitiva, assim como as aguas do Ganges o são para os Indús que nellas vão depositar os seus mortos. ⁽¹⁾

A patria de Abraham era tão santa que os proprios reis da Assyria não enterravam seus ascendentes senão na *Mugheir* actual onde se encontra uma necropole tão extensa como Pariz ou Pekin. E' d'ahi que partio essa tradição *polytheista* e não monoista como as duas do Genesis.

Se isto que ahi fica estabelecido é irrecusavel, o que podem nos offerecer em contrario senão uma hypothese precipitada de Vigouroux, que nada mais fez que repetir o que disse um exegeta allemão fundado no primeiro ensaio de traducção datando de *trinta annos atraz*, quando ainda nem estavam bem ligados os fragmentos dos tijollos sobre os quaes G. Smith fez sua primeira tentativa de traducção? Disse o tal allemão, repetido pelo abbade, que havia tambem signaes no poema, de duplicidade de textos.

Ora, isso hoje está posto fóra de questão por Sayce e outros, porque assim o permite fazer na hora presente a reconstituição completa do texto,

⁽¹⁾ Chipiez — L'Art dans L'antiquité — Assyria — Vol. II, paginas 369 e 351.

verificando-se pela taboa acima exarada quanto era prematura essa hypothese.

O leitor que lê o poema, vê uma narração perfeita e logica onde se encontra a mesmissima cousa que nos dous outros documentos em hebraico, fundidos n'um unico, pelo compilador do Genesis que os trasladou *ipsis verbis*, sem synthetisal-os n'uma unica narração unida e logica como o é a do poema.

Não resta, portanto, mais duvida alguma depois desta contra-prova directa, de que: — O Genesis é uma compilação de dous textos hebraicos que se repetem e que possuem como antepassado directo a tradição oral de que especialmente no Diluvio, o poema de Izdubar e outros são testemunhas eloquentes; testemunhas essas que provam á saciedade ser esse poema biblico oriundo de fontes tambem escriptas em fórma polytheista pelos assyrios e chaldeus.

De tudo isso, qual a conclusão a extrahir, qual o corollario logico e irrecusavel?

E' simples, e vem a ser: D'hora em diante para os que estão a par do assumpto destes estudos, os que pretenderam rehabilitar a autoria do Genesis attribuida a Moisés, hão de forçosamente, na consecução dum tal intento, substituir ás mais eloquentes e bem elaboradas apologias dos theologos do passado, outras mais novas que sejam o resultado das revelações que uma pleiade illustre de sabios, vai, dia a dia accumulando, a custa dos mais laboriosos esforços e do mais dedicado devotamento á sciencia.

XI

O Monte Nizir

A humanidade se recorda vagamente de uma região elevada no interior da Asia onde se escoaram os dias de seus primeiros passos na senda da civilização.

Descrevem os livros sagrados do Oriente, esse periodo como a éra da innocencia e da pureza, da felicidade despreocupada desaparecida para sempre, em que a divindade parecia mais intimamente interessada pelo viver humano e guiava seus primeiros passos nas invenções dos primeiros factores da industria, como o fogo e os instrumentos de defeza, por meio dos quaes dotados de novas forças, quasi sobrenaturaes, venceram dentro das selvas os animaes ferozes e a propria natureza arrancando do seio da terra fecunda o alimento; emquanto a accumulção progressiva das gerações enchiam a terra habitada obrigando-as ao duro trabalho e ás luctas que fizeram esquecer as primeiras éras de delicias, para d'ahi em diante serem obrigadas — «a comer o pão com o suor do seu rosto».

Não é somente a Biblia que nos pinta esse primeiro estadio da civilisação: o Eden, tem na propria Babylonia o seu equivalente no Gan-Eden; os iranianos nos descrevem com cores semelhantes a região Nordeste da Persia o Aryana-Vaedia onde viveu Yama seculos de felicidade; ⁽¹⁾ os indús collocam nessa mesma região para alem do Himalaya, na direcção da fonte mythica do Ganges onde foi pousar o navio de Manu Vaivasvata, o Pai da humanidade actual; ⁽²⁾ os chinezes apontam tambem para as nascentes do Yang-tze-kiang d'onde desceram para virem povoar o immenso paiz das cem familias civilisadas e organisadas por Fo-hi antes do Deluvio de Yao; ⁽³⁾ os finnios do Norte da Russia apontam para alem dos montes Uraes na direcção do Sudeste dos Estepes do Turkestan como sendo o ponto de partida de suas originalissimas tradições epicas.

Portanto, as nações de todas as raças civilisadas são accórdes em se confessarem emigrantes dessa região cujos raios horizontaes se concentram no planalto do Pamir, donde partem os 4 rios, dous para o Norte, o Oxus e o Iaxarte, e dous para o Sul, o Indus sobre a Pentapotamia, primeira estação da emigração ariana sobre a India, e o Helمند sobre a Persia vindo do Aryana-Vaedia.

Este Plateau da Asia Central que aqui apontamos

⁽¹⁾ *The Avesta* — da Collecção de Max-Müller, vol. IV, pag. 255; na introdução de James Darmstetter — pag. — LXXV — da introdução — *Sacred Books of the East*.

⁽²⁾ *The Satapata Brahmana* — vol. XII, pag. 216 — S. B. E. Ed. Max-Müller.

⁽³⁾ James Legge — *Chinese Classics* — Vol. III, part. I, pag. 189.

desde o começo deste nosso estudo sobre as 4 vias do Paraíso, serve para o leitor orientar-se, desde logo, afim de ficar conhecendo as variantes que se notam na direcção geral das diversas raças civilisadas, que invariavelmente collocaram, em tempos posteriores mais historicos, esse paiz ideal junto dos territorios definitivamente occupados por elles, esquecendo-se quasi todos da região precisa em que viveram os antepassados de sua raça.

Assim quando vemos o Genesis nos indicar o Tigre e o Euphrates; os Chinezes o Iang-tze-kiang; os Egypcios, as fontes inaccessiveis do Nilo passando pelo interior do Globo terraqueo para se irem unir ás fontes do Indus, conforme uma tradição repetida por alguns S. S. P. P.; ou quando os Vedas filiavam as aguas sagradas do Ganges por entre o macisso do Himalaia para ir surgir no Monte Merú donde se desprendem os outros 3 rios do Eden ariano; temos sempre ahí uma localisação posterior que a critica acceita, rectificando-a pela philologia de um lado, e por outro pela ethnographia, que induziram de dados seguros e concordes, por meio dos quaes chegamos a estabelecer que ao menos a raça branca civilisada ao lado da amarella, se desprenderam d'ahi para irem proliferar, já meio civilisadas, nas regiões baixas do continente.

A nossa thèse restringe-se apenas ás tradições communs entre os chaldeus e seus emigrantes de alem Euphrates — os filhos de Heber — os hebreus emfim, que receberam a localisação nacional de seus antepassados na fórmula que ahí colheram; sendo,

portanto, estas identicas e posteriores á tradição primitiva que a sciencia conseguiu determinar pelo confronto de outras fontes de igual valor que se completam mutuamente.

Ora, no Genesis encontramos a controversia secular da posição do Paraíso Terreal, sem que até o nosso tempo pudessem os commentadores saber, sequer approximativamente, qual dos muitos systemas propostos merecia a preferencia, visto o proprio texto sagrado indicar nada menos de quatro pontos para a dispersão da humanidade.

As quatro regiões são:

- 1.º O Paraíso em Babylonia.
- 2.º A descida do Ararat.
- 3.º A vaga «Montanha do Oriente».
- 4.º A Torre de Babel.

Aos quatro systemas do Genesis correspondem outras trez localizações chaldeanas:

I. O monte de Nizir onde Hasishatra vai pou-sar seu Navio.

II. O Ganduniash onde se reconhece a topo-graphia do Jehovista (II, 8-14) do Genesis.

III. «A montanha das nações», o Aralu sobre o qual moravam os deuses nas brumas do Norte.

A paisagem ideal que a vaga descrição biblica nos appresenta, diz Delitzsch, é tão mythica e indeterminada como se fosse sobre a Lua, ou n'um territorio desenhado com a regularidade de um jardim distribuido por Jahveh em todas as suas partes, con-tendo as 4 fontes divergentes de um unico ponto

d'onde se apartavam para os quatro pontos cardeaes do horisonte.

Algumas gravuras nos mostram essa disposição n'um parque regado artificialmente. ⁽¹⁾

Eram reconstrucções desse jardim ideal a que chamavam os persas *Paradaeço*, donde provêm a nossa palavra Paraíso. Os mais famosos desse typo eram os «Jardins suspensos de Babylonia», em que os reis tentaram reproduzir no proprio local do Genesis.

Ora não ha rios geographicamente dispostos assim em todo o centro da Asia.

Mas ao mesmo tempo dá-nos o Jehovista uma descripção geographica precisa onde se lê o nome de regiões, e povos e productos especiaes a cada uma dellas, assim como o nome preciso de ao menos dous rios, o Tigre e o Euphrates. Resta-nos apenas a identificação definitiva de outros cujos nomes enigmaticos não foram senão approximativamente descobertos por Delitzch na sua monumental monographia sobre a Geographia Oriental segundo as fontes assyrio-babylonicas, que tenho diante de mim como guia neste ponto intitulado: — *Wo lag das Paradies?* «Onde está situado o Paraíso?»

Dessa sapientissima mole de indagações assyriologicas, apenas procurarei expôr os resultados geraes, reservando-me a liberdade de revê-las guiado pelas sciencias naturaes ethnographicas e pelas opiniões de outros que estudaram a questão posteriormente ao apparecimento do trabalho do sabio allemão.

⁽¹⁾ Babelon e Lenormant — Histoire Ancienne de l'Orient — I, 106.

Comecemos pela primeira das identificações: aquella que aponta como centro da dispersão da humanidade — os montes da Armenia, ao redor do lago de Van.

Se lançarmos um olhar na carta dessa região vemos 4 rios, dous dos quaes se dirigem para o Sul, o Tigre e o Euphrâtes; e outros dous que se dirigem, um a Araxes, em direcção ao mar Caspio, que alguns identificão com o Gihon (em arabe, Gaihum-er-Bas), e o outro, o Phaso, ao Noroeste em direcção ao Mar Negro, que identificão por causa de alguma assonancia com o Pischon (Fâs, em persa).

Essas approximações não se fundam em nenhuma palavra radical que remonte philologicamente ás formas semiticas da antiguidade que supõem esses nomes.

Demais, nem as nações percorridas por esses rios puderam jamais ser encontradas nessas paragens montanhosas occupadas por povos japheticos pouco ligados com os semitas primitivos.

Mas como puderam chegar os hebreus a fazer a união entre o rio Pischon e o paiz de Chavila, e o Gihon com o paiz de Kusch e suppôr a conexão das nascentes dos 4 rios derivando-os d'uma só fonte?

E' verdade que vemos não longe das nascentes do Phaso, as fontes d'onde dimanam os outros trez, proximos uns dos outros. Assim, encontramos, per-

passando a vista sobre um mappa de Stieler, (1) ao Norte do lago de Van, o monte Ararat com 5.160 metros de altura, alastrando-se na vasta bacia do lago que a seus pés estende suas mansas aguas. E' para ahi que uma tradição, conservada durante toda a antiguidade, indicava como o lugar em que jaziam os restos do navio destruido como amuletos preservativos para os peregrinos, que os iam mostrar, como reliquia preciosa de sua romaria ao monte santo onde os deuses haviam formado um novo pacto com a humanidade, salva das aguas na pessoa do ancião venerando rememorado sob diversos nomes em todos os livros sagrados do Oriente.

Não ha uma connexão regular entre as varias torrentes apertadas nos labyrinthos dos precipicios que ladêam os contrafortes dessa montanha principal; porque a cadeia do Taurus que irradia desse ponto, faz circular longamente o Euphrates antes de tomar o rumo de Sueste por entre as planicies do Senaar; assim como tambem o seu confluente Tigre que tem as suas nascentes bem ao Sul do lago de Van, para alem das montanhas que isolam o lago; e portanto muito mais se afasta o Tigre do monte Ararat que fica ao Norte do mesmo lago.

Os outros dous, o Phaso e o Araxes, tambem desprendem-se da encosta ao Norte dessa cadeia, parallela ao Caucaso, em direcção aos dous mares interiores do velho Continente, sem comtudo se desprenderem de um ponto bastante proprio para que

(1) Stieler — Hand-Atlas. — N. 57.

d'ahi se pudésse inferir a sua antiga origem de um ponto commum com os dous outros, como nos diz o Genesis que descreve uma região determinada com paizes connexos expressamente denominados; e portanto conhecida dos que liam no tempo do narrador o poema biblico.

Logo, esse documento indicava o Jardim do Eden como um territorio que estava não muito longe de si, e muito menos como uma orographia transtornada pelo cataclysm das aguas diluvianas. A forma da descripção, comquanto vaga; suppõe relembrar aos contemporaneos alguma cousa de actual que datava da scena onde se passára o drama dos primordios da humanidade. Nella se reconhece uma região alta bastante para d'ahi se desprenderem 4 rios para os 4 pontos cardeaes do horisonte.

Como pois, a tradição poderia ter fixado com tal precisão um facto, si elle não fosse reconhecido como real pelos coetaneos do narrador?

Não é esse o unico indicio de que aquella localisação é inexacta. Diz a narração do Diluvio que as aguas subiram até o cume dos mais altos montes, e que estes foram reconhecidos, logo que ellas desceram o bastante para fazel-os emergir no horisonte e serem identificados por Noé-Hasishatra; o que prova, que conforme o Jehovista, as aguas não transformaram até esse ponto as paisagens e a disposição orographica das regiões circumvisinhas do Ararat-Nizir.

Logo: não é ahi que devemos procurar o local da scena do Eden.

Vejamos pois o que diz o Jehovista (II, 10-14), Genesis:

10. «E sahiu um rio do Eden para regar o jardim; e d'alli se repartia e fazia-se em quatro cabeças.

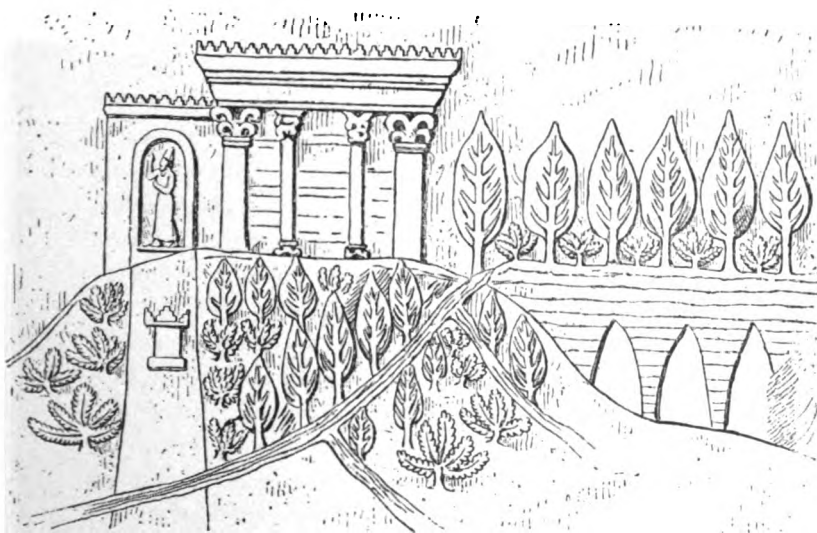
11. O nome do primeiro é Pison: Este é o que rodea a terra de Havilla, onde ha oiro:

12. E o oiro dessa terra é bom; alli ha Bdelium, e a pedra Sardonica.

13. E o nome do segundo rio é Gihon: Este é o rio que rodêa toda a terra de Cush.

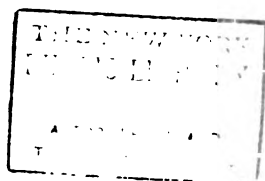
14. E o nome do terceiro é Hildekel: este é o rio que vai para a banda do oriente de Assyria. E o quarto rio é o Euphrates.»

Esta descripção geographica que o leitor terá já lido mais de uma vez sem saber onde collocar esse paiz ideal estranhamente rodeado de nomes enigmaticos de rios e nações cahidas no olvido ha milhares de annos, sem que até os nossos dias a erudição dos hebraistas conseguisse nem ao menos precisar os pontos capitaes dessa paisagem mais propria do mundo lunar ou de qualquer outra região terrestre, do que da terra do Oriente onde tudo parece maravilhoso e sobrenatural; esta descripção, repito, é para nós hoje uma das mais bellas conquistas da assyriologia. E' a esses monumentos que a cada momento resurgem aos olhos dos sabios contemporaneos, assiduos prescrutadores desses paizes, já olvidados nos valles do Euphrates e do Tigre e onde imperam



JARDINS SUSPENSOS DE BABYLONIA

(pagina 316)



beduinos semi-selvagens que apenas sabem vedar a passagem aos viajantes que de volta de suas excursões scientificas, arrastam comsigo blocos immensos de granitos, repletos de figuras estranhas, que elles na sua ignorancia, julgam ser thesouros desentranhados de suas steppes, blocos que os Layard e os Dieulafoy, vêm-se forçados a defender com as armas nas mãos contra os ladrões que infestão livremente essas paragens outr'ora tão civilizadas; é a esses monumentos, repito ainda uma vez, que devemos os novos dados com os quaes vamos dia a dia, renovando os commentarios biblicos. São esses pioneiros da nova sciencia, que fez reviver as profundezas attrahentes da historia primitiva do Oriente, que nos fornecem os elementos com os quaes hoje desvendamos problemas historicos sobre os quaes os rançosos commentarios dos S. S. P. P. nada nos podiam adiantar. Porque a historia pouco interessante dessas opiniões obsoletas, cuja exposição quero poupar aos meus leitores, não são mais do que um dos muitos capitulos sobre a ignorancia e a credulidade sem limites desses amontoadôres de fabulas sem criterio historico, que apesar disso, vivem ainda a alardear uma erudição de exegetas retardatarios e que elles crêem ainda, na sua mais *santa simplicitas*, ser a ultima palavra da sciencia contemporanea.

Comecemos, antes, por tomar um ponto de partida seguro, que de ha muito está fóra de duvida,

para d'ahi tratarmos de outras indagações mais obscuras. Vamos do conhecido ao desconhecido.

Dentre os nomes de rios e povos ahi mencionados resulta logo o nome do rio *Phrat*, enumerado em 4.º lugar, sem que fosse necessario designar uma região especial percorrida por elle, por ser este o *Euphrates*, o rio sagrado por excellencia.

O *Euphrates* era chamado pelos assyrios desde a nascente até a foz, *Puratu*, d'onde se vê sem maior analyse, que originou-se o hebraico *Prat*. Differe elle do accadiano, *Hid-Simpar*, «o rio de Sippara» usado invariavelmente, desde os mais remotos até os mais recentes documentos conservados nessa lingua pre-chaldeana. As outras linguas affins com a syriaca diziam tambem *Phrât*, assim como o arabe *Furatum*, dando origem ao zend da inscripção persa de Behistum, que é trilingue como sabemos, chamando esse rio tambem, *Upratu*, d'onde provêm o grego *Euphrates* da traducção dos Setenta.

Foi Delitzsch ⁽¹⁾ quem propôz a verdadeira etymologia hoje acceita dessa palavra.

Diz este illustre assyriologo que o grande numero de pesquisas até aqui formuladas e propostas têm em geral uma base etymologica que se firma em tradições populares recentes; o certo, porém, é que conseguiu, com rara felicidade, collocar o problema nos unicos fundamentos possiveis.

Segundo elle o antigo nome sumero-accadiano

(1) Fr. Delitzsch — Op. citada — 169.

desse rio encontrado nas inscripções cuneiformes é o de *Pura-nunnu*, isto é, «A Grande torrente».

Ao adjectivo conhecido — *nunnu* — «Grande» se ajuncta o substantivo — *Pur*, *pura* — significando primitivamente «Fundo», em assyrio *Supplu*, d'onde se derivam «reservatorio», e seus synonymos, «leito de rio, torrente, regato», e outros.

O nome assyrio de *Puratu*, portanto, significa, segundo o nome accadiano d'onde deriva «a grande torrente», ou simplesmente *Pura*, ou «O Rio», d'onde vem, por consequente, o hebraico *Prat*, isto é — O Rio Semita por excellencia.

O Tigre está descripto nas traducções das biblias protestantes espalhadas entre nós, da seguinte forma; — Gen. (II, 14):

«E o nome do terceiro rio é o Hidekel; este é o rio que vai para a banda Oriental da Assyria».

Esse nome hebraico de Hidekel deriva-se do assyrio *Z-di-ik-lat*; no siriaco, *Deklat*; em arabe, *Digla*; no persa antigo, *Tigra* d'onde provêm o grego *Tigris*.

A etymologia acceita pelo historiador judeu do I.º seculo, Josephus, ⁽¹⁾ o amigo do imperador Titus e o historiador da destrucção de Jerusalem, e por elle sustentada nas suas Antiguidades Judaicas (I, § 5) que aqui transcrevo, sobre as etymologias

(1) Josephus — Antiquités Judaïques (I, 5).

acceptas nas escholâs rabinicas de seu tempo, é a seguinte:

«O primeiro rio nomeado é o Phison, que significa «plenitude» e que os gregos chamão Ganges, toma seu curso para as Indias, e desagua no mar. O segundo que se chama Euphrates, e Pharat, em nossa lingua, que significa «dispersão ou flôr»; e o terceiro que se chama Tigre ou Diglath, que significa «estreito e rapido», desaguam ambos no mar. E o quarto chamado Gion, que significa «que vêm do Oriente», e que os gregos chamam Nilo, e atravessa o Egypto.»

Ahi temos um dos mais auctorisados rabinos do tempo dos apostolos dando um especimen da exegése phantasista, com que tanto se divertem os infolios dos S. S. P. P., que ainda hoje são repisados no mesmo theor pelos mais auctorisados apologistas.

Ahi vemos que a etymologia aceita por elle, é derivada da palavra radical hebraica — *had* — «violento, rapido» unido ao nome de *Dekel*; d'onde se vê que tambem Horacio seguiu a opinião contemporanea dando a esse rio o epitheto de *Rapidus Tigris*, que tão bem caracteriza o impeto continuo de suas aguas quando sulcão as ribanceiras profundas dos valles da velha Assyria.

Mas essa etymologia não é a verdadeira, porquanto os babilonios a transplantaram dessa lingua autoctona dos primitivos habitantes dessa região antes do predominio semitico.

Um facto analogo se pode mesmo observar entre nós.

E' bastante sabido que as nossas tribus tupi-guarany's rão deixando após si um grande numero de nomes geographicos, cujo valôr etymologico muito dará, para o futuro, que cogitar aos americanistas.

Quando essa grande tarefa os preoccupar mais tarde, e quizerem elles recobrar as linguas de que se serviam os nossos selvicolas, para o fim de os designarem com propriedade de descripção, veremos que hão de elles forçosamente principiar tentando explical-os por meio dos nossos idiotismos provincianos, já tão ricos desde hoje.

O mesmo se deu com as linguas orientaes. Antes de recobrarem as linguas e os dialectos accadianos e sumirianos, que desde já os assyriologos vão historiando e classificando, tentaram os hebraistas da escola de Gesenius, antes de qualquer outro trabalho, explicar esses nomes por meio de raizes semiticas, para afinal vir um assyriologo como Delitzch encontrar os elementos de que se compõe esse enigmatico Hidekel biblico, da seguinte forma: — *Id-dig-na*, significa, *Id* — «rio», *dig* — «ribanceira, leito, margem», e, *na* — «alto, elevado»; d'onde se deduz a significação geral de — «Rio de altas margens».

Este terceiro rio, portanto, não é outro senão o irmão gêmeo do Euphrates onde se achava situada a «Cidade do Deus Assur». O texto hebraico refere-se, não ao *paiz* da Assyria, mas á *cidade* de Assur. Ora, como antes de se descobrir essa antiga

metropole da Assyria, anterior á sua grandeza contemporanea dos reis judeus, só se conhecia Ninive manifestamente collocada á margem do Euphrates e tambem chamada — «Cidade de Assur» o grande Deus nacional dos conquistadores de Samaria, e que o texto affirmava ser situada sobre o Tigre; viram-se obrigados a torcer o texto e traduzirem — «do lado do oriente da Assyria» (paiz).

Para chegarem a esse resultado erroneo, suscitaram controversias muito semelhantes áquella que diz que Moisés escreveu o Deuteronomio, não *alem do Jordão*, em relação ao *prefaciador* desse V livro do Pentatheuco; mas no sentido de nome proprio de paiz chamado *Além do Jordão*. Para que semelhante palavra se formasse em hebraico, era forçoso que primeiramente elle se formasse pela bocca dos que falavam dentro da Palestina; e para que ella existisse desde esse tempo, era necessario que os hebreos já lá estivessem estabelecidos.

Para chegarem a esse resultado fizeram virar e revirar o mappa da Asia, tal qual o celebre medico de Molière, que não conhecendo a posição anatomica de diversos órgãos, dizia para acobertar a sua grave sciencia: — *Nous avons changé tout cela*.

Não precisamos mais desses subterfugios que ajudaram as biblias protestantes espalhadas entre nós, a traduzirem em vez de: — «é esse o rio que percorre o oriente de Assur» (cidade); por outra acima citada onde se lê: — «Esse é o rio que vai pela banda do oriente da Assyria» (paiz).

Os novos documentos conseguiram ahi mais um

triumpho, emendando o velho texto das traducções em portuguez; dando-lhes ao mesmo tempo o cunho da certeza nas identificações da assyriologia moderna.

Até aqui temos apenas explorado philologicamente a região da antiga Mesopotania para assentarmos com segurança dous dos quatro rios do Paraíso. Faltam-nos, portanto, outros dous, exactamente os mais enigmaticos — o Gihon e o Pishon.

Que não estão no Ararat, local mythico da segunda dispersão dos povos, já ficou provado, e ainda mais provado ficará com a localisação exacta do monte de Nizir de que tracta o poema de Izdubar.

Logo: é necessario procurar entre os affluentes e os canaes do Delta quaternario recentissimo do Golfo Persico, esses 4 rios ideaes que, segundo as tradições dos outros povos, suppõem antes um plateau central — «o Umbigo do Mundo» — d'onde correm para os 4 pontos cardeaes essas 4 torrentes por onde desceram a povoar toda a Terra as 4 grandes raças humanas civilisadas, cujas foctes historicas ora apontam as nascentes do Helمند, ora as do Orcus, ora as do Ganges, ora, finalmente, as do Iang-tze-kiang, todos remontando-os em direcção ao *Tecto do Mundo*, na frase expressiva dos povos orientaes.

Se assim é, como admittir a *superioridade* da tradição do narrador Jehovista do Genesis que agora commentamos; a qual claramente exige uma localisação semitica, e essa, *arbitraria* e *artificial* até o ultimo ponto, como são concordes em affirmar-o to-

dos os orientalistas? Não se disputa mais hoje sobre o ponto capital da escolha da região do Delta do Golfo Persico; porém sómente sobre questões subteis de identificações puramente philologicas, para se saber qual dos 35 canaes enumerados nas fontes assyrio-chaldeanas é o Gihon ou o Pishon.

Sobre essa acceitação unanime, em appendice critico sobre a obra de Delitzch acima citada e que lhe veio ás mãos depois de publicada a parte correspondente de seu precioso trabalho, estabeleça o grande Lenormant ⁽¹⁾ as reservas que a ethnographia moderna exige no que se refere á questão de se saber positivamente si essa localisação que se repete na lenda de Babel, é ou não a unica fonte de todas as outras de igual natureza.

Eis as suas palavras:

«Eu admitto perfeitamente, como atraz já havia dito, que os chaldeus como os outros povos, localisaram em seu proprio paiz a tradição do jardim paradisiaco e seus quatro rios, e que tinha sua fonte nas mais antigas reminiscencias da humanidade primitiva. Estou absolutamente de accôrdo com F. Delitzch quando elle traz (pagina 65) novas provas da crença mantida no paiz até o tempo dos Sassanidas, em um Paraiso Chaldeu. Mas onde eu me affasto absolutamente delle, é quando pretende que a concepção mesma do Paraiso terrestre é *um mytho* nascido na

(1) Lenormant — Les origines de l'Histoire — II vol., pag. 537.
Friedrich Delitzch — Wo lag das Paradies? — 1 vol. ind.

Chaldéa, referindo-se originariamente a esse paiz e irradiou d'ahi para todos os povos onde se o encontra, mesmo entre os Iranianos e os Indus.»

Mais adiante (pag. 559) elle reforça a sua affirmativa dizendo:

«Parece-me, de resto, que cheguei a um resultado de todo differente d'aquelle a que chegou Mr. F. Delitzsch, posto que em presença dos mesmos documentos; isso é devido sobre tudo a uma diversidade de methodo e de ponto de vista. Meu eminente contradictor colloca-se exclusivamente no terreno dos documentos cuneiformes. Elle attribue ás suas mais fugitivas indicações, uma importancia superior a de todas as outras fontes, e recusa á tradição iraniana e indiana o grão de valor que me é impossivel deixar de attribuir-lhes neste debate.»

O exclusivista chega ao ponto de afirmar que «essa tradição foi emprestada directamente dos livros sagrados de Babylonia durante o periodo do captiverio».

Este ponto de vista parcial, que domina os melhores espiritos, é devido ao estudo exclusivo de uma só literatura sagrada e o habito de só se estudar restrictamente uma lingua antiga.

Bem diz a sabedoria popular dos francezes —
Qui n'entend q'une cloche n'entend qu'un son.

O mesmo succede aos que pensam que toda a

sciencia está encerrada na Biblia, e eu por causa disso: — *Timeo hominem unius libri.*

Não nos julgamos competentes para cortar um tão grave debate e depurar questões de nomes mais ou menos semelhantes; reservamos as nossas conclusões em favôr de todos os anthropologistas que não restringem a meras questões linguisticas um problema para o qual tem convergido um conjuncto de sciencias naturaes, cujos dados nunca aceitam o postulado bíblico que designa as circumvisinhanças de Babylonia, tanto na primeira dispersão do Paraiso, como na de Babel, como a região para onde vieram todos os descendentes de Noé para d'ahi novamente se dividirem. Porque a geologia nos ensina, segundo Ménant, que é sobre um terreno movediço accumulado ha poucos mil annos, que se assentão os mais velhos monumentos; que a ethnographia não encontra ahi um ponto de contacto das diversas raças, como o requer Quatrefages, que prefere nesse sentido o Plateau do Pamir; nem tão pouco a Linguistica encontra nas suas circumvisinhanças, todas as formas de evolução e da extratificação das linguas, como deduzem Boop e Max Müller.

Não nos cabe fazer explanações das questões ahi envolvidas, porque o nosso assumpto restringe-se, por agora, ás inscripções cuneiformes; mas, apesar disto, vejamos o que dizem ellas sobre a formação geologica do Delta do Golfo Persico.

Se lançarmos a vista n'um mappa contemporaneo ⁽¹⁾ da Asia Menor e seguirmos o curso dos dous grandes rios que formão os limites da Mesopotamia, veremos o Tigre e o Euphrates tomarem suas fontes na Armenia, nos montes Niphates, a mais elevada das cadeias de montanhas que correm entre o Ponto-Euxino e a Mesopotamia. Elles correm primeiro parallelamente um ao outro, o Euphrates ao Oeste, o Tigre a Este na direcção da Assyria. Além de Malatyeh, o Euphrates volta bruscamente para Sudoéste, e abre uma passagem atravez do Taurus como se quizesse ir para o Mediterraneo; depois inclina-se para Sudeste na direcção do Golfo Persico. Ao despenhar-se das montanhas do Taurus, o Tigre se dirige immediatamente para o Sul e aproxima-se gradualmente do Euphrates; na altura de Bagdad, os dous rios não se achão separados um do outro senão por uma fraca distancia.

Depois de haver percorrido uma dezena de leguas n'um terreno baixo e unido, elles se separam de novo, e não se encontram senão mais abaixo, em Korna, para formar então o Shat-el-Arab e se lanção no Golfo Persico, recebendo durante o curso unido mais dous afluentes, o primeiro é o actual Kercha, o Choaspes de Herodotus, e *Uknu* em assyrio, corre ao sudoeste de Susa, a antiga capital dos Achmenidas; o segundo, é o famoso Euleus de clarissimas e saborosas fontes, chamado em arabe Karum, e em assyrio Uluá.

(1) Stieler — Hand-Atlas — N. 59.

Se tomarmos o aspecto actual do paiz, diremos que o Paraíso Terreal devia ser situado em Korna, hypothese esta que tem tido defensores.

Quem diria que esses poucos desgraçados que vagueiam por lá, occupam um territorio que ha apenas 2.000 annos era uma vasta bahia interior. ou antes o pleno mar persico que recebia os quatro rios descriptos?

Effectivamente todo o Shat-el-Arab é de formação recentissima, como são testemunhas os annaes assyrios e mesmo o grande naturalista romano Plinius ⁽¹⁾ o Antigo, cuja obra tenho diante de mim e nelle leio:

«Entre as embocaduras do Tigre e do Euphrates, ambos navegaveis, o intervallo, foi outr'ora de 25.000 passos, ou, segundo outros, de 7.000; mas ha muito tempo que Orchenios e os povos visinhos puzeram diques no Euphrates para irrigar seus campos, e suas aguas não chegam mais ao mar senão pelo Passitigris.»

Está ahi consignado um facto cuja consequencia foi o preliminar do estado actual.

Para o leitor apreciar devidamente este facto interessante de geologia aconselho-o que consulte Reclus ⁽²⁾ que reproduz o mappa demonstrativo de Delitzsch ⁽³⁾ e Hommel que vem no fim da preciosa memoria que serve de base a estes estudos, segundo o assyriologo allemão.

⁽¹⁾ Plinius — *Naturalis Historia* — VI, § XXXI.

⁽²⁾ Elisée Reclus — *Geographie* — IX, 459.

⁽³⁾ Delitzsch — op. cit. — *Appendice*.

O geographo francez reproduz o mappa historico indicando a zona occupada outr'ora pelo mar sombreando-o como se fôra inundação.

Para confirmar essa descripção basta transcrever aqui um fragmento dos celebres annaes de Sargon II, rei da Assyria (720 A. C.) que não se deve confundir com o seu homonimo de 3.000 annos antes. E' nestas paginas inscriptas nos muros do palacio de Korsabad, onde se lê a tomada de Samaria, que se menciona a distancia d'uma cidade situada em pleno mar, que hoje é pleno delta de terra firme e onde, sobre uma collina, se encontram os restos da ilha de Dilnum, da qual diz este rei: (II, 34)

«Ujiui, rei de Dilnum, cuja morada escondida está estabelecida na distancia de 20 *kasbu* no meio do mar como a dos peixes, ouviu a gloria do meu poder e trouxe tributos.»

Essa distancia de 20 *kasbu* assyrios equivale, segundo os calculos de Mr. Oppert a 23 $\frac{1}{2}$ milhas allemãs.

Pois, basta dizermos, para comprehendermos a distancia, que a ilha se acha no mappa de Delitzch a 177,714 metros de Korna, na junção actual dos dous rios.

Segundo Lord Loftus e outros exploradores do Delta, o Schat-el-Arab avança sobre o mar cerca de uma milha ingleza, cada periodo de setenta annos.

A razão desse crescimento das terras de alluvião, é que ha falta de correntes maritimas violentas que

possam carregar para longe as arêas que são depositadas no proprio estuario do rio, sem desperdicio algum; ao passo que o mesmo não acontece com o Mississipi e mesmo com o Nylo, que não podem accumular nas mesmas proporções as arêas levadas pela inundaçào e isto porque são differentes as condições em que se dá esse phenomeno, no tocante áquelles dous rios e os dous outros em questào: O Euphrates e o Tigre.

Estes depositam no fundo de uma superficie aquosa, estreita e immovel como o é o Golpho Persico todos os seus detrictos, o que não acontece em absoluto com os dous outros estuarios acima apontados.

O estado de abandono em que se acham esses terrenos alagadiços dão uma ideia do que poderiam ser antes de roteados e civilisados pelos povos que illustraram em seus annaes essas lagunas empestadas cobertas de juncaes.

A consequencia capital dessas observações é claramente deduzida pelo notavel assyriologo Menant ⁽¹⁾ que affirma que d'ahi nunca poderia partir uma raça autoctona:

« A Mesopotamia inferior, diz elle, é o producto duma formação geologica que exclue a ideia d'uma raça autochtona que a tivesse povoado por meio de colonias successivas das quaes a historia perdera a memoria. »

(1) Menant — *Glyptique Orientale* — I, 35.

E' a geologia, portanto, em primeiro lugar, que exclue essa hypothese historica fundada em mythos nacionaes contradictorios

Do exposto, deduzimos que se os 2 rios que procuramos não estão nem nas nascentes, nem na embocadura do Euphrates, segue-se que devemos procural-os no centro do seu percurso.

Ahi, porém, temos um dedalo de mais de 35 canaes, nomeados nas inscrições, além dos menores afluentes dos dous grandes rios; assim como temos ainda de sobre excedente, os estuarios dos rios dessecados cujos valles inexplorados vêm em direcção ao Euphrates dos desertos da Syria e da Arabia Petrea, onde podemos procurar o paiz mysterioso de Chavila em direcção ao *Gan-Eden* ou *Tintira*, do qual já dissemos alguma cousa, no nosso estudo sobre o Peccado Original.

Que digam os espiritos imparciaes, não adstrictos a uma these orthodoxa, si um tal cháos é digno de ser comparado, ao menos neste ponto, com as venerandas tradições mythicas dos Brahmanes quando apontam para além dos Hymalaias o sagrado Monte *Meru*, ou quando os Magos olham para o Norte em direcção ao Monte *Hara-Berexaiti*, onde está situado o Aryana-Vaedja «de excellente natureza», ou mesmo a essa montanha sagrada dos prophetas — *O Harquodesch Elohim* — «A Montanha Sancta de Deus», da qual Jerusalem era apenas uma imagem?

Ora o Genesis (II, 10), diz expressamente: — «E sahia um rio do Eden para regar o jardim; e

dalli elle se repartia e fazia-se em 4 *cabeças*.» — O hebraico diz propriamente, *raschim* «cabeças», e não «braços», o que significa fontes d'onde desciam a regar as vastas planicies que se estendiam ao pé da montanha.

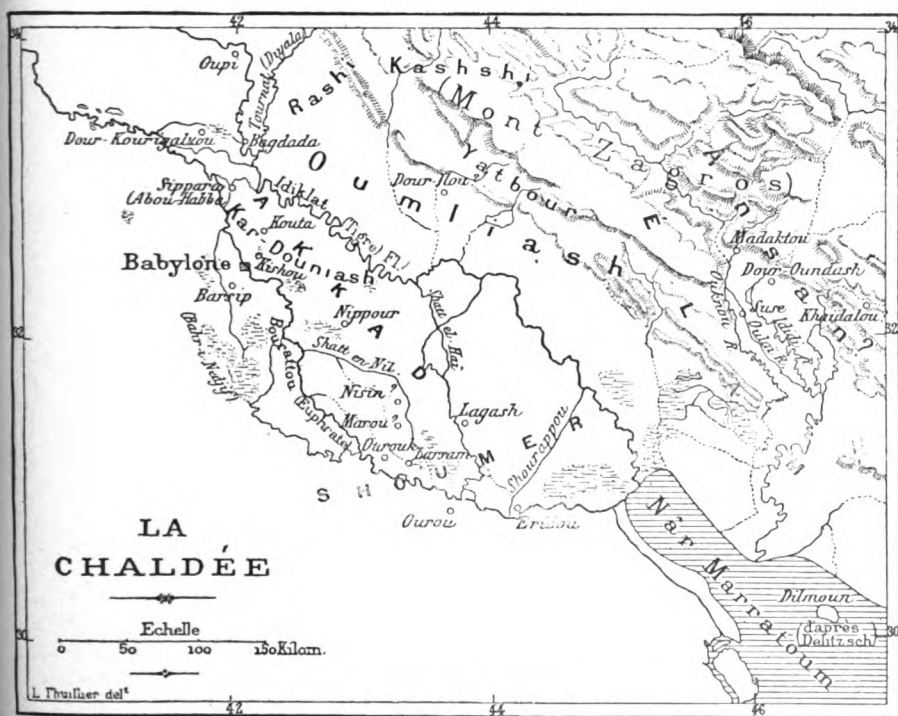
Como conciliar isto, que tão bem faz lembrar e sentir a forma primitiva da tradição oral, com simples canaes e affluentes que entram ou se crusam com o Euphrates em todos os sentidos?

E' que ahi temos uma tradição vaga e ideal muito distante da redacção escripta que localisa, segundo o systema chaldeu, baptizando os rios novamente e adaptando-os á orographia do paiz occupado pelos ascendentes da raça do narrador Jehovista, que por sua vez a receberam da Chaldéa d'onde provieram.

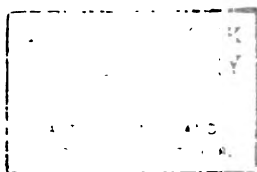
E' uma localisação que as sciencias naturaes rejeitam; porque suppõe que foi nessas planicies alagadiças de terrenos quaternarios, contemporaneos a mais não poder ser, que se realisou a dispersão dos povos: — quando todos os povos escolhem para ponto central as direcções radiaes a partir do macisso central do Velho Continente; o que é manifestamente contrario aos mais elementares principios da Anthropologia moderna.

Mas vejamos summariamente o systema proposto por Delitzsch, que acceitamos quanto a localisação mais provavel baseada no texto Jehovista e nas inscrições cuneiformes.

Este auctor partindo dos factos definitivamente



(Pagina 331)



estabelecidos, que o 3.º e o 4.º rios eram effectivamente o Euphrates e o Tigre; e que não podendo serem encontrados os dous outros, nem ao Norte, nem ao Sul, é forçoso escolher entre os canaes naturaes aperfeiçoados, ou mesmo de completa factura humana, os dous que restam reconhecer.

Se estudarmos a topographia de Babylonia, encontraremos mais um ponto fixo no paiz de Ganduniash, ou Tintira, que identificamos com o Eden, no proprio local onde se fundou a famosa metropole Chaldeana sobre o Euphrates.

D'ahi a encontrarmos os dous grandes canaes navegaveis que se trifurção nos seus suburbios, não vai longe a inducção natural que a descripção do Jehovista requer.

Em apoio dessa theoria, hoje universalmente aceita pelos manuaes e commentarios biblicos, Delitzsch desenrola uma immensa cadeia de palavras assyrias e accadianas sabiamente urdidas e enfeixadas para confirmar um facto, aliás indubitavel e que elle é o primeiro a confessar, isto é, que essa localisação é toda artificial: (1)

«Uma separação entre as aguas do Tigre e do Euphrates de um lado, e de muitos canaes babilonicos de outro lado, era então pouco perceptivel; eram elles largos e navegaveis como os proprios rios e davam origem a outros pequenos canaes semelhantes a si, e eram tão semelhantes, como já notamos e mais adiante

(1) F. Delitzsch — *Wo lag das Paradies?* — 50-51.

notaremos, e ás vezes tão velhos, alcançando em parte a uma antiguidade tão immemorial, que já estavam esquecidos como obra humana e pertenciam desde então á lenda, relativamente ao Narrador do Genesis, que sem um anachronismo demasiado claro poderia ser commettido, tomando-o como certo que elle poderia datar desde o tempo da plantação do Eden.»

Será necessario dizer mais sobre a forma artificial dessa localisação que a põe bem abaixo da grandiosa tradição correspondente dos Aryanos?

Será necessario chamar em nossa ajuda a Geologia, a Paleontologia e a Anthropologia prehistorica, para provar que nem todos os animaes da creação, nem o proprio homem, podiam ter escolhido este ponto do Globo terraqueo, para d'ahi se espalharem e se adaptarem aos climas dos diversos continentes então incognitos ao Jehovista?

Basta, porém, consignar essa opinião do proprio autor da theoria. que passa por orthodoxa bastante para ser apregoada pelos apologistas, e voltemos ao mytho segundo os dados da assyriologia.

A palavra hebraica *Eden* nada tinha que vêr em sua origem com a significação derivada de *delicia*: ella veio de Babylonia com a significação de «campo, deserto, steppe».

O ideogramma habitualmente usado neste sentido, segundo um syllabario encontrado por Mr. Rassan, dá á palavra assyria — *Seru*, «o deserto», o equivalente na outra columnna de *i-di-ni*; o que

nos auctorisa a conjecturar, que esta palavra nos tempos primitivos não era uma palavra semitica, apesar de apparecer-nos como uma sub-forma dessa lingua.

Naturalmente, tomou a palavra — *Edinu* — uma significação de nome proprio para o narrador hebreu, como tantas outras vezes acontece a uma lingua, derivada como a hebraica, que faz derivar uma significação differente por intermedio de uma ideia associada a algum facto tradicional que a eleva a nome proprio.

Assim aconteceu com a palavra assyrio-chaldeana — *edinu* — significando «jardim de delicias» d'onde proveiu a ideia abstracta connexa de — delicias — que usufruia o primeiro homem nesse jardim plantado pelo proprio Jahveh.

O territorio que mais propriamente tomou esse nome, era uma paisagem babilonica comprehendida entre *Tekrit* até o Tigre, desde o Ana ao Euphrates, e partindo desses canaes em direcção ao Sudoeste a encontrar as embocaduras agora obstruidas de ambos os dous grandes rios, formando uma grande depressão ou steppe, que uma vez regada abundantemente pelos quatro rios edenicos, transformou-o n'um ceueiro tão inesgotavel como o Delta egypcio. E' nesse sentido que se deve comprehender esse — «Campo» — onde Jahveh plantou um — «Jardim» — e collocou o Homem.

O Ideogramma que equivale a *Jardim* em assyrio é *Kar*, ⁽¹⁾ tendo o equivalente accadiano de — *Ga*—

(1) Eb. Schrader — Die Keilinschriften und das Alte Testament — pag. 27.

na — com o mesmo sentido em assyrio de — *Gi-nu-u* — que um syllabario esclarece, pondo em frente n'outra column, a palavra assyria — *Ik-lu* — «campo». E' o mesmo phenomeno que se dá como quando nós adoptamos a palavra ingleza *Park*, significando em todas as linguas europeas — «jardim de grandes dimensões imitando artisticamente a natureza».

A distribuição simultanea dos dous grandes canaes em questão era a seguinte: — 1.º o *Shat-el-Nil* que communica os dous rios pelo centro do paiz; enquanto que o 2.º, o *Pallakopas*, toma a direcção parallelá ao Euphrates do lado do deserto da Syria, na occasião em que as aguas do grande rio, aeabando de descer das montanhas da Assyria, encontram a grande depressão onde começa a extensa planicie, *Edinn*, em que assentava a metropole babilonica. Este 2.º canal é o resultado de um desvio da torrente do antigo estuario. Em substituição ao estuario desaparecido, ficava agora no local do antigo leito, esse canal aperfeçoado pela mão do homem.

O grande geographo allemão Ritter, que primeiro emittio essa opinião autorizada, affirma que essa tendencia dum rio para procurar o caminho que elle segue actualmente, não é a primeira vez que se realisa na evolução physica do globo. Por outro lado essas tendencias naturaes das proprias forças physicas em acção, tem sido ajudadas pela intervenção directa do esforço humano, desviando em remotas éras as aguas do Nilo, do Ganges, do Indo etc.

O canal Palakoppas-Pishon, vai desaguar nos lagos de *Marad*, donde continúa avisinando-se da torrente principal, atravessando a veneranda cidade de Ur, patria de Abraham, afim de reentrar no mar perto da foz do Euphrates. Este facto por si só é sufficiente para o collocar no numero dos rios sagrados do Eden chaldeu.

Quanto á etymologia da palavra hebraica *Pishon*, propõe Delitzsch a palavra accadianna — *pi-sa-an-na* — «reservatorio», o lembra a transformação de um nome commum em nome proprio, donde resultou o nome grego de Palakoppas, de *palay* — canal. Mas não passa, por enquanto, esse confronto de uma hypothese muito controvertida por outros assyriologos, como Schrader ⁽¹⁾ e Halevy ⁽²⁾; sendo, porém, de esperar que uma descoberta feliz ainda possa trazer novos elementos para vir confirmal-a, como todos os dias está acontecendo n'uma sciencia tão nova e tão promettedora. O Pishon «percorre todo o paiz de Chavilla», diz o Jehovista.

Ora, este paiz tem um nome que significa genericamente em hebraico — «Terra das dunas, ou arêas, o que implica uma situação sobre o deserto que vai da Syria a Babylonia.

Isto ainda mais se corrobóra com uma phrase de Samuel (L, 15, 17) que diz. haver Saul batido os Amalecitas «desde Chavilla até Schur, que está defronte do Egypto».

Não se conhece nenhum povo mencionado ex-

⁽¹⁾ Eb. Schrader — op. cit. pag. 29.

⁽²⁾ F. Halevy — *Mélanges d'Épigraphie* — pag. 149.

pressamente com esse nome; ao passo, que a posição apontando para o Sudoeste do deserto da Syria em direcção á Arabia a enfrentar com o Egypto, indica uma terra não occupada por algum povo especial; mas sim, genericamente, para o lado do «Paiz das dunas», que se estende até o Palakoppas onde de novo reaparece a vegetação.

O 1.º rio na ordem do texto biblico é o *Gihon*, que é o mesmo Shat-el-Arab, chamado pelos assyrios *Arahtu*. Esse canal interior da margem esquerda são do Euphrates, logo depois de atravessada Babylonia, communicando por um braço com o Tigre e indo por outro maior, á cidade de Nipur até encontrar a de Larsam — «a cidade dos livros» — de Berosio, em grego appellidada, Pantibiblia, d'onde logo abaixo faz junção com o Shat-el-Hai, que lhe vem em angulo obliquo, derivado do Tigre sobre a cidade de Erech — «a cidade de Izdubar»; d'onde, finalmente, entram junctos, outra vez, no Euphrates, desenhando um vasto triangulo sobre a planicie encerrada entre os dous grandes rios.

Sabemos que o nome assyrio do *Arahtu*, traduz-se em accadiano por, *Ka-ga-an-dê*.

A palavra *dê*, significa — «escoar, banhar, inundar». O nome hyeratico *Ku-ga-an-na*, mudando a guttural *Ku* por outra em *gu* dá-nos, *Gu-ga-an-na*, que explica a formação de *Gugana* e *guhana*, em que transparece a forma hebraica do *Gihon* biblico.

N'uma invocação magica aos rios e montanhas sagradas, o *Arahtu* é chamado o canal «que leva a

vida em Babylonia», isto é, a fertilidade, a riqueza e o bem estar para o paiz de *Tintira* que significa duplamente — «A fonte da Vida» — e também — «Jardim da Vida», onde estava situada a — «Arvore da Vida» — cuja séde, segundo uma inscripção notabilissima, já por nós citada no capitulo III, é o «lugar central do Mundo». Essa região fertilissima era obra dos proprios deuses, ou mais propriamente, o *Ganduniash*, isto é — «O Bosque ou o Parque do Deus Duniash», sem duvida um dos epithetos do deus Ea, o Jahveh do Pantheon babylonico.

Diz o narrador biblico, Genesis (II, 13), localizando com precisa exactidão o Gihon: — «este é o rio que rodêa a Terra de Kusch».

Os hebraistas, até ha pouco, apenas conheciam *Kush* como filho de *Kam* e irmão de *Mizraim*; ora, sendo notorio que Mizraim é o Egypto do Delta e a primeira séde da emigração civilisada no valle do Nilo, o seu irmão Kush synthetisava os povos do Alto Egypto desde as primeiras cataratas até os confins da Abyssinia.

D'ahi a fazer do Nilo um dos rios edenicos, não havia que duvidar, apesar do absurdo geographico de uma tal interpretação.

Mas ha uma indicação que a Taboa Genealogica do Genesis (X, 8) fornece expressamente: — «Kush gerou Nemrod, que reinou sobre Babel, Erech, Accad, e Calneh na terra de Senaar».

Ahi temos uma tradição profundamente antiga, lembrando que abaixo da camada semitica dos dous

ultimos milennios A. C., existio outra raça que posteriormente foi suplantada, nessa mesma região até ha bem pouco considerada puramente semitica. Nesse texto acha-se mencionado a Erek de Izdubar, e a Accad de Sargon I, o Antigo conquistador lendario, sob o qual florescera a edade aurea da literatura summero-accadiana no 3.º milenio A. C.

As inscrições anteriores a esse tempo, mencionam reis que se intitulavam, como *Agukakarimi* de Babylonia: — «Rei dos Kassu, dos Accadianos, rei da terra de Babylonia e dos paizes circumjacentes» — ou como o rei *Karanidas*: — «Rei de Babel, rei de Sumer e de Accad, rei dos Kassu, (Ka-as-su-u) e rei de Kardunias». — Temos pois ahi reis que, como Nemrod filho de Kush, dominaram sobre a mesma região inclusive o paiz dos *Kissiai* de Herodotus, que colloca esse povo assim denominado, perto de *Elam*, isto é, da Susiannia, sobre a qual reinaram os principes persas descendentes de Cyrus. Estes povos tinham, segundo Rawlinson, (1) uma tez morena e o typo muito approximado dos ethiopes.

Resumindo esta exposição, temos uma fonte principal com dous braços, um acima e outro abaixo de Babylonia, pondo em communicação as aguas dos dous rios que têm nascentes nas mesmas montanhas e fóz independentes.

Não nos embrenharemos na *selva obscura* dos productos das florestas e das minas dessas paragens para verificar quaes os productos maravilhosamente

(1) Rawlinson - The Five Great Oriental Monarchies — II, 500.

preciosos de que eram dotados: não nos achando sufficientemente convencidos senão que o ouro é produzido pela «Montanha do Nerte onde moram os Deuses» em quantidade incalculavel, se é que a maravilha não faz della toda uma montanha exclusivamente desse metal, ou pouco menos; porque della se desprendem visões radiantes inteiramente sobrenaturaes, quando irradia o Sol no Oriente.

Se é verdade que a tradição localisa a dispersão da humanidade «nas planícies de Sennaar» de que Babylonia é o centro principal, possuindo antes do Deluvio o Eden, e apoz elle a Torre de Borsippa nos seus suburbios: segue-se que essa localisação, dentro da propria metropole semitica, é uma lenda posterior á irradiação da humanidade, que, segundo a propria tradição primitiva, viera de uma região montanhosa e não plana e baixa como essa.

Mas, uma cousa são as condições physicas do sólo em relação á evolução da especie, outra é a adaptação della em condições de aperfeiçoar-se quando o meio physico que um ramo de raça encontra no seu caminho, é favoravel no mais alto gráo, para a lucta com a natureza e contra seus semelhantes, na perpetuação da especie.

Aos primeiros habitantes presemitas que occuparam essas florestas de vegetação exuberante, d'uma riqueza privilegiada e primaveril, pareceu-lhes esse o unico Jardim digno de nelle ser collocado o primeiro Homem, segundo a longinqua tradição prediluviana. Porque essa raça, achando-se feliz e longe

dos desertos desolados e das montanhas brumosas do Norte, pode, por isso mesmo, desenvolver os elementos de uma civilização, que outras populações menos favorecidas pela natureza não tinham conseguido até ahi, por não haverem como ella, encontrado uma paz e uma segurança relativas que lhes permittissem meditar sobre as grandezas da criação, que tanto mais sem par lhes parecia quando é certo que só a comparavam com os desertos que a isolavam pelo Sul e pelo Occidente e com os montes escarpados do Norte e do Oriente.

E' nessa posição de um povo primitivo que a lei do meio tem todo o seu valôr relativo, como muito bem diz Buckle, ⁽¹⁾ porque então possui ella immensa força contra o homem primitivo, inermes pelos instrumentos de que se serve e pelas fracas acquisições intellectuaes das raças ainda num tal estado primitivo de desenvolvimento.

O homem civilizado é superior á lei do meio. E a prova está em que onde um australiano mal consegue caçar, o inglez funda um novo imperio.

Não éra assim nos tempos primitivos, nem o é ainda hoje entre as raças retardarias não extinctas pelo contacto do homem civilizado, nem tampoucos dos que se aproveitaram da corrente da civilização occidental que tem inundado todo o globo.

Na região de que tratamos a maior somma de riquezas naturaes, une-se á maior facilidade para a confederação das tribus com o fim de congregadas

(1) Buckle — Histoire de la Civilisation en Angleterre — vol. I, Intr.

repellirem os longinquos invasores mais disseminados e desunidos pela escassez dos viveres que os tornam menos aptos para o *struggle for life*.

Assim como os Accadianos civilisaram o Senaar, tambem os Chinezes só depois de chegados á foz do rio Amarello, organisaram as Cem Familias sob Fo-hi; os Aryas só cantaram os Hymnos Vedicos depois de baixados dos paramos do Merú e fixados na Penthapotamia onde receberam as leis do Manu; e finalmente os Egypcios, só depois de definitivamente dominarem o Delta do Nilo, é que se organisaram debaixo do poder de Ménés, o primeiro dos Pharaós.

Na America contão-se dous factos identicos: o dos Aztekes do Mexico e o dos Peruanos.

Qualquer destes dous povos, os unicos verdadeiramente civilisados que se encontraram no Novo Continente, apresentam-nos exemplos frisantes do que deixamos acima affirmado acerca da influencia civilisadora que resulta para um povo do seu isolamento dos outros, no periodo primitivo.

Os mexicanos, por exemplo, tinham um sufficiente isolamento, situados como estavam no Jucatan e na America Central, limitados pelo mar que os cercava, deixando apenas accessivel a qualquer ataque, as fronteiras da California. Mas contra o ataque das hordas septentrionaes, possuiam uma organização militar relativamente superior que os tornava dominadores dos seus imbelles visinhos.

O Perú é menos humido e chuvoso do que a

baixa região Amazonica, o valle tropical por excellencia, a Hyléa de Alexandre Humboldt, onde a natureza sempre dominou o homem selvagem.

Outro tanto, porém, não acontece nas costas andinas do Pacifico onde os Andes os separam dos barbaros das selvas invias da planicie inferior, segregando-os nos páramos ferteis, pairando nas frescas alturas do lago Titicaca, onde, seguros, poderam accumular e conservar uma civilisação original, ou importada dos Quetzkoatl mexicanos.

Ha, portanto, um mal entendido principio scientifico, quando alguns autores sustentam que os Chaldeus e os Egypcios são os mais antigos dos povos, só porque foram os primeiros que se civilisaram e escreveram a sua historia em monumentos de uma antiguidade remotissima.

Antes de proseguirmos firmémos, porém, um postulado. Sem discutirmos aqui qual das duas hypotheses: se a do *polygenismo* ou se a do *monogenismo*, é a verdadeira, antes crendo que a familia humana, tal qual a conhecemos pela anatomia comparada, vem de um unico *centro de apparição* apezar, comtudo, de que tão differenciada e dispersa se encontra por toda a terra e isto desde os alvôres da Historia; seja-nos licito affirmar que ella forma, não uma *classe* de seres, talvez mesmo menos do que um *genero* em classificação, e portanto pertence a uma só especie, sem buscar agora inquirir si ella éra forçosamente constituida como é hoje, nas edades quaternarias e mesmo nas terciarias si é que ella já então existia.

Acceito o postulado acima estabelecido, como o que mais approximado se nos parece da verdade scientifica, ainda assim a localisação semitica que o Genésis contém, está inteiramente fóra dos horizontes apontados pela anthropologia.

Quatrefages, um dos grandes especialistas na materia, cuja autoridade parece ser acatada pelos orthodoxos, expõe a questão de modo a rejeitar formalmente a lenda babilonica, collocando-a em posição inferior á Ariana que mais se approxima da fonte commun.

Diz elle ⁽¹⁾ resumindo a questão:

«Será possível ir mais longe ainda e procurar determinar a posição geographica do centro da apparição humana?

Não poderia abordar aqui o problema em seus detalhes. Eu me limitarei a precisar-lhe o sentido e indicar as soluções provaveis, segundo os dados da sciencia actual.

Notemos primeiro que, quando se tracta de uma especie animal ou vegetal, daquelles mesmos cuja area é mais circumscripta, ninguem pergunta qual o ponto preciso onde ella pode mostrar-se pela primeira vez.

A determinação de que se trata tem sempre alguma cousa de vaga e é forçosamente approximativa. Não se po-

⁽¹⁾ Quatrefages — L'Espèce Humaine -- 130.

deria pedir mais, quando se trata de uma especie hoje espalhada para toda a parte. Nesses limites, é permitido formular, ao menos, conjecturas, tendo para ellas uma certa probabilidade.

A questão se apresenta com caracteres bastante differentes, segundo se pára no tempo presente ou se tem em conta a antiguidade geologica do homem. Todavia, os factos arrastam para as mesmas regiões e parecem indicar dous extremos. A verdade talvez esteja entre ambos.

Sabe-se que ha na Asia uma vasta região, rodeada ao Sul e Sudoeste pela Himalaya, a Oeste pelo Bolor, ao Nordeste pelo Ala-Tau, ao Norte pelo Altaï e seus derivados, a Leste pelo Kingkan, ao Sul e ao Sudeste pelo Felina e o Kuenlun.

A julgar pelo que existe hoje, esse grande macisso central poderia ser olhado como tendo encerrado o berço da especie humana.

Com effeito, os trez typos fundamentais de todas as raças humanas estão representados nas populações agrupadas ao redor desse macisso. As raças negras são as mais afastadas delle, mas têm por toda a parte estações marinhas onde as encontramos puras ou mestiças desde as ilhas Kiussiu até as Andaman.

No continente, ellas mesclaram o seu sangue com quasi todas as castas e classes inferiores das duas peninsulas gan-géticas; são ainda encontradas puras em ambas, remontando até o Nepal e *esten-*

dendo-se ao Oeste até o Golfo Persico e o lago Zareh, segundo Elphinstone.

A raça amarella pura ou misturada com a branca em alguns logares parece occupar sosinha a area de que se trata; ella povôa-lhe a redondeza ao Norte, a Leste, ao Sudeste e a Oeste.

Ao Sul ella se mistura mais, mas nem por isso deixa de formar um elemento importante da população.

A raça branca por seus representantes allophylos, parece haver disputado a area central á amarella. No passado encontramos os Yu-Tchi, os U-sun ao Norte do Hoang-Ho; em nossos dias têm-se assignaladô ilhotas de população branca no pequeno Thibet e no Thibet oriental. Os Miao-Tsê occupam as regiões montanhosas da China; os Siapath resistem a todos os ataques nas gargantas do Bolar. Sobre os confins da area, encontramos os Ainos a Leste, e *os japonexes das altas castas*, os Tinguianos das Phillipinas; ao Sul os Indus. Ao Sudoeste e ao Oeste o elemento branco, puro ou mesclado, domina inteiramente.

Nenhuma outra região do Globo apresenta uma semelhante reunião de typos humanos extremos distribuidos ao redôr de um centro commum. Por si só este facto poderia inspirar ao naturalista a conjectura que exprimi mais alto.»

Esta exposição succinta e comprehensiva, que tivemos o prazer de transcrever para corroborar

fortemente nossa opinião, diz tudo quanto desejaríamos saber sobre este assumpto.

O que acima transcrevemos apenas refere-se ao conjuncto das raças humanas actuaes: quanto á evolução pela qual ellas passaram para se diferenciarem até ao ponto em que as encontramos agora, implica a destruição de muitas raças *quaternarias* e mesmo *terciarias* ainda não bem discriminadas, por que para isso era necessario primeiro explorar todas as regiões do globo ainda intactas como a Africa e a Siberia.

O Marquez de Saporta ⁽¹⁾ n'uma obra de paleontologia vegetal que temos diante de nós, descreve-nos a flóra do Pólo Artico, segundo os bellos trabalhos de Oswald Heer. Ahi se descreve um clima terciario tropical que confirma uma das inducções do genio, de Buffon sobre a dispersão das especies superiores

Dizia Buffon que a Terra devia ter-se resfriado a começar pelos pólos, e que nessa baixa progressiva de temperatura a flora e a fauna se modificaram: desse Mediterraneo do Pólo Arctico se dissiparam, uma e outra irradiando pelos dous mundos os seres mais aperfeiçoados acostumados ao novo clima do Globo.

Esta thése se confirma quanto aos antepassados das plantas phanerogamicas superiores desenvolvidas no periodo pre-glaciario, porque é d'ahi que se dispersaram para os dous continentes muitos *generos*

⁽¹⁾ Saporta - Le Monde des plantes avant l'apparition de l'Homme 331.

e *especies* communs aos dous Mundos e que a paleonthologia vegetal da região indicam como existindo ahi em vastas e frondosas florestas, bem diferentes dos cryptogamos arborescentes das edades anteriores.

«O homem existe já ahi *talvez*, mas não encontrou ainda o caminho da Europa, diz este sabio, mas é tão timido, procura com tanto cuidado moradas nos logares affastados e de tão difficil accesso que suas pegadas nos escapam. Os *Dinotherium* eclipsaram-se ha muito tempo, mas os primeiros elephantes, os primeiros cavallos, os rhinocerontes de largas narinas erram cá e lá, emquanto o urso (*Ursus arvensis*), a hyena pliocena e um terrivel carnivoro, o *Machairodus*, espreitam procurando suas prezas.»

Estes não são os mesmos que se enumeram como proprios do quaternario e que desde muito tempo são encontrados de envolta com ossadas humanas de raças desaparecidas.

Se é desse centro que se irradiou a raça humana do Plioceno Superior ou mesmo do Mioceno, só mais tarde saberemos com certeza; o que nos importa, pois, é provar que se desde então existia o homem, elle só se civilisou no Plateau Central da Asia, no «Tecto do Mundo», d'onde baixou em massas já sufficientemente organisadas para irem fundar imperios de mais vasta duração nas embocaduras dos grandes rios.

O que é indubitavel, diz Mr. Sayce, é que:

«O alto gráo de perfeição que os Egypcios tinham alcançado antes da data dos primeiros monumentos, com os quaes estamos acostumados, *implica innumera-reis edades* de previo desenvolvimento. As civilisações do antigo mundo -- do Egypto, da China e de Babylonia, *foram todas creações dos grandes rios.*»

Mas não são só estas considerações que nos levam a crêr que a these que sustentamos é bem fundada.

Os proprios hebreus tambem procuraram collocar tanto quanto possivel ao pé do Templo do Monte *Moriah* a tradição que cada nação alardeava de possuir dentro de seus dominios.

A idoia que presidiu á fundação do templo de Salomão e de Ezequias que o reformou, foi a de distribuir as aguas da collina Sagrada como se desvessem todas derivar da fonte existente no interior do Templo, considerado por sua vez como o — Umbigo do Mundo. (Ezechiel, V, 5).

Assim diz Jahveh: «Esta é Jerusalem, a qual puz no meio das gentes, e as terras ao redor della.»

E' essa a pretensão que têm todas as tradições que localisam o ponto central do mundo no proprio territorio e olham como dependentes de si tudo que os cerca.

D'ahi, á pretensão de dominar os povos como direito de uma nação privilegiada a espera de um

Messias que a todos subjugue, não vai mais do que um passo.

Mas é tão vaga a collocação desse ponto geographico que nem se póde saber bem ao certo, onde fica essa — *Har qadesch Elohim*.

Se tomarmos o texto do Elohista — essa montanha é o Ararat; mas o Jehovista nos diz formalmente que foi — «emigrando do Oriente», que Noé chegou ás planicies do Shinear. Ora si assim é, essa montanha concorda antes com a posição do Monte de *Nixir* do que com o Ararat que fica manifestamente ao Noroésto dessas planicies. Melhor comprehenderemos essa indicação se prolongarmos nessa direcção a linha da emigração. Assim chegaremos á fonte commum indicada pelos arianos no centro da Asia.

Essa é positivamente a tradição dos sumero-acadianos que não indicão exclusivamente Babylonia, com as mesmas intenções dominadoras com que os Judeus adoptam Jerusalem. Elles conhecem outros pontos ao Norte onde collocam o seu Olympo, o Aralu, a montanha resplendente; assim como determinam o actual monte *Rox-Wandix* como o ponto de descida da Arca de Hasishatra.

A posição geographica da montanha biblica do Ararat, chamada *Urartu* pelos assyrios, está, como sabemos, ao Norte do Lago de Van; porém a narração do diluvio Chaldeu faz parar o navio na Montanha de *Nixir*.

A posição exacta dessa montanha, fica entre *Mossul* e o lago de *Urmia* na outra encosta da

cadeia do Kurdistan. nas alturas do monte *Ro:-Wandix*, entre o 35° e 36° grãos de latitude Norte. Essa região está perfeitamente determinada por uma inscrição que descreve a campanha effectuada pelo rei ninivita *Assur-nacir-abal*, na eponymia de *Aschur-idin*, (882, A. C.) e onde se lê a descripção da viagem dessa expedição ao paiz de Nizir:

« Eu parti da cidade de Kalzu; passei o Zab inferior e entrei no paiz da visinhança immediata da cidade de Batibê.»

A cidade de Kalzu chama-se hoje Shamanek, ao pé de Arbelles, e Batibê está situada perto do paiz de Nizir, na parte superior da Pequena Zab, como se vê da outra inscrição que completa a narrativa da Campanha: (1)

« Parti, diz o rei, de Batibê, e approximei-me do paiz de *Nixir*, que se chama tambem *Sullu-Kimippa*; occupa a cidade de *Bunasi*, a capital de *Murasina* e 20 cidades dos arredores; os habitantes refugiam-se nas altas montanhas; *Assur-nasir-abal* que marchava na vanguarda, arrojou-se atraz delles com seus guerreiros como passaros de rapina; juntou de cadaveres a montanha de *Nixir*, aprisionou 326, tomou-lhes os cavallos, as bagagens e tudo o que tinham levado para a montanha, etc.»

A montanha de Hasishatra é portanto o monte

(1) Ménant — Annales des Rois d'Assyrie — pag. 76 — (C. II, 1, 33).

Roz-Wandiz e differe completamente do Ararat de Noé. Isto prova ao mesmo tempo quão indeterminado é o local tradicional da dispersão dos povos, dentro mesmo de cada raça; quanto mais n'uma nação tão vagabunda como a judaica que por toda a parte ia encontrando essas localizações tão contradictorias, vindas de todos os pontos do horisonte. Se ha mythos evidentemente de segunda mão na Biblia, esse é tal que custa a dar-se a sua paternidade como pertencendo a uma unica raça, ainda mesmo quando se a quisesse attribuir exclusivamente á semitica; porque essa mesma recebeu-a em segunda mão dos chaldeus que a adaptou a final ás suas planicies inundadas, uma tradição que vinha dos altos montes do centro do Continente.

A crença n'uma Montanha Sagrada, morada dos Deuses e dos grandes homens, tomou o nome de *Olympo* na Grecia, de *Merú* na India, de *Hara-Berezaiti* na Persia, de *Aralu* na Assyria ou mesmo de *Har-qadesch-Elohim* na Judéa. Sempre a mesma montanha mythica se desloca no horizonte visual e acompanha cada povo em suas peregrinações, atravez das edades mais remotas.

Os textos cuneiformes contêm numerosas referencias á «Montanha das nações», em accadiano — *Garsag-kurkurra*; — chamão-na tambem — «Montanha Sancta» — em accadiano — *Kur-kû*.

Essa montanha é a morada dos Grandes Deuses, como o attesta uma inscripção que diz: — «Os Grandes Deuses que habitam a montanha das na-

ções». Ella é — «O Monte do Oriente», d'onde provieram os povos da Mesopotamia, — «o ponto cardeal da Montanha» — em direcção da qual todos os povos se recordam de haverem marchado por occasião da sua primitiva dispersão pela Terra.

Havia em Nipur um templo venerando do typo das pyramides de 7 andares coroado no seu cume pelo Sanctuario do Deus Bel, cuja significação astrológica e mágica refere-se aos 5 planetas, ao Sol e á Lua; relembra tambem o Olympto Chaldeu, o Aralu, d'onde provieram as nações. A visão de Jacob que colloca ao acordar um monte de pedra que mais tarde será o templo do Deus de seus descendentes era uma *climax*, isto é, uma escada por onde subiam os Elohim, até o cume onde se achava o Deus de Israel. Era o compromisso de erigir um templo dessa forma pyramidal que tinham tantas vezes admirado na Mesopotamia, os seus antepassados Therahitas.

Neste sentido, temos entre muitos hymnos um que a descreve como:

«A grande montanha de Bel no Oriente,
a sua dupla cabeça attinge os céos.
(Babel tambem tinha essa pretensão)
O Oceano bate suas encostas.

Entre os paizes ella é como o bufalo
possante que se repousa;

Seu duplo corno brilha como um raio
do Sol

Como a estrella prophetica do céu
quando completa o brilho.»

E' para lá que vão os heróes e os semideuses como Ea-Bani, ou aquelles que, com o rei *Takulti-abal-escharra I.º*, para lá vão em plena gloria:

«Vós o cubriste com a thiara suprema, Vós o estabelecestes no paiz de Bel, Vós o gratificastes com o dom do commando, da sublimidade e da valentia como dotes de sua soberania, e por seu valor guerreiro e sua coragem proclamastes que *elle residiria eternamente na morada da Montanha das Nações.*»

E' ahi que está situado o Aral, onde se encontra na outra vida — « o paiz de céu prateado, onde o 'sólo produz sem cultura, onde os bens de bençam servem de nutrimento e de boas festas para regosijo», — «ahi elle alcança a cessação dos sofrimentos e das tristezas juncto dos deuses que habitam a Assyria.»

Uma vez conhecido o Aral assyrio, como o fizemos atraz, mais seguros ficaremos reconhecendo quanto estavam estas ideias encorporadas nas opiniões eschathologicas d'um propheta da estatura de Isaías, que usa de palavras proprias de um chaldeu na passagem importantissima de uma prophecia (XIV, 12-15) que revéla conhecimento exacto das opiniões chaldeanas a respeito do assumpto:

«Astro brilhante, filho da Aurora!
Estás abatido por terra,

Tu que abatas as nações!
Tu tinhas dito em teu coração:
— Eu subirei ao Céu,
levantarei meu throno
por cima das estrellas do Altissimo:
*Eu me assentarei na Montanha
da Assembléia no extremo Norte:*
Subirei sobre as alturas
onde pairam as nuvens
e serei semelhante ao Senhor. —
Mas eis-te precipitado
no Scheol (Aralu) bem
ao fundo da fóssa.»

Quem poderá desconhecer nestas palavras postas em confronto com os textos assyrios, chaldeus e accadianos, as mesmas doutrinas, fundadas nas mesmas tradições mythicas da humanidade primitiva?

Por esse propheta reconhecemos que o Scheol hebraico está ligado á posição assignalada ao Aral — «a Montanha da Assembléia» dos Deuses e dos Heróes — a região onde a vegetação é perenne e sem cultura como o Eden, ou os Campos Elysios; emfim, a montanha que domina toda a Terra habitada, d'onde se desprenderam as nações. Eis ahí um ponto de contacto entre todas as religiões, da qual resumbrá com a maior clarevidencia que o judaismo não é um producto unico e sem anteceden-tes mythicos na historia das ideias religiosas.

A evolução historica recobrou com as inscripções aqui estudadas, mais um elo dessa cadeia tantas vezes interrompida, como a dos animaes que a

paleontologia vai reconstruindo aos pedaços, até que possa, um dia que não estará longe, reaver os elementos que comprovam a genealogia dessa religião, até hoje tida como filha de si mesma, e sem ligação com a dos outros povos.

XII

Bab-Ilu

Nenhuma das lendas babilonicas consignadas no Genesis é mais caracteristica, sob o ponto de vista do polytheismo chaldaico, do que aquella que localisa o ponto definitivo de dispersão dos povos em redor de um desses monticulos artificiaes dos suburbios de Babylonia.

Ahi encontramos um dos pontos de contacto entre o pantheon chaldeu e a mais clara inclusão delle na genealogia hebraica.

Já muito antes de serem conhecidas as inscrições cuneiformes que vieram dar tanto peso e autoridade aos fragmentos mais longinquos das puras fontes de que se servia o grande Berosio, sabiam os gregos e hebreus alexandrinos, como Philon, Apion e Josephus, que as origens hebraicas tinham uma fonte directa nas tradições babilonicas.

Este ultimo redigiu mesmo, com fito de provar aos gregos do seu tempo, que Berosio e Manethon

confirmavam os dizeres dos antiquissimos livros sagrados, as suas *Antiquidades Judaicas*, que é ainda hoje um dos melhores commentarios dos annaes do povo hebreu, até o reinado de Tito, de quem foi um protegido.

Os proprios gregos da éra alexandrina, possuidores da celebre traducção biblica dos Setenta, tinham já debatido a maior parte dos documentos desses historiadores que vulgarisaram entre os gregos as antiquissimas tradições historicas do Egypto, de Babylonia, da Phenicia e da Palestina.

Mas, nem por ser um ponto debatido desde então, está elle melhor documentado nas inscripções cuneiformes até agora descobertas: pelo contrario, a redacção cuneiforme desse mytho, que infallivelmente existia, pois que Berosio falava sobre os filhos de Xisuthrus, elle que mais de uma vez recebeu dos monumentos a contra prova das inscripções, como essa do Canto XI do Poema de Izdubar sobre o Diluvio.

Devemos estar já habituados a essas falhas das inscripções, o que nos dá a sensação de que tocamos com as proprias mãos um monumento autentico dessas eras remotas onde deparamos com uma dessas inscripções inestimaveis pelo valôr de suas revelações, mas toda truncada e dilacerada exactamente no momento em que a nossa sedenta curiosidade exigia as palavras decisivas da interpretação ambicionada.

Em casos semelhantes os processos criticos supprem, pela inducção guiada pela exegese mais me-

ticulosa, os corollarios a tirar dos factos definitivamente adquiridos.

E a applicação neste caso não pôde ser outra senão a dos autores que reconstroem o mytho pelos textos dos gregos que se inspiraram mais ou menos directamente no livro de Berosio, como por exemplo, os versos da *Sybilla Berosianna*.

Essas curiosissimas collectaneas de versos contendo doutrinas meio gregas, meio chaldeanas, foram escriptas por christãos dos primeiros seculos n'um tom prophetico e apocalypticico que muito devia impressionar os discipulos dos apóstolos.

E' ahi que encontramos o fragmento seguinte onde se reflectem já deformados pela côr grega do mytho, as paginas perdidas de Berosio devidas ao abreviador Abydeno citado por Josephus: ⁽¹⁾

« A Sibylla fala assim desse grande acontecimento: Todos os homens não tendo então senão uma mesma lingua edificaram uma torre tão alta que parecia que ella devia elevar-se até o Céu. Mas os Deuses excitaram contra ella uma tão violenta tempestade que ella foi derribada, e fizeram com que aquelles que a edificaram falassem, em um momento, diversas linguas; o que foi a causa pela qual se deu o nome de Babylonia á cidade que depois foi edificada nesse mesmo logar.»

(1) Josephus — Antiquidades Judaicas — I, IV.

«Essa legenda, diz Schrader ⁽¹⁾, que nós encontramos aqui (no *Genesis*) não podemos duvidar que ella se liga a um monumento que existia na realidade, e que esse monumento não seja o edificio sagrado construido em forma de torre, em Borsippa, a Suéste de *Babylonia*.»

Na topographia de *Babylonia*, segundo o mappa de Mr. Oppert, vêmos duas importantes torres derrocadas, uma no centro da cidade ao lado do grande palacio dos reis na margem esquerda do *Euphrates* ao Norte de *Babylonia*.

Dentro da primeira muralha interior, chamada *Babil*, estava o templo que Herodotus ⁽²⁾ nos descreveu sob o nome de Templo de Belus n'uma passagem capital de suas *Musas* por meio da qual fez o sabio architecto Chipiez, collaborador de G. Pierrot na monumental obra sobre a *Histoire des Arts dans l'Antiquité* ⁽³⁾, uma restituição da *Babel* reconstituída graphicamente, com todos os detalhes da arte *babylonica*, trazidas e descriptas pelos exploradores dessas paragens do *Euphrates*.

Trasladamos para aqui as proprias palavras do pai da Historia:

«E' um quadrado regular que tem dous estadios em todos os sentidos (370 metros). Vê-se no meio, uma torre macissa, que tem um estadio (185 metros) tanto de comprido como de largo; sobre

(1) E. Schader — op. citada — pag. 121.

(2) Herodotus — *Historia* — (II, 2).

(3) Pierrot et Chipiez — *Assyria* — pag. 379.

esta torre se eleva uma outra, e sobre esta uma segunda, e assim em seguida de modo que se contam até oito (sete). A subida se faz pelo exterior, por meio de uma rampa que passa successivamente ao redor de todos os andares.

Quasi no meio da subida, existe uma camara com assentos, onde descansam aquelles que emprehenderam subir até o cume. Na torre superior está um sanctuario, e neste sanctuario um grande leito ricamente guarnecido, ao pé do qual está posta uma meza de ouro. Não se vê ahi estatua alguma, ninguém passa ahi a noute, a não ser uma mulher do paiz, designada pelo proprio Deus entre todas as suas companheiras, pelo que contam os Chaldeus que são sacerdotes desse Deus...

Nesse templo de Babylonia, ha em baixo, um outro sanctuario, onde se vê uma grande estatua de ouro que representa Zeus (Bel) assentado.

Perto dessa estatua está ainda uma grande meza de ouro; ao lado um throno com degrãos do mesmo metal.

Vê-se fóra desse sanctuario um altar de ouro, e um outro altar muito grande onde se immolam as victimas.»

Esta descripção que os proprios escombros *de Babil* e de Borsipa confirmaram, vieram mostrar quão exacta era a memoria de Herodoto e dão *uma* ideia do que era essa obra prima da arte naciona/*al* chaldeana, como o typo mais completo da architectura religiosa da maior metropole da Mesopotamia.

Não tinha a solidez nem as proporções das pyramides do Egypto, nem os sanctuarios eram tão vastos como os de Karnak, porque os materiaes eram de barro, de betume e não de pedra lavrada de dimensões monstruosas como as agulhas e os monolithos impereciveis das estatuas dos Pharaós.

Mas não lhes cedia em riqueza nem em ornamentos.

O nome de *Babil*, tem, segundo o Genesis, uma etymologia que lembra a «confusão» das linguas; porém podemos estar certos, que se na Biblia tudo tem auctoridade scientifica por ser inspirado, ao menos em questões etymologicas tão frequentes no Pentatheuco não passam em geral, como neste caso, de verdadeiros *calembourgs*. Não tem faltado hebraistas para dissertarem sobre esta interpretação, o que não impediu que a assyriologia nos dêsse a significação simplicissima desta palavra. *Babil*, se decompõe em *bab* «porta», e *Ilu*, El ou Elohim, o Belus grego ou Bel assyrio, o que significa — «Porta dos Deuses» — ou mais restrictamente — «Porta do Deus Ilu». derivado do nome accadiano, *Ka Dingira*.

A outra montanha ou outeiro de tijollos derrocados e queimados ao ponto de se tornarem duros e sinuosos como vidros derretidos, encontra-se na margem direita ao Sudeste, dentro da 2.^a muralha que cercava os suburbios da immensa metropole onde poderiam caber quatro perimetros de Paris. Essa torre derrocada é a de *Borsipa* que os doutos rabinos das escolas de Talmudistas da Edade-

Media apontaram sempre como a verdadeira «Torre das linguas».

Foi ahi que encontraram uma celeberrima inscripção em pessimo estado de conservação, com graves lacunas no texto e que muito deu que pensar aos especialistas.

Num estudo como este, inteiramente novo, fructo da reconstrucção paciente de uma lingua desapparecida cujo dictionario está ainda em formação, despertou uma serie de interpretações realizadas com a ambição de encontrar a contraprova do texto biblico: d'onde resultou verdadeiros desapontamentos a seus autores.

Entre outros G. Smith, ⁽¹⁾ um dos espiritos mais lucidos e geniaes que se têm dedicado a estes estudos, creu lêr n'umas taboletas da bibliotheca de Ninive conservada no *Britisch Museum*, uma outra inscripção que dizia entre outras cousas, as palavras seguintes nas linhas 12, 13 e 14 da primeira das trez columnas, reunidas por elle como pertencentes a essa nova inscripção sobre a construcção da Torre de Babel:

12. *«In his anger also his secret council pours out:*

13. *to confound their speeches he set his face.*

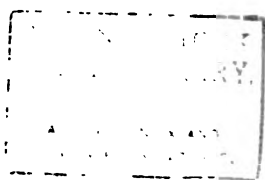
14. *He gave the command, he made strange their counsel, etc.»*

O reato é tão desconnexo e inintelligivel quanto

⁽¹⁾ G. Smith — The Chaldean account of the Genesis — pag. 161.



A TORRE DE BABEL EM BORSIPPA (pagina 368)



estas palavras são hypotheticas e mal interpretadas, segundo a opinião de outras autoridades.

Mr. Oppert propôz sobre a outra ainda mais celebre, uma traducção que desde a sua publicação em 1857, deu muito que pensar aos apologistas que imaginaram desde então terem em mãos a contra prova do texto biblico.

Essa traducção resava assim:

«Nós dizemos isto, a quem pertenceu este edificio: *O templo das sete luzes da terra*, e ao qual se liga a mais antiga recordação de Borsippa, foi edificado por um rei antigo (*conta-se de lá quarenta e duas vidas humanas*), mas elle não se elevou até o cume.

Os homens o tinham abandonado desde os dias do Diluvio, em desordem, proferindo suas palavras. O tremôr da terra e o raio tinham abalado os tijollos crús, e fendindo os tijollos queimados dos revestimentos; os tijollos crús do macisso esboroaram-se formando colinas. O grande Deus Merodach aconselhou meu coração a reedifical-o; eu não toquei nos alicerces d'elle. No mez da salvação, no dia feliz, eu perfurei com arcos de tijollos crús dos macissos e os queimados dos revestimentos. Inscrevi nos frisos das arcadas a gloria de meu nome. Puz as mãos na reconstrucção da torre até eleval-a ao cume; como outr'ora devia ser assim a refundi e reconstrui; como ella devia ser nos tempos afastados, assim elevei-lhe o cimo.»

Esta preciosa inscripção é devida ao grande Nabucodonosor tão famoso como reconstructor de Babilonia, como pelo captiveiro judeu.

Mas, infelizmente, para os que procuravam a contra prova de uma legenda, consiste ella apenas n'uma narração muito summaria sobre a antiguidade, sobre o facto de não ter sido ella acabada pelo primitivo rei que a emprehendeu, e pelo derrocamento devido á falta de exgottos que a minou e tambem pelo incendio que a devorou. Quanto á celebre phrase sublinhada por nós sobre «os tempos do Diluvio», as «quarenta vidas humanas» de data e «em desordem proferindo suas palavras», que pensavam referir-se á confusão das linguas, tudo dissipou-se diante de uma revisão do texto mais severa.

Esta nova interpretação traduzo-a, desta vez, do sabio allemão Eberhard Schrader, acima citado.

Nós dizemos assim:

27. «O Templo das sete luzes da Terra, a Torre Borsippa,
28. que um antigo rei erigira,
29. tinha de altura 42 covados,
30. cujo cume não tinha sido possivel edificar,
31. tinha sido esboroadada ha longo tempo.
32. Ella não tinha assentados os exgottos para absorpção completa das aguas pluviaes.

II columna.

1. A tempestade e o raio

2. tinham derrocado o seu revestimento;
3. as linhas do tecto foram incendiadas;
4. as proprias paredes do edificio foram levadas pelas enxurradas do alto da Torre.
5. Os grandes deuses Merodach e Sin incitaram-me a reconstruil-a... etc.»

Por esta primeira metade da inscripção, vêmos como os pontos rectificados destruíram a miragem da lenda de Babel, tanto tempo prestigiada pelo nome do sabio Oppert, que hoje, quarenta annos depois desse ensaio de traducção, não querendo deixar de acompanhar os progressos da novel sciencia da qual é um dos grandes cultores, não o sustenta mais como são testemunhas as suas memorias mais recentes.

Não ha sciencia que escape ás influencias das generalisações prematuras originadas do desejo de sabermos mais do que permitem os documentos; quanto mais nas arduas pesquisas atravez das difficuldades assombrosas de uma dessas linguas prenhes de desconhecidos problemas, que tanto agução nossa curiosidade.

O historiador deve sempre tomar dessas licções, para que aprenda a se deter no caminho das interpretações dictadas mais pelo espirito de systema do que pela rigorosa observação dos factos.

XIII

A Ethnographia

Não ha em toda a Biblia um documento mais original, tanto pela forma como pelo fundo, do que a Taboa Genealogica do capitulo X do Genesis.

Temos ahi diante de nós, não tradições mais ou menos obscurecidas com o decorrer dos tempos; mas verdadeiros mythos na legitima accepção da palavra.

Com effeito, os patriarchas-*individuos*, viveram no meio de *povos* procreados e fixados geographicamente por elles! Esse systema historico amplia essa filiação até meados do segundo millennio A. C., em que appareceram os antepassados, os descendentes e parentes de Abraham.

Segundo os textos biblicos que o reproduz, cada um desses *personagens* é *pai de povos* que viveram muitos seculos antes e depois do proprio Abraham; envolvendo-se muitos delles pela extrema visinhança, nos odios e nas antipathias dos hebreus que os reconheciam como consanguineos.

Essa lista faz parte das — *toledoth Noé* — e

é devida ao calamo do Elohista no qual se intercalou a legenda de Babel pertencente ao Jehovista; apparecendo este fragmento como uma verdadeira duplicata, em que se contem duas theorias sobre a dispersão e divisão das raças.

Mas, não ha cousa mais commum nos poemas antigos, como os de Hesiodo, por exemplo, do que encontrar esse modo de filiar um povo com outro por meio de personagens patronimicos.

Nós sorrimos quando sabemos que os gregos acreditavam realmente na filiação de Hellen por Deucalion, (o Noé grego) e que Hellen gerára 3 filhos, Ion, Aeolus e Dorus, pais dos trez grandes povos da Hellade-os Jonios, os Aeolios e os Dorios.

O Genesis, (X, 2, 3 e 4) onde vemos na lista dos filhos de Japhet, esse mesmo Ion sob o nome de Javan no meio de outros povos arianos, não tem outra significação.

O proprio Tacito nos conta na sua *Germania* que os Germanos eram descendentes de um certo *Teutsch* pai de *Manu* (o homem).

Foi por esse mesmo processo de individuação de povos e tribus que se creou esse genero especial de mythos que preenchem os *toledoth* do Livro das genealogias que invoca sempre Elohim.

Que a humanidade progride de individuos, a familias, a tribus, a povos e a imperios de vasta duração, ninguem duvida; mas é forçoso pôr de per-meio a tudo isso, seculos e mais seculos.

E', no emtanto, o tempo, esse factor imprescindivel, exactamente o que falta a essas genealogias

que supõem bastar duas dezenas de vidas, mais ou menos, para encher o mundo por duas vezes, antes e depois do Deluvio.

Edouard Reuss ⁽¹⁾, o grande exegeta de Strassbourg, explica-nos cabalmente como se formaram essas genealogias mythicas:

«A nação israelita formou-se a pouco e pouco de um certo numero de tribus, raramente unidas por um laço politico, mas que outras relações, e sem duvida tambem a do sangue, approximavam umas das outras, de tal modo que o seu parentesco era geralmente admittido, e era sem duvida, com o decorrer dos tempos uma especie de dogma. Dava-se a cada uma das tribus assim alliadas, um primeiro pai que tinha seu nome, e esses chefes eram considerados como irmãos, filhos d'um mesmo pai, que, elle proprio, recebia o nome da nação inteira. Mas como a alliança das tribus não era mais egualmente intima entre todas, e que além disso, não eram eguaes em poder e dignidade, adjudicou-se ao pai commun diversas mulheres, umas legitimas e livres, outras escravas ou simples concubinas, entre as quaes se repartiam os filhos rebentos.

Aquillo que se via diariamente nas familias, foi transportado para a historia nacional, que se reconstruia assim de um modo tão engenhoso quanto pictoresco.»

(1) E. Reuss -- La Bible -- I, 98.

Ora esse systema suppõe para Abraham, que é o ponto central destas lendas, a paternidade, ou quando menos o parentesco com todas as tribus que habitavam as circumvisinhanças do Mar Morto e do Rio Jordão. Não se tracta ahi dessas vidas de 500 a 1000 annos como entre os patriarchas primitivos.

Eram parentes em todos os grãos, vindos de Ur Kasdim e que chegados á Canaan a encontraram povoada o que as não impedio, de, segundo a Biblia, a repovoarem como se ahi ninguem existisse.

Ha um tal absurdo nesta affirmativa, que nos não podemos furtar ao desejo de o acclarar nestas linhas.

Si, como o sustenta o Genesis, os povos dessa região, provêm de uma só familia, no curto lapso de duas ou trez gerações, o proprio bom senso repelliria uma tal affirmação, se é que os monumentos não estivessem accordes em nos attestar que, longe, não digo, de ser deshabitada, mas somente pouco povoada antes de Abraham, foi, pelo contrario, n'essa região que se feriram, nos campos de Magido, duas ou trez das maiores batalhas das armas da XIX dynastia. Demais, as correspondencias das taboas de Amarna (¹), testemunham da existencia de Jerusalem e duma administração poderosissima dos Pharaós, senhores dessa região no XVI seculo A. C.

(¹) Records of the past — Vol. V. — Vide: Hugo Winkler — The Tel-el-Amarna letters — 1 vol. 8.^o

Mas isto devia já ter cahido no olvido quando redigiam essas — *toledoth Abraham* — onde nos contam que os Edomitas eram netos deste patriarcha por Esaú, irmão de Jacob, e de mais um terceiro povo por intermedio do filho de Hagar Ismael, o abandonado.

Esta ultima paternidade tem causado muitos embaraços aos mestres de creanças, que, entre os protestantes principalmente, lêem a Biblia ou a ouvem lêr, desde tenra idade. Ora, para quem procura nas Escripturas licções edificantes, não sabemos como explicar a historia de um pai que devia ser um modelo de amor e de piedade paternal, e que, no entanto, expelle sem recursos, de junto de si para um deserto inhospito, a pobre escrava que a propria esposa legitima conduzira a seu leito. Para justificar-o os apologistas, dizem que tal facto era um resultado dos *costumes* do tempo, que Sagra era caprichosa, etc.; mas esquecem-se sempre de contar a odiosa scena final.

Se fôrmos nos deter nos textos, não ha remedio senão torcer a moral; mas, si admittirmos que é um mytho ethnographico, então tudo se accelara: as genealogias se evaporam e as personalidades desaparecem para dar logar ás recriminações mais ou menos odiosas entre os povos que viveram em tempos posteriores a essas lendas patriarchaes.

Ninguem dirá que seja util o imitarem-se os casamentos de Jacob com duas irmãs, crime esse punido pelo Levitico (XVIII, 18) com a pena de morte.

Do mesmo modo, quem souber das intenções insultuosas de certas genealogias, compreenderá melhor o capitulo XIX do Genesis, onde se conta a vergonhosa historia do incesto de Lot com suas filhas.

Essas e muitas outras scenas de rivalidade entre os filhos de Jacob, são contos recolhidos na Biblia, com a intenção de rebaixar as tribus entre si.

Estas provas não deixaram de calar no espirito de muitos retrogrados melhor informados, que preferiram interpretar esses mythos como allegorias lembrando-se das proprias palavras de S. Paulo (Gallatas IV, 24). «O que se entende por allegoria» referindo-se á interpretação dessa passagem escabrosa da vida de Abraham.

Mas ahi ainda subsiste um motivo que a tudo prepondéra: é a necessidade de testemunhar da tradição e da successão nas éras mais affastadas quaes forão os depositarios das tradições e da adoração ininterrupta de Jahveh-Elohim.

Mas, para isso é forçoso que sejam homens em carne e osso como Adão, Noé e Abraham que nunca poderão ser tomados como personagens allegoricos.

Dahi provêm uma antinomia historica que faz de Heber «pai dos hebréus» irmão de Assur «pai dos Assyrios».

Ora, não havia nome de Divindade que superasse em Ninive ao grande Assur «pai dos deuses», o deus supremo, vencedor de todos os outros deuses das nações vizinhas.

Vimos atraz, que esse nome designava tambem a cidade de Assur sobre o Tigre.

Ahi vimos tambem que varios assyriologos, entre outros E. Schrader, ⁽¹⁾ traduzem o texto do Genesis (X, 11) da seguinte forma que altera o texto tradicionalmente acceto: — «E desta terra saio (Nemrod) para a cidade de Assur», e não segundo as velhas traducções: — «E desta cidade saio Assur (pessoa)».

Oppert, porém, n'um recente trabalho sobre a palavra *Assyria*, publicado na *Grande Encyclopédie*, ainda em andamento de impressão, diz sem uma sombra de duvida a esse respeito:

«A Biblia diz expressamente (Gen. X, 11) que Assur, filho de Sem, saio da Chaldea, do mesmo paiz onde o povo de Nemrod tinha estabelecido o seu poderio.»

Concedendo mesmo que seja mais provavel a opinião que faz originario da Chaldea Nemrod e não Assur, resta ainda assim o tio de Heber (Gen. X, 21-24) e irmão de Arphaschad.

Para verificarmos se têm ou não fundamento essa significação, dos dous fragmentos citados do X capitulo do Genesis, basta lermos um auctor catholico que tracta dessas questões, para rectificarmos o caminho tortuoso que léva a dissertação do Abbade Vigouroux, ⁽²⁾ que é um apologista parcia-

⁽¹⁾ E. Schrader — Op. cit. — pag. 96.

⁽²⁾ Vigouroux — La Bible — I, 277.

lissimo, que a cada passo, escorrêga por sobre dificuldades em que um olho, attento não pôde deixar de desvendar os subterfugios, apanhando-o continuamente em flagrantes contradicções, no caminho escabroso de suas âcomodações entre a exegese tradicional e a assyriologia.

Diz elle sobre Assur:

«O nome de «Assur» designa em assyrio um deus particular, uma cidade e um paiz. O nome do Deus differe, pela orthographia, dos dous nomes geographicos, que tinham a mesma pronunciação na lingua indigena.

A Biblia distingue estes dous ultimos nomes. Ella chama o paiz «Assur», e a cidade «Ellassar», como nós o veremos mais longe. *Ella nunca fallou do deus Assur*, tantas vezes invocado sobre os monumentos pelos reis de Ninive, de que era elle o deus nacional. Este deus Assur ou, «o bom», como o interpreta M. Oppert e que recebe nas inscrições o titulo de *Abu ilâmi*, ou «pai dos deuses», *não é provavelmente senão o antepassado dos Assyrios, divinizado*, o segundo filho de Sem que tinha esse nome e que o deu ao paiz onde se fixou.»

Como poderia um sacerdote confessar que o irmão de Heber, «pai dos hebreus», os habitantes «de além Euphrates», era esse mesmo Deus Assur, que na Biblia é «o pai dos Assyrios?

Dahi a contradicção clamorosa que diz no mes-

mo paragrapho: — «ella (a Biblia) nunca fallou do Deus Assur», e logo em seguida, forçado pela opinião auctorizada de M. Oppert, que esse Deus assyrio — «não é provavelmente senão o antepassado dos assyrios, divinizado».

Eis ahi uma dessas muitas passagens em que a consciencia do homem de sciencia clama contra os habitos das doutrinas obsoletas, contra os escrúpulos e susceptibilidades dos retardatarios, que nem tudo ignorando, procuram, ao menos, velar esses problemas com suas denegações.

As interpretações allegoricas são creações posteriores ás intenções dos redactores dessas genealogias, que personalisam, não só povos e deuses, assim como até ideias, como o demonstram as etymologias de varios nomes dos antepassados post-diluvianos de Abraham; Heber, significa «alem» Euphrates; Pelg, «separação»; Selah, «emigração»; todos estes nomes personificados relembram sob diferentes aspectos as emigrações dos israelitas que precederam o estabelecimento definitivo em Canaan.

Mas, se esta prova é já sufficiente quanto ao character mythico dos patriarchas, estudada á luz da mythologia comparada obtem a contraprova directa nas lendas que cercam os ultimos dias de Noé-Hasisathra-Xisuthrus-Deucalion.

* * *

Na mythologia grega encontramos um nome ao redor do qual vemos filiar-se uma grande mêsse de lendas sobre a renovação da humanidade, é a do Titan Japethos pai de Prometheu. Hesiodo ⁽¹⁾ conta no poema dos *Trabalhos e os Dias*, o modo pelo qual se extinguiu a idade de ouro, pela caixinha da indiscreta e curiosa Pandora, onde se reflecte o peccado de Eva sob a forma da irmã de Prometheu.

Esse mesmo poeta nos conta a revolta dos Titans contra Zeus que tentaram derribal-o de seu throno, onde queriam chegar amontoando o monte Ossa sobre o Pellion, como os filhos de Noé que queriam «tornar-se semelhantes a Deus», (Gen. X) elevando Babel até os céos.

Que é certo que esse nome figurava na narração de Berosio em que elle conta a revolta dos filhos de Xisuthrus, dando-nos disso testemunha o historiador da Armenia, Moises de Khoréne que diz emprestar a Berosio, ou mais exactamente a seus abreviadores gregos, a passagem seguinte:

«Antes da construcção da torre da confusão das linguagens dos homens; porém depois da navegação de Xisuthrus até o Ararat, os trez irmãos *Zerovan*, *Titan* e *Iapedosthé*, dividiram entre si o dominio da terra. *E elles me parecem os mesmos que Schem, Ham e Japheth*. Quando elles acabaram de dividir toda a face da terra, *Zerovan*, inchado de orgulho, quiz dominar sobre os dous outros.

(1) Leconte de Lisle — Hesiodo — p. 60.

Titan e *Iapedosthê* resistiram a sua violência e fizeram-lhe guerra, porque elle queria instituir seus filhos como reis sobre todos os homens. E durante esta guerra, *Titan* occupou uma parte dos limites hereditarios de *Zerovan*. Então sua irmã *Astlik* (Ischtar) interpoz-se entre elles, acalmou por suas seducções a contenda, e os fez convir que *Zerovan* teria a primazia. Mas os dous outros irmãos determinaram, ligando-se por juramentos, que matariam d'ora em diante os filhos machos de *Zerovan*, para evitar que sua posteridade não continuasse sua dominação. Para realisar esse projecto, elles encarregaram alguns dos mais activos dos companheiros de *Titan* para que vigiassem o parto das mulheres.

Mas *Astlik* (Ischtar), depois de convencionar com as mulheres de *Zerovan*, chegou a persuadir a alguns dos servos de *Titan* que conservassem em vida outros filhos, e que os transportassem para o Oriente, sobre a Montanha da Assembléia dos Deuses.»

Ahi temos um texto já bem precisado; mas apesar da côr e dos nomes alterados, reconhece-se que *Zerovan* é o *Zaravam-akarana*, «o tempo eterno ou illimitado», o equivalente exacto de Deus Saturno, que figura no mesmo lugar em relação a seu pai Uranos a quem depusera do governo do Universo. Saturno deliberou devorar os filhos de sua esposa *Gea* para não soffrer a mesma ingratição.

Japheth é claramente reconhecido em *Iapedosthê*

muito approximado do Japethos grego. Titan é a unica forma claramente grega de que se não encontra, em nenhum monumento semita, uma palavra que nos venha elucidar a razão pela qual assim denominam o synonymo do Sem hebraico.

Ha um nome nas inscripções cuneiformes com o qual procurão identificar esse personagem — um certo rei *Etana*, que viveu logo apoz o Diluvio e durante o periodo mythico, figurando entre outras lendas n'uma em que ha animaes «do tempo em que os animaes falavam», como a serpente do Paraiso.

Não julgo de bôa e prudente critica insistir n'um assumpto, onde ainda não foi dado aos assyriologos encontrar uma redacção cuneiforme que possa servir de transição, que se approximasse emfim, da forma semitica mais archaica, da qual proveio essa narração da revolta e das rivalidades dos Titans, cujo echo encontramos na maldicção de Hâm nas pessoas de seus filhos.

* * *

O character mythico depende da posição do povo hebreu, e das relações historicas que precederam o seu estabelecimento definitivo em Canaan, procedendo dahi as informações colligidas pelo auctor desse documento ethnographico.

Essa pagina do Genesis é certamente da lavra de alguem que possuia conhecimentos bastante vas-

tos, segundo Ebers, (1) em geographia e ethnographia dos paizes circumvisinhos. Se, por um lado, vemol-o falar nas grandes ilhas do Mediterraneo occupadas pelos filhos de Japheth; de outro, elle enumera os povos que viveram em contacto historico com as XVIII° e XIX° dynastias do Egypto, e para conhecer essas fontes diversas era forçoso ter viajado nas regiões comprehendidas no seu horizonte geographico.

Isso, porém, não implica que tenhamos diante de nós uma obra scientifica impecavel, como pretendem que o seja os apologistas da sciencia biblica.

Incumbe-se de nol-o dizer Fr. Lenormant (2) que commentou esse capitulo em 3 longos volumes:

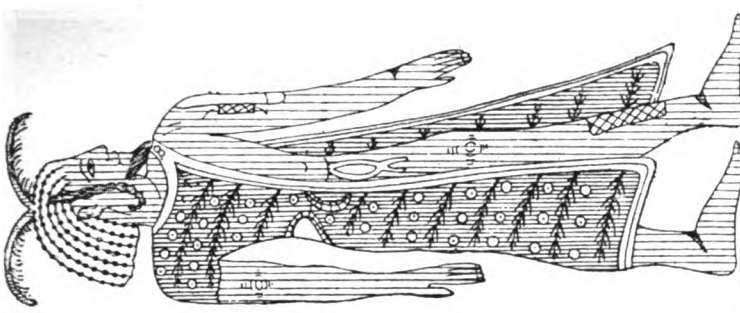
«Que ha, de resto, na classificação ethnogenica do documento biblico, mais de um ponto seriamente contestavel, que deva mesmo encontrar-se nelle inexactidões, erros, (posto que de facto em pequeno numero), ó o que a orthodoxia mais escrupulosa não teria razão de não admitir.»

A obra do geographo e do ethnographo biblico adoptou as opiniões tradicionaes, e as classificações accitas pelos povos contemporaneos do X seculo A. C.

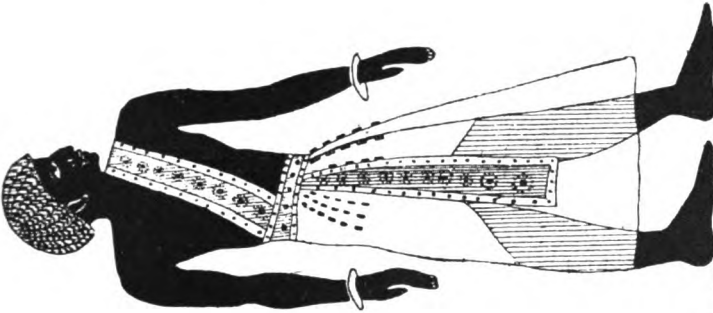
Entre outros, Ebers acima citado, diz mesmo

(1) Ebers — *Ægypten und die Bücher Moses* — pag. 36 a 54.

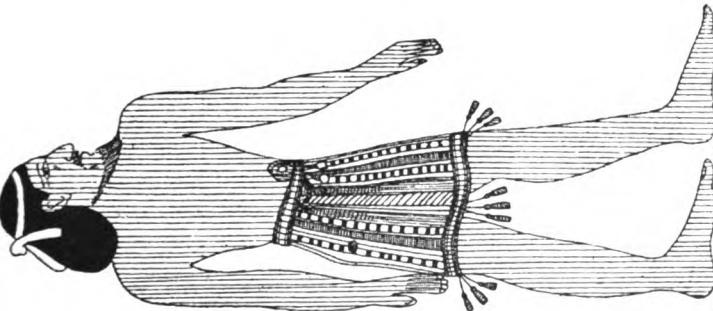
(2) Fr. Lenormant — *Les Origines de l'Histoire* — II, 324.



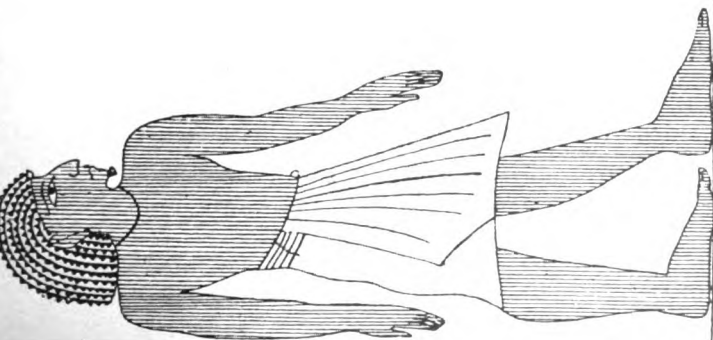
EUROPEO



NEGRO

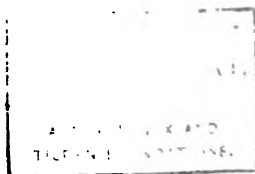


SEMITA



EGYPCIO

AS RAÇAS HUMANAS (pagina 387)



que no que toca á familia de Hâm, ou Cham, ha absoluta conformidade de nomes, autorizando-o a induzir que esta parte foi recebida directamente do Egypto; assim como outros autores pensam que todo o plano da divisão geral das raças é absolutamente o mesmo de uma inscripção egypcia que estudaremos mais adiante.

Mas, o ponto central da redacção não é o Egypto, mas sim o centro da Palestina no tempo dos primeiros reis; porque os povos que cercavam os hebreus nesses seculos historicos dos annaes dos reis, são nomeados e classificados sob um ponto de vista *panoramico*, que relembra as menores tribus dos arredores do Mar Morto, e vai tanto mais alargando a perspectiva e obliterando a visão do horizonte geographico, quanto mais vão se afastando os povos do ponto visual do seu auctor.

Para chegarmos ao conhecimento exacto das 70 nações enumeradas no Genesis X., fornecem-nos uma mèsse immensa e inexgotavel de indicações geographicas os itinerarios das campanhas dos grandes conquistadores egypcios, como *Toutmes III* e *Ramsés II*; ou assyrios, como *Tiglat-pileser*, *Sargon II* e *Assur-bani-pal*; indicações essas que deram para encher muitos volumes que temos diante de nós devidos á lavra de sumidades, como Chabas, Ebers, Brugsh, Maspero e E. Lefebure. para o Egypto; e Rawlinson, Lenormant, Delitzsch, Schrader e Menant para a Mesopotamia. Seria portanto uma tarefa ingente o querermos, mesmo perfunctoriamente, tentar uma exposição de um assumpto, que seria

arido si reduzido a uma enumeração, e prolixo si quizessemos tomal-o todo em consideração. Nem é esse o nosso intuito n'um estudo sobre mythologia comparada, e não, a bem dizer, sobre o periodo plenamente historico da antiguidade.

Em compensação podemos assignalar os resultados geraes a que chegaram tantos e tão profundos pensadores.

O primeiro grande resultado que se impõe logo á primeira vista, é que a lista do Genesis (X e XI), apenas dá como descendentes de Noé as trez grandes familias da raça branca: a Ariana, a Semitica e a Chamita ou Kuschita, deixando completamente excluidas dessa enumeração, não já as longuiquas como a Dravidiana, a Polynésica ou a Americana inteiramente ignoradas da antiguidade; mas, até mesmo, duas com as quaes viveram em continuo contacto os Turanos, (Turcos) da Bactriana e os Negros puros da Africa.

Esta proposição que indubitavelmente vaiprehender muitos dos meus leitores acostumados a crerem que o pai da *segunda* humanidade não podia deixar de ter perfilhado não só a raça amarella, como a negra com a qual os hebreus conviveram por seculos em continuo contacto, durante o captiweiro egypcio, é todavia indubitavel.

Mas é um facto facil de provar, mesmo com o consenso dos orthodoxos, que o explicam como podem, mas sem negar essa descoberta assyriologica que demonstrou que o Elohista do Genesis (X e XI) só tracta da raça branca.

A divisão tripartita da raça branca era conhecida no Egypto, ao tempo de Moisés.

Ha um monumento celebre entre todos que tratam desta questão, que contém a doutrina biblica sobre as raças.

Nas paredes do tumulo de Seti I (Meri-en-Phtah) 1366 A. C., o 76° rei do Egypto, da XIX dynastia, exactamente daquella que escravizou os hebreus, encontra-se uma pintura mural caracterisando as 4 raças, reconhecidas pelo vestuario e pela côr dos personagens.

Diz esta preciosa inscripção traduzida e commentada por todos os egyptologos, e mais recentemente revista por E. Lefebure: ⁽¹⁾

«Horus diz aos rebanhos do Sol, que estão no inferno do Egypto e do deserto: Honra a Vós, rebanhos do Sol, nascidos do grande que está no céu! Ar a vossas narinas, derribamento a vossos sarcophagos! Vós sois as lagrimas de seu Olho (o Sol), em vossas pessoas de homens superiores (isto é de Egypcios). Vós, eu tenho creado em vossas pessoas de Asia-ticos; Sekhet (a corôa ou a radiação solar) os creára; ella produzio suas almas. Vós, eu derramei minha semente por vós, e produzi uma multidão sahida de mim em vossas pessoas de Negros; Horus os creou, elle produzio suas almas: Vós, eu procurei meu Olho e creei-vos em

⁽¹⁾ E. Lefebure — *Les races connues des Egypciens*, (Annalles du Musés Guimet.) I, 66.

vossas pessoas de Septentrionaes: Sekhet os creou, e ella produzio suas almas.»

Estas palavras, diz este egyptologo, descrevem a creação pantheistica da humanidade, dos quaes trez typos sobre quatro emanam da luz.

O typo negro sahe de uma forma especial de Horus representado em seu papel nocturno de Kem (sem duvida o Kam biblico), o que explicava a côr sombria dos negros; por uma antithese facil de se comprehender, o nascimento dos brancos puros era opposto ao dos verdadeiros negros, e o deus lagrimando seu olho produzio uns logo apóz os outros.

Vê-se que os Egypcios distinguiam com perfeita nitidez a raça negra, nascida da noite, e a raça branca sahida da luz, e que tinham assim uma ideia justa da differença como da unidade dos trez typos mais importantes para elles da raça branca, isto é, dos Semitas, que pintavam de tez amarella, dos Européos que tingiam corados, e a delles proprios que coloriam de vermelho.

Nesta divisão está incluída mais uma familia, além das trez da Biblia, que são os Negros puros, menos os Turanos (os Turcos e Magyares actuaes); pondo portanto os Egypcios (Mizraim) e seu irmão Kusch, a par dos Channaneus «os filhos de Kâm» propriamente ditos de raça branca que os hebreus exterminaram quando voltaram a reconquistar a Palestina.

O Kusch era, pois, Asiatico, Arabe e Abyssinio, de tez morena, porém não negra.

Basta a certeza que eram irmãos dos «homens por excellencia» (os Egypcios), para apartal-os definitivamente «dos filhos da Noite».

Uma vez estabelecido este ponto de ethnographia oriental, como concilial-o com as palavras do Genesis que diz que dos trez filhos de Noé sahiram «todas as gentes» que repovôaram a face de «toda a terra» inundada pelo Diluvio que destruiu «toda a carne»?

Assim lia-se e assim entendia-se a Biblia, em quanto não sobrevieram esta e outras duvidas sobre a Universalidade do Diluvio.

A linguagem dos apologistas mudou com os novos factos melhor estudados e demonstrados.

Já não se diz mais que a lista do Genesis comprehende «todas as gentes» mas «só aquellas que eram conhecidas dos hebreus»; como porém os negros não podem entrar nesse numero, diz entre outros Vigotroux ⁽¹⁾, citando a *Civiltà Catolica* de Roma:

«Moisés não fala delles (dos negros), talvez (sic) porque elles tinham sempre sido o que deveriam sempre ser no futuro: completamente extranhos á historia do povo hebreu.»

Não é essa, segundo os egyptologos, como verificamos, a razão que motivou essa exclusão intencional.

⁽¹⁾ Vigotroux — Manuel Biblique — I, capitulo V, 572.

Logo, na pagina seguinte, do mesmo volume citado, o abbade indaga tambem, «d'onde provêm os povos que não estão mencionados no capitulo X do Genesis»; e, ahi mais uma vez, elle cita ao longo a resposta da mesma revista romana:

«De outro lado, nada impéde de crer que Noé, apóz o Diluvio, nos 350 annos que sobreviveu, tivesse outros filhos que, como Sem, Cham e Japhet, tornaram-se elles proprios, pais de povos numerosos, *posto que a Biblia não fale nisso*. Do mesmo módo, se está perfeitamente livre de suppôr que Sem, Cham e Japhet tiveram muitos filhos, além daquelles que estão nomeados no Genesis.

Esta hypothese é mesmo expressamente suggerida no que concerne Sem, pela phrase biblica na qual se diz delle que, durante os 500 annos que elle sobreviveu ao nascimento de Arphaxad «*elle gerou* filhos e filhas». (Gen. XI, 11).

Póde se dizer outro tanto, por analogia, dos dous irmãos de Sem e attribuir a cada um delles uma longevidade igualmente fecunda.

Ora, esses filhos não denominados dos trez patriarchas filhos de Noé, tornaram-se elles tambem, pais de povos numerosos, os quaes não foram muito mais nomeados do que seus pais, no Genesis. Emfim, accrescentaremos com Mr. Lenormant, (*Manuel d'Histoire Ancienne de l'Orient* — t. I, p. 110), que a Biblia não impéde de modo algum de admittir que algumas familias nascidas dos trez

filhos de Noé, se separaram do tronco commum nos tempos decorridos, (*e isto foi, pelo menos, de 1 seculo*) entre o Diluvio e a torre de Babel, antes da dispersão geral motivada pela confusão das linguas. Estas familias puderam dar nascimento a numerosas povoações que propagadas em completo isolamento das outras, *tomaram uma physionomia inteiramente propria*, e ficaram como què segregadas da historia do resto da humanidade.

Moisés não precisava falar *destas primeiras familias*, suppondo-se que elle se propuzêra descrever sómente, no X capitulo do Genesis a filiação dos povos que, apoz terem vivido juntos no Sennaar, até á elevação da Torre de Babel, *se dispersaram d'ahi por todo o mundo.*»

Eis ahi, como concedo a cada opinião a palavra, para defender com toda a franqueza, as theorias mais contrarias ás nossas.

Não ha outro meio melhor de rectificarmos as nossas proprias convicções.

A essa accomodação do texto biblico com as falhas inexplicaveis e inexplicadas, vêm-se juntar, como auxiliar auctorizado, o nome de François Lenormant, citado no seu *Manual de Historia antiga do Oriente* de não sei que edição, e que contradiz evidentemente a sua ultima opinião emitida na 8.^a edição de 1881, corrigida por elle proprio na sua

grandiosa *Histoire Ancienne de l'Orient*, ⁽¹⁾ em 6 grossos volumes em 4.º, continuada por Mr. Babelon.

Por esta edição, que é a ultima palavra do grande orientalista francez, verificamos que com tal padrinho morrerá pagã a *Civiltá*.

Tratando *ex professo* exactamente dessa questão, elle emitte opinião diametralmente diversa fundamentando-se na impossibilidade de differenciação de raças n'um periodo, não digo de «um seculo» como na citação acima, mas a datar de Adão e mesmo de antes de Adão.

Eis aqui a sua ultima theoria sobre os negros:

«No livro seguinte, estudando o quadro genealogico que dá o Genesis dos povos, que descendem dos trez filhos de Noé, nós constataremos que elle não comprehende absolutamente senão nações desta raça branca ou caucasica, que constitue verdadeiramente a humanidade superior.

Nenhum povo de outro typo tem ahi seu lugar e em particular os negros; que, no entanto, não poderiam ter sido desconhecidos aos escriptores sagrados, estão excluidos desta arvore genealogica da familia noachica.

Sem duvida, o redactor inspirado do livro do Genesis não poderia falar aos homens de seu tempo senão das nações de que elles tinham conhecimento, e esta razão explicaria perfeitamente o silencio

⁽¹⁾ Fr. Lenormant — op. cit. acima — I, 218.

do livro sagrado sobre os Chinezes e a raça amarella em geral, ou sobre a raça vermelha americana. Mas é impossivel admittir que seja por ignorancia ou por omissão que o escriptor não fez figurar os negros em seu quadro da descendencia de Noé. *E' voluntariamente, systematicamente, com uma intenção que elle assim agio*; e não é possivel adivinhar, de sua parte, uma outra razão de um tal silencio senão a de *que elle olhára como extrangeira á familia do patriarcha salvo do Diluvio*.

Ao menos no que concérne aos negros, o redactor do Genesis admittia, *seja a existencia dos Preadamitas, seja dos Cainitas*, preservados até seu tempo, isto é, a fracção da humanidade sobre a qual não tinha se estendido o cataclysmo.»

«Esta hypothese, diz elle mais adiante; sorri aos anthropologistas respeitosos do Livro Sagrado, *porque deixa mais latitude para explicar as mudanças profundas que se produziram em certas raças*, recuando a separação dessas raças do tronco principal da descendencia de Adão, e collocando-as em um periodo em que as influencias do clima e do meio eram forçosamente bem mais poderosas em sua acção do. que hoje. pois que os phenomenos athmosphericos tinham uma maior intensidade.»

Si fossemos livres de recorrer aos anthropologistas mais ousados, não poderíamos exigir delles que nos restituíssem de tão boa vontade os Prea-

damitas sobreviventes do Diluvio, como o que nól-o concede este mão defensor, allegado sem duvida por esquecimento, por intermedio da «Civiltá Catolica de Roma».

E' bom recordar aqui que a doutrina preadamista foi condemnada, ha 200 annos, pela Igreja, na pessoa de Isaac Peyrère, como sendo destruidora da unidade da especie humana.

Não poderíamos, pois, responder mais cabalmente ao Abbade que acceita cem annos como prazo sufficiente para que se separassem e formassem todas as raças não enumeradas no Genesis, fundando-se apenas no referente aos muitos «filhos e filhas» geradas, mas não designadas pelo Elohistas, autor dos *toledot*, donde provêm Israel.

XIV

O Deus Ea — Jah-veh

O nosso estudo até aqui tem sido a demonstração cabal, que os elementos essenciaes da religiosidade de Israel eram muito mais impregnados de polytheismo primitivo do que á primeira vista parece a quem só lê os Evangelhos, e idealisa no Velho Testamento as mais patentes provas de concordancia e coherencia entre as ideias dos antigos therahitas com tudo o que os cercam e precedem na sua evolução civil e religiosa.

Resta saber como um povo polytheista em sua origem conseguiu tornar-se o typo de um povo exclusivamente monotheista pela adopção de um só Deus e Senhor.

Os elementos desse problema eram tão obscuros, antes de recobradas as linguas semiticas pre-hebraicas, que passava em julgado como um aphorismo historico que o monotheismo estava no sangue e na vida dos povos semitas.

Max Müller criticando a obra de Renan ⁽¹⁾ sobre

(1) Vide op. cit. de Renan — pag. 5.

a — *Histoire des langues Sémitiques* — onde elle diz tambem com outros semitistas que — «o monothetismo resume e explica todos os caractéres da raça semitica», que esta auctoridade da mencionada obra de Renan: ⁽¹⁾ — «se fosse emittida, ha cincoenta annos atraz, teria encontrado poucos contradictores»; porque os semitas então eram apenas synonymos de judeus e arabes; mas as excavações no Oriente vieram reviver a camada exuberante de divindades e de mythos esquecidos no pó dos monumentos das cidades derrocadas, ainda cobertas de hieroglyphos nas muralhas, cuja phonetica se perdera e se tornara um segredo mysterioso e impenetravel, que só o saber da nossa idade poude fazer resurgir do pó dos seculos.

Quem mais ousa sustentar uma semelhante these quando é tão facil encher paginas e paginas só com os nomes dos deuses de cada nação oriental, cujos attributos mythicos nem sequer então podiam ser suspeitados.

Elohin, Jahveh, Sabaoth, Schadaï, Adonai, Moloch, Milkom, Melkart, Dagon, Nisroch, Camosch, Nergal, Samas, Sim, Rimmon, Ea, Anu, Bel, Ishtar ou Ashtoreth, o Céu, o Sol, a Lua, os planetas e todo o cortejo celeste, e até os grandes phenomenos atmosphericos, tudo formava uma cohorte innumera-vel de Demonios e Archanjos aos quaes os da Grecia, da India, e da Persia em nada excediam.

As opiniões expostas pelo maior dos hebraistas

(1) Max Müller — *Chips from a German Workshop* — vol. I, pag. 341.

francezes, Renan o editor das *Inscriptiones Semiticarum*, o *Corpus* de linguas desde o Chaldaico falado no tempo dos Apostolos até os mais recentes dialectos do arabe; o homem que nessa provincia do saber se collocou á altura de Momsen para o Latim e de Max Müller para o Sanscrito, dobrado ainda de um dos prosadores mais classicos e amenos da lingua franceza, não deixou de ser muito systematico e exclusivista neste assumpto. O seu modo de ver resente-se das opiniões dos hebraistas allemães de ha bons 60 annos, e, é pena dizel-o, as suas conclusões, antiquadas neste ponto, são motivadas pelo abandono e pela reluctancia em acceitar muitos dos elementos resuscitados pela assyriologia, que veio pôr um paradeiro ás hypotheses mythicas sobre os patriarchas hebreus.

Eram verdadeiros castellos de cartas que faziam desses personagens, deuses e heroes da mythologia, que elle reduzio e simplificou com muita razão para cahir de novo no excesso contrario da negação do polytheismo primitivo dos semitas.

Elle caracteriza em geral os semitas do modo seguinte:

«Segundo Renan, diz Max Müller, o que predomina nelles, é o instincto religioso em vez do instincto politico, e a fonte de sua religião é a concepção da unidade de Deus. Sua terminologia religiosa é simples, sem nenhum elemento mythologico.

Seus sentimentos religiosos são vivos,

esclusivistas, intolerantes, e sustentados por um fervor que acha sua expressão particular nas visões propheticas.

Se se compara esses povos com as nações Arianas, vê-se que tinham falta de iniciativa scientifica e philosophica.

Sua poesia é principalmente subjectiva ou lyrica e procurar-se-hia em vão em suas literaturas poetas que tenham se notabilisado no drama e na epopéia.

A pintura e a esculptura foram sempre entre elles condemnados com um interdicto religioso, o seu realismo ingenuo não se prestava a ficções, condição essencial das artes. Sob o ponto de vista civil e politico, elles se distinguem por uma extrema simplicidade. Nesta raça, o poder ficou patriarchal e despotico, e não se encontram no seu seio grandes imperios organisados, nem commercio nem espirito publico. O character mais notavel, talvez, da constituição intellectual dos Semitas é todo negativo: pela falta de aptidão para as vistas geraes e abstractas que se trahem em suas maneiras de pensar, na linguagem, na religião, no genero lyrico em poesia, na forma monarchica no governo, no estylo abrupto nas composições literarias e que os torna incapazes de se entregarem ás especulações da methaphysica.»

Esse transumpto tão habilmente feito por Max Müller do bello livro de Renan, que temos diante de nós, presta-se a muitas objecções e a principal

é o ponto de vista biblico e musulmano que servio de modelo a este retrato. A julgar pelo estado actual immediato das cousas ha com effeito os elementos necessarios para esse retrato d'uma raça outróra pujante intellectual e physicamente; mas a evolução religiosa que suppõe este estado decrepito observado entre os mahometanos e armenios é o ultimo estadio d'uma civilisação prestes a ser transformada e absorvida pela civilisação occidental.

Não se reflecte mais no Oriente de nossos dias a variedade de Deuses, crenças e leis o embate das raças fundidas e unificadas no dominio dos Osmanlis.

As epochas descriptas pelo eminente hebraista são vistas atravez da sua repugnancia, aliaz pouco conhecida, em acceitar a lingua cuneiforme dos semitas primitivos e as conclusões polytheistas de Oppert e de outros assyriologos que desvendaram uma mais alta antiguidade.

Quanto a forma patriarchal de governo, é filho do periodo historico que atravessaram, mas a resistencia dos Hetheus aos Ramessidas e os grandes Imperios da Assyria e da Mesopotamia que serviram de base ás vastas satrapias dos reis Achmenidas, não indicam essa falta de organisação politica de que elle fala.

O monotheismo como consequencia de todas essas generalisações é o resultado da evolução religiosa de uma raça que deu desde alta antiguidade tudo quanto tinha a dar; a poesia epica e lyrica, a sciencia, a arte, a philosophia, emfim tudo serviu de modelo aos proprios gregos que nada crearam

mas que tudo desenvolveram de modo genial quando chegou-lhes a vez de serem os mestres de seus mestres e por elles da civilização Occidental.

Renan entende que o que levou os judeus a esculpirem as outras divindades, foi um *instincto monotheista*.

Ora, se este instincto existisse, elle seria mais geral e não particular a uma unica das raças humanas n'uma dada epocha da historia.

Os verdadeiros instinctos são geraes, constantes, perpetuos e inconscientes e não particulares a ponto de só se manifestarem em certos personagens mais elevados pela mentalidade como dizem ter sido os patriarchas, e mais especificadamente os prophetas ou *anarim* de Israel.

«O facto de Abraham, Moisés, Elias ou Jeremias, diz Max Müller, terem crido em um Deus unico não é sufficiente para provar esta proposição geral, que a raça judaica era monotheista por instincto.»

Os verdadeiros instinctos, nunca mudam, nem se modificam com o decorrer dos tempos, dizer isto de um pequeno povo, ou de uma sub-raça como a semitica, cujo passado historico está cada dia mais se modificando e estendendo-se no passado, que já attinge mais de 3000 annos antes de Abraham, é pagar-se com palavrões metaphysicos, como *verdade innata* ou *verdade revelada*; porque os theologos dirão com rasão que o tal *instincto monotheista* não é menos mysterioso e sobrenatural do que a revelação como elles a entendem.

Para a mythologia comparada, diz Max Müller

— «*ha varios grãos no monotheismo*»; as passagens de um a outro periodo theologico, como dizia Augusto Comte, e com elle todos os evolucionistas, contam com elementos documentaes de valor inestimavel em todos os *Livros Sagrados do Oriente*, que nos permitem fazer uma justa ideia dessa antiga evolução psychologica.

A doutrina de Max Müller na serie de conferencias intitulada *Hilbert lectures*, sobre as — «Origens e o desenvolvimento das Religiões», tem sido tomado, por varios apologistas, como um modelo de dialectica para provar o monotheismo primitivo dos selvagens.

Como é obvio, a auctoridade do sabio enthronizado na sua cadeira de sanscrito em Oxford, onde soube rodear-se de um prestigio official que lembra o do grande Cuvier, obriga-o como methaphysico da eschola hegeliana a regeitar o evolucionismo darwiniano e positivista, quando tracta de estudar a evolução psychologica do selvagem primitivo, ponto de partida tanto em linguistica como em religião.

Diz Reville ⁽¹⁾ referindo-se a essa obra fundamental do editor do *Rig-Veda*:

«Pela natureza do ramo especial de estudos historicos e linguisticos que elle cultivava, suas investigações conduzem principalmente, mas não exclusivamente, ás antiguidades vedicas e brahmanicas, e é necessario ter em conta, ao lel-o, as pre-

(1) Reville — *Histoire des Religions* — vol. I, pag. 28.

cauções delicadas que elle devia tomar, muitas vezes em frente de um publico ordinariamente muito liberal, *mas de uma grande susceptibilidade sobre certas questões.*»

Era forçoso antes de tudo respeitar o *shoking* dos inglezes, que equivale a uma verdadeira censura prévia litteraria, que obriga um sabio que se presa de ser auctoridade academica e official a circumloquios que o não comprometam perante os seus ouvintes.

Como, apezar disso, as obras deste sabio são um manancial inexgotavel para a Sociologia, é curioso tomarmos conhecimento da formia perfeitamente evolucionista que elle deu á celebre doutrina da formação das religiões de Schelling, um dos luminosos espiritos sobre cujas theorias moldou o douto professor de Oxford a sua intelligencia de germanico methaphysico.

Elle aceita como ponto de partida, o que é caracteristico e implica a negação de um Adão decahido, a theoria de que: *«o selvagem primitivo nada mais tem do que os cinco sentidos»*.

E parte d'ahi á procura da solução do problema de como um ser que de facto não é hoje mais encontrado, nem mesmo entre os mais rudes selvagens contemporaneos, como os Boschimanos, os Andamanos ou Mincopis e os Botocudos no Brazil, aos quaes se tem negado todo o sentimento religioso; como esse ser repetimos, chegou a formular a noção elevada da Divindade.

E' verdade que uma observação mais aturada e penetrante sempre chega a descobrir em todos elles alguns resquícios de animismo mal apagado; porém em todo caso como diz Spencer, o homem que hoje observamos, passou por varios periodos de progresso e retrocesso antes de chegar ao nivel actual; porquanto bem observados elles deixam transparecer restos de uma religião mais elevada, conservados de eras mais prosperas de sua raça.

Mesmo assim é innegavel que o *animismo* descripto por Taylor ⁽¹⁾, entre outros, dão materiaes sufficientes para a inducção do caminho pelo qual se elevou a mentalidade humana ás mais altas regiões da theodicéa.

Max Müller tentou reviver as impressões e os raciocinios que levaram esse animal apenas racional a concluir do mundo sensível para o do suprasensível, isto é, á noção do infinito contido no Universo. Não nos devemos enganar sobre o sentido de suas palavras.

Max Müller tem para si que — «*a religião dos selvagens, os mais degradados, começou nem mais nem menos, do que pelo conceito do Infinito*». — E continua sustentando que, pelo contrario, não se deverá procurar qual o *nome* dado por elles a essa concepção que só n'um periodo mais adiantado poude ser formulada por um povo que alcançara um estado já mais desenvolvido de civilisação. E' antes uma *intuição vaga*, como uma percepção in-

(1) Taylor — *La civilisathion primitive* — II vols.

distincta e indeterminada de um principio de vida e de vontade que descobrem, tanto o selvagem como as creanças, nos objectos inanimados e nas forças da natureza, que os cercam. E' emfim, o *animismo* attribuido indistinctamente a tudo o que contraria ou favorece a vida.

Dahi vem a noção de algum poder occulto e impalpavel que se esconde nos objectos donde lhes vem a percepção primaria da noção de alguma cousa de *Divino*, superior á sua vontade.

Esse poder superior é *Um* (*quod est probandum*, dizemos nós) e está sobre todos os objectos sensiveis animados e inanimados que o cercam; é a primeira noção de Deus que se subdivide por toda a natureza, tomando mais tarde nomes definidos e lentamente antropomorphos.

Este resumo da doutrina deixa bem claro que os problemas da methaphysica sobre o conhecimento do infinito como fundamento da Religião, estão sempre cercados das difficuldades insoluveis das autonomias da razão; o incognoscivel é sempre o resultado liquido desses postulados da methaphysica que se destróem sempre a si mesmos.

Saber como era o selvagem um pantheista, concebendo *ab initio* o divino na natureza como emanação de um só principio, e não a percepção real de muitas manifestações particulares variaveis como os proprios elementos, é emprestar a razão do proprio methaphysicismo pantheistico do autor ao selvagem idealizado a quem elle reveste evidentemente

do ultimo estadio de sua propria rasão como ponto de partida desse problema.

Creio que ha ahi uma verdadeira petição de principio servindo de capa ao puro evolucionismo.

Senão vejamos pelo proprio desenrolar dessa progressão da psychologia do seu selvagem ideal.

Em todo o caso, é necessario que fique bem patente o seu modo de pensar sobre os biblicos, que emprestam a sua auctoridade para explicar as incongruencias e desaccordos com os factos da mythologia comparada com os problemas das origens do monotheismo de Israel.

Elle proprio diz que a questão em si não seria suggerida nem duvidosa se não fôra o legado medieval da theologia escolastica que sustentava que: — «a religião começou por uma revelação primitiva a qual naturalmente não poderia ser senão uma religião perfeita e por conseguinte um monotheismo.» «O vehiculo para conserval-o e transmittil-o não poderia em primeiro lugar, ser senão uma lingua revelada; em segundo lugar, essa lingua não poderia ser senão o hebreu; do qual, em terceiro lugar, todas as outras se derivaram.»

Esses postulados da escolastica até hoje dominam de modo quasi inconsciente, grande numero de sacerdotes; quanto mais nas escholas primarias onde a tradição impera em tudo.

Uma vez indicada a procedencia dessas opiniões antiquadas, não nos cabe aqui discutir e refutar essas velharias que a philologia destruiu e affastou

das cogitações da sciencia: basta apontal-as para seguirmos nosso caminho.

Todas as grandes torrentes religiosas attingiram ou aproximaram-se do monotheismo de modos diversos; mas, lineamentos geraes dessa evolução, podem ser estudados nas duas grandes raças brancas, a ariana e a semitica, sob formas tão approximadas que a comparação dellas melhor poderá desenhlar os traços geraes do caminho commum percorrido por ambas.

Se começarmos pela religião dos Vedas que melhor conservou a forma archaica do henotheismo ariano, ahí encontraremos os tres periodos definidos por Max Müller:

1.º A primeira phase chamada por elle *Henotheismo*, é aquella em que o culto dos deuses isolados é ordinariamente invocado como o maior de todos, o Soberano a quem todos os outros Deuses obedecem, passando cada um por sua vez a ter no momento em que é invocado todos os predicados de Creador, Onnipotente e Deus dos Deuses.

E' um periodo que em politica chama-se a Anarchia.

2.º A' segunda phase a preponderancia de um delles, tende a fixar-se em um templo de alguma importante cidade que se tornou grande metropole politica, estendendo seu poder sobre todos os deuses visinhos vencidos nas pessoas de seus adoradores; mas isso não importa o abandono do culto dos deuses locaes.

E' o periodo da Monarchia.

3.º No terceiro periodo estabelece-se uma desillusão quanto ao valor dos deuses inferiores, e a inutilidade delles uma vez reconhecida, faz sobrevir o *atheismo*, como diziam os romanos dos Christãos, e os Brahmanes dos Budhistas; porque a simplificação do Pantheon n'uma só divindade implicava a negação dos outros deuses.

E' o Individualismo absoluto.

Percorramos cos Vedas estas tres epochas e ahi veremos os degrãos sublimes a que exalcára, por suas proprias forças, a razão ariana.

Nos hymnos do *Rig-Veda* não encontramos mais o *animismo* primitivo de muitos selvagens ainda sobreviventes; mas sim um periodo já um pouco mais definido que Max Müller denominou *Henotheismo*, isto é, o culto de diversos objectos tomados alternativa e isoladamente. Do culto successivo de diversos objectos tangiveis ou intangiveis, nos quaes o homem suspeitára a presença do invisivel e do infinito, foi elle se elevando gradativamente deixando de concebê-los como finitos e naturaes, para se tornar-em uma cousa viva, um *Asura*, um ser brilhante, um *Deva*; ou um ser que não morre, um *Amartya*, que mais tarde tornou-se eterno.

Nesse lento evoluir da razão acharam a noção indefinida de alguma cousa de *Divino*, cada vez mais particularisado nos seus objectos e nos predi-cados, conforme manifestava-se para o bem ou para o mal de uma maneira determinada, tornando-se assim um deus *Deva*.

A linguagem primitiva é intraduzivel pelos nos-

sos idiomas correctos e difinitivamente fixados. Não era assim nas linguas embryonarias. O radical, essa cellula da ideia, era ainda amorpho e indefinido, podia tomar uma ou outra accepção: dahi a incerteza na predicação de uma certa e determinada divindade. As relações de subordinação dos poderes estavam mal delineados, mas em todo caso eram concebidos como um effeito causado por uma vontade especial.

Os varios aspectos da natureza, o Firmamento, o Sol, a Lua, as Nuvens, o Raio, emfim, tudo quanto era propicio ou nefasto á vida do selvagem imbelles diante de *seres* animados de vontade e coherencia nas acções, deram a noção primaria da *Rhita*, isto é, a lei constante e *rhythmica* do periodo solar: dahi, a concepção de uma *Lei* moral mais alta que servio de norma entre os deuses e os homens.

A ligação de dependencia entre o homem e a natureza era evidente; mas parecia pairar sobre todos um grande ser. Era esse Sol que nos illumina, que aquece e fertilisa, e rejuvenece periodicamente todos os seres animados e inanimados que dá a vida, espanca as trevas da noite tenebrosa, em que as feras ousam impunes e temerosas rondar o abrigo indefeso e precario do selvagem.

Se as nuvens enoveladas da tormenta pareciam turvar e escondel-o, seus raios poderosos as dispersava e alegrava novamente a natureza pacificada, a que presidia ainda mais radiante.

Os diversos periodos de sua carreira tomavam nomes variados como seus effeitos.

Diz um hymno vedico (1): — «*Agni* torna-se de noite *Varuna*; de manhã ao levante torna-se *Mythra*; *Savitar*, elle percorre a *Athmosphera*; *Indra*, elle abrilhanta o Céu no Zenith.»

Os epithetos mais retumbantes foram de mais a mais idealizados; de simples luminaria transformou-se em *Déva* brilhante que governa, organisa e conserva o mundo.

Sente-se claramente nos diversos periodos de divinisação, nos numerosos hymnos dos Vedas, que o grande sanscritista de Oxford classifica em quatro grãos, desde o simples animismo primitivo até quasi tocar ao monotheismo:

«Primeiro passo: considera-se no Sol não mais a luz em geral, porém a luz matinal, que acorda o homem adormecido e parece dar uma vida nova tanto ao homem como á natureza inteira.

Aquelle que nos acorda de manhã e reanima toda a natureza torna-se logo — «aquelle que dá a vida de cada dia».

«Segundo passo: mais ousado; é aquelle que dá a vida de todos os dias, dá em seguida a luz e a vida em geral. Aquelle que a traz hoje deve tel-a trazido no primeiro dia.

Como a luz é o começo do dia, ella deve ter sido o começo da creação; e o Sol, apoz ter trazido a luz, dado a vida, creado enfim, governa por consequencia o mundo.

(1) Max Müller — Rig, — Veda — Samhita — V, 3.

«Terceiro passo: como elle expelle os terrores nocturnos, e fertilisa as terras elle é a divindade bemfeitora que defende e protege todos os viventes.

«Quarto passo: O Sol tudo vê, o bem e o mal; o malfeitor apprende que o Sol vê o que o olho humano não via, e o innocente quando todo o soccorro o abandona, clama ao Sol por sua innocencia: — «Minha alma espera a Deus com mais ardor do que os guardas nocturnos esperam o dia.»

A não considerar senão esses documentos isolados, dir-se-hia que o Sol é a primeira das divindades. Puro engano; se o vemos aqui elevado logo ali adiante é elle filho da Aurora, logo depois é filho das Aguas; enfim, um deus como tantos outros.

O proprio Sol tinha alguma cousa acima de si, era essa abobada immensa, immovel, eterna e immutavel que luzia, estendida como uma immensa tenda, sobre as cabeças. Chamavam-n'a *Varuna*, o Firmamento, que recebia epithetos de *Viçva-çakshas*, que tudo vê, *Viçva-ryaças*, que tudo abraça, *Viçva-vedas*, que tudo sabe, era tambem o artista universal, *Viçva-Karman*, e sobre tudo isso, *Prajâpati*, Senhor dos homens.

Alguns desses epithetos nos fazem lembrar os Psalmos, e uma só divindade, taes como *Prajâpati*, o Senhor e *Viçva-Karman*, o Creador, teriam sido sufficientes, parece-nos, para satisfazer ás aspira-

ções monotheistas e encerrar a evolução religiosa dos antigos Arias da India.

Faltava uma condição social e politica, como só as grandes monarchias conseguem congregar, para servir de alicerce a essas aspirações. e isto faltou até á tentativa budhista do Rei Asoka.

Os poetas dos Vedas attingiram muitas vezes a estas alturas sublimes; mas não encontraram o meio social para ahi se deterem; todavia diziam elles:

«No começo appareceu *Hirany-agarbha* (o ovo de ouro); elle era o unico senhor nascido do mundo. Elle estabeleceu o Céu e a Terra.» E mais adiante: — «Aquelle que só é o unico deus por sobre todos os deuses.»

Alem de superior, outro chega a suppol-o *Um*, o Deus *Viçva-Karman*.

«Elle, o *Deus Um*, cujos olhos estão por toda a parte, os pés por toda a parte, os braços em toda parte, produzindo a Terra e o Céu forja-os com o trabalho de seus braços e de suas azas.»

Outro diz:

«As aguas levaram o primeiro germen no seio do qual todos os deuses foram reunidos. O *Um* em quem repousam todas as creaturas foi collocado no seio do *Não nado*.»

A unificação dos germens de todas as creaturas n'um unico ser eterno e sem principio é já tudo

quanto se pode exigir nessa absorpção progressiva dos deuses particulares.

As massas populares nunca poderiam chegar de per si a essas alturas; em vão clamavam por alguma cousa de mais elevado e definitivo: o septicismo sobrevinha para alguns espiritos superiores que aspiravão por algum *nome* maior que lhes satisfizesse a razão:

«Ha talvez Dêvas e Asuras, diziam elles; mas é-nos necessario ainda mais, precisamos de um *Nome* ainda mais alto, um pensamento mais puro.»

Esses gritos de angustia annunciavam novos tempos.

Foi o Budha quem os realisou. ⁽¹⁾

A aspiração traduzio-se por uma negação total do polytheismo brahmanico, e uma aspiração ao *Nirvana* a absorpção no seio do Nada, que servisse de paradeiro ás perpetuas peregrinações desconsoadoras da Metempsychose.

Não é facil saber se têm razão aquelles que dizem que essa religião é Atheista; creio antes que é deista ou melhor Pantheista, em sua essencia.

Quanto ao ponto de vista de evolução religiosa, ella completa o cyclo parallelo ao realisado pelo Christianismo atravez do Judaismo, neto do Henotheismo Sumiriano e filho do Polytheismo Chaldeu.

A evolução religiosa desenvolvida por Max Mül-

(1) Eugène Bournouf — Introduction à l'histoire du Budhisme.

ler, segundo os Vedas, póde ser tomada para modello, mesmo sem intervir as formas mais primitivas do *animismo*; porquanto o atavismo faz sobreviver n'uma de suas formas, o *toteismo*, isto é, o culto da zoolatria tão rica em documentos nas religiões semíticas e egypcias, onde para cada deus ha uma representação animal symbolica. (1)

Na Accad de Sargon I as formas dos deuses comportavam ainda os corpos de animaes com face de homem, como Ea-bani o companheiro de Izdubar, meio touro, meio homem, assim como esse symbolismo se conservou no grande Demiurgo, Ea, na forma estranha de um peixe com face anterior humana, ao passo que no Egypto os deuses têm corpo antropomorpho e a face de animal.

Estes factos nos levam até aos tempos em que as diversas tribus da Chaldea tinham cada qual o seu *totem*, ou animal sagrado, como os egypcios que conservaram por todo o tempo o boi Apis e os celebres crocodilos, dos quaes nos dá noticia mesmo nos primeiros seculos do christianismo o S. P. Clemente de Alexandria:

«No Egypto, diz elle, os sanctuarios dos templos são sombreados por véos tecidos de ouro; mas, se ides ver no fundo do edificio e procurais a estatua, um sacerdote se adianta com um ar grave, cantando um hymno em lingua egypcia, e levanta um pouco o véo. Que vedes então? Um crocodilo, uma ser-

(1) De Gubernatis — Mythologie Zoologique — 2 vols.

pente indigena, ou qualquer outro animal perigoso; o deus dos Egypcios apparece; e eis um animal estendido sobre um tapete de purpura.»

Nada com effeito mais absurdo como religião; mas, olhando mais de perto, vemos que é desse baixo conceito da religião que se elevou ás mais nobres concepções da philosophia essa China immutavel da antiguidade, que tudo conservava pela unica razão de sua immensa antiguidade.

Porém atraz desse symbolismo uma maior ideia se elevava sobre a natureza divina, porque esse modo de representação se transformou lentamente idealizando a natureza animada e inanimada até o Deismo puro. E' esse caminho que a sociologia veio nos restituir e justificar ahi nesse conjuncto de rasão elevada e de idolatria selvagem onde, como diz Sayce: ⁽¹⁾

«Nós podemos aprender alguma cousa sobre esse toteismo das velhas representações ideographicas dos nomes das principaes divindades. *Elles são como os fosseis*, encorporisando as crenças de um periodo passado ha muito tempo antes da data dos mais primitivos monumentos que chegaram até nós.»

Que profunda visão historica não suscita esse longinquo passado de uma nação tão antiga?!

⁽¹⁾ Sayce — Lectures, etc. — 280.

E' visto sob esta luz que nos apparece o estranho Deus Ea em Eridu, ora sob a forma da Serpente, ora do Peixe e outras vezes como Antilope.

Este deus representa o elemento humido no Peixe, o chaos primitivo na serpente inimiga, e nos rios como «a Gazella creadora», «a antilopa das profundezas», «o Navio da divina antilopa das profundezas». Essas representações todas sahem fóra de nossos habitos; mas tem significações especiaes que as explicam.

Ea era um veado ou antilopa como deus do Rio, e peixe divino Oannés, como deus dos Abysmos.

E' como educador da humanidade que elle tornou-se ligado a Serpente, deus da sabedoria, «mais subtil de todos os animaes dos campos» que tinham sido creados na terra de Eden.

Tanto esse deus estava ligado com a lenda do Paraíso que nas *inscripções* se lê varias vezes o epitheto de Ea como — «o Deus dos campos de Eden», e tambem noutras vezes — «O deus da casa de Eden».

Não é necessario fazer lembrar ao leitor o que ficou dicto nos capitulos anteriores para sabermos que esse deus é o mesmo Jahveh do Genesis.

Se os dados mythologicos são riquissimos, o mesmo acontece quanto ao problema philologico da etymologia do nome de Jahveh.

A Biblia explica que esse nome nem sempre preponderou exclusivamente como o nome unico da divindade Suprema que sempre fora Eloah, cujo plural Elohin usado com a significação de singular

tem dado tanto que cogitar aos hebraístas ⁽¹⁾ pouco acostumados a pedir novos recursos aos dados da assyriologia.

Esse nome diz um versiculo celebre do Exodo (VI, 2 e 3):

2. «E fallou Deus a Moises, e disse:
Eu sou *Jehovah*.

3. «E eu appareci a Abraham, a Isaac e a Jacob, com o nome de *El-Schadai*, mas pelo meu nome *Jahveh*, não lhes fui conhecido.»

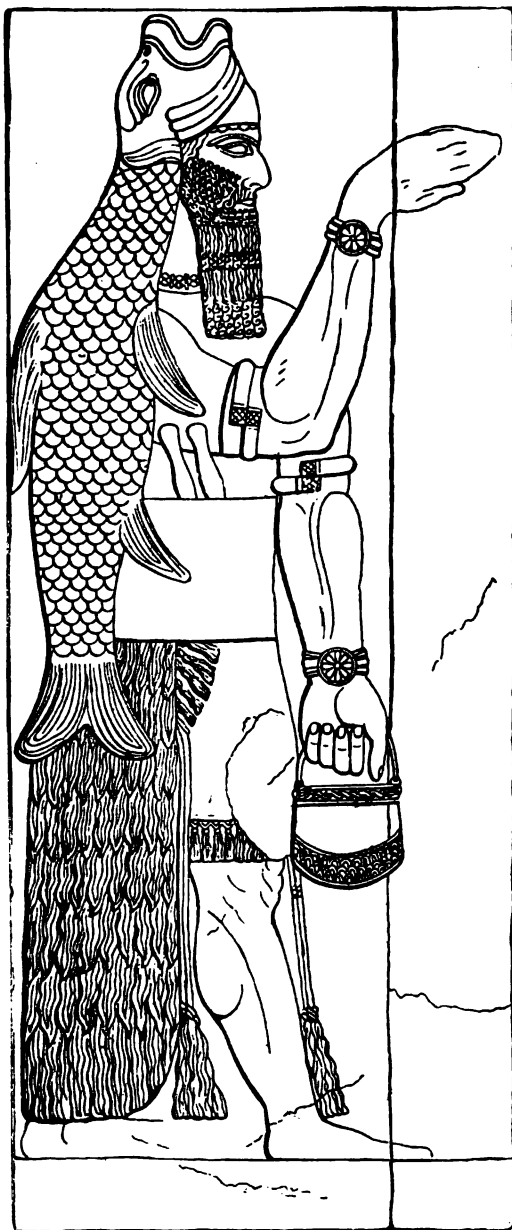
Esse texto é tanto mais notavel quando o confrontamos com o Genesis, (IV, 26), devido a penna do Jehovista que diz expressamente que desde Seth começou esse nome a ser invocado:

26. «E a Seth mesmo tambem nasceu um filho e o chamou pelo nome de Enos.
Então se começou a invocar o nome de Jahveh.»

Esta antinomia tem sido um dos grandes alicerces da doutrina fragmentarista.

Os que negam o seu valor acrescentam ao texto acima citado do Exodo a palavra explicativa — *perfeitamente*. Isto não vem no original, como dá testemunho o commentario inglez acima allegado.

⁽¹⁾ Speakérs — Commentaries of the Bible — Genesis — Introduction, pag. 2b.



O DEUS EA

(pagina 415)



Logo: era um nome novo, no Egypto pelo menos, ou tão esquecido que não era mais invocado como do deus de Israel.

E' um problema ha muito fóra de questão que El, Eloha e seu plural Elohim, derivam de Bel, Il, Ilu, que é o famoso Baal, plural Baalim, deus dos Babylonios tantas vezes vituperado pelos prophetas.

Mas allegavam que esse nome era generico em todas as linguas semiticas inclusive o Allah mahometano.

Mas, perguntavam, onde está o deus cujo nome se transformou em Jehovah?

Uma memoria appresentada por Mr. Pinshes, um dos mais afortunados desvendadores das antiguidades babilonicas, o mesmo que nos revelou varias centenas de nomes reaes e os elementos da restituição da chronologia das dynastias mais remotas do Antigo Oriente, accaba de encontrar as formas phoneticas intermediarias do nome de Jahveh.

Essa memoria foi lida com approvação unanime perante o senaculo dos Orientalistas inglezes, o *Victorian Institute* de Londres. ⁽¹⁾

Remontou até ao Deus-Peixe, Ea, esse Prometheu civilisador da Chaldéia antiga.

A Kabala judaica gabava-se de saber por tradição o nome authenticico do Deus de Israël. Qualquer que fosse essa voz não pode ser mais authenticico que a de Ea, Ia, Iaw, Jahveh analysados e lidos

(1) *The Accademy* — de 1898. Abril.

nas inscrições cuneiformes pelo sabio orientalista inglez. (1)

Temos portanto um ponto fixo e irrecusavel como uma equação mathematica que podemos formular assim: -- Elohim : Baal :: Jahveh : Ea.

O terceiro grande aspecto da natureza divinizada, o Firmamento, que completa a trindade ligada aos nomes do Deus de Israel, era adorada em Ereck, a cidade de Izdubar, sob o nome de Ana.

Nos tempos primitivos esse deus era apenas opposto como Céu estrellado á Terra Visivel, dominio de Bel; era portanto como divindade inferior a Mul-Il e a Ea que governavam tanto a Terra como o proprio Firmamento organizado por elles.

Mas, quando o deus accadiano Ana tornou-se o deus semítico Anú, elle assumiu um character mais espiritual. (2) Não era mais então o Céu visivel representado por elle, mas um outro, invisivel, acima e além do Céu que observamos.

D'ahi em diante o «Céu de Anú» denotava a região serena e immutavel para onde os deuses fugiram quando o Diluvio sobreveio sobre a face da Terra agitando todo o Céu inferior, que um poeta assyrio, chama «a Terra do Firmamento de prata».

E' d'ahi que *Anu* designou nos lugares inter-

(1) A ethymologia de Jahveh é Jah.

Essa derivação que me fez sempre preferir esta forma, menos sonora que a de *Jehovah*, eu tive o prazer de a ver também accrita como a ultima palavra entre os hebraistas na bella traducção do Sr. Santos Saraiva que a consigna na sua *Harpa de Israel* á pagina XVII do Prefacio.

Está claro que este nosso preclaro philologo não remonta até o deus Ea, como o assyriologo citado; mas é de toda a evidencia que só lhe resta esse ultimo tempo a transpor.

(2) Sayce — *Lectures, etc.* — pag. 190.

mediarios entre os dous Céos as moradas de *Schamash*, de *Sin* e de *Schtar*, isto é, as rotações do Sol, da Lua e de Vesper, segundo a legenda dos sete espiritos máos; que se póde ver no quadro das divisões horisontaes descripto atraz quando estudamos o Scheol, o Aral e o Amenti.

Mas ainda não se deteve ahí a espiritualisação de Anú.

Como o Uranus grego, o Varuna ou Diaus vedico, elle elevou-se á supremacia absoluta entre os deuses, como Senhor Supremo entre os Deuses, Creador e Onnipotente do Universo.

D'ahi a dissolver dentro de si todo o Pantheon babylonico e a ser proclamado *Deus Unico*, era mais um passo, e esse passo foi transposto como o attesta o texto seguinte:

«Bando! Proibição! Anathema! (palavras mysteriosas como *Ara!* da Cassandra de Eschylo, ou divino murmurio de Zacharias) (IX, 1); é a barreira que ninguem pode transpor, a barreira dos deuses que elles não podem transgredir, a barreira do Céu e da Terra que não pode ser mudada; *O Deus Um* contra quem ninguem pode se rebelar; *tanto o deus como o homem não o podem explicar.*»

Os gregos tambem conceberam um poder superior aos proprios deuses que denominavam o Destino, poder ineluctavel sobre todo o Universo, vi-

sível e invisível, primeira noção clara do Deísmo helenico ao qual se referia S. Paulo quando identificava seu Deus com o Deus Desconhecido do Areopago de Athenas.

Esse deus Anu concebido assim, como Deus Unico, era antes pantheistico do que monotheistico. O seu lugar como principio cosmogonico da Creação, não faz mais que collocar-o genealogicamente entre os grandes deuses antigos como o Lakamu de Damacios, que uma inscrição identificou com elle, elevando-o assim a Creador do Universo desde o Cháos primordial: — «Lakamu é Anú, o Deus das hostes do Céu e da Terra».

Agora é facil ver como a synonymia dos epithetos divinos amalgama e dissolve as divindades locais, como esse deus *An-sar* «o firmamento superior» podia ser identificado com elle; Uras o Deus-Sol de Nipur; e Tammuz ou Adonai, o amante infeliz de Ishtar, se dissolveram no deus de Erech. Isto prova, diz Sayce acima citado, que *«é obvio que tomamos conhecimento com um estadio adiantado do polytheismo»*.

São documentos dessa natureza que induziram Sir Henry Rawlinson a collocar em Eridu, ou antes em Erech, o centro do monotheismo da eschola sacerdotal d'onde sahiu o monotheismo dos Therahitas vindos de Ur-Kasdim.

Se são estas as firmes conclusões da linguistica, não são menos irrecusaveis os factos historicos de tentativas monotheistas tanto no Egypto como em Babilonia.

Tomando como ponto de partida o *henotheismo*, a forma mais vulgar do polytheismo antigo, poderíamos alinhar, um texto apoz outro, encontrados nos mythographos todos, quando tractam dos grandes deuses invocados sempre como o Deus dos Deuses, o Creador, o Omnisciente, para cada crente que os invoca.

Os deuses da grande trindade accadiana, Anú, Bel e Ea são tão grandes cada um, por sua vez, como os seus immediatos da 2.^a trindade astrologica Sin (A Lua), Samas (O Sol), e Ischtar (Vesper), ou mesmo quando são de menor importancia, mensageiros ou filhos destes, como por exemplo Merodack que substituiu em Babylonia nos ultimos tempos o Bel-Belitanas, «o Baal mais velho».

Esta substituição é analogia a de Uranos por Saturno e este por Jupiter, que por sua vez nunca esteve bem seguro em seu throno abalado pelos Titanidas.

Nos Vedas vemos um Rishi pôr acima de outros Deuses a Indra, porque os outros mais antigos tinham sido aposentados: — «Os outros deuses, dizia elle, foram já despedidos como anciãos decrepitos, és tu, oh Indra que te tornastês Soberano».

Quasi sempre são nomes antiquados que significavam apenas um aspecto particular da natureza como, *Uranos*, o Firmamento estrellado, *Kronos*, a Eternidade dos astros das constellações immutaveis, e *Jupiter* e o mesmo Firmamento sob o nome de *Dyaus*, *Zeus*, e *Deus*, *Diauspitar*, *Deus Padre*, e *Jupiter*, etymologia ariana de um alcance inestimavel

que nos faz remontar ás origens animistas desse grande *Nome* ariano.

O Anú também é o elemento Superior da *Athmosphera*, assim como Bel é a Terra, e Ea as Aguas. Esta trindade acha-se n'um documento de inestimavel valor archeologico: ⁽¹⁾

Consiste elle n'um cylindro do Museo Britannico que dizem ser o retrato de Senacherib posto no seu sinete. E' um bello cylindro de pedra de amazona translucida, de trabalho finissimo.

A scena representa o rei ao lado da Arvore da Vida; em frente. do lado opposto, um personagem se adianta na attitude respeitosa dos officiaes que se vêm nos muros de Korsabad perante o rei: o mais notavel do quadro é o symbolo divino identico ao descripto por Ezechiel na visão de Chebar, do qual tractamos atraz, tendo, porém, ao lado da figura central mais dous bustos sobre as grandes azas formando «trez pessoas distinctas n'uma só verdadeira» Anu, Bel e Ea.

A trindade assim representada é o documento mais significativo do monotheismo chaldeano que até hoje se tem encontrado no symbolismo de toda a antiguidade semitica. Nenhum pensador, mesmo crente, deixará de prestar o culto da mais alta veneração a esse symbolo do qual decorreu de um modo ou de outro a trindade christan na sua mais alta significação.

Dêem os commentadores as interpretações que qui-

⁽¹⁾ Babcyon — *Histoire Ancienne de l'Orient* — V, 234 — Ménant — *Recherches sur la Glyptique Orientale* — II, 79.

zerem, o que é indubitavel é que a triade do Egypto, a de Platão, a do judeu alexandrino Philon, assim como a dos Gnosticos, e a dos S. S. P. P., provêm em linha recta das cogitações do mysterioso e antiquissimo Oriente, dos profundos philosophos esquecidos nos annaes do passado, que ora aqui, ora ali, resurgem nas mais insignificantes pedras gravadas cujos possuidores estavam iniciados no exoterismo mais recondito do ensino dos templos.

Quantos incognitos se vão revelando, dia a dia na meia luz do passado, e que não nos é dado comprehender completamente!!

Se a doutrina superior existia, era forçoso que houvessem grandes espiritos que a quisessem diffundir nas massas compactas immergidas no animismo primitivo.

Trez grandes tentativas se deram na antiguidade, por trez potentados, para impor aos subditos uma religião mais elevada e philosophica: no Egypto por Kuen-Aten, em Babylonia por Nabonidas, ambos menos felizes do que Ezequias de Judá.

Como é sabido, os *Schasu* ou os Reis Pastores se apoderaram do Egypto durante um periodo de perto de 500 annos ⁽¹⁾, desde o XIII — XVII dynastia, 2233 — 1733 A. C.; durante este periodo, diz o Genesis, transportaram-se para lá atraz dos dominadores do paiz os patriarchas hebreus com toda a familia á procura de viveres e lá encontraram a

(1) Brugsh — Egypt under the Pharaohs — 215.

Joséph que, de escravo vendido pelos irmãos, elevára-se a ministro do Pharaó. ⁽²⁾

O cargo que elle occupava na administração era o de intendente dos celeiros reaes. Que é um facto a existencia desse cargo, prova-o uma inscripção recente. já celebre, em que um personagem analogo descreve nas inscripções do seu sarcophago, os seus serviços como poderia fazel-o o proprio José se fosse a propria mumia descoberta. Diz ella;

«Eu amava meu pai; eu honrava minha mãe; meus irmãos e minhas irmãs me amavam. Eu vinha fóra de meus aposentos com um coração benevolo; ahi estava com mãos generosas; esplendidos eram meus preparativos para o dia festivo.

Manso era meu coração, livre do rancor violento. Os deuses concediam-me sobre a terra propriedades abundantes.

A cidade desejava para mim riquezas e uma vida cheia de alegrias. Eu punia os mãos. Os filhos que estavam ao redor de mim, na cidade, durante os dias em que preenchia meus encargos, tanto grandes como pequenos, eram em numero de 60; outras tantas camas, cadeiras e talheres lhes eram destinados por mim.

Consumiam ao todo 120 medidas de trigo, o leite de 3 vacas, 52 cabras, 9 jumentas, um vaso de balsamo e 2 jarros de oleo.

Minhas palavras pareciam gracejar a

⁽¹⁾ Ebers — Egypten und die Bücher Moses — 261.

⁽²⁾ Brugsh — cit. pag. 121.

um adversario. Mas eu chamo em testemunho o deus Mentu para attestar que eu digo a verdade.

Eu tinha tudo preparado em minha casa; adicionava manteiga nas dispensas, e bebidas nas adegas em quantidade mais que sufficiente.

Eu colligia trigo, como um amigo do deus das cearas.

Estava attento na occasião da ceifa e quando sobreveio uma fome, que durou varios annos, eu distribui trigo para a cidade, cada anno de fome.»

Diante de um tão perfeito e providente funcionario, quem não reconhece o patriarcha José, que talvez não fosse o inventor do cargo, n'um paiz onde tudo depende das innundações annuaes, mas que, em todo o caso, desenha tambem um costume do paiz com tanta fidelidade, que parece uma contraprova do quanto andava bem informado sobre o Egypto quem quer que fosse que escreveu sua tocante legenda.

Não sabemos ao certo qual o Pharaó que acolheu a José, uns dizem ser Apopi, o adorador de Suthekh divindade estrangeira, mais tarde identificada pelos egypcios com Tiphon o principio do Mal; outros, como Brugsh citado, opinam que José foi acolhido pelo rei Hykso Nub pelos annos de 1730, A. C.

A região mais particularmente dominada pelos exercitos dos Pharaós estendia-se sobre o Sinaï a Palestina até a Syria actual, e a lingua diplomatica

desses povos, em relação com os Hiksos, era a de Babylonia como o attesta a correspondencia do governador de Jerusalem Ebed-tob com o rei here-siarcha Amenhotpu achado em Tel-el-Amarna nas margens do Nilo.

A raça real tentou por varias vezes impôr os deuses estrangeiros aos povos vencidos, mas depois do largo periodo de dominio estrangeiro, os egypcios sublevados, venceram e expelliram os dominadores e escravizou-os durante as duas dynastias seguintes.

A esse periodo restaurador succedeu a XVIII dynastia illustrada pelas grandes conquistas do Alexandre o Grande dos Egypcios-Tehutimés III. Essas continuas expedições sobre a Asia familiarisou-os com a civilização do valle do Euphrates e d'ahi, como era de esperar, surgiram alianças reaes com princezas que souberam rodear-se de uma corte estrangeira, cujas opiniões religiosas não podiam deixar de influir na educação dos herdeiros do throno egypcio.

A religião egypcia, sempre conservadora, soffreu as alternativas de perseguições e reacções, cujo effeito era uma ebulição theologica prenhe de novidades e controversias.

A religião de Adonai, «O Senhor», nome associado por vezes com o de Jehovah, Jehovah-Adonai, o Deus solar Adonis adorado pelas «filhas de Jerusalem», conseguiu apoderar-se do espirito de um monarcha, filho de uma estrangeira, entrada no harem de Amen-hotep-haq-Uast, ou, Amenhotep III,

onde pela superioridade do caracter, educou e dominou seu filho Amen-hotep IV, principe mente-capto, ou pelo menos disforme segundo apparece nos monumentos que deixou em Tel-el-Amarna. ⁽¹⁾

Esse rei tornou-se heretico na mais vigorosa accepção da palavra, porque quiz pôr no lugar da religião até então invariavel o culto de um Deus Unico, adorado no esplendor do disco solar, sob o nome de Aten. Sobre os monumentos, o novo deus é representado por um disco cujos raios descem para a terra; cada raio termina por uma mão sustendo uma cruz ansada, emblema da vida. Depois de haver tentado propagar a adoração de seu deus, deixando inteira liberdade a todos que quizessem permanecer fieis á religião nacional, o monarcha, arrastado por um zelo fanatico, poz de lado toda a prudencia e desencadeou sobre o imperio uma perseguição em regra; fecharam-se os templos dos deuses antigos, suas imagens, seus nomes foram por toda a parte apagados dos monumentos, sobre todos Amon, o grande Deus supremo de Thebas tornou-se alvo de suas iras. O proprio rei mudou de nome, o qual continha como elementos componentes o do deus proscripto, e em vez de Amon-hotpu, appellidou-se Ku-en-Aten, isto é, «Esplendor do disco solar».

«Querendo ainda mais romper com todas as tradições de seus antepassados,

⁽¹⁾ Babelon — Opera cit. — II, 210.

o rei reformador abandonou Thebas e edificou para si uma capital, n'outra parte do Egypto, no lugar hoje chamado Tel-el-Amarna. As ruínas desta cidade, abandonada depois de sua morte, nos conservaram muitos monumentos de seu reinado, de uma arte bastante adiantada em que o vemos presidindo a todas as cerimónias do novo culto. Quando elle falleceu, se preparava para arrasar o templo de Ammon em Karnak, o sanctuario mais venerado das dynastias thebanas, que todos os seus predecessores tinham se empenhado em engrandecer e embellezar. *Sobre suas ruínas elle queria elevar uma immensa pyramide de degrãos, imitada das da Chaldéia e de Babylonia, a qual deveria ser consagrada ao Deus Aten.»*

Qual seria a participação dos Beni-Israel neste movimento monotheista?

Não sabemos tudo quanto nos fazem entrever os factos, porque a cidade fundada por *Kuen-Aten* foi systematicamente arrasada, pelo partido sacerdotal, que suscitou na propria familia um pretendente na pessoa de *Hor-em-heb* o qual desencadeou a guerra religiosa até a destruição final dessa dynastia.

Nessa confusão dos annaes dessa guerra civil não podemos, antes de completamente excavada a cidade arrasada de Tel-el-Amarna, senão apanhar algumas semelhanças na forma do culto exterior, como por exemplo, a forma da «Mesa dos pães de

propiciação» que o Exodo descreve no interior do Tabernaculo, que se encontrou no meio dos quadros muraes do culto de Aten, e que não é encontrado em mais nenhum documento de outra epocha. Mas o que é absolutamente concludente é que a perseguição dos *Ebrihim* ou Beni-Israel data exactamente dessa epocha e estende-se pela dynastia XIX seguinte, em que as desgraças dos captivos tocou ao seu auge no reinado do Ramses II o maior constructor de monumentos de toda a antiguidade egypcia.

Quando admiramos esses colossos de granito, não podemos nos esquecer quantas vidas de escravos hebreus custariam todas essas pedras, talvez uma vida por cada uma.

Diz o mesmo escriptor acima citado, que no meio da decadencia da grandeza civil dos descendentes de Abraham, o monotheismo não podia deixar de se corromper; e que «*corrompido dessa maneira, a antiga religião dos patriarchas, deveria estar bem perto d'aquella que pretendia estabelecer o pharó Amon-hotpu IV*».

Esta questão de sabermos se houve *corrupção* na religião dos emigrantes vindos da Chaldeia, para suscitar a colossal ebulição religiosa, de que nos dá testemunho a historia egypcia, nesta epocha, devia, conforme dizem outros tão competentes como Babelon, fazer surgir, pelo embate das ideias, uma depuração de principios devida a comparação entre as doutrinas vindas das duas correntes religiosas que a amoldoaram á religião de Israel.

Foi nesse periodo que os nomades de Canaan modelaram guiados por um discipulo dos sacerdotes egypcios, a forma definitiva do culto do Deus até então esquecido e que elle proclamou de modo original e independente.

O monotheismo, sob um nome divino, absorvendo todas as divindades particulares, estava então tão bem estabelecido em todos os grandes espiritos como um principio superior indiscutivel, que os proprios sacerdotes de Amon-Ra elevaram em Thebas á mais alta e absorvente preponderancia, sobre a Enneada egypcia.

Num hymno grandioso datando dessa XIX dynastia thebana, vemos esse deus invocado como typo do periodo plenamente *monarchico*, porque não importa directamente a negação dos outros deuses postos em segundo plano; mas das palavras transpira uma doutrina ainda mais *individualista*, e portanto plenamente monotheista, tal é a elevação a que chegou o vidente: ⁽¹⁾

Hymno a Amon-Ra

«Eia vós, Amon-Ra, Senhor dos thronos da terra... Senhor de tudo o que existe e que está em toda a parte.

Unico em sua preeminencia sobre todos os Deuses.

Chefe dos deuses,
Senhor da Verdade,

⁽¹⁾ Brugsch — Religion und Mythologie der Alten Ägypter — pag. 490.

Pai dos deuses...
Rei Ra, Triumphador,
Príncipe da Terra.

Todo poderoso, entre os fortes o mais forte.

O Senhor, que creou a terra como ella existe,

Que vê de mais alto que todos os outros deuses.

Elle prostra os deuses a seus pés, desde que elles reconhecem a sua preminencia.

.

Mais adiante eleva-se o poeta á affirmação formal de sua unidade de essencia:

«*O Um unico, sem segundo!*

O Um, só com muitas mãos, acordado quando todos dormem, provendo ao bem de suas creaturas, Amon, sustentaculo do Universo.»

Não temos aqui, nestas estrophes sublimes, ainda a ultima palavra do Deismo egypcio, a synonymia dos deuses locaes está consignado em varias listas de nomes da mesma divindade, adorada sob varios nomes e formas em districtos differentes.

A essa synonymia caracteristica de um periodo de transição para o 3.º periodo *Individualista* de Max Müller, foi transposto por um outro documento, ainda mais recente, em que o Pantheismo está descripto com todas as suas consequencias. Os deuses particulares, as trez trindades da Enneada superior

do Pantheon egypcio acha-se ahi fundido na abscção de um Ente Superior que comprehende a todos.

Ao henotheismo, succedeu o polytheismo exuberante, e da confusão de seus attributos resultou um pantheismo que a rasão exigia como meio de sahir do cháos.

A expressão a mais formal desse espirito pantheistico, diz Babelon, (1) que prevaleceu a partir de certa epocha em diante nos santuarios do Egypto, se encontra n'um hymno copiado por Brugsch sobre as muralhas do templo do Oasis de El-Kargeh.»

Ahi celebram-se os nomes mysteriosos do:

«Deus que é immanente em todas as cousas,
alma de Schu em todos os deuses.
Elle é o corpo do homem vivo,
o creador da arvore que produz fructos,
o autor da innundação que fertilisa.
Sem elle nada vive no circuito da terra,
seja ao Norte, seja ao Sul,
sob seu nome de Osiris, é elle quem dá a luz.
Elle é a Flor das almas viventes,
o deus vivo das gerações futuras.
Amom é sua imagem,
Atum ó sua imagem,
Khopra é sua imagem,

(1) Babelon — Opera cit. III, 279.



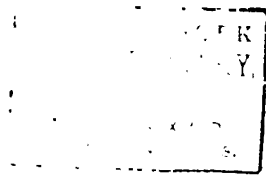
ANU-BEL-EA
A TRINDADE CHALDEANA
 (pagina 422)



O DEUS ASSUR
 (pagina 445)



O DEUS DE ZOROASTRO
AURAMAZDA
 (pagina 220)



Râ é sua imagem;
Elle só se faz a si mesmo,
por milhões de vias.
Elle é o *Grande Architecto*,
que existia desde o principio,
que formou seu corpo pelas proprias
mãos
em todas as partes, segundo sua vontade.

Permanente e perduravel
elle não passa jamais.
Durante milhões e milhões de annos
sem fim
elle atravessa os céos
e percorre o mundo inferior cada dia.

.
Não tem outro igual a si;
sua voz é extensa,
mas fica invisivel
a toda a creatura que respira

.
Elle viaja nas nuvens
para separar o céu da terra,
e em seguida para os reunir
escondido em permanencia
em todas as cousas

O Um Vivo
em que todas as cousas vivem eternamente.»

Depois de documentos desse valor, o que resta
a fazer senão rehabilitar o paganismo egypcio des-
presado pelos S. S. P. P.?

No fundo dos sanctuarios, havia por força algu-

ma cousa mais do que os monstros que vio S. Clemente de Alexandria.

E' forçoso mudar de rumo e allegar a revelação primitiva, como fazem os archeologos catholicos, para negar o evolucionismo que lhes péde, com instancia, documentos mais velhos do que estes que datam do meiado do 2.º milenio A. C. em que floresceram as grandes dynastias thebanas XVIII e XIX, das quaes datam a *literatura* onde foram até hoje encontrados estes preciosos documentos.

Diz a este respeito expressamente Le P. Renouf: ⁽¹⁾

Esta phase do pensamento religioso é representada, para nós principalmente, n'um largo numero de hymnos, a começar pelos primeiros dias da decima oitava dynastia (a de Teutimés III e Amenhotpu IV). E' certamente mais antigo, mas a *literatura*, propriamente dita, de um periodo anterior, é muito insignificante. Nenhum dos hymnos desse tempo veio até nós.»

Esse ponto é formal contra os que querem fazer remontar como, por exemplo, E. De Rougé, ás primeiras dynastias do Egypto essa doutrina, quando nada data de tão longe.

O periodo de ebulição religiosa coincide exactamente com a retirada dos Hyksos; antes o poly-

⁽¹⁾ Le Page Renouf — Lectures on the religion of ancient Egypt — 218.

theismo egypcio puro e sem mescla imperava sem concorrência.

O evolucionismo requer provas mais directas dos partidarios da revelação primitiva, para dar-se por vencida, nesta questão fundamental.

A Segunda grande tentativa historica de unificação do culto polytheista deu-se no reinado de Nabonidas, ou Nabuna-hid, o successor de Nabuchodonosor.

Este rei commetteu a maior das heresias transportando todos os grandes deuses do Norte e do Sul de Babylonia, as mais venerandas imagens, afim de collocar-os em pequenas e humildes capellas, como cortejo á magestosa torre de Merodach, o deus local de Babylonia.

Outras consequencias foram a transplantação do culto e o abandono das poderosas associações sacerdotaes locais, a subordinação nas cerimoniaes de antigas e maiores divindades como *Sím* de Ur e *Shamash* de Accad ou ainda mais o *Anú* de Nipur, que os gregos chamavam Bel-Belitanas — «O Baal mais velho.»

O transporte das imagens importava no abandono do territorio e dos crentes pelo deus vencido. E' o horror que causava aos judeus a destruição do Templo de Jerusalem e o transporte dos vasos sagrados para Babylonia, que carregados para fóra da nação, importava a descentralisação politica quando não a propria dispersão violenta dos povos para o exilio.

Essa politica violenta fez surgir do Baixo Eu-

phrates um povo ariano, que veio encontrar os povos perseguidos de braços abertos para recebê-lo.

Era Cyrus, a mão poderosa amparada pelo proprio Merodak contra Nabuna-hid.

Os deuses dos sanctuarios abandonados o acolheram como o Jahveh de Nehemias e de Esdras, como um seu libertador, segundo o dizer duma inestimavel inscripção em que se narrão conjunctamente com a tomada de Babylonia por Cyro, os motivos que levaram os chaldeos a acolherem o novo conquistador, como um salvador dos povos oprimidos.

«Desde..... até a cidade de Assur, Itataret..... Agade, Isnunak, Zanban, Ale-Tournou, Dur-II, em direcção ao paiz de Kuti além do Tigre, *cujas moradas tinham sido desde muito tempo deslocadas (como a dos judeus), os deuses que residiam no meio delles, eu os reinstalei em seus lugares e lhes elevei uma morada vasta e permanente. Eu reuni todos os seus povos e os fiz voltar para seus paizes.*»

A ordem de voltarem os povos e reconstruir os templos motivou essa queda do poder babilonico. Era o federalismo polytheista que vencia desta vez o Imperialismo unitario e centralizador.

O Jahveh de Nehemias e de Esdras podia dizer com todos os outros deuses locais restabelecidos em seus templos: (Esdras, VI, 3).

«No anno primeiro de Cyro, o Rei Cyro deu esta ordem: A casa de Deus que está em Jerusalem, essa casa se edificará para logar em que se offerecem sacrificios e seus fundamentos serão firmes, etc.»

Tanto para todos esses templos de que nos falla a inscripção, como para o do Jahveh, que era apenas uma unidade desse conjuncto, Cyro era um inspirado, um enviado dos deuses, como diz o (I, 1) Esdras: — «despertou o Senhor no espirito de Cyro Rei de Persia» a ordem da reconstrucção do Templo de Jerusalem.

Donde se conclue que o enviado do Senhor, nada mais fazia do que realisar o decreto a elle suggestionado pelos deuses beneficiados, cada um de per si.

Era, portanto, o restabelecimento do polytheismo no Oriente um verdadeiro retrocesso; mas que se compensava pela liberdade outorgada a esses proscriptos de Nabuco-durri-ussur, portadores duma religião, superior pela unidade e cohesão, religião essa que predominou, d'ahi em diante, entre os da pequena caravana, que ora voltava a repovoar Jerusalem, sob uma theocracia sem preocupações de preponderancia civil, só possivel nos sonhos do Messianismo. Diz o livro, pouco historico, de Daniel (V) que, durante uma orgia, o *rei* Balthazar mandara trazer os vasos sagrados do Templo de Jerusalem para o festim em que apparecera uma mão e escrevera as mysteriosas palavras Mene, Tekel,

Phares, que só elle conseguiu interpretar, predizendo a tomada imminente de Babylonia. O texto da Biblia não explica como essa tomada podia ser imprevista pelos sitiados, por isso addicionam a elle a narração legendaria de Herodotus ⁽¹⁾ que affirma a historia inverosimil de um desvio do leito do caudaloso Euphrates ao redor da immensa metropole babylonica.

Schrader, comparando a narrativa do grego «pai da Historia» com a inscripção, qualifica-a de *sage* — legenda, fundado no duplo erro: 1.º da confusão das pessoas, dando Balthazar como rei, em lugar de seu pai abandonado pelo povo, fazendo-o, ao mesmo tempo, «filho de Nabucodonosor» de quem não descendia directamente, segundo Sayce e outros, por ter Nabonidos subido ao throno por meios revolucionarios; 2.º O erro ainda mais clamoroso do auctor do livro escripto como manifesto politico no tempo dos Maccabeus, que, ha tresentos annos de distancia confundio a tomada de Babylonia apoz um cerco disputado por Darius, rei Persa, com a primeira de Cyrus em que foi este recebido de braços abertos, apoz uma batalha longe de Babylonia em que Nabonahid foi vencido na pessoa de seu filho Bel-sar-uçur.

Diz claramente a inscripção em contrario á legenda:

«*Sem combate e sem batalha*, elle (O Deus Bel-Merodak) o fez entrar em Su-

⁽¹⁾ Rawlinson — Herodotus — Tradução inglesa — Eberhard Schrader — Keilinschrift, etc. — 433.

Arna, sua cidade de Babylonia que Nabonahid, rei impio, tinha abandonado. Com saudades (?) elle a entregou em suas mãos.

Todos os homens de Babylonia, e a totalidade do paiz de Summer e de Accad, os grandes officiaes que elle submetteu, beijaram seus pés, se regcsijaram de sua subida ao throno e suas faces resplandeceram; o Senhor, meu apoio, que vivifica os mortos recebeu graças e louvores com effusão. todos o rogaram com inteira sinceridade e exaltaram seu nome.»

Era portanto, como por ahí vemos, o proprio deus de Nabonahid que: — «*lhe* ordenára ir tomar Babylonia; elle *lhe* fez tomar o caminho de Tin-tir; como um amigo e um companheiro, elle marchou a seu lado.»

O respeito por todos os deuses foi o manifesto com o qual abria todas as portas das cidades que elle encontrava em seu caminho. A organização federal e polytheista triumphou por essa occasião; mas não podia acontecer o contrario n'uma monarchia tão vasta como essa, em que os grandes e velhos templos abundavam.

O terceiro facto historico inteiramente analogo na forma e no fundo, porém com successo diametralmente inverso, foi a da *restauração* do culto de Jahveh e a destrucção dos *Altos* por Ezechias de Judá.

Os grandes prophetas de Judá olhavam esses

seus poderosos inimigos exactamente como o escriba de Cyrus o considerava, isto é, como enviado do Deus nacional de Babilônia e um restaurador dos altares desertos.

A casa de David foi derribada em Samaria precisamente por um divino rancor, identico ao de Nabonahid.

As ideias contemporaneas estendem-se sempre sobre um horisonte social homogeneo, com consequencias politicas identicas.

Sargon II da Assyria tinha tomado Samaria e transplantado todo o povo do reino de Israel que comprehendia nove tribus do Norte e Centro da Palestina. Esse grande acontecimento deu-se no 4.º anno do reinado de Ezechias, de Judá, quando florescia o mais bello periodo da lingua hebraica, escripta pelos grandes prophetas como Elias, Jeremias e Esaias.

Sua influencia não se estendia além de umas vinte leguas de diametro ao redor de Jerusalem, capital do reino do Sul. A suppressão da maior parte da nação hebréa foi um triumpho para o Jahveismo, porque tornou possivel a centralisação do culto n'um unico templo onde adoravam um unico Deus.

O Rei Ezechias poude então ser aconselhado pelos pios adoradores de Jahveh dentro do circulo do pequeno perimetro do Templo central, d'onde decretou, sem maiores difficuldades, a suppressão das confrarias sacerdotaes dos *Altos* das montanhas, como Bet-El «a casa de El», fundado, segundo a

tradição, por causa da visão de Jacob, o que a tornava veneranda como Nipur ou Erech para os chaldeus.

A resistencia foi menor, mas não deixou de suscitar descontentes, pouco *patriotas*, no sentido genuino da palavra, os quaes não podiam tambem deixar de anhelar uma licção dada pelos deuses abandonados e proscriptos por Ezechias; licção que se esperava fosse levada a effeito pelos exercitos de Senacherib, que vinham vingar-se da aliança do rei de Judá com o do Egypto.

Diziam elles, em linguagem identica á do escriba de Cyrus, que era o deus local Jahveh quem guiava os seus exercitos, como o provavam as conquistas antecedentes sobre Israel, tanto mais que elle tinha «supprimido os Altares dos Altos lugares para tudo concentrar em Jerusalem». Este argumento, concludente sogundo os contemporaneos, foi formulado por um enviado de um personagem chamado Rabsake, que significa em lingua assyria «general em chefe» (II Reis, XVIII, 19):

19. «E Rabsake lhes disse: Ora dizei a Ezechias: Assim diz o Grande Rei, o Rei de Assyria: Que confiança é esta, em que confias?

20. «Dizes tu: (porém palavras de beijo é;) Ha conselho e poder para a guerra. Em quem pois agora confias, que contra mim te rebellas?

21. Eis que agora tu confias n'aquelle bordão de cana quebrada, no Egypto, no qual se alguem se encostar, entrar-lhe-

ha pela mão e a furará: assim é, Faraó, Rei do Egypto, para com todos aquelles que nelle se confiam.

22. Se porém me disserdes: Em Jehovah, nosso Deus, confiamos: *porventura não é este aquelle, cujos altos e cujos altares Exequias tirou, e disse a Judá e a Jerusalem; perante este altar inclinar-vos-hei em Jerusalem?*

.....E mais adiante.....

25. Agora, pois, subi eu porventura sem o Jehovah contra este lugar para destruil-o? *Jehovah me disse: Sóbe contra esta terra, e destróe-a.*»

O general ou Rabsake vinha confiado, sem duvida, nos oráculos locaes de Jahveh, para atacar o *Nabonidas* de Judá, como Cyrus exactamente guiado pelo proprio deus Merodack de Babilonia.

Mas os acontecimentos foram diametralmente opostos dessa vez em suas consequencias; porque, para Jerusalem, não havia mais concurrentes de valor depois da destruição do reino de Israel, e prevaleceu definitivamente o monotheismo em Judá, guiado e desenvolvido pelos grandes genios literarios dos prophetas, como Esaias e Jeremias, os jornalistas pamphletarios mais vehementes, que tem existido, como directores da opinião publica.

Nesse periodo de transição em que os anavim adoradores de Jahveh representaram um papel unico na historia, a elevação monotheistica de Israel foi devida não á ignorancia dessa doutrina monotheistica entre os grandes pensadores do tempo, mas á

contingencia do estado das massas populares que nunca acompanham os innovadores, pelo principio de inercia e da lenta diffusão dos mais elevados principios philosophicos, entre as grandes populações.

A elaboração desse grande principio, suppunha não unicamente um monarcha bastante despotico e de largas vistas politicas como Nabonidas o era para seu tempo; mas um estado social já preparado, como no reinado de Assoka que tornou official a religião de Budha, assim como tambem só no reinado de Constantino, tornou-se possivel a adopção do Christianismo como religião do Estado Romano.

Judá teve seu Ezechias porque poudo operar n'um campo restrictissimo, contando com o concurso dos grandes prophetas que procederam e illustraram o seu reinado.

E' por meio d'esses grandiossos factos historicos, cujas consequencias ainda perduram, que a Sociologia contemporanea explica, scientificamente a possibilidade da elevação de um deus puramente local, tanto aos olhos dos hebreus como dos povos visinhos, a cathegoria de «Deus Unico sem segundo».

A doutrina do direito internacional sobre os Deuses suzeranos dos territorios, estava tão bem asentada na opinião dos povos, que os que eram transplantados, á força, de um para outro paiz, adoptavam o deus local em cujo territorio vinham se estabelecer.

Os samaritanos que, só o Christo conseguiu con-

graçar com os judeus de raça, eram descendentes d'aquelles que vieram substituir e repovoar Samaria por ordem de Sargon II da Assyria e que adoptaram o deus Jahveh, como tantos outros judeus, com a mesma facilidade com que o abandonaram, uma vez longe do reino de Israel.

A doutrina da igualdade entre os deuses nacionais, era tão corrente que vemos, no livro antigo dos Juizes, (XI, 24) um mensageiro de Jephthé ao rei Sehon, dos Amorreus, allegando a posse consagrada «por herança» á terra dada pelo deus de Israel e conquistada com sua protecção. E, para demonstrar a sua legitimidade, usára do seguinte argumento *ad hominem*:

23. «Assim *Jahveh, Deus de Israel* desapossou os Amorreus de diante do povo de Israel: e os possuirás tu?

24. *Não possuirás tu aquella que Camosh, teu Deus desapossasse de diante de ti? assim possuiremos nós todos quanto o nosso Deus Jahveh desapossar diante de nós.*»

Haverá conclusão mais accetavel do que essa, uma vez que se acceita como premissa — a existencia de duas divindades iguaes em soberania, e o poder territorial que d'ahi decorre?

Se a terra é tua é porque o teu Deus Camosh t'a entregou, e então porque não reconheces a nos-

sa occupação em nome de Jahveh, a quem devemos nossas conquistas? ⁽¹⁾

E' esse o direito internacional tanto de Jahveh como de Camosh.

Se Jahveh, no tempo dos juizes, podia ser posto em pé de igualdade com Camosh, outro tanto não o era aos olhos das nações quando comparado a Assur, o Deus de Sargon II e de Senacherib.

Mas como concepção religiosa diz Sayce: ⁽²⁾

«Assur é o que mais se aproxima de Jahveh, elle não é somente um presidente de assembléa, «rei sobre todos os deuses, que entre todos os deuses não tem nenhum igual a si»; não é o *primus inter pares*, um mero presidente de assembléa, como Ea ou Bel-Merodak, elle é Senhor e Dono na mais lata accepção da palavra.

Elle é quem guia os reis da Assyria na conquista dos povos, que não o reconhecem como «Senhor dos exercitos» nem admittem outros deuses e povos senão como «inimigos de Assur», cujo jugo elles tem a missão de estender sobre a Terra; é em seu nome que exterminam ou transportam os povos conjunctamente com as imagens dos deuses vencidos para serem depositos a seus pés, cumulo de ignominia que custou a qué-

⁽¹⁾ O propheta Micheas IV, mesmo no momento em que proclama a superioridade de Jahveh no futuro sobre todas as nações diz: — «Todos os povos andarão, cada um em nome de seu Deus; mas nós andaremos no nome de Jahveh eternamente.» Jahveh existe pois ao lado de outros deuses rivales.

⁽²⁾ Sayce — *Lecture, etc.* — 122.

da de Nabonidas, abandonado pelos subditos. O Deus Assur era tão absoluto entre os deuses, como o Soberano de Ninive o era para com outros reis.

Jahveh era um deus pessoal que não tinha outros ao pé de si.

Assur também «era um deus cioso» e exclusivo, se lhe puzeram ao lado Ishtar, isso nunca passou de uma affectação da moda trazida de Babylonia pelos *litterati* que lhes decantavam as grandezas: antigamente não existia essa união.

O nome de Assur é frequentemente representado por um character, que, entre outros valores ideographicos, significa em abstracto a nossa palavra — «Deus». Esse nome era explicado pelos assyrios dos ultimos tempos em seus syllabarios como o — «Deus bom», com referencia talvez a seu derivado — *Asiru*, «o justiceiro», e *asirtu*, «a justiça».

O Deus, assim denotado, era uma das divindades primitivas da cosmologia babylonica, que em Accadiano, tinha o titulo de *Ansar*. «O Deus das hostes celestes», ou simplesmente, «Sar» o «Firmamento».

Quem não vê ahí uma evolução analogá ao ariano «Diaus» — o Dia — cujo valor radical se transformou em Deus, Deva, Theos, Diaus-pitar e Jupiter?

No periodo posterior da maior grandeza desse Deus nacional de Assyria, elle parece-se tanto, em tudo e por tudo, com o Jahveh dos tempos primi-

tivos de Israel, que Sayce conclue do confronto de ambos:

«Nós poderíamos, de facto, traçal-o em todos os seus lineamentos sob os quaes n'outras condicções, poderia elevar-se uma fé tão pura como a de Israel.»!...

Depois de uma asserção partida de uma autoridade tão competente perguntamos: -- Onde está essa distancia, esse pretenso abysmo que suppõem os theologos, entre o polytheismo e o monotheismo tal como evoluiu em Israel, mesmo segundo os textos depurados e idealisados pelos commentadores orthodoxos?

Não será com certeza na sociologia comparada que irão buscar a resposta.

O Deus Jahveh, mesmo segundo a Biblia, era em tudo e por tudo igual aos deuses das nações contemporaneas dos Reis de Judeia.

Poderíamos alinhar um texto apoz outro para comprovarmos a nossa asserção; mas preferimos dar a palavra a Herbert Spencer, ⁽¹⁾ para nos retratar esse deus em perfeito pé de igualdade physica e moral com outros visinhos:

«Pois que Jehovah era em sua origem um deus como tantos outros, e que tornou-se depois deus supremo, vejamos qual a natureza que assignalam os testemunhos antigos. Sem nos deter a legenda do jar-

(¹) H. Spencer - Sociologie -- IV, 34.

dim do Eden, tirada sem duvida dos accadianos, onde se vê Jehovah, (Gen. III. 8) «que passeava no jardim ao ar da manhã» e fallava á maneira dos homens; nem na epocha em que — Jehovah veio ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam»; poderíamos encontrar factos taes como a Lucta de Jacob com Deus, e a conversa de Deus com Moisés, quando «o Senhor lhe fallou face a face, como um homem falla a seu amigo.»

Além disto, o «Deus das batalhas» que castigava tão cruamente e frequentemente a desobediencia, era evidentemente um deus local, «o Deus de Israel». O mandamento; «tu não terás outro deus diante de minha face», não quer dizer que não haja outros deuses, mas que os Israelitas não deveriam reconhecer a auctoridade delles. A ideia que o Deus hebreu não era o unico deus, se acha implicada na palavra -- *nosso deus* — que os hebreus empregaram para distinguir Jahveh dos outros deuses.

Mesmo admittindo que Jahveh era um deus como os outros, affirmava-se que sua auctoridade se estendia sobre o universo inteiro. O mesmo acontecia para com certos deuses do Egypto e para os Pharaós vivos. Dizia-se a um delles: «não ha ponto de lugar onde não reine a tua divindade; tuas palavras são a lei de toda a terra... tu tens milhões de orelhas... Tudo o que se faz, teu olho o vê.»

A auctoridade de Jahveh não era só limitada quanto á extensão; ella o era tambem quanto ao gráo. *Não se pretendia para elle a Omnipotencia.*

Sem esquecer o *cheque* de sua tentativa para matar a Moisés, citemos as batalhas perdidas pelos Israelitas, quando combatiam sob seus conselhos, por exemplo: nas duas batalhas dadas contra os Benjamitas, e o combate contra os Philisteos, quando — «a Arca de Deus foi tomada» (I Sam. IV, 3-10).

Testemunho mais forte ainda: posto que — «Jehovah viesse em ajuda de Judá», elle — «não pode expellir os habitantes do valle, porque elles tinham carros de ferro» (Juizes I, 19). Isto é, que seu poder tinha lacunas como o poder que outros povos attribuiam a seus deuses.

Iguaes lacunas na natureza intellectual e moral: — Jahveh recebe noticias; elle proprio vai ver se são verdadeiras; arrepende-se do que fizera; isto é elle não possui a omnipotencia. Como um rei da Assyria ou do Egypto, elle não cessa de gabar-se a si proprio. Elle diz: — «Eu não darei a minha gloria a outrem», — Isaias (XLVIII, 20). Logra um propheta e o faz prophetisar falsamente, com a intenção de perdê-lo (Ezechiell, XIV, 9). Confessa-se cioso, vingativo e destruidor de seus inimigos. Envia um espirito de mentira a um rei para enganar-o, como Jupiter fez a Agamemnon, (2 Chr. XVIII, 20). Elle endurece o coração dos homens para punil-os do

mal que fazem. Excita a David a fazer a estatística de Israel, suggerindo-lhe um pretendido peccado, pelo qual elle possa depois fazer soffrer o castigo sobre aquelles que não o commetteram. Elle age como faziam os deuses da Grecia, que, dizia-se, inspiravam más acções e que exerciam suas vinganças com tão pouco discernimento.»

A este retrato traçado pela mão de um grande mestre, não ousou, nem acho necessario addicionar mais nem um traço.

Vejamos agora quaes foram seus mais antigos adoradores na Palestina.

Os patriarchas vindos de Ur-kasdin não nos são conhecidos senão pelas legendas consignadas no Genesis muitos seculos apoz a fuga do Egypto.

A collecção de lendas não poderia ser escripta, no seu estado actual, por uma pessoa que não conhecesse pessoalmente a topographia dos menores districtos da Palestina.

Ora, se delles se sabe tudo, até conversas e visitas, como se explica que nada se conservasse sobre o estado religioso, social e genealogico dos 430 annos de estada no Delta!

Qual a forma da religião corrupta de que nos falla Osías, (XIII, 6) quando na abundancia encontrada no Egypto «se esqueceram de mim» Jahveh, para ser proclamado como um deus novo, por Moisés?

Se Moisés é o redactor da propria apologia gran-

diosa do Exodo, como podia elle ser descendente de Levy só na 4.^a geração (Ex. VI, 16), na ordem apenas de Levy, Querat, Amram e Moisés; e no entanto o povo que transpoz com elle o Mar Vermelho comprehendia um exercito de 600,000 homens acima de vinte annos, em estado de carregar armas e resistir ao Pharaó?

No entanto Moisés, que nunca esteve na Palestina, conhecia as menores piscinas, as arvores seculares, os monticulos de pedra de Bet-El (a casa de Elohim), as pastagens, as grutas; emfim detalhes topographicos e anedoctas patriarchaes por ellas comemoradas como se fossem memorias biographicas e dialogos minuciosos transmittidos com mais exactidão do que os discursos de Tito Livio e Thucydides, sobre os heroes historicos da Grecia e de Roma.

Como conciliar uma tão grande minuciosidade sobre tudo o que distava delle mais de 500 annos, com tanto olvido sobre o que lhe tocava de perto?

As lendas dos Santos são tambem escriptos, conservados e embellezados pela memoria poetica dos povos, que tudo transforma, de modo encantador, quando chega o momento de fixar por escripto as tradições oraes no texto que tudo perpetuou, na forma em que é redigida, em certo momento da historia.

Tudo nessas paginas encantadoras do Genesis respira a *Folk-lore* dos semitas nomades, que carregaram nas suas memorias as paisagens e a vida, ora do deserto, ora das grandes regiões civilisadas onde a sua fortuna, prospera ou desgraçada, lhes

retratou na mente com fidelidade, as vicissitudes do vario destino de sua raça, a mais original e interessante de toda a antiguidade.

O valor religioso encerrado nessas narrativas repetidas perpetuamente nas escolas, nos priva da imparcialidade critica que usamos para com os outros livros religiosos; por isso não se quer ver as incongruencias dos factos entre si e as contradicções da chronologia obvias em outras fontes historicas, menos nestas que nos tocam de perto.

Não nos deteremos a explicar como se formaram todas essas lendas, porque isso nos levaria longe; bastando, para finalisarmos, questionar sobre as particularidades do texto biblico no que se refere ao polytheismo dos descendentes immediatos e dos parentes de Abraham.

Este patriarcha veio residir n'uma região populosa onde apenas bastavam innumerous exercitos dos grandes Pharaós, Theutimes III da XVIII dynastia e de Ramses II da XIX, para deterem e desbaratarem na garganta das montanhas de Megido na Palestina os Hetheus colligados, e para d'ahi percorrel-a tomando grande quantidade de fortalezas, cujos nomes exarados nas listas de Karnak, são identificados por Brugsh, Chabbas e Maspero com povoações, umas decahidas ou destruidas e esquecidas, outras prosperas, segundo a Biblia nos Annaes dos Reis; e no entanto Abraham, veio povoar essa região segundo o Genesis, com filhos e sobrinhos pagãos, como Essú, Ismaël e as filhas de Lot, das quaes se contam anedotas genealogicas (Genesis

XIX, 30-38) tão inqualificaveis, que a não ser uma intenção de injuriar os povos visinhos, da mesma raça, seriam inexplicaveis.

Esses pais de povos se fossem historicos e não personificações ethnicas, não teriam feito mais do que augmentar a população da região de Canaan como simples immigrants nomadas, a procura de novas pastagens, nos territorios ao redor do Mar Morto, onde já, havia seculos, existia uma densa população donde partira a pletera dos Schasu que partiram dahi para invadir e conquistar o Egypto.

A côr legendaria dos textos é tanto mais evidente quando, tomados em si, tal como as possuímos, fazem suppor que Abraham, o patriarcha mais grandioso do Livro Sancto dos hebreus, não conseguira transmittir a sua alliança com Jahveh, senão á linha recta descendente de seu filho e seu neto; todos os outros filhos e parentes ascendentes e descendentes eram idolatras.

Diz Reus: (1)

«Eis aqui uma outra prova do caracter mythico destas genealogias patriarchaes. Abraham nos é representado como um homem com o qual Jahveh esteve em relação pessoal directa.

Deus lhe apparece frequentemente, dirige-lhe a palavra, conversa familiarmente com elle, vem mesmo jantar em sua tenda (capt., XII, XIII, XV, XVII,

(1) Edouard Reus — La Bible — Histoire de la Sainte Loi — 91.

XVIII, etc.). Ora, perguntamos nós, como pôde ser que um homem tão pio não chegasse a transmittir sua fé senão a um de seus numerosos descendentes, dos quaes elle devia ter visto varias gerações, porque morreu aos 175 annos de idade?

Isaac sómente continúa a tradição de seu pai: todos os seus irmãos são pagãos, e no entanto, deviam ter crescido sob seus olhos patriarchaes. Ismaél está ainda ao pé d'elle no momento de sua morte (XXV, 9).

Isaac tem dous filhos, dos quaes um só conhece o verdadeiro Deus, posto que o outro esteja ainda em relação com o pai na ultima hora deste, (XXXV, 29).

Si por um momento não quizessemos senão nos limitar á historia dos patriarchas, poderíamos remontar ainda mais alto e propormos a questão a respeito de Noé, o unico justo de seu tempo, o justo por excellencia, e na familia do qual o verdadeiro Deus desapparece totalmente, porquanto não só todos os Japhetitas e todos os Hamitas são pagãos, mas, mesmo ainda entre os Semitas, não ha nem resquicio de monotheismo; *o proprio pai de Abrahão era idolatra* (Josué XXIV, 14) e seus descendentes ficados na Mesopotamia o eram igualmente (Gen. XXXI, 19, 34). Tudo isto se explicará, o mais naturalmente possivel, desde que nos convençamos que: os povos foram todos pagãos, antes que, bem mais tarde, uma concepção mais pura da divindade tivesse penetrado no meio delles e que os *indivíduos* para os quaes se reivindica o pre-

vilegio exclusivo de ahí terem chegado muito tempo antes, não são personagens historicos.»

Tanto mais nos convencemos disso, quando consideradas as denominações derivadas desses nomes patronymicos todos dos *povos* que se conservaram pagãos, seriam inexplicaveis na sua falta de fidelidade, apesar de tão proximo parentesco com o povo eleito, desde que não os encaremos como puros mythos ethnicos, como os dos Gregos cujos patriarchas Helem, pai dos Helenos, e Ion, pai dos Jonios, não fossem exemplos vulgarissimos entre todos os povos da antiguidade.

No decorrer do nosso estudo temos, por vezes, nos referido aos restos atavicos de idolatria entre os hebreus estabelecidos na Palestina.

Mencionamos atraz a Serpente que Moisés erigira no deserto, destruida por Ezechias, (I Reis, XVIII, 4) sobre o qual todos os egyptologos são accordes em reconhecer o *Ureus*; a serpente sagrada, que elles collocavam sobre a corôa pendente da fronte, como symbolo de autoridade divina. O Touro de Ouro de Aarão, um *Apis*, destruido por Moisés, persistio, apesar disso, em Samaria (Oseas, VIII, 5), em Bet-El (II Reis X, 29) e em Dan (I, Reis XII, 28).

As *acherah* e os bolos, em forma da imagem feminina de Ishtar, nunca foram de todo, extirpados do culto das mulheres, senão apoz a volta de Babylonia.

Os deuses lares, denominados theraphiims, são perpetuados nas vidas dos avós mais venerados, como Rachel que roubára de seu pai uns idólos e os escondera debaixo do manto, posto sobre um camello e assentara-se em cima para occultal-os.

Voltando seu pai e não os tendo mais encontrado, suspeitou o furto da filha e perguntou-lhe: (Gen. XXXI, 30) — «Porque me tens tu furtado os meus deuses?»

Outro que tinha um theraphim muito maior, foi nada menos que o rei David o qual, vendo-se perseguido pelos alguazis de Saúl, fugio pela janella de seu quarto deixando um theraphim em sua cama, coberto como se fosse elle proprio ao lado de sua mulher afim de enganar-os, enquanto fugia.

Para bem comprehendermos a forma humana do Theraphim basta transcrevermos o texto de (I, Samuel, XIX, 12):

12. «Então Michal desceu a David por uma janella: e elle se foi, e fugiu, e escapou.

13. E Michal tomou um *theraphim* e o deitou na cama, e poz-lhe á cabeceira, uma pelle de cabra: e a cobrio com uma coberta.

14. E mandou Saul mensageiros, que trouxessem a David. Ella disse: Está doente.

15. Então Saul mandou mensageiros, que vissem a David, dizendo: Trazei-m'o na cama, para que o mate.

16. Vindo pois os mensageiros, eis a estatua na cama, e a pelle de cabra a cabeceira.»

Era portanto necessario para o successo dessa comedia que o idolo fosse um simulacro, tendo uma cabeça humana; era ainda mais necessario que as dobras do cobertor pudessem desenhar o perfil humano para ser trazido na cama em presença de Saúl, como se fosse o proprio genro doente.

David usou mais de uma vez (I, Samuel, XXX 7 e 8) o *Ephod* para consultar a Jahveh: era uma especie de vestuario, ou cousa parecida com uma imagem de forma até agora desconhecida, por não haver sido ainda encontrada nem uma representação graphica qualquer, que os levitas transportaram com o respeito devido a um sacrario, como Abiatar que fugiu de um massacre «levando em suas mãos o *Ephod*», como uma reliquia.

O velho propheta Oséas (III, 4) diz, desolado, que a religião de seu tempo se vai dissolvendo, e que mais tarde não haveria mais estatuas: — «Os Filhos de Israél ficarão muito tempo sem rei, sem sacrificio, *nem estatua*, sem *Ephod* nem *Theraphim*.»

Poderia acrescentar, sem Kerubim, nem a Nehistan de Moisés.

Os Apocalypses

Quando este meu trabalho não tivesse em si merito algum aos olhos dos espiritos reaccionarios, e dos mais ignaros dos progressos das sciencias orientaes; que o abrisse com o orgulhoso ar despresador d'um theologo muito bem besuntado pelo seu latinorio medieval, ou fosse tractado com o mesmo commodo e altivo desdem com o qual pronunciam os nomes mais ou menos frivolos de certos confrontadores da Biblia com as religiões do Oriente: espero, todavia, que ficará consignado este livro na memoria dos estudiosos da minha patria, como o primeiro repertorio onde se póde lêr os fragmentos da literatura Assyria vertidos para a lingua de Camões.

O temor supersticioso pela prestigiosa accusação de incompetencia, por não ser uma versão directa dos originaes preciosissimos que lingoas mais felizes e cultas do que a nossa já possuem, não me inhibe de trasladar pela primeira vez nestas paginas um poema famosissimo, que se fosse em tempo conhecido por Milton o teria obrigado a refundir todo o seu poema.

Adoptei a versão do Dr. Zimmern que collaborou na obra prima incomparavel de Hermann Gunkel intitulado — *Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit* — «A Creação no começo e no fim dos tempos» — comparando o «Poema da Creação» descoberto na Bibliotheca de Ninive com o Genesis I e o Apocalypse XII; obra esta fundamental sobre o assumpto, que procurarei resumir nas suas conclusões documentadissimas.

Desde Junho de 1892, em que fui compulsoriamente arrastado a escrever sobre essa difficil questão, tomei corajosamente o encargo de tentar pela primeira vez uma explanação desse tenebroso alvo-recer da Historia Oriental, ainda tão ignorado por todos que lêem exclusivamente o portuguez, como se ainda o primeiro alvião não tivesse batido ha bons 50 annos sobre os palacios de Ninive, e nem a primeira pá de terra tivesse sido ainda jogada de sobre o Templo de Nipur em Tello.

Neste anno de 1899 em que imprimo esta obra, já é permitido aos mais cautelosos commentadores das Escripturas affirmarem que — se o Egypto conta cerca de 4000 A. C. até Menés; o subsolo desbravado pelos Americanos do Norte nas margens do Euphrates, em Nipur, alcançou sob a serie de templos sobrepostos a profundesa de 5000 — 6000 annos de annaes civilisados e escriptos em hieroglyphos quasi indecifráveis!

Eis ahi o que já conseguiram os protestantes do Norte do nosso Continente.

Que temos nós feito, como timidos catholicos

para os quaes a velha Biblia é um livro eternamente fechado aos espiritos mais sagazes?

Nada.

Uma tentativa, portanto, em que ao menos sejam assignalados os novos horizontes da Archeologia Oriental, terá quando menos o merito, assim o desejo, de chamar a attenção de pessoas mais competentes para essas interessantes pesquisas, cujo total olvido será no futuro um documento perenne do nosso atrazo nas Sciencias Biblicas e Orientaes.

Na serie dos documentos graphicos das inscrições cuneiformes engastadas definitivamente, quaes pedras preciosas, nos commentarios biblicos, nenhum supera em elevação dogmatica a este poema; que mesmo fragmentado como se acha é um assombro em paralelo ao texto Elohista do Genesis.

Os resultados mais positivos desse confronto já o fizemos na Cosmogonia.

Não encontrei synthese mais aprofundada sobre o 1.º dia da Creação melhor resumida que a de Eberhard Schrader, transcripta e paraphraseada quasi literalmente, como nas frases que usei commentando esses primeiros versos do poema chaldeu.

Em tractando-se de Chãos a clareza se obscurece de per si; mas se ao lado do texto biblico ajuncarmos a versão de Berosio com sua côr mythica sobre o sangue de Bel, então «fazer-se a luz» na questão mais difficil se torna. Resta, porém, reproduzirmos um precioso fragmento do philosopho alexandrino Damacios, cuja exactidão erudita remontou até essa mysteriosa sciencia chaldeana, que so-

breviveu largo tempo nos livros perdidos dos archivos da Bibliotheca do Serapion.

DAMACIOS — *De primis principiis*

«Entre os barbaros, os Babylonios parecem passar sob silencio o primeiro de todos os principios, (a primeira pessoa da Trindade), e elles imaginam em seguida dous, *Tavthe (Tiamat)* e *Apsôn (Apsu)*, fazendo de Apsôn o esposo de Tavthe, que elles chamão a mãe dos deuses. Elles fazem nascer dessa união um *filho unico*, Moymis (*Mummu*), que me parece ser o mundo intelligivel, nascido dos dous primeiros principios.

Dos mesmos sahe depois uma outra geração, *Dache* e *Dachos* (corrija: Lachme e Lachmos — *La' hanu* e *Lu' humu*). Succede uma terceira, dos mesmos pais, Kissare (*Ki-schar*) e Assaros (*Asschur-Schar*) de quem nascem tres deuses: Anos (*Ana-Anu*), Illinos (corrija: — illimos-Elim-Bel, em hebraico *Elohim* e Aos (Ea-Ia, em hebraico *Jahveh*); emfim o filho de Aos (*Ea*) e de Davke (*Davkina*) é Belos (*Bel-Maruduk*), que dizem ter sido o Demiurgo, (O Messias).»

Muitos outros fragmentos podem ser colligidos n'outros auctores gregos, porém, nenhum dá o exacto equivalente da doutrina desta pagina, que por si diz melhor que qualquer commentario.

Offereço ao leitor o texto integral dos 4 primeiros livros ou taboas mais completas do — *Poema da Creação*.

.

Poema babilónico da Creação

TABOA I

Outr'ora, quando lá em cima o Céu
não era ainda denominado,
lá em baixo a Terra não tinha ainda
um nome.

Quando ainda o Oceano, o primitivo,
gerador de ambos,

Mummu Tiamat, parira a ambos e
misturára suas agoas conjuntamente
em uma só;

quando não se tinha formado ainda
campo algum,

nem outr'ora se podia ver canço algum,
quando ainda Deus algum tinha se ori-
ginado

nem por nome algum denominado,
nenhuma sorte estava destinada,

então foram creados os deuses

Luhumu e Lahamu, originaram-se...

Eternidades cresceram...

Ansar e Kisar forão creados...

Anu...

Ansar...

(Faltam 70 linhas)

Apsu abriu sua boca e falou
a Tiamat, a brilhante, e disse a ella:

Emquanto a teu plano...

Frustrar-te-hei o teu projecto...

que resôe lamentações, queixas...

Quando Tiamat ouviu taes (ameaças)...

ella exclamou gritando...

ella lançou uma maldição...

Porque devemos nós...

que a senda onde vão lhes seja penosa... —

A isto respondeu o deus Mummu a Apsu seu pai:

— ...conselho complicado...

que lhes seja frustrado o plano...

Que a luz se faça trevas, possa ella ser tão tenebrosa como a noite!

Apsu ouvindo-o serenou o seu semblante.

Maldades planejam contra os deuses...

(Depois vem cerca de 20 linhas lacunosas)

Tiamat, a mãe dos deuses, revoltou-se contra elles, ajunctando uma facção, esbravejando iradamente. Todos os deuses conjunctamente se revoltaram contra ella, as Eternidades, creadas por ella, tomaram o seu partido.

Amaldiçoando o Dia, seguiram a Tiamat, iradas, planejando desgraças dia e noite sem descanso; promptos para a peleja bramindo enfurecidas ellas se amotinaram e começaram o combate.

A mãe do Abysmo, a creadora do Universo augmentava as armas victoriosas, creando *serpentes gigantescas* com

dentes agudos, sem piedade enchia para o assalto com sangue e veneno os seus corpos; viboras venenosas e furiosas ella revestia com horrores e dotava de terrores, e as deixava altaneiras.

O aspecto dellas que...

Os corpos dellas que se encham para que os peitos se lhes tornem invenciveis.

Ella creou uma vibora, uma serpente enraivecida, uma Lahamu, um «grande Dia», um cão louco, um homem-escorpião, «dias se succedendo», um homem-peixe e um ariete, trazendo armas sem piedade, não temendo a batalha com vontade audaz e invencivel para o inimigo.

Mas, para esse fim, foi que ella formára os *Onse* desse modo entre os deus, seus filhos, e entre todos escalçou *Kingu* tornando-o grande sobre todos elles: — «Ir na frente do exercito, eis tua missão, ordenai o levantar das armas e a marcha para o combate».

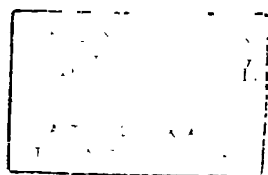
Para que seja o primeiro no combate, e o chefe na victoria, pol-o em suas mãos e o assentou sobre o throno: — «Pronunciei teu exorcismo, exaltei-te entre os deuses, te investi do poder sobre todos os deuses conjunctamente, altamente sublimado sejas tu meu unico esposo, grande seja teu nome sobre o Orbe Terrestre».

Depois deu-lhe ella as Taboas do Destino, e as collocou sobre seu peito: — «A tua ordem seja valida, seja firme a sentença de tua boca».

Quando *Kingu* foi exaltado, adquirira divindade celestial, e então ella determi-



Combate de **MARUDUK** contra **TIAMAT** (pagina 470)



nou a sorte dos deuses seus filhos: —
«O abrir de vossa boca deve extinguir
o fogo, o Sublime de *Kidmuri* deve apa-
gar a chamma».

TABOA II

(Depois d'uma lacuna em que devia
Ansâr dar estas novas a Anu e Ea, foi
novamente repetil-as *ipsis verbis* a Maru-
duck o heroe entre os deuses.)

Quando Maruduck ouviu tal, seu cora-
ção entristeceu muito,

elle mordeu seu beijo
irado ficou seu coração
o seu grito...
... batalha.

Depois disse elle a seu pai: Não vos
entristeças

tu serás o Senhor do Oceano,
quero encontrar Tiamat
... da sorte

.

do seu coração
... aproxima-te
tranquilisai vosso coração!
do seu pai
... *Ansâr*
encheu de lamentações
foi afastado
a palavra de teus labios
do teu coração
a palavra de teus labios
do teu coração
vos conduzira fóra

.
torne resplandecente
tu
torne resplandecente
tu
de conceito prudente
.
mais tarde.

Maruduk ouviu as palavras paternas, e na ancia de seu coração respondeu elle a seu pai: — Oh! Senhor dos Deuses, descendente dos Grandes Deuses, se realmente devo ser vosso vingador vencendo Tiamat, e vosso salvador, preparai um «Banquete do Destino», fazei-o abundante, em Ubsugina entrai todos vós alegremente. Com minha palavra, então, eu mesmo decidirei a sorte. Que a palavra de meus labios não seja mudada, nem retroceda, nem se torne invalida.

(Falta o fim desta II Taboa.)

TABOA III

Ansâr em seguida abriu a boca, e dirigiu a palavra a Ga-Ga, seu mensageiro: — Ga-Ga, meu mensageiro, que alegra o meu coração, eu quero enviar-te a Luchmu e Lachamu, o decreto de meu coração debes tu escutar de boa vontade,..... Teu..... diante de ti. — Convidai para o banquete os deuses todos junctos, e que elles se assentem á mesa, se saciem no festim, que comam pão, misturem vinho, que subam aos as-

sentos e decidam do Destino! Então vai, Oh! Ga-ga, appresenta-te diante delles, e fazei com que saibam a ordem que te fiz ouvir, declarai a elles: — «Ansâr que me enviou fêz-me ouvir a ordem de seu coração: — Tiamat a nossa mãe, revoltou-se contra nós, ajunctou uma facção, esbravejando irosamente.

Todos os deuses conjunctamente se revoltaram contra ella, as Eternidades, creadas por ella, tomaram o seu partido. Amaldiçoando o Dia, seguiram a Tiamat, iradas, planejando desgraças dia e noite sem descanso; promptas para a peleja, bramindo enfurecidas, ellas se amotinaram e começaram o combate.

A mãe do Abysmo, a creadora do Universo augmentára as armas victoriosas creando *serpentes gigantescas* com dentes agudos, enchia seus corpos, sem piedade, com sangue e veneno para o assalto; viboras venenosas furiosas ella revestia com horrores e dotava de terrores, e as deixava altaneiras. O aspecto dellas que... O corpo dellas que se encham para que os peitos se lhes tornem invenciveis.

Ella creou uma vibora, uma serpente enfurecida, uma Lahamu, «Um Grande Dia», um cão louco, um homem-escorpião, «dias se succedendo», um homem-peixe e um ariete, trazendo armas despediosas, não temendo a batalha com vontade audaz e invencivel para o inimigo.

Mas, foi para esse fim que ella formára os *Onxe* desse modo entre os deuses, seus filhos, e entre todos exaltou

a *Kingu* tornando-o grande sobre todos elles: — «Ir na frente do exercito, eis tua missão. Ordenai o levantar das armas e a marcha para o combate.»

Para que seja o primeiro no combate, e o chefe na victoria, collocou-o com suas mãos e o assentou sobre o throno:

«Pronunciei teu exorcismo, exaltei-te entre os deuses e investi do poder sobre todos os deuses conjunctamente; altamente sublimado seja teu nome sobre o Orbe Terrestre». Depois deu-lhe ella as Taboas do Destino, e as collocou sobre seu peito: — «A tua ordem seja valida, seja firme a sentença de tua boca».

Quando *Kingu* foi exaltado, adquirira a divindade celestial; e então ella determinou a sorte dos deuses seus filhos: — «O abrir da vossa boca deve extinguir o fogo, o Sublime de *Kidmuri* deve apagar a chama». ⁽¹⁾

Eu enviei *Anu*, mas elle não quiz ir ao encontro della, *Nigimund* (*Ea*) atemorizou-se e retrocedeu

Então eu notifiquei a *Maruduck*, o conselheiro dos Deuses, o vosso irmão; o seu coração o incitou a ir ao encalço de *Tiamat*.

Elle abriu a boca e disse a mim: — Se realmente eu devo ser vosso vingador, e vencer *Tiamat* e vos salvar, preparai um banquete, fazei abundante «o Banquete do Destino», e entrai junctos alegremente em *Ubsugina*!

⁽¹⁾ No combate de *Ahuramazd* contra *Angromanus* a luz do 1.º dia avisado de longe atrahiu a attenção do inimigo que dirigiu-se sobre ella para apagá-la. — (Vede atraz pag. 220.)

Com minha boca, eu mesmo, decidirei a sorte.

Possam as minhas palavras não serem mudadas nem retrocedão, nem se tornem invalidas.

Então apressa-te. decide a sorte que lhe está reservada, e que encontre nosso poderoso inimigo!

Ga-ga foi e dirigiu sua rota ao encontro de Luchmu e Lachamu, os deuses seus pais, ajoelhou, beijou o solo aos pés delles, curvou-se, levantou-se e disse-lhes:

(Repete-se novamente a mesma narrativa da revolta de Tiamat e seus sequases.)

Logo que Luchmu e Lachamu ouviram isso, começaram a se lamentar em altas vozes; os deuses celestes todos junctos soluçavam affictos: — Como as Eternidades se tornaram tão loucas que procurão a prisão? Não podemos comprehender as más acções de Tiamat.»

Então na assembleia os Deuses decidiram do Destino, e todos junctos vieram perante Ansâr, encheram o aposento, e se apertavam uns aos outros na reunião, asentaram-se na mesa, se fartaram no banquete, comeram pão, mesclaram vinho, encheram-se com môsto doce, beberam hydromel, fortificaram muito o corpo; e subirão ás sêdes para decidir da sorte de Maruduk, o vingador delles.

TABOA IV

Então elles o puzeram no throno principesco, diante de seus pais elle se assentou como soberano. Todos o aclamaram dizendo :

«Que sejas glorificado entre os grandes deuses, teu destino é sem par, teu nome é Anu. De hoje em diante sejam valiosas tuas ordens, o elevar e abater está em tuas mãos!

Que nos templos dos Deuses haja penuria de pompas que cubiçam, mas que na tua morada sejam ellas riquissimas.

Oh! Maruduk! se quizeres ser o nosso vingador, nós te concederemos o imperio sobre todo o Universo.

Quando estiveres no conselho, a tua palavra esteja acima de tudo, que a tua arma victoriosa attinja o inimigo.

Oh Senhor! que todo aquelle que confiar em ti tenha a vida salva, mas derramai a vida do Deus que planejar maldades.»

Então elles puzerão no meio da assembleia uma veste qualquer, e disseram a Maruduk o primogenito:

Que a tua necromancia exceda a de todos os outros Deuses: nascer e morrer — ordenai e será feito. Ao abrir de tua boca desapareça a veste, mandai outra vez e que a veste reapareça.»

Então elle mandou com a boca, e o vestido desapareceu, outra vez elle ordenou — e eis o vestido reaparecido!

Quando os Deuses seus pais viram tal

poder de sua palavra, elles o saudaram com alegria: — «Maruduk sêde rei. Apresentarão-lhe o sceptro, o throno, o anel, e presentearam-lhe com uma arma sem rival para combater o inimigo: Ora ainda bem, cortai agora a vida a Tiamat; que o vento leve o seu sangue ao escondido».

Assim, os deuses pais de Bel determinarão o seu fado que o conduzirá a via da salvação e da felicidade.

Elle apromptou um arco, e o destinou para sua arma, preparou uma espada em forma de fouce; tomou a arma divina com a destra, suspendeu o arco e a aljava á direita.

Relampejou diante de si um raio cujo interior encheu de labaredas chamejantes. Fez uma rede ⁽¹⁾ para envolver o monstro Tiamat, creou os quatro ventos para que não escapasse, fez o vento do Sul, o do Norte, o de Leste, e o do Oeste chegarem á rede, presente do pai Anu.

Creou um furação, uma borrasca, uma tempestade, os quatro ventos, os sete ventos, um turbilhão e um furação.

Depois soltou os ventos que elle creára, todos os sete para seguil-o e atrapalhar a Tiamat.

Então Bel-Maruduk tomou a tempestade, sua grande arma, e subiu no carro incomparavel, formidavel! Atou um quadrigio de cavallos despiedosos, corajosos, velozes, com dentes agudos, venenosos...

⁽¹⁾ Essa rede, a arma decisiva do combate, está perfeitamente descrita em Ezechiel, XXXII, 2-8.

que saibam derribar á direita... formidáveis no combate á esquerda... revestidos com horror cujo terror aterra...

Direito seguiu, e concluiu a viagem até o lugar em que estava Tiamat..... o seu semblante, com os labios..... segurou; com herva venenosa..... pegando com seus dedos.

Todos o presavam, os deuses o exaltavam, seu pai o louvava, os deuses o aclamavam.

Aproximou-se Bel, espreitando o momento para combate contra Tiamat, esperando encontrar Kingu, seu esposo, aguardando o combate. Assim que o avistou, seu animo se conturbou, sua rasão se confundiu, e suas resoluções titubearam irresolutas.

Quando os deuses, seus cooperadores, que estavam a seu lado, virão o chefe que os conduzia desesperar, os seus olhares se tornaram perplexos.

Mas Tiamat mantem-se firme sem desviar a cervis, com os labios..... resistencia.

«Os Deuses acceitam contigo, oh! Bel, o combate, lá onde elles estão reunidos, é o teu lugar!»

Então tomou Bel-Maruduk a tempestade, a sua grande arma; exprobrou a Tiamat suas más acções, deste modo:

«Embaixo poderosa eras tu, encima suprema; mas teu coração impelliu-te a começar o combate.

Porque as «Eternidades» separaram-se de seus pais para irem contigo e ajuntaram-se ao redor de ti, e te revol-

tastes contra nós, fizestes Kingu teu esposo, entregastes a elle o poder divino... meditastes, e fizestes mal aos Deuses, meus pais?

Pois então, estejam presos os teus sequazes, atadas as tuas armas. Comparecei! Eu e tu queremos nos combater.»

Tiamat quando ouviu tal ficou consternada, e perdeu a razão.

Blasphemou ⁽¹⁾ Tiamat, alçou o cólo impetuosamente, os seus ossos tremeram profundamente.

Ella recitou um esconjuro, pronunciou uma formula, os deuses da batalha fizeram soar as suas armas.

Encontraram-se Tiamat e Maruduk, o conselheiro dos deuses; deram começo impetuoso á batalha.

Era chegado o momento do combate.

Então estendeu Bel a sua rede, prendeu-a; e soltou o tufão que estava atrás, ao encontro della.

Então, quando Tiamat, abriu precipitadamente a guela, elle deixou entrar o tufão que a forçava a abrir a boca. Com ventania medonha elle encheu o corpo do monstro; ella desmaiou e abriu com violencia a garganta. Mas Maruduk pegou na espada e cravou-a no corpo do monstro, cortou-lhe os intestinos e dividiu suas visceras; venceu-a, trucidou-a, prostrou seu cadaver sob seus pés, e triumphou!

Assim que foi dominada Tiamat, a conductora, suas hostes foram desbarata-

(1) Os poetas hebreus sempre denominaram a «Serpente» blasphemadora.

das e dispersadas suas tropas; os deuses que a ajudavam e permaneciam a seu lado tremeram aterrorizados. retrocederam fugindo precipitadamente por salvar as vidas; mas os laços os envolveram e não puderam se escapar; assim enlaçados, quebrou-lhes elle suas armas enquanto jaziam na rede enchendo o Universo de bramidos supportando o castigo encerrados na prisão.

Tambem onze creaturas de formas horriveis, uma caterva de demonios, que andavam ao lado della foram atados e enca-deados nas mãos, elle refreou-lhes a resistencia. Venceu a Kingu, que era poderoso sobre todos elles, e fez-lhe quanto fizera aos outros deuses revoltados. Arrancou-lhe as Taboas do Destino, que tinha suspensas sobre o peito, as sellou com seu sello e as prendeu sobre seu proprio peito. Depois de ter vencido e subjugado seu inimigo e abatido o orgulho do seu adversario; apoz que o valente Maruduk completou toda a victoria e alcançou os intentos de Nugimmund, batalhando e desbaratando os inimigos de Ansâr; então firmou os laços sobre os deuses vencidos e voltou-se para Tiamat que elle subjugára.

Bel-Maruduk calcou sob suas plantas o corpo de Tiamat, rachou-lhe o craneo, cortou-lhe as veias do sangue e o deixou levar pelo vento aos abysmos escondidos.

Seus pais ao verem isto, se regosijaram e mandaram vir presentes de paz para offerecel-os a elle.

Então Bel acalmou-se, quando con-

templou o cadaver..... para crear cousas engenhosas.

Elle quebrou-o em duas partes.....

Tomou uma metade e fez della um tecto estrellado, poz limites diante delle, collocou grades, e ordenou-lhe que não deixasse escoar as aguas.

Fixou o céu correspondente ao mundo inferior confrontando-o com o Oceano, a morada de Nigimmund (Ea). Então Bel mediu a construção do Oceano, erigiu Esara, como palacio igual a este dos mares. Destinou para a morada de Anu, Bel e Ea o palacio de Esara, construido como o Céu, para que ahi habitassem como em suas cidades.

(Segue-se a criação das Estrellas, já exposto e citado na *Cosmogonia*; addiccionado de alguns raros fragmentos sobre os animaes que já conhecemos e estudamos nesse capitulo.)

Agora, teria muita satisfacção em poder encontrar um Psalmo, longo e circunstanciado, que nos desse a summula das numerosas passagens de toda a Biblia — «no conjuncto dos seus sessenta e nove livros tirados — *quanto a essa vasta epopeia da antiquissima religião dos Chaldeus*». ⁽¹⁾

E' pena que não fosse incluído no Genesis um

⁽¹⁾ Alvaro dos Reis — Origens chaldeanas da Biblia — pag. 6.

fragmento mythico, igual ao do Deluvio, que reproduzisse esse poema de theophania chaldeana.

Em compensação poderíamos encher dezenas de paginas, só com as referencias biblicas aos diversos episodios da peleja — sendo tão variadas nas formas poeticas, que enfeixadas em ordem parallela ao poema chaldeu, teriamos materiaes completos para reconstruirl-o não só na sua totalidade, como em todos os seus episodios.

Daremos, como amostra para commodo dos que não lêem a Biblia, as passagens mais typicas de varios episodios da batalha.

Esaias — LI, 9

Levantai-vos! Levantai-vos!
Revesti-vos de vossas forças braço de Jahveh!
Levantai-vos como nos dias de outr'ora,
Como nas edades antigas.
Não sois vós que abatesteis *Rahab*?
Que feristeis de morte o Monstro do Mar?
Não sois vós que dessecasteis o Mar,
As ondas do vasto Oceano?
Que fizesteis das profundesas do Mar
Um caminho para ahi passar os libertos?

PSALMO LXXXIX, 10

Neste psalmo a mesma ideia volta sob forma igual, sob o mesmo nome de *Rahab*, que symbolisa o Egypto.

És tu que domas o orgulho do mar;
 Quando as ondas se levantam és tu que as apasiguas.
 És tu que feristes *Rahab* como de morte,
 Com teu braço potente dispersastes teus inimigos.
 A ti pertence o Céu e a Terra;
 O mundo com o que nelle se contem tu o fundastes.
 O Norte e o Sul são tuas creações,
 O Tabor e o Hermon aclamam teu nome.
 O braço é teu, a força é tua
 Tua mão é potente, levanta tua destra!
 A justiça e a equidade são as bases de teu throno,
 A graça e a fidelidade estão diante de ti.

Behemoth (¹)

Job (XLI — XLII) descreve as formas do Hypopotamo sob o nome hebraico de *Behemoth*, transcrição da palavra egypcia — *Pehe-mut* (o boi d'agua).

Era esse o animal mais formidável conhecido pelo vidente Idumeu, que o descreve quasi anatomicamente, exagerando e transfigurando-o até confundil-o com Tiamat, cujo dominio é o Oceano.

Este monstro assim descripto tornou-se o prototipo de todas as Chiméras.

Vede *Behemoth*, que fiz como a ti:
 Elle come a herva como um boi.

Sua força reside em seus rins,
 Seu vigor nos musculos de seu ventre.

(¹) Renan — Job — pag. 180.

Entorta sua cauda como um cedro,
Os nervos de suas cochas são entrelaçados.

Seus ossos são tubos de bronze,
Seus membros são obra de ferro.

E' a primeira das obras de Deus;
Seu Creador lhe fez dom de seu gladio.

As montanhas lhe levam seu repasto;
Lá brincam ao redor delle todos os animaes dos
campos.

Elle se deita sob os lotus,
No segredo dos caniços dos paúes.

Os lotus o cobrem com suas sombras,
Os salgueiros da torrente o rodeiam.

Se o rio transborda, elle não foge;
Nada temeria, se o Jordão subisse até sua garganta.

Experimenta-se de ataca-lo em face,
De prendel-o nos laços, de perfurar-lhe o nariz?

Arrastarás-tu *Leviathan* com um anzol?
Apertarás-tu sua lingua com uma corda?

Lhe passarás-tu um junco pelas narinas?
Lhe perfurarás-tu as bochechas com um anzol?

Te suplicará-elle?
Te dirá elle doces palavras?

Fará elle um pacto contigo?
Se sujeitará para sempre a te servir?

Brincarás com elle como um passarinho?
O laçarás como um passarinho para divertir teus
filhos?

Os pescadores associados farão delle um objecto de
commercio?
O dividirão elle entre os Phenicios?

Crivarás tu sua pelle de dardos?
Traspassarás sua cabeça com o harpéo dos pescadores?

Colocai sómente a mão sobre elle,
E tu não pensarás mais em recommençar o combate.

Ah! Ah! eis tua audacia confundida!
Como! teu semblante não foi sufficiente para at-
terral-o!

E se não ha homem bastante ousado para o provocar,
Quem pois me ousaria resistir em minha frente?

A quem sou obrigado para que o pague?
Tudo o que está sob os Céos é meu.

O Crocodilo

Eu falarei ainda de seus membros,
De sua força e da belleza de sua armadura.

Quem já levantou a beirada de sua vestimenta?
Quem visitou a linha dupla de sua mandibula?

Quem abriu as portadas de sua face?
Ao redor de seus dentes habita o terror!

Soberbas são as linhas que formão suas escamas,
Semelhantes a um par de tesouras bem feixadas.

Cada uma dellas toca a sua vizinha,
Um sopro não passaria entre ellas.

Ellas são adherentes umas ás outras,
Ellas se appoiam, e não poderiam separar-se.

Sous espirros fazem brilhar a luz.
Seus olhos são como as palpebras da aurora.

De sua boca sahem labaredas,
E se escapam sentelhas de fogo.

Das narinas se eleva uma fumaça,
Como d'uma caldeira e d'uma bacia.

Seu halito incendia o carvão,
De sua guela sahe a chama.

Em seu pescoço reside a força.
Diante delle pula o terror.

Os musculos de sua carne são adherentes,
Pregados sobre elle e immoveis.

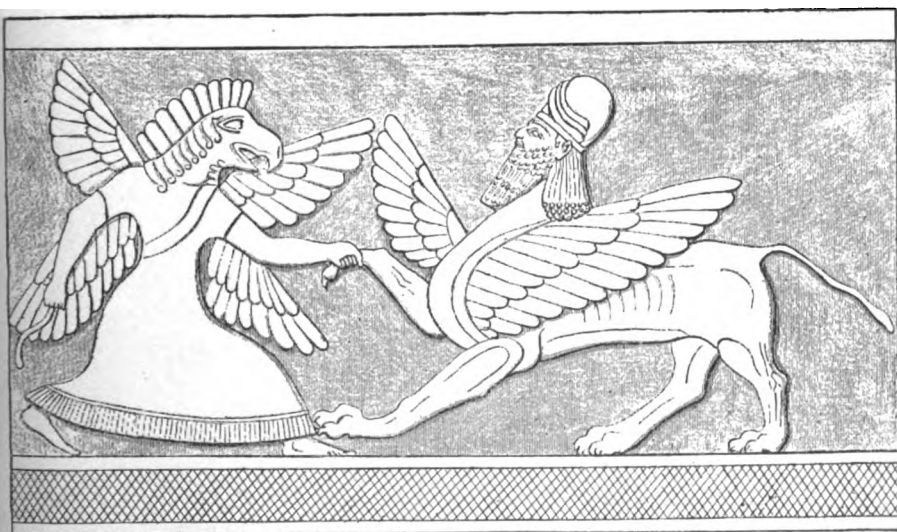
Seu coração é solido como uma pedra.
E duro como a mó inferior.

Quando se levanta, os mais bravos tremem.
E fogem cheios de panico.

Quando se o attaca com a espada, não ha espada,
Nem zagaia, nem flecha, nem couraça que resista.

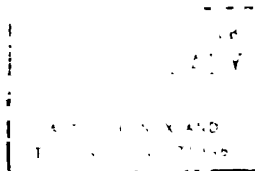


ECLYPSE DA LUA (pagina 60)



DEMONIO e KERUBIM

Lucta do Mão contra o Bom principio (pagina 482)



Elle olha o ferro como se fosse palha,
E o bronze como pau podre.

A filha do arco (a flexa) não o faz fugir,
As pedras da funda elle as despreza como rastolhos.

A clava lhe parece um calamo,
Elle se ri do brandir da lança.

Seu ventre é armado de tetas ponteagudas,
E parece um animal estendido sobre a lama

Elle faz ferver o abysmo como uma caldeira,
E torna o mar semelhante a bolhão de perfumes.

Elle deixa apoz si um sulco de luz;
Dir-se-hia que o abysmo tem cabellos brancos.

Elle não tem senhor sobre a terra,
Creado como foi para nada temer.

Elle olha em face tudo o que é elevado;
E' o rei de todos os animaes selvagens.

O hypopotamo-Behemoth, e o crocodilo-Leviatham,
um macho outra femea; um d'agoa outro do deserto. Tambem *Tiamat* femea tem seu macho *Kingu*.

Sobre o dominio de ambas as «bestas», basta documentarmos com

Esdras — IV, 6, 49-52

Então conservasteis duas almas. Denominasteis a um Behemoth e ao outro Leviathan, e separasteis um do outro; afim de que não se apoderassem da se-

tima parte, onde estava a agua ajuntada.
E, desteis a Behemoth uma parte, que
se seccára no terceiro dia, afim de que
nella habitasse, onde ha mil montes; a
Leviathan, porem, desteis a setima parte
humida, e a conservasteis, para que de-
vorassem tudo quanto quisessem.»

O heroe armado para combater já o conhecemos
descripto por Ezechiel, I, na visão que teve ás
margens do rio de Chebar.

Para reforçar esse retrato basta trasladar:

Habakuc — 3, 3

I ESTROPHE

Jahveh chega de Tênon,
O Santo dos montes de Parân
Sua magestade cobre os céos
E de sua gloria está cheia a terra.
Uma luz brilha como a do Sol,
Raios partem de suas mãos para todos os lados,
E' essa a *aureola* de sua força.

II ESTROPHE

Acaso é contra os rios tua ira?
Tua colera é contra os ribeiros?
Ou é contra o Mar? Oh Senhor!
Porque vens trazido por vossos *Kerubs*,
Sobre teu *carro* victorioso?
Teu *arco* está descoberto
Elles juravam por tuas palavras
Teus *raios* fendem a terra.

III ESTROPHE

As montanhas te contemplam e *tremem*
Um deluvio d'agua perpassa;
O Oceano faz ouvir sua voz,
Elle levanta as mãos para o Céu.
O Sol e a Lua param onde estão,
Ao brilho de tuas *flechas* que voam
Ao clarão de tua *lança* brilhante.

Se não basta ainda a Creação que precede a
lucta, o retracto dos monstros do Deserto e do
Oceano e a imagem de Jahveh armado como o
Deus Assur; vou dar-vos o cataclysmo dos céos, os
rios cheios de sangue, e os membros do monstro
cobrindo as montanhas de suas carnes.

O pretexto da comparação poetica, são as for-
midaveis ameaças contra o Faraó invasor:

Esdras — 32, 2-8

Filho do homem levanta uma lamentação
Sobre Faraó. o rei do Egypto, e dizei-lhe:
Eras semelhante a um filho de Leão entre as gentes,
Eras como *Thehubohug* nos mares,
Lançavas-te nos rios como um crocodilo;
E turbavas as agoas com teus pés,
Mergulhando-te em suas ondas.

Assim fallou Jahveh:

Lançarei sobre ti minha rede,
Com a ajuda de povos innumeraveis,
Para que te tirem fóra com suas malhas.

Eu te deixarei jazer sobre o solo,
E te lançarei nos campos,
Farei com que todas as aves do céu se abatam
sobre ti;

E fartarei os animaes de toda a terra.
Da torrente de teu sangue ensoparei os montes,
E os vales transbordarão.
Quando te apagar a vida, velarei o céu,
Encobrirei de escuridade as estrellas,
Esconderei o Sol com nuvens,
E a Lua não resplandecerá mais sua luz.

E' sufficiente.

As escripturas todas, os prophetas, os Psalmos, até os Apocalypces, são élos ininterruptos da mesma epica theophania de origem chaldeana.

Por meio de textos sobre textos podemos tentar a reconstrucção systematica do Poema todo.

Bastará, portanto, referencias precisas e numerosas, que poderão ser par e passo consultadas na letra dos «69 livros da Biblia».

I A' descripção da separação das «aguas» estudado por nós no 1.º dia da Creação podemos ajuntar:

O dessecamento dos mares Esaias 51, 10, Salmo 74, 11. Deverá ser o monstro abandonado na praia deserta. Ez. 30, 12. «O deus Jehovah muda o rochedo em uma bacia d'agua e a pedra dura n'uma fonte». Ps. 104, 6. O aquietamento do Dragão Esdras 30, 7, é parallelo ao acalmar do Oceano em Job 26, 12. As aguas afastão-se diante das reprehensões de Jehovah, Ps. 104, 7 e Jer. 31, 35. As

rebeldias do Oceano serão conservadas em limites precisos, que serão eternamente respeitadas. Ps. 104, 9, Job 38, 10, Pro. 8, Jer. 5, 22.

Todos estes versiculos mostram o poder especial de Ea-Jahveh sobre o salso elemento.

II A forma do *Leviathan* é descripto como possuindo varias cabeças Ps. 74, 14; como Crocodilo que exala fogo pela boca, Job 41, 9-12; como *Behemoth* é descripto com as formas phantasticas d'um pachyderme aquatico semelhante ao Hypopotamo, em egypcio *Pehemut*, d'onde vem o nome hebraico. Apparece em conjuncção com o mar primitivo *Thehubohug*, Gen. I, 2.

III Sobre tudo representa Leviathan o rei das Aguas profundas, e Behemoth o rei do Deserto arido. Esdras 6, 49-52. — Leviathan é femea e Behemoth é macho segundo Henôsch 60, 7-9. — Leviathan é o rei do Mundo inferior, é poderoso nas trevas Job 3, 8, e coberto pelo Firmamento Ps. 44 20.

Esta dualidade do Mar e do Deserto lembra a divisão do Chaos em duas regiões inferior e superior no começo da Creação Ps. 74, 14, Ez. 29, 5.

IV O Thehubohug (*Dragão*) «foi vencido nas edades antigas» Es. 51, 9; Ps. 74, 12. O Dragão diz com orgulho: «E' meu o Nylo, fui eu quem o creou» Ez. 29, 8. A religião Jahvehista afirma com solem-nidade: O Dragão é a creatura de Jehovah, Ps. 104, 20; e Job 40, 10 e confirma: Behemoth é a primeira das creaturas de Jahveh.

V A arrogancia é o caracter fundamental dessa disforme creatura. Ps. 89 ¹⁰, Ez. 29 ³, Ps. de Sal 2 ²⁹. Blasphema contra o Senhor, Ps. 74 ¹⁸. O seu estrondo sóbe até os Céos, Ps. 74 ²², Job 41 ¹⁷. Elle estende o seu dominio sobre as ondas que é obra sua, Ez. 29 ³, e Ps. de Sal 2 ³³ acresce que seu poder se estende sobre a Terra e sobre o Mar. Elle turva as aguas e enche do lodo os rios, Ez. 32 ³.

Por isso é elle o «Inimigo de Jahveh» por excellencia, Ps. 74 ²⁸. O «culpado», Ps. de Sal. 2 ¹. O «orgulhoso», Ps. de Sal. 2 ³⁵.

VI Jahveh doma o Monstro-marinho. O monstro é aggressivo e corajoso, Job. 41 ¹⁷. «O Inimigo insulta a Jehovah» diz dolorosamente o Ps. 74 ²²; mas o Senhor cumprirá as promessas de salvação sobre a Terra, Ps. 74 ¹². Elle é o Deus Misericordioso que subjugou o Inimigo, Ps. 89 ² e ¹⁵. Elle ostenta o poder de seu braço, Ps. 89 ¹⁰ e ¹⁴, como «Rei», Ps. Sal. 2 ³⁴. — «Elle sabe esmagar o monstro que muge. Por seu sopro o Céu se torna sereno. «Elle traspassa o Dragão fugitivo», Job 26 ¹³.

VII O combate é descripto com todas as suas peripecias, assim como suppõe um immenso *Cathaclysm* de toda a Natureza.

Esaias exita-o a novos combates, Es. 51 ⁹. O Céu se obscurecerá no fim da lucta, Ez. 32 ⁷. Haverá relampagos e terremotos, Habacuk 3 ⁹ e ¹⁰. Behemoth será arrastado fóra d'agua com um harpéo, Ez. 29 ⁴, será envolvido em vasta «rede de malhas»

Ez. 32 3; «moerá» Es. 51 14, «as cabeças» do Leviathan, que será estendido sobre o deserto Ps. 74 14: onde será abandonado ás feras e aos passaros de rapina Ez. 29 5 e 32 4. Os «ajudadores» do Dragão serão destroçados e «derribados a seus pés» Ps. 89 11, Job. 9 13. Suas carnes serão espalhadas pelas montanhas e seu sangue encherá os valles. Ez. 32 6.

A descripção das armas de Jahveh, armado como Assur ou Ahuramazda, se acham descriptos em Esdras I e Habacuk III.

VIII Segundo alguns prophetas o combate foi definitivo e despedaçado o Monstro. Segundo outros apenas foi «ferido» e o combate ficou indeciso como entre Ormuzd e Ahriman.

Só no fim dos tempos haverá um combate final que livrará a humanidade da partilha do poder com o Monstro do Chaos das «edades antigas».

Segundo outras variantes o Leviathan será apenas «amansado» Es. 30 7. Apesar de habitar as profundezas do Abysmo escuta a Jehovah, Job. 7 12. Quando identificado com as ondas do Mar; elle será cercado pelo poder magico de Jahveh, Job 3 8; segundo Henosch 60 16, será detido por uma redea.

IX D'ahi provém a persistencia do «Mal» durante a epocha dos Prophetas mais recentes que esperam o combate decisivo, que só do V.º seculo em diante vai se desenhando cada vez mais claramente.

Essas são as doutrinas messianistas já bastante evoluídas que encontramos em Esdras IV, 4 52, em

Henosch 60 24 e Ap. Barruch 29 4, que precedem de muito perto a Eschatologia Christã.

Daniel, VII

Os elementos componentes da visão de Daniel 7, são os mesmos da tradição dos velhos prophetas.

Ha, porem, novos elementos *avestianos* sobre a successão de cyclos determinados como as mysteriosas «60 semanas de annos» dentro das quaes se succederiam novos conquistadores.

Não podemos nos deter diante da especie de Philosophia da Historia Antiga que ahi collocam os commentadores, porque isto importaria desviarmos do ponto de vista Chaldeu.

Os 4 animaes vindos do Oceano personificam ideias politicas que melhor serão comprehendidas ao lado do Apocalypse. As analogias entre Daniel 7 com Es. 30 7, Ez. 29 e 32, Ps. 68 31, Es. 27 1, Ps. 74 e Ps. Sal. 2, são patentes.

Acresce que o ponto de vista d'uma promessa de futuro primado de Israel sobre as nações, tendo por guia o Messias filho de Jehovah, tomará mais expansão, quando aos desenganos politicos se juntarem as transformações religiosas do periodo Evangelico.

A transferencia d'um combate que deveria ser dado contra a «Serpente Antiga» fica de novo procrastinado para epocha indeterminada — mas muito proxima da morte do Redemptor.

Ajustando Daniel VII á ordem do poema chal-

deu, collacionado a outros versiculos do Velho Testamento, teremos o quadro synoptico seguinte:

X São «bestas» Ps. 68 31; «*animal*» Esdras 6 49; «*cæte*» (baleia) Henôsch 60 7, que sahirão do «Grande Oceano» Es. 51 10, Hab 3 15. Subirá ao céu — *Leviathan ascendit de mari*, IV Ezdras 11 1 13 3. Diante delle sobrevirão «ventos» que abalarão os céos e o Oceano; como no Genesis 1 2, o *Ruash* que perpassa sobre as «aguas», do mesmo modo: como vem contra Maruduck os «Ventos-Demonios» companheiros do «Inimigo» que ameaçam exterminar a humanidade, Ez. 32 2. Os animaes são dous, um vindo do mar *cæte*, baleia; outro do deserto Behemoth, Ps. Sal. 2 23. Seus auxiliares são também inimigos dos deuses e dos homens. O mesmo dizem Ez. 29, 32. Es. 27 1, Ps. 74 e Ps. Sal 2 25. Os animaes espalharão sobre a terra toda a carne não devorada por elles, Ez. 32 2, Ps. 68 31. Os sete cornos blasphemarão contra o Senhor, Ps. 74 18, Ps. Sal. 2 32. Seguir-se-ha uma luta contra os Santos que serão vencidos Ps. 68 3, Ps. 74 e Ps. Sal 2. — Porque entra no plano da Providencia que «as bestas» tenham poder sobre o Mundo. Porem esse dominio não durará eternamente.

Não pode entrar no meu plano, n'um só capitulo, exgotar todas as variantes da Biblia; ainda menos remontar todos aos tributarios da torrente Amazonica da tradiçãõ eschathologica que vemos em pleno mar no Apocalypse de S. João.

Basta o que dissemos quando demonstramos as suas relações com a bacia vizinha do Orenoco — que para o nosso caso é a religião do Avesta.

Apocalypse XII

As semelhanças do Apocalypse com Daniel são tão patentes, que não soffre duvida que ahi está um elo connexo até pela copia directa de varias passagens.

Os materiaes mythologicos são portanto identicos. E nem poderiam deixar de participar da mesma tradição, uma vez que os videntes mais antigos concordam todos uns com os outros em ordem chronologica; apenas adicionadas as variantes imperceptiveis produzidas pela originalidade dos poetas — e sobre tudo pela mudança dos tempos.

Não se poderia exigir maior exactidão nos detalhes, n'uma tradição deluida e ampliada successivamente durante varios milenios.

Como preliminar do commentario não decidirei qual das «bestas» é Vespaziano, Herodes Atticus, Domiciano ou Simão Mago.

Segundo Renan ⁽¹⁾, o Antichristo seria Nero, e há tantos traços que lhe convem no retrato, que propendo pessoalmente para esta solução d'um problema tão obscuro.

Mais uma vez deixo ao sabor dos exegetas estas subtilissimas reconstrucções historicas, para tão sómente condensar os elementos mythicos encontrados

(1) Renan — L'Antechrist.

que permitem collacionar o Apocalypse de S. João com o poema chaldeu da Creação.

XI As perseguições do 1.º seculo já tinham começado. Nero incendiára Roma, e tambem aos christãos accusados por culpados, quando menos de pessimismo, por aprovarem o castigo celeste.

O Templo e Jerusalem não tardariam tambem.

Eram as provações preliminares que sofreriam os crentes.

O Ap. 11 7 diz: «E quando acabarem o seu testemunho, a Besta, *que sóbe do abysmo*, lhes fará a guerra e os vencerá, e os matará.» (Esdras — *Leviathan ascendit de mari.*)

Abyssos em grego são as profundezas do Oceano, d'onde resulta a synonymia das palavras:

Cháos, Abyssos, Thehubohug e Tiamatu.

As bestas são personificações quadruplicadas em Daniel 7, e são os *requezes* da «Serpente Antiga» com applicações ás personalidades de diversos perseguidores do 1.º seculo. Ap. 12 é 17.

XII A Besta tem 7 cabeças, Ap. 13 1 e 17 31 como Leviathan que tem varias cabeças, Ps. 74 14. Uma tradicção analoga cuneiforme tambem conhece segundo Delitzsch (1) — «a Serpente de 7 cabeças *Tiamat*», que é exactamente — «a Serpente de 7 cabeças dos Mares».

XIII Um dos epithetos dados a Tiamat é o de

(1) Delitzsch — *Wo lag das Paradies?* — p. 148.

«Leão» que vemos no Ap. 13 2; essa forma se encontra em monumentos gravados no qual se vê um Dragão com azas e boca de Leão. A 2.^a besta é um Urso com 3 costellas entre os dentes. A 3.^a besta é uma panthera com 4 azas e 4 cabeças. A 4.^a era um monstro com 3 cornos com um olho humano no apice que crescia como as antenas dos caracões, tendo uma voz espantosa e estrondosa, com 10 dentes de ferro, porem de forma tão estranha que não era comparavel a nenhum animal.

A galeria de Berocio não é mais completa em alimarias; as muralhas do velho Templo segundo o Ps. 74, deveriam estar cheias desses seres symbolicos:

Os inimigos bramam no recinto de teus altares,
Como *emblemata* substituem os seus.
Pode se vel-os iguaes aos lenhadores
Brandirem o machado n'um bosque cerrado.
Cada qual com azafama quebra as *esculpturas*,
A golpe de martello e de machados.

Deviam ter sido cheios de alimarias eguaes esses «entalhes».

XIV As «blasphemias» repetem Daniel 7 8, Ps. 74 18, no Ap. 13 6 — E abriu a boca em blasphemias contra o Senhor, para blasphemar o seu nome, e do seu tabernaculo, e dos que habitam nos Céos».

Tambem Tiamatu blasphema contra os deuses.

XV «Os socios de Rahab» se encontram no Ap. 16 13, 19 19 e 17 12. — «As estrellas do Céu

são o cortejo de Maruduck; assim como os Ventos-Demonios ajudam a destrucção dos seres da Terra, quando se rojam em tufões sobre a humanidade.

XVI Ao ultimo combate contra as «Bestas» seguir-se-ha um Novo Céu e uma Nova Jerusalem. Ap. 21.

O Deluvio é um preliminar e um aviso já admoestado.

Essa interpretação dos cyclos se encontra em II Pedro 3 e.

Tambem no poema se affirma a renovação do dominio do Deus-Filho vencedor de Tiamat e seus sequazes; facto esse que permittiu uma Creação nova mais perfeita que a dos filhos do Chãos, e na qual impera o Homem temente aos Deuses.

XVII No Poema sobre o eclipse da Lua vemos Ishtar correr aterrorisada em companhia de Anú para as mais altas regiões celestes, em quanto se trava o temeroso combate que faz tremer os Deuses como creanças timidas que se encostam umas ás outras.

«Ichstar e Anú escolheram um nobre throno,
Que é glorioso no Governo dos Céos.»

Tambem a Mãe do Salvador é perseguida pela Besta e refugia-se no mais recondito dos Desertos.

A figura hieratica da Virgem, tão caracteristica nessa theophania apparece sobre um crescente com uma corôa de estrellas.

O Assyriologo Zimmern, na pagina 386 da obra

prima de Hermann Gankel, onde o leitor poderá me revisar passo a passo e com todos os desenvolvimentos, nos aponta varios gravados que tambem representam uma divindade feminina: tendo tambem uma Lua em fino crescente a seus pés e uma aureola de 7 estrellas ao redor do planeta de Ishtar sobre a cabeça.

XVIII Bastará confrontar o contraste com a prostituta assentada sobre a Besta, para logo reconhecermos o desdobramento da Deusa adorada pelas filhas de Jerusalem que estudamos atraz; e a torpe divindade de que nos fallam os grandes prophetas do captiveiro de Babylonia.

O symbolismo antagonico tem, todavia, uma origem commum que os tempos forão obscurecendo d'um lado e purificando do outro e illuminando com o resplendor do martyrio e da virgindade.

Porem, como suas origens e significação mythica não podem mais ser abandonadas sem especial consignaço; deixo a responsabilidade dellas aos grandes assyriologos allemães Zimmern, Delitzch e Schrader, que confrontaram esses documentos graphicos com os monumentos e textos cuneiformes.

O capitulo XII Ap. tem um prototypo avestiano digno de ser aqui citado ao menos como forma parallela da narração evangelica e apocalyptica.

James Darmsteter, na sua memoria sobre *Ormuzd et Ahriman* (pagina 104), nos dá a legenda da *mulher* roubada pela *Serpente*.

A lucta tem por theatro «o mar de largos abysmos».

«Traêtoama matou Aji Dahâka, de 3 mandíbulas e 3 cabeças e 6 olhos, de mil energias, potentíssimo, demoníaco, flagello do mundo, o *drug* mais possante que creou Aura-Mainyu contra o mundo material, para fazer perecer o mundo do Asha.» ⁽¹⁾ Em Firdusi vemos que Aji desthronada por Traêtoama tinha usurpado Yima.

Depois dessa usurpação Aji rapta as duas filhas de Yima; Feridun as salva derribando o demonio a seus pés. No Bundelesh (capitulo 23), «Yimeh, a irman de Yima torna-se a esposa do demonio».

Estas duas versões mostram-nos como a disputa versa sobre a posse da mulher, ora uma, ora duas.

«Yimeh torna-se a presa da Serpente, e esposa um demonio» até que chega a hora da liberdade, em que o demonio se desvanecerá diante da marcha do novo deus, d'um vingador, até o momento em que Feridun, («o Filho das Aguas», como Maruduck filho de Ea), deitará por terra a Serpente e tirará da prisão a Virgem luminosa.

Os pontos de contacto com o Manicheismo dos primeiros seculos do christianismo são tão patentes, que basta este confronto directo das fontes mais auctorisadas para reconhecermos a concatenação das doutrinas apocalypticas do mazdeismo e do christianismo.

As esperanças Messianistas dos Judeus não correspondiam aos compromissos de Christo que lhes declarava — *Regnum meum non est hoc mundum*.

(1) Yagna — IX, 26.

Isto não satisfazia aos patriotas exaltados que o perseguiram.

O patriotismo exaltado dos Phariseus era pre-nuncio de revoltas que se iam repetindo com frequência crescente, até o paroxismo da tomada de Jerusalem por Titus.

Os christãos desinteressados do poder temporal estavam na espectativa d'uma catastrophe imminente, mas Universal.

O Apocalypse escripto antes do incendio do Templo, suppõe que o Dragão será amarrado por mais 1000 annos até que depois desse cyclo haverá o combate final: — «E prendeu o Dragão, a *Serpente Antiga*, que é o Diabo e Satanaz, e o amarrou por 1000 annos».

Dahi provém o milenarismo mediaval e seus terrores.

Foi interpretado esse versiculo como um novo prazo, quando a espectativa dos contemporaneos dos apostolos foi se arrefecendo diante dos factos.

A etymologia de S. João é curiosissima, posto que em parte erronea.

Boscaven (¹) diz, que o Vento Norte é um dos demonios mais perversos, o qual recebeu o nome assyrio de *Istanu*, donde provém *Satanu* em hebraico. Não é Tiamat, mas certamente um dos seus «sequazes» na peleja.

(¹) Boscaven — The Bible and the monuments. — pag. 164.



O Demônio **ISTANU** (pagina 496)
SATANU

Para terminar este assumpto, vejamos o que dizem os 3 Evangelios synopticos sobre a epocha precisa do Juizo Final.

Matheus XXIV, 36 — «Mas quando será esse dia e a hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos no Céu, senão sómente meu Pai».

Marcos XIII, 32 — «Mas quanto a esse dia e essa hora, ninguém o sabe, nem mesmo os anjos no Céu, *nem mesmo o Filho*, senão unicamente o Pai».

Lucas XXI, 32 — «Em verdade vos digo, que *esta geração* não terá provado da morte (não terá passada) quando isso acontecerá».

Os prodigios de dialectica que se tem despendido para se desculpar essas palavras *contradictorias*, não a imaginarão senão aquelles que conhecem certas leis do Digesto absolutamente inconciliaveis entre si.

Nem o Filho sabe disso: — o que implica total ignorancia na materia por parte da 2.^a pessoa da Trindade.

Se ajunctarmos que Lucas afirma, alem disso, que a *geração* presente do predicator não se extinguiria completamente e sobreviveriam muitos dos presentes que veriam a volta do Filho do Homem; então a nossa razão se confunde totalmente.

Quem inventou estes desenganos e contradicções?

Não são certamente nem os Renan, nem os Ganeval.

A II epistola apocrypha de S. Pedro 3, e nos

conservou esta questão dos scepticos do fim do 1.º seculo:

«Aonde está a promessa da vinda? Porque desde que os paes dormiram, todas as cousas permanecem como desde o principio da Creação.»

As duvidas continuam como desde então, sem resposta que satisfaça.

O tempo de uma geração de ouvintes é fixo bastante para terem estranhado, que o Templo ha muito estava destruido, e «os pais dormiram» todos sem que os filhos vissem as mudanças annunciadas.

Et nunc erudimini.

FIM

Bibliographia

Textos cuneiformes

Hugo Winkler — The Tel-el-Amarna letters —
1 vol. 8.

Eberhard Schrader — Die Keilinschriften und
das Alte Testament — (As inscripções cuneiformes
e o Velho Testamento) — 1 vol. 8.º

Ménant, Joachim — Babylone et la Chaldée —
1 vol. 4.º

— Annales des rois d'Assyrie — 1 vol. 4.º

— La Bibliothèque du Palais de Ninive — 1
vol. 16.º

Records of the Past — Editado por Mr. Sayce,
2.ª série, 7 vol. 12.º

Haupt, Paul — Das Nemrod Epos — 1 vol. li-
thographado in folio.

Lenormant, François — Études Accadiennes —
4 vols. in folios.

— La langue primitive de la Chaldée et les idio-
mes touranniens — 1 vol. 4.º

Halévy, G. — Mélanges de Critique et d'His-
toire relatif aux peuples sémitiques — 1 vol. 4.º

Oppert Jules — Le Peuple et la langue des Mèdes — 1 vol. 8.º

Renan, Ernest — Histoire des langues Sémitiques — 1 vol. 4.º

Mythologia Semitica

Goldziher — Hebrew Mythology — 1 vol. 8.º

George Smith — The Chaldean account of the Genesis — 1 vol. 8.º

Lenormant, F. — Les Origines de l'Histoire — 3 vol. 8.º

— Les Anciennes Civilisations — 2 vol. 12.º

Vigouroux, Abbé — La Bible et les Découvertes modernes — 4 vol.* 12.º

Sayce, A. H. — The Hilbert lectures for 1887. — Lectures on the Religion of Ancient Assyria and Babylon — 1 vol. 8.º

— The Higher Criticism and the Verdict of the Monuments — 1 vol. 8.º

Döllinger, J. J. J. — Paganisme et Judaïsme — 4 vol.* 8.º

Movers — Die Phœnizier — 3 vol.* 8.º

Gunkel, Hermann — Schöpfung und Chaos in Urzeit und Endzeit — 1 vol. 4.º publicado em 1895.

Le Page Renouf — Religion and Mythologie of Ancient Egypt — 1 vol. 8.º

Brugsh-Bey — Religion und Mythologie der Alten Ägypter nach Denkmälern — 1 vol. gr. 8.º

Delitzsch, Fr. — Wo lag das Paradies? —
1 vol. 8.°

Keunen — Religion of Israel — 3 vol. 8.°

Historia Oriental

Herodotus — History translated by George and
Henry Rawlinson with Notes and Commentaries —
4 vol. 4.°

Rawlinson, George — The Five ancient Monar-
chies of the Ancient Eastern World — 3 vol. 4.°

Babelon et Lenormant, F. — Histoire ancienne
de l'Orient — 6 vol. gr. 4.°

Maspero — Histoire Ancienne des Peuples de
l'Orient — 1 vol. 12.°

— Les Origines — 1 vol. 4.°, Ed. Hachette,
Paris 1895.

G. Perrot et Chipiez — Histoire de l'Art dans
l'Antiquité — 6 vol. gr. 4.°

Dunker, Max. — Geschichte des Alterthums —
9 vol. gr. 8.°

Ménant, J. — Recherches sur la Glyptique
Orientale — 2 vol. 4.°

Flavius Josephus - Oeuvres — trad. por A.
Andilly — 5 vol. 12.°

Ewald — Antiquity of Israël — 1 vol. 8.°

— Geschichte der Ebräer — 8 vol. 8.°

Renan, Ernest — Histoire d'Israël — 5 vol. 8.°

— Histoire des Origines du Christianisme —
8 vol. 8.°

Bunsen C. C. J. — *Ægyptens Stelle in der Weltgeschichte* — 6 vol.^s 8.^o

Gardner Wilkinson — *The Manners and Customs of the ancient Egyptians* — 3 vol.^s 4.^o

Brugsh-Bey — *History of Egypt under the Pharaos* — 1 vol. 4.

Chabas, F. — *Etudes sur l'Antiquité historique d'après les sources égyptiennes et les monuments réputés préhistoriques* — 2.^e édition — 1 vol. 4.^o

— *Recherches pour servir à l'Histoire de l'Égypte aux temps de l'Exode* 1 vol. folio.

George Ebers — *Ægypten und die Bücher Moses* — 1 vol. 4.^o

— *L'Égypte* — Trad. por Maspero — 2 vol.^s folios.

Livros sagrados do Oriente

Max Müller — *The Sacred Books of the East* — 50 vol.^s gr. 8.^o

Annales du Musée Guimet — 28 vol.^s in folios.

James Legge — *The Chinese Classics. (Obras completas de Confucio)* — 8 vol.^s gr. 4.^o

Burnouf, E. — *Le Baghavat Pourana* — 4 vol. in folio.

Fauche, H. — *Le Ramayana de Valmiky* — 2 vol.^s 12.^o

Hesiodo — *Oeuvres* — Trad. por Leconte de l'Isle — 1 vol. 8.^o

Philologia

Spiegel — Eranische Alterthumskunde — 3 volumes 4.°

Lassen, E. — Indische Alterthumskunde — 4 vol.^s gr. 4.°

Pictet — Les Origines Indo-Européennes — 3 vol.^s 4.°

Réville — Histoire des Religions — 5 vol.^s 8.°

Letourneau, Ch. — L'Évolution religieuse — 1 vol. 8.°

Taylor — La Civilisation Primitive — 2 vol.^s 8.°

De Gubernatis — Mythologie Zoologique — 2 vol.^s 8.°

Burnouf, E. — Introduction à l'Histoire du Bouddisme Indien — 1 vol. folio.

Max Müller — Origines et développement de la Religion étudiés à la lumière des religions de l'Inde — 1 vol. 8.°

— Chips from a German Workshop — 4 vol.^s 8.°

Grimm -- German Mythology — 4 vol.^s 8.°

Apologistas e Theologos

Moigno — Les splendeurs de la foi — 5 vol.^s 8.°

Arduin — La Religion en face de la science — 3 vol.^s 8.°

Pernet, Abbé — Démonstration catholique — 2 vol.^s 8.°

Nicolas, Auguste — Études philosophiques sur le Christianisme — 4 vol.^s 12.^o

Pressencé — Les Origines — 1 vol. 9.^o

Rosmini Serbatti — Theosofia — 5 vol.^s 4.^o

Thomae Aquinatis — Summa Theologica — Trad. Drioux — 8 vol.^s 8.^o

Buchon, L. A. C. — Choix de monuments primitifs de l'Eglise Chrétienne — 1 vol. 4.^o gr.

S. Augustini, Aurelii — De Civitate Dei — Trad. Moreau — 3 vol.^s 12.^o

Guillon, M. N. G. — Corso di eloquenza Sacra, ossia Biblioteca scelta dei Santi Padri della Chiesa Greca e Latina — 25 vol.^s 8.^o

Frépel — Monseigneur l'Evêque — Études sur les Pères des trois premiers siècles — 10 vol.^s 8.^o

Biblias

BIBLIA HEBRAICA

Edouard Reuss — La Bible, avec Introductions et Commentaires — 18 vol.^s 4.^o

The Holy Bible — By Bishops and others Clergymans of the Anglican Church — 13 vol.^s gr. 4.^o

Bacuez et Vigouroux — Manuel Biblique, ou Cours d'Écriture Sainte à l'usage des Séminaires 4 vol.^s 12.^o

Lenormant, F. — La Génèse, traduite d'après l'hébreu avec distinction des éléments constitutifs du Texte, suivi d'un essai *de restitution des livres primitifs* (Elohiste et Jehoviste) 1 vol. 8.^o

Thomae Aquinatis — Commentarios sobre varios
livros do Antigo e Novo Testamento — 7 vol.^s in
folio.

Biblia Latina, juxta Vulgata editio A. Tilion
— 1 vol. 4.^o

Biblia Sagrada, trad. pelo P. J. Ferreira d'Al-
meida, edição espalhada pela Egreja Evangelica —
1 vol. 4.^o

James Darmsteter — Ormuzd et Ahriman —
1 vol. 8.^o

b

to b

